

Simplesmente
HELENA

❧ SÉRIE DIVAS | LIVRO 1 ❧

Um romance de *Barbara Ricch*



PERIGOSAS NACIONAIS

Simplemente
HELENA
SÉRIE DIAS | LIVRO I

Um romance de Bárbara Ricch

Copyright © 2018 Bárbara Ricch

Todos os direitos reservados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Apresentação](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

PERIGOSAS ACHERON

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Epílogo](#)

[A autora](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Apresentação

A Série Divas, é uma série com romances independentes que contará a história de vida de três mulheres, verdadeiras divas, lindas e com cicatrizes profundas em suas almas. Mulheres que tiveram seus corações quebrados no decorrer de suas vidas e perderam algo tão importante para sua felicidade e forma de encarar o amor, que se transformaram de forma insuperável e inesquecível.

Será que nada será capaz de consertar o que um dia foi quebrado? Será que o amor e o tempo serão aliados dessas divas? Uma jornada de redescobertas e experiências únicas, que certamente as mudarão para o resto de suas vidas.

Ficaremos agora com a primeira diva da série, a diva Helena, uma mulher marcada por um passado

difícil, que descobriu do modo mais difícil que o amor pode ser cruel.

Playlist

Preparei uma seleção com músicas que menciono aqui no decorrer da narrativa e outras que ouvi enquanto escrevi esse livro. Todas as músicas possuem letras significativas e que falam muito sobre o casal protagonista. Está disponível no *Spotify* e para ouvir [clique aqui](#).

Aviso

Esse livro é uma obra de ficção, porém narra fatos e assuntos muito corriqueiros. Alguns destes

PERIGOSAS ACHERON

assuntos, como é o caso da violência doméstica, aqui abordado, lamentavelmente é uma triste realidade na vida de muitas mulheres. No decorrer da história serão relatadas algumas cenas de agressões físicas e psicológicas sofridas pela protagonista, no entanto, são apenas para que compreendam os fatos ocorridos no passado dela.

Se você, assim como Helena, vivencia essa triste realidade, não sofra calada, não tolere, não se omita, fale, grite, e denuncie o seu agressor.

Ligue 180.

Prólogo

Novembro de 1987...

— Tic, tac, tic, tac... seu tempo está acabando
— Cláudio dizia com uma gargalhada diabólica, nitidamente se divertindo com o meu sofrimento.

Eu estava sentada de frente para ele, amarrada em uma cadeira de madeira, meu corpo inteiro estava coberto de sangue. Sentia tanta dor que não conseguia me mover ou até mesmo tentar gritar por socorro.

Minha visão do lado esquerdo estava completamente turva e eu mal conseguia abrir o olho de tão inchado, minhas lágrimas misturavam-se ao sangue que escorria do meu supercílio aberto por um golpe dele. Olhei para minhas pernas, a pele

PERIGOSAS NACIONAIS

branca já não era mais alva de tantos hematomas que eu tentava ocultar diariamente dos nossos familiares.

Eu não fazia ideia de quanto tempo eu estava sendo psicológica e fisicamente torturada, mas estou há trinta e sete dias vivendo em um inferno, dia após dia, desde quando eu proferi o maldito “SIM”, o que era para simbolizar o início de uma vida conjugal feliz, para mim foi o início do meu martírio e o fim do meu amor por Cláudio. Eu não aguentava mais, eu só queria ir embora, aliás, esse foi o motivo de estar aqui, sendo covardemente agredida por ele. Meu único erro foi tentar fugir do homem louco e desequilibrado que se tornou o meu marido, ou que sempre foi e eu nunca percebi.

Cláudio era o meu príncipe encantado, o partido mais cobiçado da cidade, aquele que entreguei meu corpo e alma, o mesmo que jurei amor eterno perante Deus e a lei dos homens. Como Cláudio pôde me esconder por dois anos de namoro quem realmente era? Em cinco dias de casada, descobri drasticamente o que seria o meu futuro ao lado desse louco.

PERIGOSAS ACHERON

— Vai, Helena, diga-me de uma vez, ainda vai fazer as malas e partir?

— Não — sussurrei quase que inaudível.

— Você fez um juramento, até que a morte nos separe. E somente desse modo se verá livre de mim. Nunca mais pense em fugir, você sabe que é culpada por tudo isso, não é?

— Sim — confirmei, porque eu não aguentava mais as agressões dele.

— Eu te amo, mas você me faz perder a cabeça, acha que gosto de agredi-la? Não sinto prazer algum em vê-la machucada, porém você precisa aprender a se comportar como a mulher casada que é e não mais será agredida.

Cláudio estava um pouco mais calmo, como em todas as vezes que me agrediu, culpava-me por tudo e depois me pedia perdão, enchia-me de presentes e rosas, como se isso fosse o bastante para apagar todas as cicatrizes que ele estava cravando na minha alma. Prometia que ia mudar e que nunca mais me agrediria, mas suas promessas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rapidamente eram esquecidas pelo ciúme desmedido e obsessão dele.

— Olhe para mim. — Cláudio levantou meu rosto e o examinou atentamente. — Vou cuidar dos seus machucados.

Ele levantou e foi em direção ao banheiro, aproveitei para tentar fugir, um dos lados da corda estava mais frouxo, então consegui liberar meu braço direito facilmente, em seguida retirei a faca de mesa que estava cravada na minha coxa esquerda e conseguir cortar a corda que prendia o outro braço. Levantei e corri desesperada, cambaleante até a janela do quarto, nem me importei que estávamos no segundo andar da casa, eu só queria sair dali o mais rápido possível, abri a janela num súbito de desespero, mas antes que meus pés alcançassem o telhado, Cláudio me puxou com força pelos braços, lançou meu corpo violentamente no chão.

— Desgraçada, eu te dou um mísero segundo de confiança para que pensasse nos seus erros e você me retribuí cometendo outro?

PERIGOSAS ACHERON

Eu só conseguia chorar, não tinha forças para argumentar com ele, só queria acabar com toda a dor física e emocional que me assolava naquele momento. Cláudio me arrastou pelos cabelos até a cadeira em que eu estava sentada anteriormente, forçou-me sentar e esbofeteou minha cara.

— Não tem mais jeito para nós, Helena, você nunca vai mudar, sempre vai se comportar como uma vagabunda, sua meretriz imunda.

— Faça o que quiser, miserável, filho de uma puta, eu me entreguei a você e te jurei o meu amor, Cláudio, mas você não me merece. Eu tenho nojo de você, eu te odeio! — gritei desabafando todo o ódio que estava sentido dele.

Cláudio ficou perplexo, estava acostumado a ter sempre o meu perdão depois de suas inúmeras agressões e o pior, eu sempre apanhei calada, nunca revidei ou protestei, mas dessa vez, não. Chega! Nem que isso custe a minha vida, não aguentava mais, precisava dizer o que ele me fazia sentir.

— Não, não, você não me odeia — ele disse e

PERIGOSAS NACIONAIS

me abraçou. — O que eu estou fazendo com você? Eu te amo e você também me ama.

Senti um certo arrependimento na sua voz, mas eu não acreditava mais nos sentimentos dele. Foram tantas promessas descumpridas, desde que casamos. Não consigo acreditar em mais nada que saia da boca dele.

— Não mais, tudo que senti por você se transformou em ódio. Eu quero me separar de você, deixe-me em paz.

Cláudio levantou irado, chutou o criado-mudo ao lado da nossa cama, totalmente descontrolado, depois caminhou apressadamente até o *closet* e voltou com um revólver na mão. Meu coração acelerou, mas pouco me importava, eu só queria acabar com toda essa tortura. Ele tanto me humilhou que naquele instante, a morte parecia algo agradável para mim, representava a minha liberdade.

— Já que deseja se separar de mim, vou dar-lhe uma oportunidade.

PERIGOSAS ACHERON

Cláudio pegou uma bala do bolso e a colocou em uma das câmaras do revólver, girou e fechou o tambor minuciosamente, como se estivesse fazendo algo trivial. Pegou uma cadeira e se sentou de frente para mim, completamente frio e calculista.

— Primeiro as damas.

Ele engatilhou a arma e atirou na minha cabeça, mas não tinha bala. Entregou a arma para mim e me obrigou a apontá-la para sua cabeça.

— Não, não. — Implorei.

— Atire, atire! — ele ordenou gritando.

Eu não conseguia, mesmo com todo o ódio que tinha dele, eu não queria puxar o gatilho. Minhas mãos tremeram tanto que quase derrubo o revólver no chão, ele segurou em minhas mãos e posicionou o revólver no meio da sua testa, ordenou que pusesse o dedo no gatilho, pressionou-o comigo e novamente não havia bala.

— Mate-me de uma vez, pare com isso eu não...
— ele me interrompeu gritando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Silêncio, nós vamos continuar até que um de nós dois morra — ele falou calmamente, como se tivesse certeza de que eu morreria.

Posicionou a arma na minha testa outra vez e apertou o gatilho, mas para minha infelicidade estava sem bala.

— Sua vez, querida — ele falava com calma e tranquilidade, como se estivesse fazendo algo tão natural.

— Não, não, eu não quero fazer isso, deixe-me ir embora, só isso — implorei aos prantos, completamente exausta.

— Nunca, só a morte nos separará.

Outra vez ele me obrigou a empunhar a arma, posicionou no meio de sua testa, engatilhou-a e me olhou ternamente, como se soubesse o que aconteceria em seguida. Senti uma angústia incomum momentaneamente, minhas mãos que já estavam trêmulas, tremeram ainda mais, em total desespero.

PERIGOSAS ACHERON

— Adeus, querida.

— Não, não, por favor...

Embora o odiasse e quisesse pôr fim no nosso casamento, não queria ser responsável por ceifar a sua vida. Então ele atirou, mas dessa vez, tinha bala, vi seus olhos semicerrar pouco a pouco e seu corpo cair bruscamente no chão, o sangue rapidamente manchou o tapete branco do nosso quarto.

— NÃO, NÃO... — gritei desesperada, minha vista escureceu e eu apaguei.



Minha cabeça latejava, eu estava imóvel, com muita dificuldade abri os olhos, estava em um ambiente claro, parecia um quarto de hospital. Tentei esfregar os olhos, mas não consegui mover a mão esquerda, estava presa. Estava um pouco

PERIGOSAS NACIONAIS

zonga, olhei para meu braço esquerdo e vi que eu estava algemada. Bateu um desespero, movi insistentemente tentando libertar meu braço e uma policial se aproximou.

— A senhora está bem? — ela perguntou.

— O que está acontecendo? Por que estou algemada?

— Não recorda o que aconteceu?

— Algumas coisas. Quanto tempo estou aqui?

— A senhora ficou três dias sedada, e está algemada porque está em prisão preventiva, acusada pelo assassinato do seu marido, Cláudio Rocha.

— Não, eu não tenho culpa, ele me... — tentei argumentar nervosa.

— Não tente falar nada agora, a senhora precisa se recuperar, terá o momento oportuno para esclarecer o ocorrido — ela disse calmamente.

PERIGOSAS ACHERON

As dores físicas eram o de menos, as feridas no meu coração doíam muito mais, um casamento que parecia perfeito, acabou tão tragicamente. E a maior dor era ter me enganado tanto com alguém que eu acreditei que me amava e que eu amei loucamente.



91 dias depois...

Contei cada mísero dia que passei na penitenciária, aguardando por julgamento, foram dias difíceis e deprimentes. Mesmo depois de morto e enterrado, Cláudio ainda me perseguia em pesadelos, não bastava a herança que me deixou: três costelas quebradas, um osso da face fraturado, uma cicatriz na perna esquerda, outras pelo antebraço e o pior golpe de todos, foi o aborto. Eu estava grávida de algumas semanas e não sabia, por

PERIGOSAS NACIONAIS

conta das agressões que sofri, abortei espontaneamente, logo que dei entrada no hospital. Foi a pior dor de todas, mesmo depois de todo tormento que passei, um filho poderia simbolizar um recomeço, mas nem isso aquele verme me deixou.

Felizmente fui absolvida, o nosso caseiro que já havia presenciado diversas agressões, dessa vez criou coragem e chamou a polícia, pouco antes do crime. Fui encontrada desacordada e Cláudio morto. O depoimento do caseiro colaborou para que a defensoria pública conseguisse provar a minha inocência.

Apesar de estar livre, estava completamente despedaçada. Minha família me abandonou completamente, meu pai me deserdou e todos os amigos que achei que tinha, viraram-me as costas. A única visita que recebi foi do meu pai para proferir seu ódio e rancor, disse enfaticamente que não tinha filha assassina e que eu não tinha mais o seu sobrenome.

O alvará de soltura chegou pouco antes do

PERIGOSAS ACHERON

meio-dia, eu deixei a penitenciária somente com meus documentos pessoais e a roupa do corpo, sem rumo, sem destino e sem sobrenome. Daquele dia em diante decidi que seria apenas Helena.

Simplesmente Helena!

Retrato

*Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim
magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo*

*Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:*

*— Em que espelho ficou perdida
a minha face?*

Cecília Meireles

Capítulo 1

Helena

Dias atuais...

— Há trinta anos, a sergipana Helena Machado, celebrava o primeiro contrato com uma empresa do setor têxtil, dando início as atividades da Transportes Machado, posteriormente denominada Machado logística e hoje Helena Machado Logística - HML, a maior empresa de logística da América Latina, sediada em Guarulhos, no estado de São Paulo, conta com 217 filiais espalhadas em todos os estados brasileiros e em 13 em países da América Latina. Com apenas um caminhão, fruto de economias e do trabalho árduo como caminhoneira, iniciou sua trajetória de

empreendedora de sucesso no ramo dos transportes de cargas. Hoje a HML conta com um portfólio diversificado e amplo no segmento logístico, atuando em todo território nacional e em alguns países latino-americanos, oferecendo excelentes serviços com qualidade e agilidade, que vão desde o transporte de cargas até a total terceirização de cadeias logísticas. A HML, com três décadas de existência, ainda sustenta o mesmo pilar: servir bem e melhor, com rapidez e qualidade. Com esse lema, comprovamos o crescimento valoroso do grupo e o apreço pela parceria com seus clientes, visando sempre prestar o melhor serviço de forma flexível e dinâmica, personalizado de acordo com a realidade e as necessidades de cada cliente. E então o que achou? — Juliana, minha assistente pessoal, concluiu a leitura e me entregou o tablet.

— Está bom, bem semelhante ao que está disponível no site da empresa, pode autorizar.

— Nossa! Quanta animação, Helena, nem parece que está feliz com a matéria. Você será a matéria de destaque de uma das maiores revistas de

economia do mundo. Você leu o título da matéria?
“A fibra e a garra da mulher empreendedora: A trajetória de sucesso da gigante HML, a maior operadora de logística da América Latina”

— Claro que li, mas sabe que sou muito reservada, só aceitei esse convite por muita insistência do Antônio.

— Helena — Juliana balançou a cabeça negativamente. — Você é um exemplo de empresária e mulher, superou tantas dificuldades para estar aqui hoje. Não vejo motivo para não contar sua história, você é inspiração.

— Você já me conhece há onze anos, Juliana, sabe que não gosto de me expor, mas se é tão importante para o grupo, tudo bem, está devidamente autorizado.

— Claro que sim, porém eu gostaria de acrescentar sobre a Casa Abrigo Vera Machado. É um projeto tão íntegro e totalmente financiado pela HML, gostaria muito de mencionar sobre.

— Não vejo necessidade, desse modo está

PERIGOSAS ACHERON

perfeito.

— Tudo bem, você quem decide.

Juliana saiu da minha sala e o nome de Vera me trouxe muitas lembranças, algumas boas e outras dolorosas, Vera foi uma espécie de mãe e amiga, a única pessoa a me estender a mão quando mais precisei. Ainda recordo do dia em que a conheci:

Eu vaguei por horas, totalmente sem rumo, sem ideia de onde ir ou o que fazer, estava faminta e com muita sede. Depois de longas horas de caminhada, consegui chegar em uma rodovia, já era fim de tarde, avistei ao longe um posto de combustível. Caminhei até lá, talvez conseguisse carona.

Era um posto bastante movimentado, muitos caminhões chegavam e partiam a todo instante. Entrei em um dos banheiros, lavei o rosto e bebi água da torneia mesmo, estava com tanta sede que nem me importei. Retornei ao estacionamento, observei pacientemente por longos minutos, esperando a coragem aparecer para pedir carona.

Fechei os olhos e pedi que Deus me desse força, quando os abri novamente, vi o caminhão de Vera chegando para abastecer, a vi descer e não pensei duas vezes, corri até ela tão nervosa e desesperada, que até a assustei.

— Dona, pelo amor de Deus, eu preciso de uma carona — implorei ofegante.

— Calma, você está bem? — ela questionou espantada.

— Vou ficar quando puser os pés fora dessa cidade.

— Eu estou indo para Guarulhos, em São Paulo e você deseja ir para onde?

— Para qualquer lugar, desde que seja bem longe daqui — disse com lágrimas nos olhos.

Não era um simples pedido de carona, era um apelo desesperado. Vera percebeu a aflição do meu pedido e me concedeu a carona. Nossa amizade começou ali, ela me fez sentir tão bem com sua conversa amiga, que contei tudo que tinha vivido

até chegar ali, nós parecíamos amigas de longas datas, trocamos confidências e demos força uma à outra durante todo o percurso até Guarulhos. Ela também tinha sido casada e o marido fugiu e levou o filho deles junto sem deixar pista do seu paradeiro. Vera me ajudou não apenas com palavras bonitas e uma carona, mas com uma nova chance, um recomeço, uma nova vida.

Passamos onze meses viajando o Brasil afora, aprendi a dirigir caminhões, ela me ajudou a mudar a categoria da minha habilitação e me contratou como sua motorista. Depois de uma longa jornada, paramos em um posto de combustível para dormirmos, Vera morreu em consequência de um AVC, era hipertensa e não tomava a medicação regularmente. No dia em que morreu, parecia que estava prevendo o que ia acontecer, lembro claramente nossa última conversa como se estivesse vivenciando novamente:

— Helena, prometa-me uma coisa, por favor. Não importa quantos anos leve, você encontrará meu filho Alberto e entregará isso a ele. — Vera

*pegou uma carta de dentro da bolsa e me entregou.
— Aqui eu conto a ele o que aconteceu, eu preciso
que meu filho saiba que eu não o abandonei e
nunca o esqueci.*

— Tudo bem, Vera, mas faremos isso juntas.

*— Obrigada, Helena. Tem outra coisa, esse
caminhão agora é seu, quero que o use para
refazer sua vida e ser feliz novamente — ela me
entregou o documento assinado por ela e
preenchido com meus dados pessoais, faltava
apenas a minha assinatura.*

— Não, Vera, não posso aceitar.

*— Minha criança, — ela alisou meu rosto —
você foi a pessoa mais linda que conheci durante
todos os meus anos de estrada. Tenho você como
uma filha, ninguém mais que você merece a
“Jacinta”.*

*— Eu não gosto dessa conversa, parece uma
despedida, você sabe o quanto tenho respeito e
admiração por você. Eu estava completamente
perdida, não sabia o que seria da minha vida e*
PERIGOSAS ACHERON

você me deu a chance de ter uma vida novamente, ajudou-me mesmo sem saber quem eu era, apenas me ajudou.

— Não deixe as feridas impedi-la de amar novamente, não carregue as marcas de dor em seu semblante, apague, esqueça, enterre-as, você já sofreu demais, brilhe e ame, minha criança.

Essas foram suas últimas palavras, abri os olhos e uma lágrima escorreu no meu rosto. Lembrei-me de quando encontrei seu corpo sem vida, um dia após essa conversa, o seu triste enterro, apenas eu e o padre. Vera era uma pessoa inspiradora e guerreira, e por isso uso o seu sobrenome e batizei o lar que criei com seu nome.

O lar é um abrigo que acolhe mulheres com ou sem filhos, vítimas de violência doméstica, abusos sexuais e entre outros casos degradantes. Prestamos atendimento psicológico, médico, social e promovemos cursos de capacitação e alfabetização. Nosso objetivo é que essas mulheres consigam entrar no mercado de trabalho e seguir com suas vidas normalmente, muitas inclusive, são

PERIGOSAS NACIONAIS

funcionárias da HML. Tenho muito orgulho de ajudar mulheres que passaram pela mesma situação que um dia eu passei, assim como Vera me ajudou, hoje eu retribuo ajudando outras mulheres em situações semelhantes a que vivi.

Vera foi uma grande perda, tentei fazer o que ela me pediu, segui minha vida. Iniciei minha empresa com um único caminhão, dez anos depois, já tinha uma frota de doze veículos, ainda assim, continuei na estrada como motorista. Porém precisei abandonar o volante para me dedicar exclusivamente à gerência da minha empresa. Crescemos tão rapidamente que uma empresa concorrente me fez uma proposta de compra, o dono dela era o Antônio, meu ex-marido, e ao invés de comprar a minha empresa, eu fiz a ele uma contraproposta. Com todas as economias que juntei ao longo de dez anos, comprei a transportadora dele e paguei parte do acordo em dinheiro e a outra parte ofereci um percentual na sociedade da minha empresa, que na época era a Transportes Machado. Fizemos a fusão das empresas e nos tornamos grandes amigos e posteriormente namoramos e nos casamos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Antônio é um cara íntegro, inteligente, companheiro, foi um marido perfeito, durante todo o tempo em que passamos casados, mas eu não consegui ir além, não senti desejo de ser mãe, meu coração não tinha espaço para filhos, não na época, esse foi seguramente, meu maior erro. Hoje, aos 51 anos de idade, sinto falta de ter uma família, pelo menos filhos, mas já é tarde demais para arrependimentos. Passamos oito anos casados, nos separamos amigavelmente, até hoje somos sócios e nos damos muito bem, ele refez sua vida e hoje é pai de um casal de filhos. Na verdade, eu sempre fui casada com o trabalho, Antônio mais parecia um amigo, que ocasionalmente dormíamos juntos, do que marido. Reconheço que não me doeí para que o casamento desse certo, faltava algo muito importante, do qual há muito tempo não existe espaço no meu coração: amor.

Carrego comigo marcas de um passado doloroso e triste, são feridas cicatrizadas, porém que me mutilaram para o resto da vida, tiraram um pedaço de mim, que nem mesmo o tempo foi capaz de devolver. Porém essas mesmas feridas me tornaram a mulher tenaz e incansável para o

PERIGOSAS ACHERON

trabalho que hoje sou.

Com quarenta anos figurei na lista das mulheres mais bem-sucedidas do Brasil. Aos 50, liderei a lista das brasileiras mais ricas do país e me tornei a vigésima primeira do mundo. São números significativos que orgulham qualquer pessoa, sobretudo eu que trabalhei incansavelmente para chegar onde estou.

Além de ter me tornado um exemplo de empresária, também ganhei fama negativa da qual não me orgulho muito: insensível, calculista e extremamente exigente. Esses adjetivos me renderam um apelido muito justo: Dama de Aço. Não renego o apelido, afinal me tornei uma mulher dura e resistente, assim como o aço. Não me entrego facilmente e não desisto dos meus objetivos, por isso construí um império, no qual reino sozinha, sem ninguém para compartilhar todo o sucesso que fiz.

Moro em Guarulhos, na cobertura de um edifício de luxo que é todo meu, ou seja, não tenho vizinhos, por escolha própria. Tenho a mesma

PERIGOSAS NACIONAIS

rotina diária de academia, trabalho, mais trabalho e casa. Geralmente chego bem tarde da noite. Sento por alguns instantes para apreciar a vista maravilhosa da qual pouco desfruto, na verdade, meu maior prazer é o trabalho e estar à frente da empresa que fundei.

Saio muito pouco, não tenho amigos ou familiares. Não me considero solitária, afinal, foi uma escolha própria viver sozinha. O trabalho é o meu companheiro e amigo. Não tenho qualquer notícia dos meus familiares desde que parti de Sergipe, nunca fui procurada por ninguém, também nunca fui uma pessoa pública, odeio fotos, não frequento lugares badalados e tão pouco concedo entrevistas, salvo exceção a que minha assistente leu para mim hoje. Não sei se é apenas precaução ou uma forma de fugir do meu passado, mas eu não fazia questão alguma de encontrar ninguém que conheci quando fui Helena Oliveira, a mulher que morreu junto com o Cláudio, meu primeiro marido. Hoje sou Helena Machado, renascida da dor, uma nova mulher, da qual me orgulho pela trajetória de sucesso nos negócios.

PERIGOSAS ACHERON

Era sexta-feira, já se passavam das nove da noite, estava prestes a ir para casa, quando Antônio entrou na minha sala repentinamente.

— Oi, Helena, ainda aqui? Ou melhor, sabia que estava aqui, a surpresa sou eu até esse horário.

— Oi, Antônio, algum problema?

— Não, só queria convidá-la para jantar conosco no sábado, semana que vem, o que acha? Será o aniversário da Lívia, faremos um jantar para poucos amigos e quero muito que compareça.

— Bem, não prometo nada, mas...

— Helena, por favor, Lívia adora você.

— Antônio, eu sei que ela me adora, porém creio que a mãe dela nunca vai entender que eu e você somos apenas amigos e sócios.

— A Luiza já entendeu, esse ciúme só existe na sua cabeça.

Luiza sempre teve ciúmes da minha relação de

PERIGOSAS ACHERON

amizade com o Antônio, mesmo eu e ele já estando separados há anos. Ela já demonstrou algumas vezes que não estava muito satisfeita com nossa convivência, embora o casamento deles seja próspero e feliz, ainda é insegura quando o assunto sou eu. Penso que ela acha que ainda pode acontecer algo entre nós.

— Tudo bem, mande um beijo para Livia, farei o possível para estar presente.

— Obrigado.

Antônio sorriu e virou as costas para sair, antes de alcançar a maçaneta da porta, parou por alguns instantes, virou-se para mim e disse:

— Outra coisa, eu agendei um horário para você com um fotógrafo amigo meu, para fazer a foto da matéria da revista, dispensei o fotógrafo deles, acho que você ficará mais à vontade com uma equipe menor.

— Foto? É mesmo necessário? Sabe que não gosto de me expor, não gosto de fotos.

— Helena, qual problema de fazer uma foto? Você é uma mulher linda, merecia era a foto de capa da revista.

— Nunca, de jeito nenhum. Nem pensar em foto de capa — protestei.

Era uma ideia abominável, mal aceitei uma mísera foto para compor a reportagem que ficará dentro da revista, que dirá foto de capa.

— É só uma brincadeira. Eu agendei amanhã para às 20h, sei que fica até bem tarde aqui, pelo menos terá de sair mais cedo. — Antônio disse calmamente e me entregou o cartão de visita com o endereço.

— Obrigada, Antônio. Mesmo contra a minha vontade, irei.

— Assim que se fala, boa noite, Helena.

— Boa noite, Antônio.

Ele saiu da sala e eu fiquei pensativa, imaginando a tal foto. Olhei atentamente o cartão

PERIGOSAS ACHERON

de visitas do fotógrafo, era um endereço no centro, um edifício bem conhecido. O cartão era bem bonito, papel espesso de boa qualidade, continha algumas fotos significativas e as informações necessárias: endereço, telefone e o nome do fotógrafo: Saulo Alvarez.

Capítulo 2

Saulo

Finalizei mais um ensaio fotográfico, a modelo era extremamente exibida e antipática, já estava impaciente com tantas exigências e reclamações dela, por pouco não a mandei para o raio que a parta. Graças ao empresário dela, que felizmente percebeu minha insatisfação em tempo hábil. Teve uma conversa em particular com a modelo, que milagrosamente me permitiu trabalhar e fazer as fotos conforme a orientação da revista e não dos caprichos dela.

Sou Saulo Alvarez, fotógrafo profissional, trabalho no meu estúdio no centro da cidade de Guarulhos, no mesmo edifício que também resido,

tenho um andar inteiro só meu, dois espaços distintos, que abrigam o meu estúdio e residência. Sou bastante conhecido no meio em que atuo, faço fotos para as principais revistas e jornais do Brasil e até do mundo. Já tive várias fotos publicadas em jornais de grande circulação internacional, já expus meu trabalho em diversos países, bem como já ganhei diversos prêmios de melhor fotografia, mas o mais significativo para mim foi estar entre os dez melhores no *World Photography Awards*, uma espécie de "Oscar" da fotografia mundial, já foi uma felicidade imensa ficar entre os dez melhores, porém nessa mesma edição, venci em primeiro lugar na categoria Aberta, com uma foto tão emblemática quanto o prêmio: uma menina tirando os sapatos dos próprios pés para doar a uma moradora de rua. Até hoje me emociono com a foto, seguramente uma das melhores cenas que já tive o prazer de capturar: a bondade e a inocência de uma criança. Essa foto está reproduzida na entrada do meu estúdio, sempre que estou desanimado, gosto de olhá-la e lembrar que a vida pode sempre nos surpreender.

Adoro o meu trabalho, amo capturar a essência

das pessoas por meio de fotografias. A foto revela a alma das pessoas, eterniza um momento e captura sentimentos que só uma imagem é capaz de revelar. Desde que me entendo por gente, sempre quis trabalhar com fotografia. Formei em publicidade e propaganda, mas a paixão pelas fotos falou mais alto. Fui sócio de uma agência de publicidade por anos, quando atingi a estabilidade financeira desejada, vendi minha parte da sociedade e montei meu estúdio de fotografia, e há seis anos vivo realizado, trabalhando prazerosamente no que sabiamente escolhi fazer. Apesar de que às vezes recebo alguns modelos, como a de hoje, que acabam com minha paciência, que julgo ser imensa, mas no geral meu trabalho é prazeroso.

Fiquei mentalmente exausto depois desta sessão de fotos, a tal ponto que até dispensei Arthur, meu assistente e amigo pessoal, não queria sair nem mesmo para curtir a noite. Estava sentado no sofá do meu estúdio, completamente relaxado tomando uma taça de vinho.

Passava de oito horas da noite, apesar de ser um sábado perfeito para curtir uma balada,

estranhamente hoje não estava afim de sair. Levantei e me servi mais uma taça de mais uma taça e o interfone tocou, não atendi. Não atendia ninguém sem horário marcado, e por hoje meu expediente já estava encerrado. Estava apenas tentando relaxar antes de retornar para o meu apartamento.

O interfone voltou a tocar insistentemente, retirei-o do gancho, depois tirei a camisa, desabotoei a calça jeans e retirei meus sapatos. Deitei no sofá, totalmente relaxado, admirando a paisagem urbana, as luzes brilhantes ofuscavam o céu estrelado encobrendo a beleza da noite. Levantei e abri a porta de acesso à sacada, a noite estava fria, admirei momentaneamente a lua que estava cheia, degustei calmamente a segunda taça de vinho, mal terminei de bebê-la e ouvi batidas na porta.

Quem ousava interromper meu momento de paz uma hora dessas? Devia ser algum funcionário, já que o porteiro autorizou subir. Caminhei até a porta, abri subitamente, num ímpeto de raiva, pronto para ralhar com o responsável pelo meu

momento de histeria, mas fui surpreendido, totalmente surpreendido, fiquei momentaneamente calado, mudo e surpreso. Estava diante de uma bela mulher que não fazia ideia de quem era. Olhei-a atentamente, engoli em seco a minha ira, ela era elegante, atraente e seu semblante não estava dos mais agradáveis.

— Desculpe, acho que me atrasei demais — ela disse séria, deu de ombros e virou-se para partir.

— Eu quem peço desculpas pelo modo que a recebi, eu pensei que fosse meu assistente, Arthur, você é quem?

— Helena Machado, tinha um horário marcado com o fotógrafo, mas creio que cheguei tarde demais.

— Perdão, Helena, eu sou o fotógrafo. Entre, por favor, eu me apronto em um segundo, é a sócia do Antônio, não é? Faço suas fotos num instante.

Ela entrou, examinando atentamente meu estúdio, com um certo desdém e ar de superioridade, olhou para o sofá antes de se sentar

PERIGOSAS ACHERON

inspecionando-o minuciosamente. Enquanto ela se acomodava na recepção, fechei a porta e entrei rapidamente para me vestir e preparar o estúdio.

Porra! Eu tinha esquecido dessas fotos. Recolhi minha camisa e sapatos e me vesti rapidamente. Fiquei desconcertado com a situação, não gosto de dar impressões negativas aos meus clientes, sobretudo a primeira. Lamentavelmente o modo como ela me encontrou, totalmente à vontade, sem camisa e sapatos, não era a impressão mais agradável de se ter de um profissional, que deveria estar te aguardando para prestar um serviço. Antônio falou comigo tão rapidamente que não registrei na minha agenda, mas o meu esquecimento seguramente tem a ver com o estresse da sessão de fotos anterior. Corri até o banheiro, lavei o rosto, arrumei os cabelos e passei um perfume levemente.

Enquanto preparava a câmera e as lentes, observei-a pelo sistema de câmeras, ela olhou impaciente o relógio e depois passou as mãos pelos cabelos. Não a conhecia pessoalmente, apenas sua fama de arrogante e insensível, e um apelido que a

esposa de Antônio mencionou, Dama de alguma coisa. Aço! É isso, Dama de Aço, a postura fazia jus ao apelido, ela não deu um sorriso desde que chegou aqui. Ela era bonita, bem vestida, tinha os cabelos curtos loiros, bem cuidados, estava levemente maquiada, olhos claros e aparentava ter por volta dos 50 anos. Apesar de estar com um blazer e saia, era possível perceber que tinha um corpo delineado, pernas longas e ombros retilíneos. Sem dúvidas uma mulher muito interessante, mas com uma imensa barreira de aço como escudo de proteção, que impedia qualquer um de tentar flertá-la.

Preparei rapidamente o cenário, liguei as luzes e retornei à recepção.

— Desculpe a demora, podemos começar?

— Sim.

Ela levantou e me seguiu até o estúdio, colocou a bolsa na poltrona na lateral e se posicionou de frente para o cenário que eu havia preparado.

— Vamos começar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não gosto muito de fotos, então não faço ideia de como me posicionar. Como devo ficar?

— Aja naturalmente, esqueça que estamos em um estúdio, tudo bem?

— Tentarei. — disse ela e se sentou na banquetta que estava no centro do cenário.

— Aceita algo para beber? Um vinho, água ou algo mais forte? — perguntei ao perceber seu nervosismo.

— Algo mais forte, por favor.

— Só um minuto.

Caminhei até o bar e servi uma dose de uísque em dois copos, puro e sem gelo. Levei até ela e ela apenas acenou com a cabeça positivamente em agradecimento. Tomou rapidamente em uma só golada, fiquei surpreso com sua rapidez, fiz o mesmo.

— Outra dose? — perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, não, já é o suficiente.

— Tudo bem.

Devolvi os copos para o bar e retornei para começarmos as fotos. Helena estava visivelmente tensa, não entendia como algo tão simples como uma foto, poderia causar tanto desconforto a alguém. Começamos a sessão, mas as fotos não ficaram boas. Fiz algumas e parei, olhei-a atentamente e disse:

— Eu preciso que você relaxe, suas fotos só estão mostrando o quanto está tensa, não ficaram boas, vamos fazer o seguinte — peguei uma banqueta, sentei de frente para ela — vamos conversar um pouco, fale-me de algo que gosta, imagine que sou um amigo, certo?

— Fotos são difíceis para mim, não gosto de fotos, não gosto de exposições públicas, não sei porque topei essa reportagem.

— Ei, calma! Vamos conversar, fale um pouco do seu trabalho, vamos só conversar, esqueça as fotos.

— Tudo bem, vou tentar. Eu sou Helena, administradora da HML, moro aqui em Guarulhos, sou divorciada, não tenho filhos e vivo para o trabalho. Tenho uma vida rotineira, frequento academia e pratico ioga, trabalho muito e costumo deixar a sede da minha empresa bem tarde da noite.

— Muita responsabilidade, sou amigo do Antônio, vocês foram casados, não é? Somos amigos de longas datas, sempre faço fotos dos filhos dele.

— Sim, fomos casados, hoje somos apenas bons amigos e continuamos como sócios. Antônio é um cara incrível, construiu uma família linda.

— Sim, os conheço pessoalmente. E você gosta de fazer o quê?

— Trabalhar — ela sorriu pela primeira vez, aproveitei o momento de descontração e fiz a primeira foto.

— Eu também gosto muito do que faço, conheci muitas pessoas, já viajei por muitas cidades

PERIGOSAS ACHERON

e países. A fotografia para mim não é apenas um trabalho, mas um prazer. Foi sem dúvidas, a escolha mais acertada que tomei. Abandonei minha carreira de publicitário de sucesso e montei meu estúdio de fotografia há alguns anos.

— Parabéns pela coragem, sem dúvida trabalhar no que gostamos se torna bem mais prazeroso.

— Isso aqui é a minha vida, eu adoro capturar a essência das pessoas, as fotos nos dizem bem mais que palavras.

— Não gosto de fotos minhas, mas concordo que uma imagem vale bem mais que palavras. A foto na entrada do seu estúdio é muito bonita.

— É sim, ganhei um prêmio muito importante com ela. Deve ter seus motivos para não gostar de fotos suas, mas não deveria, você é muito bonita, talvez ainda não encontrou o fotógrafo certo.

Ela ficou embaraçada, levemente ruborizada, mas não sorriu, permaneceu séria. Uma pequena porção de cabelos caíram no seu rosto. Levantei da

PERIGOSAS ACHERON

banqueta e estendi a mão para reorganizá-los atrás da orelha novamente, mas ela recuou.

— Desculpe, eu só ia arrumar seus cabelos, posso?

— Vamos recomeçar, acho que já consigo — ela disse desviando o olhar dos meus e organizou os cabelos.

Aguardei ela se posicionar e recomeçamos as fotos, ela era sempre séria, mas pouco a pouco, com as minhas instruções, foi se soltando. Não consegui a foto que eu gostaria, na verdade eu queria capturar a alma dessa mulher tão enigmática, eu queria ver seus olhos desnudos, um sorriso espontâneo, queria capturar a sua essência, mas não consegui. Porém, para a foto da revista, ficaram boas.

— Pronto, já tenho o que preciso.

— Ótimo, envie os custos do seu trabalho para HML. Estou dispensada?

— Sim, claro. Obrigado, Helena.

Caminhei em direção à recepção e ela me seguiu, abri a porta do estúdio e antes dela partir, retirou um cartão de visita da bolsa e me entregou.

— Este é o cartão da minha assistente, envie as fotos e os custos pelo seu trabalho para ela. Obrigada e tenha uma boa noite.

— Eu quem agradeço e peço desculpas pelo modo como me encontrou, achei que não iria mais aparecer.

— Sem problemas, senhor...

— Saulo, Saulo Alvarez, mas me chame de você, por favor.

— Tudo bem, obrigada mais uma vez, senhor Saulo Alvarez.

Com toda formalidade do mundo ela disse, virou as costas e saiu.

Não sei explicar, mas havia algo nela que me despertou curiosidade, não sei se o fato de não ter conseguido fazer uma foto dela sendo ela mesma,

PERIGOSAS ACHERON

sem filtros ou barreiras, apenas a mulher linda que é ou se fiquei encantado pela sua beleza incomum. Inexplicavelmente ela tinha um mistério nos olhos que me fascinaram quando os vi verdadeiramente, por um milésimo de segundo, mas os vi, foi o suficiente para despertar minha curiosidade e desejo de descobrir o que aqueles olhos azuis tanto escondiam.

Fechei a porta e descarreguei as fotos de Helena no meu *notebook*. Comecei a trabalhar nelas, geralmente eu tinha uma equipe que fazia o tratamento das fotos, mas as dela eu mesmo queria fazer. As fotos ficaram boas, conforme a orientação da revista. Deixei por último, a que fiz sentado de frente para ela, enquanto conversávamos informalmente, consegui um sorriso de relance, não ficou perfeita, mas pude ver o quanto ela era linda sorrindo, o que me deixou ainda mais interessado para fotografá-la novamente.

Meu celular tocou, estava tão concentrado com as fotos de Helena, que o silêncio do estúdio quebrado pelo som estridente do toque do celular me assustou. Olhei rápido no visor e era Layla,

esperei um pouco e atendi:

— Oi, Layla.

— Oi, Saulo, você está no seu apartamento?

— Não, ainda no estúdio, algum problema?

— Não, nenhum.

Ouvi uma batida na porta do estúdio, levantei para atender.

— Depois eu te ligo, chegou alguém aqui agora.

— Ok — ela respondeu.

Encerrei a ligação e levantei para atender a porta. Por um instante pensei que pudesse ser Helena, poderia ter esquecido algo. Passei as mãos pelos cabelos e abri a porta com um sorriso amigável, mas era Layla.

— Oi, garotão. — Ela disse e entrou rapidamente, beijou-me nos lábios, como se tivesse

esquecido da nossa última conversa.

Conheci Layla durante uma exposição minha no Rio de Janeiro, ela é modelo, blogueira, maquiadora e tem um programa de moda em um canal de TV fechado. Tivemos um breve relacionamento, e ocasionalmente nos encontrávamos. Mas, eu sempre quis algo a mais, não sou homem de relacionamentos breves, gosto de descobrir o mundo ao lado da parceira, dividir emoções, prazeres, alegrias e tristezas. Sou do tipo que ou amo ou odeio demais, tive poucas namoradas, mas por longos períodos de tempo, sou fiel, e estou convicto de que quando elegemos uma mulher para habitar nosso coração, é porque nenhuma outra nos despertará emoções, assim penso, gosto de amar intensamente e uma eleita de cada vez.

Layla teve essa chance, pedi-a em namoro depois de uns dois meses que estávamos saindo. Obviamente que levei um fora, mas continuamos como amigos e nos vendo vez ou outra, porém da última vez que ela esteve aqui, supostamente para me fazer uma surpresa, chegou sem avisar e me

encontrou acompanhado. Foi uma situação constrangedora, e ela ainda teve uma crise de ciúmes, da qual não gostei nem um pouco, afinal, ela disse não e foi enfática em dizer que éramos somente amigos que dormiam juntos quando assim desejassem, como ela dizia: “amizade com bônus”.

— Oi, Layla, tudo bem?

— Ótimo, não vai me convidar para entrar?

— Eu estou finalizando um trabalho, aguarde-me aqui, já retorno.

Retornei ao estúdio e desliguei meu *notebook*, depois as luzes e tranquei a porta. Abri a porta do meu apartamento e entramos juntos. Mal tranquei-a e Layla já veio para cima de mim, beijando-me e tentando tirar minha camisa. Eu segurei as mãos dela, detendo-a e disse sério:

— Não, Layla.

— Qual problema, Saulo?

— Acho que nossa última conversa foi bem

PERIGOSAS ACHERON

esclarecedora. Você já disse que não quer nada sério e eu prefiro acabar por aqui, prevejo que vou me magoar se continuarmos nos vendo.

— Qual é seu problema, hem? Isso é mal de artista? Ter essa sensibilidade exagerada? — ela disse alterando o tom de voz.

— Layla, esse lance de amizade com bônus comigo não rola mais. Eu quero namorar você, quando um dia estiver disposta a dar um passo adiante em um relacionamento, volte a me procurar.

Caminhei até a porta e abri, ela olhava-me furiosa, não gostou das minhas palavras, passou por mim bufando.

— Perdi meu tempo me abalando de São Paulo até aqui.

— Você já conhecia minha decisão, espero que quando mudar de ideia não seja tarde demais.

Fechei a porta antes de ouvir a sua resposta, estava cansado desse joguinho em que ela sempre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saía vitoriosa. Todas as vezes repetia as mesmas artimanhas, seduzia, tinha-me aos seus pés e no dia seguinte ia embora. Já estava cansado de relacionamentos breves e rasos. Não sou esse tipo de cara, gosto de algo mais profundo, intenso e sério. Já viajei muito, conheci muitas mulheres, agora é hora de avançar de fase, já chega de vida de solteiro, quero alguém ao meu lado, para dividir a vida juntos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Helena

Despertei cedo, meditei por alguns minutos, em seguida tomei um banho, depois passei um café e saí antes das oito da manhã. Todos os domingos costumava ir ao lar abrigo que mantenho, gostava de conversar com as mulheres e crianças que residiam temporariamente por lá. Participava de algumas atividades, principalmente as terapias e conversas em grupo.

Antes de ir para o abrigo, eu precisava ir ao cemitério visitar o túmulo de Vera. Comprei um arranjo de flores no caminho e segui meu trajeto. Minhas visitas eram sempre rápidas, mas sempre muito emocionantes e significativas. Cheguei em poucos minutos, estacionei o carro, peguei as flores

e caminhei até os longos portões de entrada, já estavam abertos, como sempre com o clima deserto e sombrio de todo e qualquer cemitério. Havia um pequeno grupo de pessoas, ao longe, abrigados na pequena capela, todos vestidos com roupas escuras, velando algum ente querido.

O jazigo de Vera ficava um pouco distante da entrada, eu era a única a visitá-la, os funcionários do cemitério já até me conheciam e sempre me cumprimentavam com cortesia. Eu costumava vir aos domingos pela manhã. Depositei as flores em sua lápide, era uma das poucas bem cuidadas, eu sempre mantinha tudo bem cuidado e limpo.

— Oi, minha amiga, faz um tempinho que não venho aqui, tenho trabalhado demais, o que não é uma novidade. A HML vai muito bem, crescendo como sempre, e você tem uma grande parcela nisso. Desculpe por não ter mais novidades, eu não esqueci da promessa que te fiz, continuo procurando o seu filho Alberto, mas por enquanto não consegui grandes progressos. Não desistirei de achá-lo, eu te fiz essa promessa e a cumprirei. Certamente ele já deve estar casado, talvez até pai

de família, bem provável que você já tenha netos. — Fiquei alguns minutos em silêncio, engolindo o choro, respirei longamente e continuei: — Agora preciso ir, prometo que um dia voltarei aqui com o seu Alberto. Até logo, minha amiga.

Deixei o cemitério e fui direto para o abrigo, era do outro lado da cidade, apesar de distante, o trânsito estava ótimo e eu cheguei rapidamente. Estacionei meu carro na garagem, a propriedade era em um antigo casarão de uma família muito antiga e conhecida da cidade. Comprei a propriedade quando decidi fundar o lar abrigo, encantei-me tão logo que a vi, os enormes muros de pedras, cercando-a, conferiam-lhe um ar de imponência, mas não foi apenas a arquitetura que me conquistou, mas o ambiente familiar e aconchegante que senti ao colocar os pés dentro da casa. Foi impossível não a escolher para abrigar o meu projeto, tanto que fizemos pouquíssimas mudanças estruturais, mantive a fachada original com seus imensos janelões, bem como seus jardins perfeitamente cuidados com lindas estufas de flores, um pequeno lago e árvores frondosas. Hoje utilizamos praticamente todo espaço, temos salas

PERIGOSAS NACIONAIS

multidisciplinares, biblioteca, refeitório, dormitórios e entre outros espaços, faço questão de manter tudo muito bem organizado e rigorosamente cuidado. Apesar dos diversos espaços, fiz questão de manter o ambiente acolhedor de uma casa.

Temos uma equipe muito boa, entre voluntários e funcionários remunerados do lar, que é uma organização não governamental. Recebemos doações de empresas privadas, clientes da HML, pessoas físicas e até outras entidades não governamentais, que apoiam a causa, mas a maior parte das despesas são mantidas pela HML.

Entrei e já fui logo recebida por algumas crianças na portaria, aqui eu me sentia em casa, não sei se pelo fato de ser tão bem acolhida pelos abrigados ou se porque as mulheres e crianças que aqui estão, passaram por situações semelhantes a que passei. Não sabia explicar, mas me sentia muito bem aqui, bem mais do que no meu próprio apartamento.

As crianças ficavam com monitoras desenvolvendo atividades dirigidas, enquanto as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mães faziam cursos de artesanato, corte e costura, cabelereiro, estética, maquiagem, culinária, confeitaria, etc. As crianças iam para escola, recebiam aulas de reforço e faziam cursos extracurriculares. Tínhamos uma rotina planejada de acordo com cada faixa-etária. Prezava sempre para que as mães ficassem abrigadas junto com os seus filhos, independente da condição em que chegavam aqui. Prestávamos auxílio jurídico, psicológico, social e médico, tudo que fosse necessário para reinserir essas mulheres na sociedade, mas com uma profissão que pudessem garantir sua subsistência. Muitas mulheres já saiam daqui empregadas e mesmo depois que seguiam com suas vidas, continuávamos prestando auxílio jurídico e psicológico, afinal, a violência física e moral que passamos pode levar anos para cicatrizar e deixar de doer.

Passei a manhã toda por lá, almocei com todos e depois retornei para casa, estava cansada, precisando de um banho. O trajeto foi rápido, por sorte não tinha nenhum engarrafamento. O som do meu carro tocava música clássica, aprendi a gostar, costumava me acalmar quando estava com crises de

PERIGOSAS ACHERON

ansiedade. Durante o trajeto, só pensei em Vera e na promessa que fiz, já gastei muito dinheiro com detetives particulares, mas até agora, não consegui uma pista sequer que nos levasse até o filho dela. Precisava entrar em contato com o detetive que estava com o caso. Seria a minha primeira ação, amanhã, quando chegasse na empresa.



Todos os dias costuma me exercitar antes de ir trabalhar, ou fazia uma corrida pelo meu bairro ou me exercitava na minha academia particular, que tinha em um dos andares do meu edifício. Depois, tomava um banho e saía bem cedo de casa, geralmente era uma das primeiras pessoas a chegar no edifício sede da HML. Tomava o café na minha sala mesmo, Juliana, minha assistente pessoal, trazia-o quando chegava.

Meu dia era repleto de muitas reuniões, conferências, visitas em centros de distribuições,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

análises de documentos, etc. Era sempre bem corrido, apesar de ser a presidente do grupo e termos uma hierarquia muito bem organizada com tarefas e responsabilidade delegadas, eu tentava acompanhar todos os setores bem de perto.

Quando cheguei, o estacionamento ainda estava bem deserto, poucos carros estacionados, alguns poucos funcionários haviam chegado. Cumprimentei rapidamente os seguranças e recepcionista na entrada, caminhei até o elevador e fui direto para o andar da diretoria, ainda deserto, minha assistente costuma chegar por volta das oito, bem como os demais funcionários. Entrei na minha sala, abri as persianas que encobriam as enormes vidraças, e a luz do dia iluminou o ambiente. Guardei a bolsa, coloquei o celular na mesa e liguei meu *notebook*, tinha deixado uns relatórios para analisar hoje pela manhã, terminei a análise e liguei para o detetive que investigava o caso do filho de Vera. Chamou algumas vezes e logo ele atendeu.

— Bom dia, senhor Melo, é Helena Machado, algum progresso?

PERIGOSAS ACHERON

— Bom dia, senhora Helena, eu tenho algumas novidades, posso passar no seu escritório agora?

— Sim, como preferir, estarei no aguardo.

Encerrei a ligação animada, era difícil conseguir algum progresso, boa parte dos detetives que contratei, desistiam por falta de pistas. Senhor Melo, era um detetive experiente, foi muito bem recomendado e era especialista em encontrar pessoas desaparecidas. Estava trabalhando no caso há três meses, conseguiu poucos progressos, mas foi bem melhor do que todos os outros que já trabalharam no caso anteriormente.

Continuei analisando alguns relatórios, propostas de compras e respondi alguns e-mails. Minutos depois, Juliana chegou.

— Bom dia, Helena, trouxe seu café — ela disse alegremente ao entrar em minha sala. Trouxe consigo meu café da manhã em uma bandeja. Não que fosse a função dela, mas Juliana sempre fazia questão de buscar pessoalmente.

— Bom dia, Juliana. Forte e com adoçante? —
PERIGOSAS ACHERON

perguntei.

— Sim, como todos os dias. Podemos repassar sua agenda agora?

— Deixe-me concluir esse relatório e já te chamo.

— Tudo bem, Helena.

Juliana saiu e eu retornei ao relatório, precisava concluir para enviar para o departamento financeiro. Analisava uma cotação para aquisição de novos caminhões, além das propostas de duas fabricantes. Analisei e encaminhei para o e-mail de Antônio, ele era responsável pelo setor contábil da empresa, antes de decidir queria avaliar o último balanço patrimonial da empresa e avaliar o relatório de depreciação dos novos veículos, para enfim decidir sobre a compra da nova frota.

Tomei meu café, Juliana sabia conhecia muito bem minhas predileções, trouxe duas torradas com geleia de morango, meu sagrado café e um pão de queijo. Ela era minha assistente e uma espécie de amiga, creio que todos os meus funcionários, ela é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a única que tem maior proximidade comigo fora da empresa. Embora eu não seja boa como amiga, não gosto de muita conversa, trocar confidências, fazer programas de mulherzinha e muito menos falar do meu passado, ela entendia e aceitava minhas limitações. Era a pessoa mais próxima de uma amiga que eu tinha. Ao concluir, chamei-a novamente, repassamos os compromissos para o dia, tinha duas reuniões com clientes, uma conferência com o gerente da filial na Colômbia, uma pilha de documentos para assinar e uma reunião interna com os diretores e o departamento de RH. Teria uma manhã atribulada, como todos os dias.

— Algo mais? — perguntei folheando a pilha de papéis que precisavam da minha assinatura.

— Sim, eu recebi uma ligação agora pouco, era de um homem chamado Saulo, ele solicitou uma reunião com você e disse que é fotógrafo.

— Ah! Sim, o fotógrafo — tentei disfarçar, mas fiquei surpresa com o pedido dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele é bonito? — Juliana perguntou animada.

— Quem? O fotógrafo?

— Sim, estamos falando de quem? Claro! Helena, ele é bonito?

— Não sei, nem reparei nisso, o descompromisso dele falou mais alto.

— Descompromisso, como assim?

— Eu cheguei um pouco atrasada, reconheço, mas ele deveria ter ao menos ligado para confirmar se eu ainda compareceria ou não. Quando cheguei, o porteiro não conseguiu falar com ele pelo interfone, aguardei longos minutos na portaria, até o ponto de desistir, o porteiro então, gentilmente me permitiu subir. Ao chegar no estúdio, bati na porta e ele veio atender seminu.

— Seminu? Conte-me mais, Helena, agora ficou interessante — Juliana falava empolgada, visivelmente se divertindo com o que eu contava, conhece meu temperamento e sabe muito bem que detesto pessoas descompromissadas e PERIGOSAS ACHERON

incompetentes.

— Não tem mais nada, ele ficou embaraçado, mas se vestiu e fez as fotos, apenas isso. E eu sinceramente espero que tenham ficado boas, caso contrário, providencie outro fotógrafo.

— Não me respondeu se ele é bonito.

— Isso não importa, é apenas um fotógrafo, Juliana.

— Ele tem uma voz sexy, se condizer com o dono, certamente é um gato. Deveria ter convidado ele para sair, Helena.

— O quê? Está maluca? Já disse que foram apenas fotos, nada mais.

— Você sai tão pouco, é uma chance de conhecer alguém novo, você é linda precisa casar-se novamente, ser feliz ao lado de alguém que a mereça.

— Essa conversa já foi longe demais, vamos voltar ao trabalho? — disse séria, minha vida
PERIGOSAS ACHERON

pessoal não estava em jogo, muito menos em discussão.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou. O que digo a ele?

— Resolva você mesma, ele quer receber pelos préstimos dele e também enviará as fotos minha que fez, precisamos selecionar uma para a matéria da revista. Não vejo necessidade para tratar diretamente comigo.

— Tudo bem, farei isso. Outra coisa, o senhor Melo, está aguardando na recepção, posso mandá-lo entrar?

— Sim, por favor, Juliana.

Minutos depois o detetive entrou acompanhado de Juliana, que se retirou logo em seguida.

— Bom dia, senhora Helena — ele estendeu a mão em cumprimento.

— Bom dia, senhor Melo. Sente-se por favor, quais as novidades?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu fui até a cidade de Bauru, conforme tinha me orientado, paguei um bom dinheiro para o tabelião averiguar um a um todos os registros de nascimentos do ano de 1986. Só encontrei um cartório com fundação dessa época, o que tornou o trabalho mais fácil, porém não encontramos nenhum menino registrado com o nome de Alberto Machado. No entanto, um amigo fez uma busca completa nos cartórios de Curitiba, cidade natal do pai do menino, consegui encontrar três Oscar Costa da Silva com idade suficiente para ser o pai do Alberto, irei hoje mesmo para Curitiba averiguar cada um deles.

— Ótimo, já é alguma coisa.

— A senhora não lembra de mais nada? Qualquer detalhe pode fazer diferença.

— Bem, acho que já lhe disse tudo, ela chamava Vera Lúcia Lopes Machado, quando a conheci tinha 43 anos, viveu junto com esse Oscar, mas não foram casados no civil. Ele trabalhava com vendas e viajava muito, comprou uma casa no nome de Vera e quando o bebê nasceu, ele a dopou

PERIGOSAS ACHERON

e fugiu com ele, sem deixar rastros. É tudo que sei.

— Tudo bem, senhora, quando conseguir algo concreto volto a ligar.

— Por favor, senhor Melo. Obrigada por ter vindo e boa viagem.

— Obrigado e até breve.

O detetive saiu e eu continuei lendo e assinando os papéis que Juliana me trouxe. Mal terminei de assiná-los, e ela entrou anunciando meu primeiro compromisso do dia. Os compromissos da minha agenda tomaram-me a manhã inteira, foi bem atribulada, meu último compromisso terminou perto de uma da tarde. Saí da sala de conferência faminta, costumava almoçar por aqui mesmo, no refeitório da empresa. Peguei o celular e tinha uma chamada perdida de Antônio, retornei rapidamente antes de ir almoçar.

— Oi, Antônio, algum problema?

— Não, só queria avisar que enviei o último balanço patrimonial para o seu e-mail. E que

PERIGOSAS ACHERON

enquanto estava em reunião, uma empresa que administra diversos sites de *e-commerce*, em diversos segmentos, quer uma proposta de terceirização de toda cadeia logística deles.

— Perfeito, já começou a trabalhar na proposta?

— Vou te passar o relatório que enviaram, é um contrato de milhões de reais, Helena. — Antônio disse animado.

— Precisamos fazer uma boa proposta, vou avaliar e sentamos para conversar.

— Combinado. Até mais.

— Até mais, Antônio.

Saí da sala de conferência e antes de chegar à recepção, Juliana me acompanhou, com um sorriso no rosto, até estranhei seu contentamento, parou em minha frente e sussurrou, como se não quisesse ser ouvida.

— Helena, ele ficou aqui te esperando.

— Ele quem, Juliana?

— O fotógrafo — ela disse, pousou as mãos no rosto e suspirou longamente.

— Eu já disse para revolver a situação, Juliana.

— Eu sei, mas ele insistiu e falou que tem algo para entregar pessoalmente para você. O que queria que eu fizesse? Não posso expulsar o rapaz.

Eu estava faminta e nenhum pouco interessada em encontrá-lo novamente, cheguei na recepção, pronta para dispensá-lo e lhe dizer o quanto era inconveniente a sua insistência. Caminhei apressadamente, Juliana me seguiu, o vi de longe, dessa vez não estava mais seminu e sim muito bem vestido com um terno bem caro e de bom corte, por sinal. Ao me ver levantou-se e abriu um sorriso largo.

— Boa tarde, Helena.

— Senhora Helena, para você, senhor Saulo Alvarez, espero que minha assistente tenha resolvido o seu problema, sua espera por mim é

PERIGOSAS ACHERON

totalmente desnecessária.

— Perdão, senhora Helena, sei o quanto é ocupada, sua assistente já resolveu o meu problema, mas insisti em ficar porque eu gostaria de entregar pessoalmente um presente — ele retirou uma pequena embalagem do blazer e estendeu em minha direção.

Fiquei atônita, fui grosseira com ele, e ainda assim, ele foi gentil e educado. Continuou com o mesmo sorriso e postura. Recebi o embrulho de suas mãos, um tanto intimidada pela sua gentileza, ele acenou com a cabeça e mostrou novamente seu sorriso encantador, virou as costas e saiu.

Fiquei receosa em abrir a embalagem, mas a curiosidade estranhamente me corroía. Coloquei sobre a minha mesa na minha sala e fui para o refeitório acompanhada de Juliana. Almocei na velocidade da luz, estava tão apressada que ela percebeu.

— Com pressa, Helena?

— Um pouco, tenho uma proposta comercial

PERIGOSAS ACHERON

muito boa para analisar.

— Hum, sei! Eu acho que você está curiosa para saber o que o bonitão trouxe pra você, assume, Helena.

— Juliana, não esqueça que é minha funcionária, sabe que não tolero intromissões na minha vida pessoal desse modo.

— Desculpe, Helena. Não vai mais acontecer.

— Melhor assim.

Concluí meu almoço e retornei para minha sala, não aguardei nem mesmo Juliana terminar o dela, como sempre fazia. Depois de adverti-la, ficamos em pleno silêncio, acenei rapidamente em despedida e retornei para minha sala. Tranquei a porta e peguei o embrulho da minha mesa, era pequeno coberto por um papel azul escuro e um belo laço vermelho. Abri rapidamente e fiquei surpresa com o conteúdo, era um porta-retratos com uma foto minha, sorrindo, foi tão rápido que ele capturou que não pensei que a foto fosse ficar boa, realmente ficou lindíssima, talvez, tenho de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dar razão ao rapaz, acho que eu só precisava de um bom fotógrafo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

Saulo

Deixei o edifício frustrado, não vou negar que esperava uma recepção bem mais amigável, ainda assim, havia algo em Helena que me intrigava e me fazia querer saber mais dela. Confesso que não entendia o fascínio que ela tinha e o interesse tão repentino que me despertou. Mesmo com o semblante fechado, ocultando o lindo sorriso que ela possui, meu coração disparou de modo desconhecido ao vê-la.

Retornei para o estúdio, minha cara não escondia a insatisfação pela recepção descortês que tive. Não a culpo, afinal, eu fui insistente, não deveria ter ficado esperando por ela, mas eu queria

PERIGOSAS NACIONAIS

entregar pessoalmente o presente que escolhi tão carinhosamente para ela, o mesmo que não recebi nem um reles obrigado.

Eu sempre fui muito intenso, principalmente com sentimentos, nunca fui mulherengo, apesar do meu trabalho me proporcionar contato com muitas modelos bonitas, e conseqüentemente receber diversas cantadas com segundas intenções, sempre fui muito seletivo nas minhas escolhas, prefiro qualidade do que quantidade. Uma boa conversa me interessa muito mais do que beleza exterior. Sou um cara exigente, quando o quesito é mulher, não sou de ficar por ficar ou ter uma lista de mulheres que topam um sexo casual, sem envolvimento. Esse não sou eu, gosto de conversar, conhecer e me encantar pela pessoa que escolho para estar ao meu lado, reconheço que sou romântico, gosto de estar junto, conquistar diariamente, compartilhar a vida e surpreender. Gosto muito de surpreender, um sorriso inesperado para mim, vale muito mais do que um corpo escultural. Tentei surpreender Helena, mas só constatei que ela faz jus ao apelido de Dama de aço, é totalmente insensível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu tinha uma sessão de fotos agendada em poucos minutos e ainda não tinha nem almoçado. Arthur organizava o cenário para o próximo ensaio e ao me ver chegar, veio logo em minha direção.

— E aí pegador, fala que a gata mordeu a isca?
— ele perguntou animado.

— Que gata e qual isca, Arthur? —
desconversei.

— Como assim que gata? Você saiu daqui todo arrumado e com um presente na mão, achei que tinha ido levar para dona dos seus pensamentos e sorriso bobo, porque você passou a manhã toda rindo para o vento e totalmente aéreo.

— Você está maluco — desdenhei — fiz apenas uma gentileza. Já entregaram o meu almoço?

— Sim, há um bom tempo, deixei no balcão da sua cozinha.

— Obrigado, vou almoçar, recepcione a cliente, caso a Vanessa não tenha retornado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixe comigo, terei o maior prazer em recebê-la.

— Respeito, Arthur, somos profissionais. Algum recado?

— Eu já sei disso, nada de envolvimento com clientes, fique tranquilo que já decorei essa regra de ouro. Sua mãe ligou, pediu que retornasse para ela.

— Liguei. Obrigado, volto já.

Saí do estúdio e fui para o meu apartamento, enquanto aquecia meu almoço peguei o celular e liguei para minha mãe, ela atendeu rapidamente.

— Oi, mãe, tudo bem?

— Oi, filho, seu pai como sempre não está tomando o remédio para o diabetes, hoje quando acordou, reclamou que estava com a vista embaçada.

— Mãe, a médica é a Sandra, ligue para ela.

— Eu sei, Saulo, mas ele só escuta você. Sabe o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quanto seu pai é teimoso, venha aqui em casa conversar com ele, filho.

— Certo, quando terminar o trabalho hoje, eu dou uma passada aí.

— Obrigada, meu filho. Como você está?

— Estou bem, mãe, trabalhando bastante.

— Ótimo, meu filho, venha para o jantar, farei sua lasanha favorita.

— Obrigada, mamãe, tentarei chegar cedo.

— Até mais, Saulo.

— Até mais, mãe.

Finalizei a ligação e o bipe do micro-ondas soou, almocei rapidamente, tomei um banho, escovei os dentes e retornei para o estúdio.

— Boa tarde, Vanessa, você confirmou os clientes de hoje?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, são duas sessões internas e a outra é externa, será em um casarão no centro, para uma campanha publicitária da sua antiga agência de publicidade.

— Perfeito, peça para Marcos e Jorge providenciarem o equipamento para externa.

— Ok. Imediatamente — ela respondeu e já saiu para cumprir minhas ordens.

Eu tinha uma equipe pequena, oito funcionários, entre fotógrafos, recepcionista, assistentes de produção, faxineira, etc. Toda equipe, sem exceção, foi selecionada pessoalmente por mim, todos com humor e personalidades semelhantes, tudo para manter a harmonia do convívio diário sempre agradável. Felizmente tive êxito nas minhas escolhas, a equipe era muito boa e competente, confiava inteiramente na capacidade de todos.

Tenho bastante clientes, sou bastante solicitado e até uma espécie de referência em fotos publicitárias. Embora tão reconhecido e solicitado,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

hoje já não faço muitos trabalhos externos, por opção, apenas algumas exceções, que é o caso da de hoje, meu antigo sócio sempre exige que eu mesmo faça as fotos.

Minutos depois a modelo chegou e comecei o ensaio, meu estúdio tinha vários espaços com diversos cenários e painéis distintos, que eram utilizados de acordo com cada trabalho, o que também possibilitava realizar mais de uma sessão ao mesmo tempo. Enquanto eu fazia as fotos, a minha equipe controlava iluminação, adicionava e removia os painéis, organizavam os figurinos, etc. Apesar de ter uma agenda bastante cheia, reduzi muito o ritmo de trabalho nos últimos anos, além da fotografia também pratico esgrima, apenas por paixão. Apesar de já ter competido algumas vezes, já não era o meu objetivo.

As duas sessões internas foram rápidas, depois fui para a sessão externa, foi um pouco mais longa, tinham mais modelos. Depois que concluímos tudo, passei no estúdio para deixar os equipamentos, tomei um banho e fui para casa dos meus pais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus pais moravam em São Paulo, junto com a Sandra, minha irmã mais nova, formada em medicina. Eu mudei para Guarulhos quando montei meu estúdio de fotografia, mas frequentemente visitava meus pais, sobretudo quando meu pai foi diagnosticado com diabetes tipo 2. Ele relutou muito para aceitar o tratamento, a vida sedentária associada a má alimentação o fez desenvolver a doença, da qual ele precisou de um coma diabético para aceitar o tratamento e a reeducação alimentar necessária para ter qualidade de vida. Minha irmã e mãe lutam diariamente para mantê-lo na linha, regram a alimentação e administram a medicação à risca, felizmente ela já aceita com mais facilidade o tratamento, no entanto, vez e outra ele se rebela e corta a medicação por conta própria, quando isso ocorre, minha mãe apela para mim, por sorte ele costuma me ouvir.

Era por volta das oito da noite, enfrentei um congestionamento significativo, mas cheguei a tempo do jantar. Meus pais moravam no oitavo andar de um edifício residencial, o porteiro já me conhecia e permitiu minha entrada. Bati na porta e logo fui atendido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi, meu filho, entre — minha mãe disse abrindo um largo sorriso.

— Oi, mãe, a sua bênção.

— Deus o abençoe, meu filho. Como você está lindo — ela disse pousando as mãos em meu rosto.

— Continuo o mesmo, mamãe. Onde estão todos?

— Seu pai está no quarto, e a Sandra está trabalhando, já deveria ter chegado, o plantão dela encerrava às sete — mamãe disse conferindo as horas no relógio de pulso.

— Vou falar com o papai.

— Vá, eu vou esquentar o jantar, fiz a sua lasanha favorita.

Fui em direção ao quarto e antes de entrar ele saiu do quarto e nos encontramos no corredor.

— Saulo! — meu pai disse e me abraçou alegremente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi, pai, a sua bênção.

— Deus o abençoe, como está?

— Estou bem e o senhor?

— Estou levando como Deus permite.

— Está controlando o diabetes certinho?

— Sim, sim — ele desviou o olhar para responder.

— Papai...

— Ah! Saulo, isso é um saco, eu não posso comer nada que altera a glicemia, não quero viver dependente de remédio, não posso mais nem jogar bola, correr e me exercitar, tenho de verificar toda hora se a glicemia tá baixa ou alta. Não quero viver refém dessa doença, cansei disso tudo.

— Não é bem assim, pai. Sabe que pode se exercitar, só deve ter cuidado para não se machucar, os ferimentos costumam cicatrizar mais lentamente, sabe que pode ter uma vida normal,

PERIGOSAS ACHERON

Sandra já nos explicou tudo inúmeras vezes.

— A Sandra e a sua mãe são duas chatas. Aposto que elas foram fazer fuxico para você, não foi?

— Ninguém fez fuxico, papai, eu que estou preocupado com a sua saúde. Ainda quero que veja seus netos, você ainda está novo e precisa cuidar da saúde.

— Eu sei, Saulo, mas que é um saco é.

— Entendo, pai, mas eu quero que faça um esforço por mim, Sandra e pela mamãe, nossa insistência para que se cuide é porque amamos você e queremos vê-lo bem.

— Tá bom, eu vou tentar.

— Tentar não, conseguir, guerreiro — bati em seu peito suavemente.

Passei o braço em seu ombro e saímos lado a lado em direção à sala. Fiquei um pouco mais aliviado, temia pelo descontrole do diabetes e as

PERIGOSAS ACHERON

consequências que ele poderia sofrer.

— Ainda joga xadrez? — perguntei ao ver o tabuleiro na estante da sala.

— Claro que sim, quer perder uma partida enquanto sua mãe prepara o jantar?

— Perder? Faz tempo mesmo que não jogamos, aprimorei minhas técnicas, vou te dar uma surra, pode apostar, papai. — disse descontraído.

Jogamos duas partidas, eu ganhei a primeira e ele a segunda. Meu pai havia me ensinado por volta dos seis anos de idade a jogar, jogávamos juntos e até ganhei campeonatos na escola quando era garoto.

Paramos de jogar para jantar quando Sandra chegou, depois do jantar continuamos jogando até bem tarde da noite, retornei para casa altas horas da madrugada, sob os protestos da minha mãe e irmã, que queriam que eu dormisse por lá, mas eu tinha um ensaio no dia seguinte, bem cedo, então achei melhor retornar. Foi uma noite muito agradável, apesar da família ser pequena, éramos muito unidos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e felizes. Meus pais criaram a mim e a Sandra muito bem, devo a eles meus valores e a minha boa educação. Meu pai sempre foi mais fechado e turrão, minha mãe mais comunicativa e serena, deram muito duro para nos formar como bons profissionais. Senti-a me muito bem ao vir em casa, minha mãe adorava fazer minhas comidas preferidas, só para me agradar e eu gostava mais ainda de saboreá-las.



— Finalmente, sexta-feira — Arthur comemorou após a última modelo sair do estúdio.

— Têm tantos compromissos assim? — desdenhei.

— Conheci uma garota, marcamos de sair hoje. Ela tem uma amiga... do jeito que você gosta, não quer ir junto?

PERIGOSAS ACHERON

— Não, prefiro ficar, tenho muito trabalho para fazer.

— Tem que sair mais, cara, precisa conhecer gente nova.

— Agradeço o convite, Arthur, mas realmente quero trabalhar, desejo entregar as fotos da externa de hoje até domingo.

— Tudo bem, mas se mudar de ideia só me ligar que te passo o endereço de onde estivermos.

— Combinado.

Acompanhei Arthur até a porta do estúdio e Vanessa ainda estava na recepção. Estava concentrada digitando algo no *notebook*.

— Ainda aqui, Vanessa? Já passou do seu horário.

— Sim, Saulo, eu só estou terminando de organizar a sua agenda da semana que vem. Pronto, já concluí. Eu estava passando tudo para o sistema, mas ainda assim, pretendo usar a agenda de papel,

PERIGOSAS ACHERON

vai que acontece alguma coisa.

— Verdade, tecnologia são ótimas, mas ainda assim continuo confiando na boa e velha agenda de papel.

— Sim, eu estou usando as duas formas, mas o sistema ajuda muito, é muito prático e funcional. Já estou saindo, precisa de algo mais?

— Só uma pergunta, quanto ao cheque da HML mandou devolvê-lo?

— Sim, ontem mesmo, conforme sua orientação.

— Tudo bem, Vanessa, obrigado. Tenha um bom fim de semana.

— Obrigada, para você também.

Vanessa saiu e eu retornei para minha sala, antes tirei o interfone do gancho, queria concentração para continuar trabalhando. Liguei o som ambiente e me concentrei no trabalho, tive uma semana bem produtiva e muito corrida, mas de

PERIGOSAS ACHERON

vez em quando, abria a pasta com as fotos da Helena, olhava apenas o seu sorriso.

— O que ela tem de tão especial?

Eu me perguntava isso desde o dia que a conheci, até queria descobrir, mas já tinha desistido, ficar admirando alguém tão arrogante e que não me deu o mínimo de atenção, era no mínimo doentio. Depois do desastroso encontro em que eu achei que iria surpreendê-la com um presente, não mais a vi ou tive notícias dela. Não enviei nem mesmo os custos pelo meu trabalho, porém ontem recebi um cheque com um valor bem alto, por sinal, como pagamento e ainda estava assinado por ela, mas não aceitei e mandei devolvê-lo aos cuidados dela. Não era orgulho ou birra, apenas não quis cobrar, uma forma de me redimir pelo o modo como ela me encontrou, totalmente desprevenido e seminu.

Depois de alguns minutos trabalhando, meu pescoço já estava ficando dolorido e a vista cansada, levantei e fui até o meu apartamento, tomei um banho e vesti somente uma calça de

moletom folgada e confortável. Retornei para o estúdio, peguei um copo de uísque com gelo e delicieei lentamente gole por gole, apreciando a vista da cidade, completamente relaxado.

— Com licença! Senhor Saulo?

Ouvi ao longe uma voz feminina familiar, ninguém me chamava de Senhor Saulo, eu a reconheci imediatamente, virei-me e me deparei com Helena, encarando-me com a mesma seriedade de sempre, mas seus olhos estavam cravados no meu peitoral. Ela estava vestida com uma camisa de tecido fina $\frac{3}{4}$ rosa claro e uma saia lápis risca de giz vermelha escuro. Estava linda, com saltos altos e maquiagem simples, andou tão elegante e imponente em minha direção, que até esqueci o quanto ela é arrogante.

— Senhora Helena? — desdenhei surpreso pela sua visita.

— Senhor Saulo Alvarez, a porta estava aberta e eu entrei, desculpe a intromissão, serei breve, queria apenas entregar-lhe isso — ela estendeu um

envelope em minha direção.

Reconheci que era o mesmo que havia recebido com o cheque dela, aproximei-me e ela recuou, encurtei a distância o máximo que ela me permitiu.

— A senhora não me deve nada, achei que tivesse entendido o recado quando mandei o cheque de volta.

— O senhor me prestou um serviço, nada mais justo do que receber por ele, pelo visto, está precisando bastante para comprar camisas, só o encontro seminu.

Sorri com seu comentário sarcástico, ela era insistente e decidida, continuou com o cheque estendido na minha direção. Confesso que o seu comportamento arrogante estava me irritando. Encurtei ainda mais a distância entre nós, dessa vez ela não recuou, continuo parada me encarando friamente, sustentando a sua arrogância.

— Perdeu seu tempo vindo até aqui, já disse que não me deve nada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu insisto, não devo favores a ninguém, sobretudo para alguém que não conheço.

Passei as mãos pelo cabelo, respirei profundamente, minha impaciência estava aumentando, mas olhá-la diante de mim, ali, tão próximo, senti um desejo louco de beijá-la, sua boca estava entreaberta, seus lábios evidenciados em um batom vermelho, despertou ainda mais o meu desejo.

— Já que insiste em pagar, tudo bem, irei cobrar — disse e avancei em sua direção, surpreendi Helena, envolvendo-a pela cintura, coleí nossos corpos rapidamente e tomei seus lábios macios em um beijo longo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Helena

Empurrei Saulo com toda força que pude e acertei um tapa em cheio na cara dele. Como ele ousa me beijar?

— Seu atrevido, eu te processo por assédio — gritei nervosa, mas confesso que fiquei totalmente sem reação diante dele.

— Dívida paga — ele disse com um sorriso nos lábios.

Pousou a mão no lado rosto recentemente agredido e sorriu novamente, sem tirar os olhos dos meus, o que despertou ainda mais a minha ira. Recuperei o fôlego, joguei o cheque na cara dele e

saí irada, bufando, controlei-me ao máximo para não continuar o agredindo.

Cheguei no elevador, as pernas ainda cambaleavam, apertei o botão do térreo e ao chegar na garagem, meu coração ainda estava acelerado e minhas mãos completamente trêmula. Entrei rapidamente no carro e dirigi de volta para casa, nervosa pelo ocorrido e ainda com raiva, muita raiva dele. Vê-lo sorrindo após minha agressão foi a última imagem que registrei dele, o que me enfureceu ainda mais todas as vezes que lembrava do ocorrido. O trajeto foi rápido, por sorte o trânsito fluía bem. Entrei na garagem do meu edifício e subi para o meu apartamento, já estava um pouco mais calma, mas confesso que o sorriso dele ainda se formava em minha mente, estranhamente, contrariando minha vontade.

Tomei um longo banho, fiz um sanduíche e comi com um copo de leite gelado. Depois, liguei a TV no canal de notícias e economia, sentei no sofá da sala, tentei relaxar. Estava muito cansada, mas não consegui dormir, meu sono desapareceu completamente, juntamente com minha raiva de

Saulo. Lembrei novamente dos lábios dele tomando os meus, senti um arrepio e um frio na barriga incomum.

— Não, não, isso é loucura — repeti comigo mesma, tentando reprimir totalmente as lembranças dos lábios macios do rapaz. — Ele é só um garoto, Helena.

Repeti as advertências mentalmente na tentativa de esquecer o ocorrido. Meus olhos estavam pesados, ainda assim não consegui dormir, levantei do sofá e tomei um novo banho, dessa vez frio, bem frio. Quando saí do banho, vesti uma camisola confortável e tive que me render aos calmantes, tomei dois por precaução e apaguei completamente, não me recordo do horário que dormi.

— *Abra aqui, Helena, não se esconda, sabe que se comportou muito mal e precisa de um corretivo.*

Eu continuava trancada no banheiro, completamente amedrontada, meu marido estava descontrolado. Ouvi os passos dele se afastando, respirei aliviada, mas por pouco tempo. Ele

arrombou a porta do banheiro e avançou sobre mim. Agarrou meus cabelos com fúria e me jogou no chão violentamente, chutou meu abdômen com tanta força que me faltou o ar.

— Safada, que porra é essa de abraçar primo? Isso não é comportamento de mulher casada, eu te avisei que conversaríamos quando chegássemos, sua vadia desgraçada. Estamos casados há um mês e você já quer dar para outro? Prostituta, promíscua, meretriz.

Eu permaneci no chão do banheiro molhado me contorcendo de dor, ele continuou chutando nas minhas costas e pernas. Eu só conseguia chorar e não tive forças nem para levantar. Depois das agressões, ele parou momentaneamente, respirou profundamente, abaixou-se e cuspiu na minha cara, puxou novamente meus cabelos com tanta força que me tirou do chão.

— Agora tome um banho, fique cheirosa e me espere na nossa cama — ele me jogou bruscamente no chão, levantou e parou na porta do banheiro. — Não demore, Helena, estou com saudades.

PERIGOSAS NACIONAIS

Acordei sobressaltada, com o coração acelerado, suada e com o rosto banhado em lágrimas. Ainda tinha pesadelos com Cláudio, sempre do mesmo modo, com lembranças dolorosas das agressões e humilhações que sofri. Na maioria das vezes eram tão reais que acordava aos prantos e doía novamente como se tivesse sido real.

Mesmo depois de tanto tempo, essas lembranças ainda se manifestavam em pesadelos, principalmente quando tinha noites tensas e dificuldades para dormir, era quase certo ter pesadelos com Cláudio. Mesmo com todos os anos de terapia que fiz, ainda doía reviver esses momentos. Instintivamente toquei na minha cicatriz na coxa esquerda, causada por ele, hoje já não tão visível quanto antes, porque fiz uma tatuagem para encobri-la, tinha um *dreamcatcher* ou filtro dos sonhos, tatuado em quase toda extensão da coxa. O filtro dos sonhos, é uma espécie de amuleto típico da cultura indígena norte-americana que, segundo as tradições, possuía o poder de purificar as energias, separar os pesadelos dos sonhos felizes, além de trazer sabedoria e sorte para quem o

PERIGOSAS ACHERON

possui, eu tentava acreditar nessa tradição.

Levantei trêmula, fui até a cozinha e tomei um copo de água, tentei esquecer o pesadelo, fechei os olhos e me concentrei em algo bom e prazeroso, geralmente funcionava e eu conseguia me acalmar e voltar a dormir. A primeira imagem que me veio à mente foi de Saulo, estava tão nervosa com o pesadelo, que não reprimi meus pensamentos no rapaz, lembrei-me do seu sorriso e isso estranhamente me tranquilizou, então relembrei minha visita até o estúdio na noite anterior. Sua aproximação repentina e de como me puxou para seus braços, ele tinha o hálito agradável, lábios carnudos e delineados, sem falar da pele macia e o peitoral musculoso e viril. Inexplicavelmente toquei meus lábios com a lembrança do seu beijo, apesar de breve, foi diferente e único, talvez. Não sabia mensurar o que estava sentindo, mas seguramente nunca fui beijada como ele me beijou. Não sei se isso é algo bom ou ruim, mas tenho de admitir que ele me surpreendeu, não esperava que fosse agir daquele modo. Ele era bonito e muito atraente, sem dúvidas, mas não passa de um rapaz com idade para ser meu filho e que certamente vive

cercado de garotinhas.

Lembrar do Saulo me deixou mais tranquila, voltei para cama e tomei um novo calmante. Rolei alguns minutos até o comprimido fazer efeito, dormi com a lembrança do beijo roubado, até arrisquei um sorriso tímido, ao recordar do acontecido.

Despertei cedo, com meu celular tocando insistentemente. Tateei para pegá-lo no criado-mudo e silenciá-lo, minha cabeça estava estourando de dor. Sentei e atendi, ainda muito sonolenta.

— Alô.

— Helena, tudo bem?

Reconheci a voz da Juliana, sua voz tinha um tom de preocupação.

— Sim, estou. Aconteceu alguma coisa, Juliana?

— Você nunca chega atrasada, fiquei preocupada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Atrasada? Que horas são? — perguntei confusa.

— Passa das nove da manhã, Helena.

— Droga! — pulei da cama assustada. — Chego em vinte minutos.

Encerrei a ligação e joguei o celular na cama, corri para o banheiro, tomei um banho rápido, escovei os dentes, peguei o primeiro terno que vi pela frente, vesti-me rapidamente, peguei minha bolsa e celular e descii para garagem, Juliana tinha razão, eu nunca me atraso, mas ontem precisei de dose extra de calmantes para voltar a dormir, por isso perdi o horário.

Olhei-me no retrovisor e estava péssima, aproveitei os sinais de trânsito fechado para fazer uma maquiagem para encobrir a noite mal dormida. Aos sábados geralmente não trabalhávamos, mas hoje tinha agendado uma reunião estratégica com os principais diretores para tratarmos da proposta para um novo cliente, era um contrato milionário e muito promissor por sinal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cheguei rapidamente e já fui direto para o andar da diretoria, ao chegar na recepção, Juliana correu em minha direção com um sorriso de satisfação, que até estranhei.

— Bom dia, Helena.

— Bom dia, Juliana.

Continuei o trajeto até minha sala e Juliana me seguiu, fui deixar minha bolsa e fui surpreendida por um vaso com um buquê de margaridas coloridas. Fazia muitos anos que não recebia flores, óbvio que estranhei, no meio das flores tinha um envelope amarelo com um cartão dentro, escrito à mão:

“Desculpe a falta de modos, não gosto de causar más impressões, avise-me da sua próxima visita, colocarei um terno para recebê-la.”

Tenha um excelente dia!

Saulo Alvarez

PERIGOSAS ACHERON

— Petulante!

— O que disse? — Juliana perguntou.

— Esse fotógrafo é muito petulante e...

— E? — Juliana insistiu sorrindo.

— Abusado, muito abusado.

— Impressão minha ou ele está tentando cortejá-la?

— Poupe-me, Juliana, esse rapaz tem idade para ser meu filho.

— E qual o problema nisso? Seguramente não é uma mãe que ele está procurando. Além de lindo ainda é tão cavalheiro, veio te trazer um presente e agora flores.

— Pouco me importo, vamos cortar conversa desnecessária e trabalharmos. Os diretores já chegaram?

— Sim, estão na sala de reuniões. Preciso

acompanhá-la?

— Não, pode ficar aqui, vamos analisar uma proposta comercial, não precisarei de seus serviços. Providencie apenas água e o meu café, por favor.

— Certo, agora mesmo.

Juliana saiu da sala de reuniões e eu peguei novamente o cartão e li outra vez, sorri sozinha da parte que dizia que colocaria um terno para me receber. Devo admitir que ele tem senso de humor e um bom gosto, as flores são lindas. Além de beijar bem, Juliana tem razão, ele é lindo ainda e um verdadeiro cavalheiro. Virei o cartão e tinha o telefone pessoal dele, com um novo recado: *“Ligue-me, esperarei ansioso.”*

O telefone da minha sala tocou, tirando o sorriso bobo dos meus lábios, devolvendo a postura séria que sempre tive. Saulo estava conseguindo me arrancar sorrisos e suspiros inesperadamente.

— Alô.

— Quer tomar seu café na sua sala ou na sala

PERIGOSAS ACHERON

de reuniões?

— Traga aqui mesmo, por favor.

— Ok.

Minutos depois ela trouxe meu café, tomei rapidamente e me direcionei para sala de reuniões, convoquei os principais diretores e Antônio, meu sócio, para decidirmos sobre a proposta comercial de terceirização da cadeia logística do cliente que nos procurou.

— Bom dia, senhores, perdoem-me o atraso — cumprimentei todos ao adentrar.

Acomodei-me na cadeira e todos os convocados já estavam presentes e com vários papéis sobre a mesa, visivelmente já tinham começado os trabalhos.

— Bom dia — todos responderam uníssono.

— Bem, eu os convoquei hoje em pleno sábado por se tratar de um assunto de grande importância, creio que Antônio já deve ter adiantado com vocês,

PERIGOSAS ACHERON

bem como repassado os relatórios preliminares que recebemos do cliente.

— Sim, Helena, já adiantei e até conseguimos chegar em um montante aproximado. O Fernando avaliou a cadeia e centros de distribuições do cliente, temos filiais bem equipadas e com bom contingente de funcionários em todas as cidades. Creio que com investimentos estruturais mínimos conseguiremos atendê-los bem. Fizemos um relatório dos investimentos necessários e outro relatório de impacto sobre a folha de pagamento. Creio que conseguimos chegar em uma proposta preliminar favorável para ambos. — Antônio levantou e me entregou os relatórios. — Analise e nos diga o que tem em mente.

— Ótimo, eu quero entender a necessidade do cliente e poder oferecer uma solução viável e atrativa, com custos justos, para que se torne impossível a recusa deles. — disse folheando os relatórios recebidos.

— Certamente, vamos discutir todos os pontos para fecharmos uma proposta irrecusável. Agendei

para a próxima terça-feira uma reunião com eles, um dos sócios majoritários, estará no Brasil e quer participar ativamente das negociações — Antônio acrescentou.

— Então vamos trabalhar essa proposta — disse empolgada.

A reunião foi longa, paramos apenas para tomar um café e um rápido lanche que Juliana providenciou. Próximo do horário do almoço, concluimos todas as análises e projeções, chegamos em uma proposta final, muito boa por sinal. Possuíamos ótimas soluções logísticas, poderíamos garantir seguramente esse contrato, precisaríamos de poucos investimentos em frota e pessoal, bem menores do que eu imaginava, o que me deixou ainda mais animada. Estava muito satisfeita com a proposta final que chegamos e ansiosa para apresentar e discuti-la com o cliente.

— Pronto, senhores, estão dispensados e obrigada pela disponibilidade. Excelente trabalho! — disse e recolhi meu celular e relatórios, levantei e caminhei em direção à saída.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Helena, espere. — Antônio disse e me acompanhou.

— Oi, Antônio.

— É amanhã o aniversário da Livia, não esqueça, ok?

— Ok, farei o possível para estar presente.

— Eu convidei um dos diretores da empresa, nossos futuros clientes, tenho certeza que aceitarão nossa proposta. Não falte, por favor.

— Achei que seria um jantar mais simples, apenas para os amigos mais íntimos.

— Sim, mas não poderia perder essa chance, a filha dele coincidentemente estuda junto com a Livia, acredita?

— Ótima coincidência, farei um esforço extra. Obrigada pelo convite.

— Aguardamos você por lá.

PERIGOSAS ACHERON

Acenei com a cabeça em despedida e saí, retornei para minha sala, peguei minha bolsa, celular e deixei a empresa, cheia de relatórios e proposta para estudar. Precisava decorar cada ponto da proposta que produzimos e preparar uma apresentação para impressionar o cliente, era um contrato muito significativo, merecia toda minha atenção e eficiência para fazer uma explicação sucinta e perfeita.

Meu plano para o fim de semana era me debruçar nos relatórios e proposta, mas precisava comprar o presente de Livia e teria que ir a esse jantar, principalmente pela presença de um dos diretores da empresa, que certamente será nossa cliente, eu estava muito confiante e certa de que fecharíamos contrato.

Antes de ir para casa, passei em um *shopping*, almocei por lá. Fui à loja de brinquedos para comprar o presente de Livia, ela faria seis anos, era uma menina linda e muito esperta, mas eu não fazia ideia do que dar de presente a ela. Comprei uma boneca por recomendação da vendedora, segundo ela, era a última novidade e as meninas da idade de

PERIGOSAS NACIONAIS

Lívia adoravam. Depois passei em uma perfumaria e escolhi algumas fragrâncias, eu costumava mandar fazê-las, gostava de cheiros exclusivos e artesanais. Comprei alguns hidratantes, sabonetes e cremes para o rosto. Apesar da minha rotina de trabalho ser bem intensa, sempre tirei um tempinho para cuidar da minha vaidade, faço tratamentos estéticos regularmente, além de ter uma alimentação regrada, pratico atividades físicas diariamente. Eu me acho uma mulher linda, com todas as minhas rugas e marcas de envelhecimento que são impossíveis de omitir. Não tenho medo de envelhecer, mas uso meu dinheiro ao meu favor, já fiz cirurgias plásticas, procedimentos estéticos e costumo me vestir muito bem.

Retornei para o meu apartamento no fim da tarde, passei mais tempo no *shopping* do que eu previa. Comprei sapatos, bolsas e alguns ternos para o trabalho. Um deles, inclusive, era exclusivo para a apresentação de terça-feira.

Tomei um banho quente para relaxar, comi uma massa leve que comprei no trajeto, depois tomei um copo de água e ditei no sofá imenso da minha sala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Liguei o som, ouvi música clássica e relaxei, admirei a lua que abrilhantava a noite, pelas imensas janelas da minha cobertura.

Estava ansiosa para a apresentação da proposta para o cliente, mas nesse momento, tentei não pensar em trabalho, queria apenas relaxar e descansar. Estava tranquila e um rosto apareceu na minha mente, era o rapaz, o senhor Saulo Alvarez, abusado e surpreendente, mas que me provocou um sorriso tímido e até sentimentos desconhecidos, dos quais, nunca imaginei que voltaria a sentir.

Adormeci no sofá da minha sala, meu último pensamento foi no rapaz. Acordei bem cedo, no domingo eu sempre cumpria meu ritual matinal, hoje eu estava tão bem, que preferi não ir ao cemitério, mesmo tendo notícias para contar para Vera, sempre saía muito emocionada das visitas. Eu tive uma noite tão tranquila, como há muitos anos não conseguia, não entendi o motivo, mas precisava descobrir para continuar tendo noites bem dormidas como a de ontem. Levantei animada, tomei um banho, toquei de roupas e saí em direção à Casa abrigo.

PERIGOSAS ACHERON

Cheguei bem cedo no abrigo, as mulheres e filhos ainda tomavam café da manhã, sentei na mesa com eles e entre café e conversas, passamos uma manhã agradável. Nunca tinha me sentindo tão bem em estar aqui, como hoje. Creio que a boa noite de sono tem reflexos direto nisso. Depois da conversa informal que tivemos, acompanhei algumas crianças na realização de atividades dirigidas e até me arrisquei a participar de algumas atividades esportivas.

Almocei no abrigo, depois conversei com algumas mulheres e retornei por volta das três horas da tarde para o meu apartamento. Eu estava cansada, cheguei rapidamente, tomei um banho e tirei um cochilo, despertei no fim da tarde. Tinha duas mensagens do Antônio lembrando do aniversário de Livia. Vesti um vestido justo ao corpo, com um leve decote, calcei um salto agulha, fiz uma maquiagem leve, usei um perfume floral, peguei minha bolsa e saí.

Antônio morava em um condomínio de luxo, em uma casa espaçosa e muito bonita, ele sempre teve muito bom gosto. Fico muito feliz por vê-lo

PERIGOSAS NACIONAIS

bem e com a família que sempre desejou e eu não quis ter. Não tenho remorso pelas minhas decisões, e Antônio merecia ser feliz, esse foi um dos motivos para eu decidir por fim em nosso casamento, não o amava, sempre tive apenas um grande carinho e respeito por ele.

Quando cheguei, tinha poucos carros estacionado. Estacionei, peguei o presente, minha bolsa de mão com meu celular dentro e descii do carro. Mal toquei a campainha e Livia me avistou e correu em minha direção. Ela estava vestida com uma fantasia de fada, com asinhas e tudo. Ela estava com um sorriso tão lindo e singelo que foi impossível não o retribuir com outro sorriso.

— Tia Helena, você veio — ela disse pulando em meu colo e me abraçando forte.

— Oi, lindinha, sim e trouxe um presente para você.

Coloquei-a no chão e entreguei a sacola. Suas rápidas mãozinhas desfizeram o laço em poucos segundos, seus olhinhos brilharam ao ver a boneca.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada, tia, eu queria tanto essa boneca.

Dei um beijinho em sua testa e ela saiu correndo e gritando pela mãe para mostrar a boneca nova, toda animada. Antônio me avistou e veio me cumprimentar ao lado da esposa.

— Boa noite, Helena, que bom que veio — Antônio disse e me estendeu a mão.

— Boa noite.

Retribuí seu cumprimento com um sorriso singelo e depois estendi a mão para cumprimentar Luiza.

— Boa noite, Luiza.

— Boa noite, Helena, fique à vontade.

— Obrigada.

Depois de cumprimentá-los, afastei-me para dar uma volta pela casa, tinha poucos convidados, conforme Antônio tinha mencionado. Cumprimentei rapidamente algumas pessoas, muitos deles são funcionários e até clientes da

PERIGOSAS NACIONAIS

HML. Depois, saí em direção aos jardins da casa, estava deserto e parcialmente escuro, havia uma mesa decorada com bolo e docinhos no centro do jardim, tinha tema de fadas, nas cores verde e lilás. Dei uma volta no jardim, era lindo e bem cuidado com muitas flores e plantas ornamentais. Distraí-me olhando as flores variadas que ornavam naturalmente o lugar.

— Boa noite, senhora Helena.

Reconheci a voz e virei-me rapidamente.

— Senhor, Saulo Alvarez? — fiquei surpresa ao vê-lo.

— Desta vez, estou devidamente vestido — ele disse e abriu os braços, para que olhasse o elegante terno que vestia.

Senti um frio na barriga e fiquei nervosa igual uma adolescente vendo o namoradinho do colegial. Tentei disfarçar o nervosismo, não respondi e passei por ele apressada. Mas ele me deteve, parou em minha frente me impedindo de continuar o trajeto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Saia da minha frente, senhor Saulo. — disse em tom ríspido.

— Desculpe, eu não posso.

— Não pode ou não quer? — ironizei.

— Eu não quero, prefiro mil vezes ficar aqui admirando a sua beleza.

— Poupe-me, senhor Saulo, tenho mais o que fazer — disse desviando dele e apressando o passo para retornar para casa.

Ele me puxou pelo braço e me virou para ele, colocou nossos corpos e sem cerimônia me beijou. Dessa vez não resisti, não protestei ou quis afastá-lo, eu o queria e precisava daquele beijo.

— Fique comigo, Helena — ele sussurrou ao meu ouvido, arrepiando-me completamente. — Eu quero você.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Saulo

Despertei cedo, com o pensamento em Helena, eu estou louco para conhecê-la melhor e descobrir todo o mistério que a envolve, preciso beijar aqueles lábios novamente. Mesmo com a reação repulsiva dela, eu estou certo de que ela gostou.

Nem mesmo tomei café, saí assim que despertei, queria mandar flores para ela. Era sábado, por sorte não tinha nenhum compromisso profissional, apenas alguns ensaios externos que designei outros fotógrafos do meu estúdio para realizar. Eu precisava saber se ela estaria na empresa, então liguei para Antônio.

— Antônio é o Saulo, tudo bem?

— Tudo ótimo, Saulo. O que posso fazer por você?

— Eu gostaria de enviar flores para Helena, ela estará aí hoje?

— Flores? — ele perguntou confuso.

— Sim. É que eu... — tentei explicar, mas ele me interrompeu.

— Não precisa se explicar, Saulo. Sei o quanto Helena é bonita e atraente. Você está interessado nela? — ele perguntou animado.

— Não posso negar que gostaria de conhecê-la melhor, com a melhor das intenções, é claro — disse um tanto desconcertado por ter minhas intenções para com Helena descobertas.

— Ela virá sim, mas tenho a ocasião ideal para encontrá-la fora da empresa, jante conosco amanhã à noite, é o aniversário da Livia e Helena foi convidada, creio que ela faltará, mas inventarei

PERIGOSAS ACHERON

uma desculpa infalível para que ela compareça, e o resto é com você.

— Obrigado, Antônio. Helena realmente é uma mulher muito interessante, porém bastante arredia.

— Sim, mas ela tem os seus motivos. Fique certo de que só estou o ajudando, porque o conheço e sei que é um cara íntegro, Helena merece alguém de bom coração e caráter.

— Obrigado, meu amigo.

— Por nada, disponha, Saulo. Quero ser padrinho desse casamento — ele disse sorrindo, mas tinha certeza que estava sendo sincero.

— Quem sabe, não é?

— Até amanhã, Saulo.

— Até amanhã, Antônio.

Finalizei a ligação e saí animado para escolher as flores para ela, comprei um arranjo de margaridas, escrevi um bilhete e coloquei meu

número pessoal no verso dele. Quem sabe ela não me liga para agradecer as flores. Anotei o endereço do local de entrega, entreguei o cartão ao entregador, agradeci e depois retornei para o meu estúdio.

Passei a manhã toda olhando para o visor do meu celular. Tentei trabalhar, mas estava ansioso demais para saber de Helena, louco para receber uma ligação dela. Próximo do horário do almoço, saí impaciente, vaguei por alguns minutos sem destino, tentando me distrair. Desejei vê-la outra vez, sabia que ela estava trabalhando, então fui até o edifício da empresa dela, fiquei aguardando do outro lado da rua, com uma visão privilegiada para o estacionamento, enquanto aguardava por ela, lia o noticiário no meu celular. Cerca de uns vinte minutos depois, ela surgiu no estacionamento, entrou em um carro, mesmo distante, consegui vê-la nitidamente, com toda sua elegância, imponência e mistério, como ela era misteriosa! Tão linda e segura de si.

Helena era fechada demais, mesmo querendo chegar perto, precisava ir com calma e conquistar

PERIGOSAS NACIONAIS

sua confiança primeiramente, quero entendê-la e saber como cortejá-la. Ela manobrou o carro e saiu, aguardei alguns instantes e a segui de longe. Ela entrou em um *shopping*, passou em algumas lojas e depois parou para almoçar, almocei tão perto dela, mas ao mesmo tempo tão longe. Sempre a observando, cada movimento, gesto, queria saber mais dela, precisava descobrir quem é Helena.

Continuei observando, ela falava bem pouco, sorria menos ainda, mas mesmo assim era linda e despertava minha curiosidade de maneira inexplicável. Fiquei a tarde toda seguindo-a, com muito cuidado para que ela não percebesse, no fim da tarde, ela entrou em uma loja de roupas femininas e eu entrei na loja ao lado, escolhi um terno novo para ir no aniversário da Livia e se Antônio for convincente o suficiente, verei ela outra vez, mas dessa vez poderei me aproximar. Quando estava finalizando o pagamento, ela saiu da loja ao lado, esperei alguns minutos para deixar a loja e continuei seguindo-a. Dessa vez ela saiu do *shopping* e a segui até um edifício, creio que seja o lugar que ela mora, acompanhei ela entrar e depois retornei para meu apartamento.

PERIGOSAS ACHERON

Cheguei em poucos minutos, apenas para pegar minha bolsa, sempre deixava pronta para a prática de esgrima, depois parti em direção ao clube de esgrima. Costumava praticar sempre aos fins de semana e de vez em quando à noite, frequentava conforme minha disponibilidade, porém meu tempo livre me permitia praticar bem menos do que eu gostaria.

Praticava esgrima desde os doze anos de idade, herdei a paixão pelo esporte do meu avô paterno, ele foi esgrimista por anos, e foi ele quem me levou para assistir os primeiros duelos, encantei-me com o esporte. Cheguei a competir oficialmente e até ganhei um campeonato nacional absoluto com dezenove anos e no mesmo ano, fiquei em terceiro lugar em um campeonato mundial. Iniciei no esporte com o florete, depois sabre e hoje treino com espadas. Não treino mais para campeonatos, desde que fundei minha agência de publicidade, tive que abandonar completamente por conta das obrigações do trabalho. Depois que montei meu estúdio de fotografia, tive mais tempo para mim mesmo, inclusive, voltei a treinar, embora já não tenho mais o mesmo pique de antes, treino porque

PERIGOSAS NACIONAIS

sou fã do esporte e por saúde, é uma forma de me manter em forma. A esgrima exige muito do esgrimista, não apenas o esforço físico, mas exercita sobretudo a inteligência, os reflexos e o sentido tático.

Após o treino, retornei para casa exausto, deixei meus equipamentos na sala, enchi a banheira com água fria. Peguei duas cervejas e deitei para relaxar e amenizar as dores musculares pelo intenso exercício. Enquanto relaxava na água fria, degustei calmamente as cervejas. Depois de duas cervejas e longos minutos na banheira, levantei e tomei um novo banho, depois jantei e dormi bem cedo.

Acordei por volta das sete da manhã, desci para me exercitar na academia do meu edifício, depois tomei um banho e fui até a casa dos meus pais. Geralmente aos domingos, costumava almoçar com eles, dificilmente faltava, era sagrado, todos os domingos nos reuníamos em família e depois do almoço eu era voluntário no hospital infantil que a Sandra trabalhava. Eu participava de uma organização não governamental, composta por um grupo de artistas circenses, de rua, atores e

PERIGOSAS ACHERON

voluntários. Visitávamos as alas infantis para levar alegria para as crianças internadas.

O sol estava perfeito, um clima maravilhoso para um passeio de moto. Eu tinha uma moto estradeira, quando o clima estava bom, como hoje, gostava de sair nela, ela era muito significativa, foi batizada de Julieta, pelo meu avô paterno. Peguei o capacete e saí em direção a casa dos meus pais. Levei uma câmera fotográfica na mochila, na verdade, eu sempre andava com uma, gostava de fazer fotos espontâneas, sem horário marcado, sem planejamento, assim conseguia capturar a essência real das pessoas, elas sendo elas, como realmente são, sem máscaras.

Parei no trajeto para comprar o presente para filha de Antônio, o jornal de domingo e uma orquídea, a flor preferida da minha mãe. O jornal do domingo era para meu pai, era minha obrigação sacra dominical, comprar o jornal dele, desde de garoto cumpria essa tarefa. Cheguei por volta das dez da manhã, batia na porta e minha mãe veio me receber. Ela sempre tinha vários quitutes prontos especialmente para me agradar, ela fazia um bolo

PERIGOSAS NACIONAIS

de milho, que eu comia inteiro se possível, era tão delicioso e um dos meus sabores preferidos, remetiam à minha infância.

— Oi, filho, tudo bem?

— Oi, mamãe, como está?

— Estamos ótimos, pensei que não viria hoje, meu filho.

— E posso faltar, mamãe? — ironizei.

— Claro que não, a família é mais importante que qualquer coisa.

— Eu sei disso, mamãe — beijei a testa dela e coloquei o braço em seu ombro. — Isso é para você e aqui está o jornal do papai, onde ele está?

— Obrigada, meu filho, são lindas. Seu pai foi na mercearia aqui do bairro comprar alguns ingredientes para o almoço. E você como está?

— Estou bem. Sandra está trabalhando?

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, chegará antes do almoço.

— Como o papai está se comportando?

— Bem, meu filho, está se policiando, não sei o que disse a ele, mas ele está seguindo tudo direitinho.

— Perfeito.

— Olha o que fiz para você, bolo de milho verde.

— Obrigado, mamãe.

Passei o restante da manhã na companhia de meus pais, Sandra chegou pouco antes do almoço, almoçamos juntos e depois tirei um cochilo e acompanhei minha irmã até o hospital infantil que ela trabalhava. Sou voluntário da ONG, chamada Doutores da alegria, atuavam em cinco hospitais da região em dias alternados da semana. Eu só conseguia participar aos domingos, as visitas ocorriam no hospital que trata de crianças com câncer. Eu me voluntariei há uns dois anos atrás, fiz até um curso rápido de teatro, fantasiava-me de PERIGOSAS ACHERON

palhaço, mágico e já fui até príncipe encantado. Eu participava das visitas e brincadeiras dirigidas que realizávamos, adorava ver o rostinho das crianças, o sorriso espontâneo e o olhar sincero delas, não tinha dinheiro no mundo que fosse capaz de pagar o carinho que recebia delas, vê-las sorrindo em meio tanta dor física que sentiam, era impagável.

Terminamos as visitas, entrei no banheiro para trocar de roupas e limpar a tinta do rosto. Quando terminei, na saída do banheiro, Paula, uma das voluntárias da ONG, estava próximo da porta, já tinha se trocado e pelo visto estava me esperando.

— Oi, Paula, tudo bem?

— Sim, estou bem, eu queria uma carona, pode me ajudar? — ela perguntou com um sorriso malicioso nos lábios.

Óbvio que percebi sua intenção, mas apesar de ela ser bonita, não era meu tipo de mulher, eu gosto de conteúdo e não seios volumosos e curvas. Paula era atraente e sexy e já tinha se relacionado com boa parte dos voluntários da ONG, seguramente

não era o tipo de mulher que eu buscava para companheira. Dei graças a Deus por não ter trago um capacete reserva. Quando não me interessa, evito dar falsas esperanças, o que naturalmente ocorreria se concedesse carona a ela.

— Desculpe, Paula, eu estou de moto e não trouxe outro capacete, mas posso pagar um táxi para você se quiser.

— Não, Saulo, eu dou um jeito, não precisa se preocupar — ela se justificou ruborizada e nitidamente decepcionada com minha recusa.

— Tem certeza?

— Sim, Saulo. Obrigada!

— Tudo bem, até a próxima — acenei em despedida e saí.

Deixei o hospital e passei mais uma vez em frente ao edifício de Helena, parei por alguns instantes do outro lado da rua, olhei atentamente para o imponente e gigantesco prédio, como eu queria vê-la agora, mas verei daqui a pouco, isso

PERIGOSAS ACHERON

amenizou minha ansiedade.

O retorno até meu apartamento foi rápido, meus pensamentos foram em Helena, aliás ultimamente não tenho feito outra coisa. Confesso que costumo me envolver muito rápido por quem estou interessado, mas Helena me prendia bem mais do que qualquer mulher que já conheci. Havia algo nela que despertava meu interesse assustadoramente. Sim, assusta-me, principalmente o fato dela não demonstrar interesse algum ou não me permitir chegar perto e descobrir quem realmente ela é. Geralmente nesse tipo de situação, saio fora, mas com Helena era diferente, eu queria arriscar, queria conhecê-la, até bem mais que o medo de quebrar a cara e sofrer por alguém que não sente nada por mim.

Ao mesmo tempo que via uma mulher forte e destemida, os olhos de Helena me diziam o contrário, via fragilidade e tristeza no seu olhar, eu queria ver aqueles olhos azuis expressivos e hipnotizantes felizes. Eu não conseguia evitar os pensamentos nela, ela povoou minha mente tão rápido e em tão pouco tempo, que tinha medo do

que poderia sentir por ela, mas eu queria ir além, eu precisava ir além.

Finalmente chegou o momento, tomei um banho, vesti meu terno novo, passei meu melhor perfume e saí. Cheguei por volta das sete da noite na residência de Antônio, o carro que ela estava hoje, ainda não estava estacionado na frente da casa. Eu estava um pouco nervoso, entrei e entreguei o presente de Livia, depois cumprimentei Antônio.

— Boa noite, Antônio, obrigado pelo convite — estendi a mão e o cumprimentei.

— Que nada, Saulo, você já é de casa, fique à vontade. Logo mais Helena chega.

— Será que ela virá?

— Sim, inventei que um dos diretores de uma empresa que estamos negociando um contrato milionário era pai de uma amiga de escola da Livia, pode ter certeza que ela não vai faltar — Antônio acrescentou animado.

— Espero que ela compareça.

— Anime-se, meu rapaz, Helena só pensa em trabalho, certamente comparecerá. Vá beber alguma coisa, está muito tenso.

— Obrigado.

Circulei pela casa, cumprimentei alguns conhecidos, troquei algumas palavras brevemente, depois tomei uma taça de vinho e fui para os jardins na lateral da casa. Sentei em um banco de madeira, debaixo de um pergolado ornado naturalmente com algumas plantas, o que conferia pouca luz ao local, perfeito para um encontro romântico. O local que estava era deserto e um pouco afastado da casa e do movimento dos convidados, mas tinha uma visão privilegiada para rua, poderia ver o carro dela chegar. E não foi diferente, minutos depois, o carro dela chegou, fiquei de pés e acompanhei ela estacionar, descer e entrar na casa. Linda como sempre, aguardei alguns minutos para poder me aproximar, era o tempo em que ela cumprimentava os conhecidos. Mas ou eu sou um homem de muita sorte ou alguém lá em

cima está assinando em baixo os meus planos. Antes que eu entrasse na casa, ela veio para o jardim, continuei observando atentamente, esperei ela distrair-se e me aproximei.

Tentei de todas as formas ser o mais cortês e educado possível, mas ela não me dava qualquer abertura, arrisquei até uma piada, já que estava devidamente vestido para vê-la, o que na verdade não era uma piada, e sim verdade, mas ela pouco deu atenção e ainda tentou fugir de mim, mesmo com toda educação e polidez, eu não poderia deixá-la ir assim, tão facilmente, eu queria sentir o gosto da sua boca outra vez. Não resisti e puxei-a para meus braços, uni nossos corpos e tomei seus lábios em um novo beijo, dessa vez ela não resistiu, ela me permitiu beijá-la.

Cessei o beijo, mantive seu corpo colado ao meu e sussurrei no seu ouvido, implorando, nervoso e totalmente ofegante.

— Fique comigo, Helena, eu quero você.

Não esperei sua resposta, beijei outra vez, dessa

PERIGOSAS NACIONAIS

vez com mais voracidade, como sempre desejei beijá-la. Entrelacei as mãos em seus cabelos curtos e desci beijando seu pescoço lentamente.

— Não, senhor Saulo, por favor. Preciso ir — ela pediu ofegante, baixinho, quase que inaudível, eu sabia que não era isso que ela desejava, eu sabia que ela queria ficar.

Puxei em sua mão e a conduzi para próximo do banco de madeira, era um local mais reservado, ficaríamos mais à vontade. Ela não estava muito satisfeita, mas me acompanhou sem protestar.

— Por favor, Helena, eu quero conhecê-la melhor. Permita-me saber mais de você.

— Senhor Saulo, isso é leviano, eu não posso me envolver com ninguém, não faz parte dos meus planos.

— Planos foram feitos para serem refeitos, Helena. Eu não sei quais são os seus, mas direi quais são os meus para hoje, sair daqui com você — alisei seu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus olhos estavam escuros, suas mãos frias, ela estava nervosa e com medo, pela primeira vez, vi sua alma, era escura e quebrada. Abracei-a forte, o mais forte que pude, queria que ela sentisse o quanto àquele abraço era especial para mim. Ela não recusou, pelo contrário, correspondeu ao meu abraço, colocou os braços em meu pescoço. Permanecemos assim por alguns minutos, apenas abraçados, sem nada dizer. Até ela interromper nosso momento:

— Eu preciso ir, senhor Saulo — ela se afastou e tentou partir, mas a puxei novamente e levantei seu rosto, queria fitar seus olhos outra vez.

— Não me chame de senhor, chame-me somente de Saulo, não vá, fique comigo, Helena.

Ela sorriu lindamente como nunca tinha visto, mas foi breve, muito breve. Baixou a cabeça por alguns instantes e quando levantou, o sorriso lindo que vi há pouco, havia desaparecido, dando lugar ao semblante triste e amedrontado, que vi todas as vezes que tentei me aproximar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é muito galanteador, rapaz, mas não sou mais uma garota, dessas que você está acostumado a encontrar nas baladas e sair por uma ou duas noites. Já sou vivida e experiente o suficiente para entender que um rapaz atraente como você, não se encanta com mulheres como eu.

— Você é bem mais interessante que todas as mulheres que já conheci, Helena. Não é cantada barata, mas me encantei tão logo que a vi, você é linda e fascinante, deixou-me tão seduzido, mesmo que sem intenção, desde que a vi, não penso em outra coisa a não ser em me aproximar e descobrir os mistérios do seu coração.

— Cantadas baratas não funcionam comigo, senhor Saulo, ou melhor Saulo. — ela disse ríspida.

Puxei Helena novamente pelos braços e coleí nossos corpos repentinamente. Ela assustou-se com minha rápida ação, fixou seus olhos nos meus seriamente, abriu seus lindos lábios para dizer algo em protesto, mas meu olhar penetrante a silenciou. Eu queria provar que sou diferente e os seus julgamentos ao meu respeito estão errados. Inalei

PERIGOSAS ACHERON

profundamente seu cheiro adocicado e inebriante, aproximei-me tanto da sua face que senti sua respiração arfante. Até tentei formular algo inteligente para rebater seus argumentos generalizados, mas nossos lábios estavam tão próximos, que foi impossível conter o meu desejo de beijá-la. Tomei seus lábios novamente, ela correspondeu, mas pouco depois cessou nosso beijo e libertou-se dos meus braços e saiu, antes de partir, disse cabisbaixa:

— Desculpe, Saulo, não posso ficar.

Capítulo 7

Helena

Andei apressadamente, sem ao menos olhar para trás, não queria que Saulo me seguisse e muito menos que alguém nos visse juntos. Eu já sou uma mulher vivida e bastante experiente, para perceber as intenções de um homem. Saulo é só um rapaz em busca de aventuras e eu não preciso de aventuras a essa altura da minha vida, ainda mais com alguém bem mais jovem que eu, possivelmente imaturo e namorador. Minha vida já está ótima do modo como está, tudo monótono e perfeito como me habituei a gostar. Sou casada com o meu trabalho, com a minha empresa e não tenho tempo para flertes desnecessários.

Retornei para casa e mal coloquei os pés na sala

e Luiza me cercou. Parecia que estava me observando de longe. Até fiquei em dúvida se ela tinha me visto no jardim com Saulo, tive até vontade de questionar, mas desisti da hipótese, ao perceber o modo desdenhoso com que ela me olhava, inspecionando-me dos pés à cabeça.

— Está tudo bem, Helena? Está tão pálida, parece até que viu um fantasma.

Ela parecia divertir-se com a sua indagação descabida e sarcástica, mas ignorei sua provocação, mesmo não sendo do meu feitio levar desaforo para casa, estava nervosa demais para responder à altura da sua antipatia.

— Melhor impossível — respondi seco.

Um garçom passou próximo de nós, era a minha deixa, aproveitei para tomar uma taça de vinho, espumante ou qualquer coisa que pudesse me deixar mais calma e me afastar da companhia de Luiza.

— Com licença — disse saí em direção ao garçom para me servir.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tomei em poucos goles a taça de vinho, Antônio conversava animadamente com um grupo de pessoas, um deles eu desconhecia, poderia ser o tal diretor. Aproximei-me rapidamente, evitei olhar para trás, tive receio de cruzar o olhar de Saulo, não que estivesse fugindo, mas preferi evitar contato.

— Com licença, boa noite — disse ao me aproximar do grupo de pessoas.

— Boa noite, Helena. Algum problema? — Antônio questionou, olhando-me estranhamente, mas com um leve sorriso, parecia estar feliz.

Eu ia perguntar sobre o tal diretor, mas avistei Saulo se aproximando de nós, tentei agir o mais naturalmente possível. Mudei ideia e achei melhor me despedir e saí o mais rápido que pudesse dali.

— Eu vim apenas me despedir, estou com dor de cabeça, obrigada pelo convite.

— Calma, Helena, vamos cantar os parabéns, espere um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei novamente para trás e Saulo recostou-se na parede, bem próximo de nós, encarava-me sério, não mais com o olhar de rapaz galante e conquistador. Desviei o olhar dos seus olhos azuis intensos, e com muita insistência de Antônio, prometi que aguardaria até o momento dos parabéns.

Por sorte, instantes depois, Luiza anunciou o momento auge da festa. Os convidados se direcionaram ao jardim, eu aguardei perder o Saulo de vista e saí na companhia de Antônio. Antes de chegar no jardim, fomos interceptados por Luiza.

— Helena, ajude-me aqui, por favor.

— Ajudar com o quê, Luiza? — Antônio questionou estranhando o comportamento da esposa, embora eu não tenha dito nada, também fiquei surpresa.

— Coisa de mulher, Antônio, voltamos em um minuto.

Luiza entrelaçou o seu braço no meu e me conduziu novamente para o interior da casa. Eu não

PERIGOSAS ACHERON

fazia a mínima ideia qual “coisa de mulher” poderia ter para tratar com ela. Sempre nos tratamos com cordialidade, mas ela sempre fez questão de deixar bem claro que não tolerava minha amizade com Antônio, conseqüentemente desde que casaram, mantive distância e evitava ao máximo tratar assuntos pessoais com ele, devido ao ciúme e insegurança de Luiza, preferi me afastar. Ao chegarmos na cozinha, ela olhou em volta e mesmo percebendo que estávamos à sós, murmurou:

— Helena, seu batom está completamente borrado, precisa retocar. Se queria esconder que foi o Saulo quem o tirou, deveria ter o orientado a limpar a boca também, está na cara que se beijaram — ela disse amigavelmente, pela primeira vez senti afeição da parte dela.

— Oh! Claro. Vou no carro fazer isso agora mesmo — admiti desconcertada.

— Não precisa, venha comigo — ela me estendeu a mão e me conduziu até o quarto dela, pegou um batom no banheiro e me entregou com

um pequeno espelho.

Realmente estava borrado, limpei e passei o outro rapidamente. Depois retornamos para o jardim, cantamos os parabéns para Livia, e eu aproveitei o momento das fotos solenes para sair de fininho, sem ser vista.

Vi Saulo de relance por duas vezes, ele me encarou seriamente e eu desviei o olhar todas as vezes que o percebia me olhando. Ele não se aproximou mais, apenas me observou de longe. Não havia mais marcas de batom em sua boca, creio que alguém o alertou.

Por sorte, saí sem ser vista. Não me despedi de ninguém, não queria correr o risco de ceder as insistências para continuar por lá. Caminhei até meu carro e havia um papel preso no para-brisa. Peguei o papel para jogá-lo fora, mas tinha algo escrito, abri e li:

“A verdadeira idade é a da alma e não a do corpo.

Ass: Saulo, o rapaz de 31 anos, que sabe exatamente o que quer.”

Sorri com a petulância e criatividade do rapaz, guardei o bilhete, entrei no carro e retornei para casa. Durante o trajeto, pensei em Saulo, no bilhete e nos beijos que trocamos. Ele é um rapaz interessante, mas não para mim, não consigo conceber um relacionamento com um rapaz como ele, tão jovem e imaturo, apesar de que às vezes, percebi nele tanta segurança e serenidade, talvez possa estar enganada, mas nem um pouco interessada em descobrir. Prefiro evitar, aliás, relacionamentos para mim, é um assunto muito difícil.

Depois de Cláudio, deixei de acreditar que temos uma alma gêmea, alguém que nos complete tão perfeitamente que é impossível ficar longe um do outro. Apesar de ter casado outra vez, nunca ameí Antônio, sempre tive muito carinho e admiração por ele, esse é um dos piores erros de uma mulher, casar-se apenas por apreço. Não me

arrependo das minhas escolhas, sou realizada e satisfeita com a vida que tenho hoje.

Cheguei no meu apartamento, tomei um banho e depois fiquei longos minutos analisando meu corpo diante do espelho. Algumas linhas de expressões já se tornavam evidentes em meu rosto. Meu corpo tinha algumas estrias e celulites e já não tinha mais a mesma jovialidade e beleza de outrora. As cicatrizes no meu antebraço, eram quase imperceptíveis, depois de inúmeros procedimentos estéticos que realizei para omiti-las, ainda doía na alma todas às vezes que eu as tocava. Fiz diversos tratamentos psicológicos, terapias e ainda participo de terapias em grupo no abrigo, mas nenhuma dela foi capaz de me libertar de todo trauma e violência que sofri nas mãos de Cláudio. Eu registrava as lembranças de cada cicatriz no meu corpo, recordava exatamente como foram produzidas. Tentei de todas as formas esquecer-las, enterrá-las, mas estão cravadas na minha alma, como uma parte de mim, que me impediam de amar novamente.

Vesti uma camisola, tomei um copo de leite e deitei. Rolei por horas tentando dormir, mas estava

agitada demais para isso. Levantei, liguei o *notebook* e tentei produzir algo para apresentação do nosso futuro cliente, não consegui fazer nada satisfatório. Voltei para cama e embora tentasse evitar, quando fechava os olhos, lembrara de Saulo. Recordei mentalmente cada segundo que estive em seus braços, cada beijo, abraço e isso foi aos poucos me acalmando, deixando-me serena, a tal ponto que adormeci outra vez pensando no rapaz.



Enfim era terça-feira, cheguei cedo na empresa, estava muito ansiosa pela reunião com nossos futuros clientes. Era um contrato milionário e muito importante para HML. Passei o domingo trancafiada no meu apartamento para produzir a apresentação de hoje e estudar cada ponto dos relatórios que produzimos. Ontem, eu e Antônio, terminamos de organizar uma possível contraproposta e discutimos os pontos mais relevantes.

Eu fazia a apresentação da proposta principal e Antônio ficou responsável por guiá-los em uma visita dirigida aqui na sede da HML, em dois centros de distribuições e em um porto que operávamos. Repassei mentalmente a apresentação, estava tranquila, apenas um pouco ansiosa, quando finalizei tudo, Juliana entrou com um vaso de flores nas mãos.

— Bom dia, Helena, entrega para você — ela disse animada.

— Bom dia, Juliana.

Coloquei o vaso na mesa e retirei o cartão, era um girassol solitário com um laço dourado, ornando o vaso de vidro com detalhes dourado, era simples e muito bonito. Imediatamente um sorriso bobo tomou meus lábios, abri o cartão para lê-lo, nem me importei que Juliana estava me observando, estava afoita por notícias do rapaz, mas meu sorriso desapareceu na mesma rapidez que surgiu, não foi ele o remetente.

— E então, Helena? Fechou a cara tão

PERIGOSAS NACIONAIS

rapidamente, o que diz o cartão?

— Nada relevante, Antônio está apenas desejando boa sorte na apresentação.

— Então foi o Antônio? Poxa, eu estava torcendo para que tivesse sido o Saulo, aquele fotógrafo lindo.

— O quê? Como assim, Juliana? — perguntei nervosa.

Será que ela sabia de algo? Não, ela não estava no aniversário de Livia. Ou estava? Talvez não a tenha visto e ela nos viu juntos, fiquei apreensiva com a possibilidade.

— É que eu percebi o jeito que ele te olhou, tenho certeza que tem interesse em você, Helena.

— Não, seguramente, não — enfatizei ruborizada e um tanto desconcertada. — Traga o meu café, por favor.

— Tudo bem.

PERIGOSAS ACHERON

Juliana saiu e eu respirei aliviada, pedi meu café para mudar o rumo da conversa, não sei por qual motivo, mas ficava embaraçada ao falar de Saulo. Acho que talvez a diferença de idade que temos me deixa desconfortável, principalmente para falar sobre a corte que ele tem me feito ou pelo menos tentou fazer, mas sem sucesso, já que o dispensei todas as vezes e desde o último domingo, não o via ou tive notícias dele. Creio eu que ele tenha percebido meu desinteresse em aventuras e desistiu dessa loucura. É tudo que eu menos preciso nesse momento, envolvimento amoroso, ainda por cima com alguém com idade para ser meu filho.

— Com licença — Juliana entrou trazendo meu café da manhã. — Aqui está seu café e recebi uma ligação agora a pouco, o cliente confirmou a reunião para hoje às 10h, porém temos um pequeno problema.

— E qual seria? — recostei na cadeira, cruzei os braços aguardando o que ela diria.

— Bem, um dos sócios majoritários, que está aqui no Brasil, é tcheco e não fala português, eles

até possuem um tradutor, mas ele precisou ser hospitalizado, teve um mal-estar. O Antônio estava na recepção comigo e ouviu tudo, ele pediu que eu sugerisse que remarcássemos a reunião, mas o sócio quer resolver isso hoje mesmo, já embarca amanhã para Praga.

— Providencie outro tradutor com urgência — olhei no meu relógio de pulso — temos menos de duas horas, ligue para a agência de tradutores.

— Eu já fiz isso, Helena, mas não tem ninguém que fale tcheco.

— Não? Como não? Não é possível que uma agência tão bem renomada e que já nos prestou excelentes serviços não tenha um tradutor que fale tcheco.

— Eles se prontificaram para tentar encontrar alguém, mas não prometeram nada.

— Droga! Isso pode dificultar nossas negociações.

— Vou tentar ligar para a agência novamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, Juliana. O Antônio já está na empresa?

— Sim, está.

— Peça para ele vir aqui com urgência.

Juliana saiu e eu tomei meu café rapidamente, até perdi a fome de tão preocupada. Não poderíamos perder a chance de apresentar nossa proposta para o responsável pela tomada de decisões da empresa, mas a ausência de um tradutor dificultaria muito nossa comunicação e interação. Minutos depois Antônio entrou.

— Oi, Antônio — levantei para cumprimentá-lo.

— Oi, Helena, preparada para fechar esse contrato milionário? — ele disse alegremente e cumprimentou-me com um beijo no rosto.

— Estou mais que preparada, o problema é arrumarmos um tradutor para que seja sucesso absoluto.

PERIGOSAS ACHERON

— Juliana ficou de ligar para agência de tradutores, não conseguiu ninguém?

— Não, é difícil, Antônio, precisamos de um tradutor que seja fluente em tcheco.

— Tcheco? — ele arregalou os olhos assustado.
— Ele não fala outra língua?

— Pelo visto não, já que anda com um tradutor à tiracolo, o problema é que o tal tradutor teve um mal-estar e está hospitalizado.

— Sim, sim, eu ouvi a Juliana falando ao telefone, mas não pensei que fosse tcheco.

Juliana entrou rapidamente, apreensiva e disse:

— Desculpe, gente, mas não conseguiram ninguém para ajudar. Até tentaram com um amigo do dono da agência que chegou de Praga recentemente, mas ele não está na cidade.

— Droga! — disse preocupada.

— Praga! Claro, é claro, como não lembrei
PERIGOSAS ACHERON

disso antes — Antônio exclamou animado.

— Conhece alguém que possa ajudar, Antônio?
— perguntei esperançosa.

— Sim, conheço. Só um instante.

Antônio pegou o celular, afastou-se um pouco de nós e discou para alguém, andou de um lado a outro na sala, passou as mãos no cabelo lentamente, demorou alguns instantes e depois retornou.

— Não consegui contato, vou ver se consigo ligar no telefone fixo.

Ele novamente discou e em poucos minutos foi atendido.

— *Alô, o Saulo Alvarez, por favor. É o Antônio. Ok... Certo, tudo bem, obrigado.*

Confesso que ouvir o nome Saulo, provocou-me um frio na barriga, embora eu ainda não fazia ideia de como ele poderia ajudar, meu nervosismo só aumentou. Antônio finalizou a ligação e passou as mãos pelos cabelos nitidamente preocupado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele saiu para fazer uma sessão de fotos externa, a secretária disse que só no celular pessoal dele, mas eu não tenho o número, vou ligar para a Luiza, talvez ela tenha.

— Como ele poderia ajudar? — questionei.

— Saulo estudou alguns anos na FAMU, a escola de cinema e TV da academia de artes cênicas de Praga, pelo tempo que morou por lá, é natural que saiba falar o idioma local.

— Entendi, talvez eu possa ter em um cartão aqui, só um instante — disse e caminhei até a minha mesa, procurei pelo cartão que recebi com as margaridas.

Eu tinha guardado em uma das minhas gavetas, peguei o cartão rapidamente e retornei ao encontro de Antônio. Estendi o cartão em sua direção.

— Aqui está, creio eu que seja o número pessoal dele.

— Se ele enviou o cartão para você, então ligue você mesma, Helena.

PERIGOSAS ACHERON

— Você pode fazer isso, Juliana? — perguntei.

— Claro, Helena.

Juliana caminhou em minha direção e antes de pegar o cartão, Antônio o pegou da minha mão.

— Deixe que eu mesmo ligo. — Antônio falou não muito satisfeito. — Pode ir Juliana, obrigado.

Juliana saiu e Antônio olhou atentamente o pequeno cartão, depois discou o número. Eu estava apreensiva, não sei se pelo fato dele estar falando com Saulo ou pela ausência de um possível tradutor, o que dificultaria enormemente nossa negociação.

— *Alô, Saulo, tudo bem? Estou precisando de um enorme favor seu, receberemos um cliente e apresentaremos uma proposta para formalização de um contrato, mas precisamos de um tradutor que fale tcheco, você poderia nos ajudar?* — Antônio fez uma longa pausa, depois olhou para mim. — *Entendo, seria para agora, é bom que assista à apresentação antes e se prepare juntamente com Helena, não se preocupe que*
PERIGOSAS ACHERON

pagaremos o valor em dobro, posso contar com você, meu amigo? Tudo bem, vou passar o recado, obrigado, Saulo.

Antônio encerrou a ligação e olhou para mim sério e apreensivo, eu que já estava ansiosa, quase marcando o piso da minha sala de tanto andar em círculos, não aguentei o olhar pensativo dele e gritei angustiada:

— E então? Ele pode nos ajudar?

— Poder até pode, mas ele quer que você ligue pessoalmente para ele, deseja negociar os custos diretamente com você.

— Droga! — resisti por alguns instantes, mas o tempo estava passando e não tínhamos encontrado outra solução viável, ou melhor outra pessoa para executar o serviço. — Eu vou ligar, não temos escolha, empreste-me o seu celular.

— Ligue do seu mesmo, Helena, tenho de fazer uma ligação para o encarregado do porto que visitaremos, preciso saber se está tudo em ordem por lá. Até daqui a pouco. — Antônio me devolveu

PERIGOSAS ACHERON

o cartão e saiu da sala.

Peguei o celular, olhei atentamente o visor, relutei por alguns instantes em ligar, mas não tinha escolhas. Eu acho que tinha medo de vê-lo novamente, ficar próximo dele outra vez, não sabia ao certo. Disquei o número e rapidamente ele atendeu, quando ouvi sua voz rouca do outro lado da linha, meu coração disparou, fiquei momentaneamente sem palavras.

— Alô.

— Oi, senhor Saulo, é a Helena, tudo bem? — quase não consegui concluir de tão nervosa.

— Olá, Helena, em que posso ajudá-la?

— Antônio já lhe informou a nossa necessidade, eu estou ligando para negociarmos o valor dos seus préstimos.

— Sem formalidades, Helena, serei o mais objetivo possível. Eu quero que pouse para mim.

— O quê? Não, isso não é pagamento, estou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

falando de dinheiro, quanto custa os seus préstimos?

— Não quero dinheiro algum, quero apenas que pouse para mim em troca dos meus préstimos, simples assim.

— Não, isso está fora de questão — protestei.

— Tudo bem, boa sorte, Helena, precisará de muita para encontrar outro tradutor.

Ele desligou o telefone na minha cara, fiquei enfurecida, tive vontade de ligar outra vez e xingá-lo de um monte de nomes, mas lamentavelmente eu precisava dos serviços dele, mesmo que o custo fosse altíssimo, já que fotos me deixava desconfortável. Pensei por alguns minutos, mas as horas estavam passando, não poderia postergar essa decisão, que somente eu poderia tomar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

Saulo

— Ela é difícil, mas eu sou persistente, ela vai ligar outra vez pode ter certeza, meu caro Arthur.

— Será? Tenho minhas dúvidas, você disse que ela é arredia e não aceitou bem suas investidas. — Arthur acrescentou pensativo.

— Eu sei que é, mas já faço ideia do motivo. No sábado, depois da festa da Lívia, conversei com Antônio, ele não contou exatamente o motivo, disse que não cabia a ele falar do passado de Helena, mas já desconfio o porquê de ela ser tão fechada. Fiz minhas pesquisas, meu caro.

— E o que descobriu?

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes de responder Arthur, meu celular tocou novamente, era ela, reconheci pelo número, sorri exultante ao vê-lo no visor do meu celular. Esperei um instante antes de atender, a fim de diminuir minha excitação.

— Alô.

— É a Helena novamente. Por que quer fotos minhas?

— Para abrilhantar minha coleção particular, não divulgarei para ninguém. Serão apenas para minha apreciação.

— Por que faz tanta questão? Não consigo entender — ela disse com a voz trêmula.

Tinha algo estranho na voz dela, ela fez longas pausas, como se estivesse travando uma batalha interna contra o orgulho para poder dizer o que eu queria ouvir.

— Não entenda, apenas aceite minha oferta — retruquei.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu aceito — ela disse baixinho, quase que inaudível.

Ouvi sua respiração ofegante, fiquei momentaneamente sem ter o que dizer, ela parecia estar nervosa, quisera eu acreditar que era por estar falando comigo.

— Chego em dez minutos, até logo, Helena.

— Até logo, senhor Saulo.

Encerrei a ligação feliz por ter conseguido um encontro com ela, ou melhor, uma sessão de fotos, mesmo ela demonstrando incômodo, dessa vez eu tenho certeza que conseguirei capturar a alma dela.

— E então? Não vai me contar o que descobriu? — Arthur perguntou interrompendo meus pensamentos.

— É uma longa história, contarei em outra ocasião, agora preciso ir, assumo a sessão de fotos, por favor.

— Certo, Saulo. Estou curioso para ver as fotos

PERIGOSAS ACHERON

dessa tal Helena, você está tão interessado nela, como nunca tinha visto antes, imagino que ela deve muito gata.

— Sabe que não escolho mulher pela beleza exterior, mas para saciar sua curiosidade, sim, Helena é lindíssima.

— Eu sabia que esse papo de que não curte beleza externa é só balela. — Arthur zombou.

Sorri com o comentário dele, ele me conhece muito bem e sabe que prefiro o conteúdo do que o frasco. Peguei a chave do carro e saí para cumprir meu trato com Helena, antes de ir para empresa dela, passei no meu apartamento para trocar de roupas, tomei um banho rápido e vesti um terno. Instruí Vanessa a repassar todos as minhas sessões, no decorrer do dia, para Arthur e Flávio. Não tinha ideia do horário que retornaria, então achei melhor para não falhar com os meus clientes.

Levei poucos minutos para chegar na sede da HML, por sorte, a sessão de fotos externa que estava fazendo era próximo do meu apartamento. Já

se passava das 9 da manhã, estacionei, passei um perfume, conferi o hálito e saí. Ao chegar na recepção, já tinha um crachá provisório com o meu nome e uma assistente me guiou até o andar da diretoria. Estava ansioso, nervoso talvez, não sabia ao certo, a única certeza que tinha é que eu estava adorando ter a chance de estar próximo de Helena outra vez.

As portas do elevador se abriram e a assistente de Helena já estava à minha espera.

— Bom dia, senhor Saulo, acompanhe-me por gentileza.

— Bom dia, apenas Saulo, por favor.

— Ok. A Helena já está te aguardando.

— Obrigado.

Seguimos pelos imensos corredores do luxuoso andar da diretoria, paramos diante de duas portas imensas, ela fez sinal para que eu entrasse, deu um sorriso educado e saiu. Respirei fundo e abri a porta devagar, avistei Helena de costas em pé,

PERIGOSAS ACHERON

contemplando a paisagem urbana de Guarulhos, pelas imensas vidraças do imponente escritório. Fechei as portas silenciosamente e me aproximei sorrateiramente, queria observá-la um pouco mais, antes de ser notado. Ela era linda, tão segura, tão séria e ao mesmo tempo transparecia ser tão frágil, eu ainda estava confuso com a impressão que tive de Helena, mas a cada descoberta sobre ela, sentia-me mais convencido que precisava ir adiante, precisava descobrir quem realmente ela é. Embora, seu modo de agir e a forma como resisti duramente se envolver comigo, quase me fizeram desistir, eu não consigo evitar de pensar nela e conseqüentemente, fiz minhas pesquisas e o pouco que descobri me fez entendê-la um pouco melhor. Sei que o primeiro casamento dela foi conturbado, Antônio deixou escapar, creio que ela tenha sofrido algum tipo de violência física, por isso mantêm uma casa abrigo para mulheres que passaram pelo mesmo que ela, depois dessas descobertas, preciso ir com mais calma, conquistar sua confiança e provar que realmente desejo estar ao lado dela. Passei alguns minutos, contemplando-a, totalmente perdido nas minhas reflexões, ela balançou os cabelos suavemente, quase que percebeu minha

presença, então a cumprimentei:

— Bom dia, Helena.

Ela se virou rapidamente, nossos olhares se conectaram de imediato, ficamos alguns segundos apenas nessa troca de olhares intenso em completo silêncio. Aproximei-me, mantendo contato visual, dei a volta na mesa e fiquei perto, muito perto dela, estendi a mão para cumprimentá-la, ela retribuiu, curvei-me e beijei sua mão demoradamente.

— Bom dia, senhor Saulo — ela disse e puxou sua mão da minha, desviando o olhar rapidamente.

— Estou à sua disposição — acrescentei fazendo sinal de reverência.

— Sente-se por favor, explicarei o que necessita fazer. Precisamos que traduza a apresentação da proposta comercial que elaboramos para nosso futuro cliente, aqui está o resumo da apresentação — ela me entregou uma pasta com algumas folhas de papéis dentro.

Fiz uma rápida leitura, apesar de ter muitos
PERIGOSAS ACHERON

termos técnicos, conseguiria facilmente traduzir. Morei em Praga por três anos, fiz alguns cursos de aperfeiçoamento em fotografia e mestrado, antes de mudar para lá, frequentei, inclusive, curso de idiomas. Não seria difícil, aliás, seria muito prazeroso, estar na companhia dela o dia inteiro.

— Eu consigo — afirmei.

— Ótimo. Espero que corresponda à altura, pois eu estou pagando um preço altíssimo pelos seus préstimos, senhor Saulo.

— Se quer que nosso trato der certo, tenho algumas objeções a fazer. Primeiro, não me chame de senhor, chame-me apenas de Saulo. Segundo, eu estou abrindo mão de uma agenda bem cheia para estar aqui para ajudá-la, por um único motivo: nem tudo na vida é dinheiro, Helena e terceiro, não menos importante, se depender de mim, farei o que for possível para que obtenha sucesso hoje, mas quero você tenha o mesmo empenho na sessão de fotos. Combinado?

— Eu cumprirei a minha parte, desde que faça a

sua primeiramente.

— Você pode confiar em mim, não sou irresponsável, como pensa, sou um homem e tenho palavra, acho que já deveria ter percebido isso, Helena.

Ela ficou em silêncio, observando-me atentamente, tenho certeza de que pensou em algo para rebater o que eu havia dito, mas desistiu. Desviou o olhar, folheou alguns papéis sobre sua mesa e tentou disfarçar seu nervosismo, não sei se pela minha presença ou o fato da reunião importante que teria em breve, prefiro acreditar que sou eu o motivo do nervosismo dela. Ficamos por alguns longos minutos em um silêncio cortante e de certo modo incômodo, se não fosse pelo fato de estar diante dela. Ela logo disfarçou e se entreteu com algum afazer, redigia algo no *notebook* atentamente. E eu fingia que estava lendo o resumo da apresentação que ela tinha me fornecido, na verdade, eu estava mesmo era preso admirando-a, tão perto e ao mesmo tempo tão longe e inacessível, embora estivesse ali tão disponível ao meu toque.

Helena era sem dúvida uma mulher muito interessante, não apenas pela beleza externa, mas via nela algo que poucos conseguiam enxergar, eu via a sua alma, seus medos e receios de se envolver com alguém, não era apenas nossa diferença de idade que a impedia de se entregar, ela carregava traumas mais profundos, dos quais eu estou começando a entender. Eu quero colocar um sorriso nesses lábios tão lindos, para embelezar ainda mais esse rosto divino.

— Alguma dúvida, Saulo?

— Não, compreendi tudo perfeitamente.

— Ótimo — ela puxou a manga da camisa para descobrir o relógio de pulso. — Eles chegarão em breve, acho melhor irmos para sala de reuniões. Deseja de algo mais?

Ela evitava me encarar, desviava o olhar, levantou rapidamente e parou próximo de mim, levantei para segui-la.

— Sim — meu subconsciente respondeu mais rápido do que eu fui capaz de pensar coerentemente

PERIGOSAS ACHERON

para responder, na verdade eu desejava beijá-la, desde que a vi.

— Água, café ou um suco, talvez? — ela questionou.

— Ah! Não, não, estou bem, obrigado.

— Então vamos para sala de reuniões.

Ela saiu e eu a segui pelos corredores da empresa. Encontramos Antônio com um grupo de pessoas no corredor, antes de entramos na sala de reuniões. Era o futuro cliente que aguardavam, juntamente com outro sócio brasileiro e uma espécie de assistente tcheca, a mesma que não tirava os olhos de mim. Antônio fez uma rápida apresentação de todos, eu traduzi as palavras dele, depois os acompanhei por uma visita rápida pela sede da HML. Concluída à visita, entramos na sala de reuniões, nos acomodamos e fiquei ao lado do tcheco, para facilitar a tradução da apresentação de Helena. Foi uma apresentação concisa e muito boa por sinal, consegui traduzir tudo corretamente.

Após a apresentação, reuniram-se brevemente
PERIGOSAS ACHERON

para discutir o contrato. Tivemos um breve intervalo, Juliana, assistente de Helena, providenciou um *coffee break*, para o intervalo, Helena trocou algumas palavras com Antônio e ele saiu da sala falando ao telefone, aproveitei para tomar um café e água, minha garganta estava seca. Tomei água e mal coloquei o café na xícara e fui interrompido.

— Com licença, Saulo, não é? — a funcionária tcheca se aproximou, falando sua língua materna, nitidamente se insinuando.

Ela era muito bonita e atraente, não tirou os olhos de mim desde que chegou. Evitei seus olhares provocantes, não tinha olhos para outra mulher nesse momento, mesmo assim ela fazia questão de ficar próxima de mim e se insinuar sempre que tinha chance.

— Sim, Saulo — respondi e tomei distância para que ela entendesse que não tenho interesse.

— Eu sou Ágata, estou precisando de um guia turístico para conhecer São Paulo hoje à noite, será

que posso contar com você? — ela disse e se aproximou novamente.

— Desculpe, mas infelizmente não poderei ajudá-la.

— Bem, se mudar de ideia, estarei esperando — ela tirou um cartão de visita do bolso interno do blazer e escreveu algo no verso. — Estou hospedada nesse hotel, esse é o número da minha suíte, terei o maior prazer em recebê-lo.

Peguei o cartão por educação, iria responder de modo educado e cortês, mesmo não tendo interesse, não é do meu feitio ser deselegante com uma dama. Antes de responder, Helena se aproximou de nós, interrompendo-nos.

— Podemos retomar, senhor Saulo, ou prefere continuar com o flerte? — disse ela com a voz séria e firme, em tom totalmente desdenhoso.

Olhei rapidamente em volta, achando que todos já haviam retornado, mas só estávamos os três na sala.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, senhora Helena, e para seu governo não estou flertando — respondi seco.

— Algum problema, Saulo? — Ágata questionou confusa.

— Não, nenhum, mas não posso acompanhá-la, lamento — devolvi o cartão a Ágata. — Já tenho companhia para essa noite, ela é minha namorada.

Passei o braço no ombro de Helena e Ágata imediatamente omitiu seu sorriso sedutor, olhou para Helena inspecionou-a dos pés à cabeça, acenou desconcertada com a cabeça e retornou para mesa. Helena ficou em silêncio, aguardando Ágata tomar distância, para nos garantir privacidade, depois retirou meu braço do seu ombro.

— O que disse a ela, senhor Saulo?

— Nada de senhor, já disse, Helena — adverti.

— O que falou para ela? Ela saiu tão rapidamente e quase me engoliu com os olhos — ela insistiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela me fez um convite e eu recusei.

— Não precisa falar tcheco para perceber que ela estava te dando mole, e você parecia estar bem animadinho, não é mesmo? — ela desdenhou.

Sorri com o seu comentário, muito satisfeito, será que Helena estava enciumada? Se sim, isso era um bom sinal.

— Só tentei ser educado e a dispensei de modo cortês. Apenas isso.

— E porque ela me olhou tanto antes de sair?

— Eu disse que não poderia sair com ela porque você é minha namorada.

Ela ficou imóvel, sem ter o que dizer para rebater minhas palavras.

Tomei um longo gole de café, que já estava frio por sinal, devolvi a xícara para mesa, Helena continuava parada próxima de mim, como se não acreditasse no que tinha dito a Ágata.

PERIGOSAS ACHERON

— O que foi? Algum problema, Helena?

— Eu não acredito em você — ela esbravejou.

— Então pergunte você mesma. É uma pena que não entenda o idioma dela, mas tenho uma solução muito viável.

Aproximei-me de Helena, inalei profundamente seu cheiro adocicado, meus lábios curvaram-se em um pequeno sorriso de satisfação, por estar tão perto dela. Acaricieei seu rosto lentamente com a costa dos dedos. Estava tão próximo dela, senti sua respiração ofegar, não consegui resistir o desejo de beijá-la, eu segurei no seu queixo e beijei seus lábios macios e avolumados, ela retribuiu meu beijo, eu desejei por isso desde o momento em que a vi hoje cedo. Foi um beijo casto e suave. Afastei-me e beijei sua testa demoradamente, com as mãos ao lado do seu rosto.

— O que está fazendo? — ela perguntou aturdida.

— Provando o que disse, Helena. Você é minha namorada.

Os olhos dela brilhavam, fiquei perdido na imensidão do azul daqueles olhos. Desejei naquele instante estar de pose da minha câmera fotográfica, era a primeira vez que conseguia vê-los de modo tão profundo. Entrelacei as mãos em seus cabelos e trouxe sua boca para o encontro da minha outra vez, beijei-a carinhosamente, ela não resistiu, pelo contrário, retribuiu o beijo e pousou suas mãos em minhas costas firmemente, nos beijamos longamente. Cessei o beijo e a abracei com ternura, pela primeira vez senti o calor que emanava do seu corpo, senti que ela deseja o mesmo que eu. Eu queria Helena de todas as formas possíveis e naquele abraço, percebi que eu nutria sentimentos por ela.

— Creio que fui convincente o suficiente, ela até saiu da sala — disse com as mãos pousadas na lateral do seu rosto, forçando-a me encarar

Olhei em volta e percebi que estávamos sozinhos na sala, antes que ela fugisse outra vez, como sempre fazia, aproveitei para surpreendê-la. Flexionei o joelho diante dela, tomei sua mão

esquerda, beijei-a longamente, uma mistura de excitação e esperança tomou meu coração, então levantei o rosto para fitá-la, ela parecia confusa e tentava entender minha atitude.

— Helena, quer namorar comigo?

Capítulo 9

Helena

Engoli em seco ao ouvir seu pedido, fiquei completamente sem ar, atônita diante dele, não soube o que responder, vi na imensidão dos olhos azuis de Saulo, tão fixos em mim, que era um pedido sincero, e mesmo com a simplicidade da resposta, que meu coração já tinha, mas minha razão ignorava a dar ouvidos. Fiquei totalmente surpresa com a atitude dele, não sei se pelo fato de nunca ter recebido um pedido desses ou porque estou louca para dizer sim. Ele permaneceu na mesma posição, com um sorriso angelical nos lábios, sem tirar os olhos dos meus, acariciou minha mão suavemente, aguardando pela minha resposta. Mas ali não era o momento nem o lugar para tratar de nós. Nunca pensei que usaria nós para

PERIGOSAS ACHERON

me referir a mim e Saulo. Curvei-me um pouco e murmurei:

— Por favor, podemos tratar desse assunto em outro momento?

— É uma pergunta direta com uma resposta mais direta ainda, Helena.

— Eu sei, eu sei, mas podemos tratar disso em outra ocasião? — eu estava trêmula, nervosa, com medo de ser surpreendida em pleno expediente de trabalho.

— Quando?

— Em outra ocasião fora da empresa, levante-se, por favor — pedi nervosa

— Hoje à noite, aceite jantar comigo no meu apartamento?

— Podemos nos ver em outro lugar, não acha melhor?

— Não, no meu apartamento às 20h, ou
PERIGOSAS ACHERON

permanecerei aqui ajoelhado até ouvir sua resposta.

— Tudo bem, hoje às 20h.

Ele levantou com um sorriso de satisfação nos lábios, beijou-me castamente mais uma vez e depois me abraçou forte, tão forte que senti vontade de permanecer em seus braços por mais tempo. Ouvimos um barulho de alguém limpando a garganta, como se quisesse chamar atenção e informar que já não estávamos à sós.

— Com licença. — Juliana fez uma pausa, contendo sua euforia por nos ver próximos, muito próximos, por sinal. — Antônio levará os clientes para a visita no porto, vocês irão acompanhá-los?

— Não, eu ficarei, Juliana. Verifique apenas se é necessário a presença do senhor Saulo, por favor.

— Claro, volto num instante.

Juliana saiu e eu enfim respirei aliviada, fiquei constrangida por ter sido surpreendida por ela.

— Não me chame de senhor, Helena.

— Desculpe, estamos em ambiente de trabalho, a formalidade se faz necessária.

— Mal posso esperar pelo nosso jantar e a sua resposta — ele retirou uma porção de cabelos do meu rosto e alinhou-os atrás da minha orelha. — Tem certeza que vai me deixar na ansiedade até às 20h?

Não contive o sorriso, Saulo era educado, carinhoso e estava conseguindo romper minhas barreiras como ninguém havia conseguido em muitos anos. Fazia tempo que não sentia tantas emoções como agora, não posso negar que Saulo mexe comigo.

— Saulo, precisamos conversar antes, eu, eu...

Saulo interrompeu minhas palavras com um novo beijo, eu não conseguia mais resistir seus beijos, mesmo com todo o medo de me envolver com ele, inexplicavelmente seus beijos e abraços aqueciam meu coração, de modo tão puro e intenso, que era impossível recusá-los.

— Por favor, Saulo, aqui não. É meu ambiente

PERIGOSAS ACHERON

de trabalho — disse cessando nosso beijo e pousando as mãos em seu peitoral.

Juliana entrou novamente na sala, o que me fez tomar uma certa distância de Saulo, ela não escondia um sorriso de contentamento, ao nos ver tão próximos.

— Com licença, Antônio achou melhor que o senhor Saulo os acompanhe.

— Tudo bem, obrigado, Juliana, irei em cinco minutos — Saulo disse com toda simpatia e cortesia, intrínseca dele.

Juliana saiu e fechou a porta, Saulo caminhou em minha direção, sem cerimônia alguma, tomou-me em seus braços e nos beijamos outra vez.

— Você precisa ir, Saulo — disse cessando o beijo.

— Eu sei, mas prefiro mil vezes ficar aqui com você.

— Eu não posso, Saulo, preciso trabalhar —
PERIGOSAS ACHERON

disse descontráida, totalmente à vontade na companhia dele.

— Tudo bem, pense em mim, que farei o mesmo. Até mais tarde, Helena. — Saulo beijou minhas mãos suavemente e saiu.

Fiquei alguns minutos distraída, toquei meus lábios e fechei os olhos, meu coração estava acelerado e assim permaneceu, a lembrança dos beijos de Saulo e do pedido que me fez, deixou-me feliz, era um contentamento que eu nunca havia provado, ou se senti um dia, não recordo ter sido tão significativo como agora.

Minutos depois, Juliana entrou na sala, interrompendo meu momento de boba apaixonada. Ela estava eufórica e não disse nada, apenas me olhava admirada e visivelmente feliz por mim.

— Algum problema, Juliana? — perguntei retribuindo o sorriso de alegria dela.

— Problema? Não, nenhum, pelo contrário, acho que você que deve ter algo para me contar, não?

— Vamos trabalhar? — disse tentando ficar séria.

— Não, Helena. Conte-me o que aconteceu? Eu vi, não adianta negar — ela advertiu sorrindo.

— O que viu?

— Você e ele bem pertinho um do outro, rolou um beijo, não foi?

— Um não, vários. Pronto, já disse e agora vamos trabalhar — pela primeira vez, falei com alegria de alguém para Juliana.

— Ah! Helena, eu torci tanto para que você encontrasse alguém, você merece muito alguém especial. Ele saiu tão feliz daqui que dava gosto de ver, tenho certeza que te fará bem.

— Calma, Juliana, apenas trocamos beijos.

Retornei para minha sala, Juliana me seguiu, insistindo para que contasse detalhadamente o ocorrido, eu deveria estar bem mais incomodada

PERIGOSAS NACIONAIS

com a insistência dela, mas não, eu estava feliz, creio que a felicidade me deu a paciência necessária para aturar a tentativa de invasão da minha privacidade.

A manhã passou rápido, retomamos os trabalhos normalmente. Fiquei bastante atribulada, mas não esqueci por um segundo apenas dos beijos de Saulo e o seu pedido. Até me peguei por algumas vezes suspirando por ele.

— Helena, Helena, o que pensa que está fazendo?

Era uma pergunta que me fazia, mas eu não tinha resposta, Saulo se aproximou tão rapidamente, envolveu-me com seu modo galanteador com tanto carinho e beijos ardentes, que agora não consigo evitá-lo. Todas as vezes que chego perto dele, desejo-o de tal forma que fíco até amedrontada.

Relacionamentos são sempre difíceis pra mim, estabelecer confiança no parceiro, compartilhar a vida a dois, são barreiras intransponíveis que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

construí e nunca desejei rompê-las, era como uma espécie de autodefesa. Embora tenha me casado outra vez, Antônio nunca me teve plenamente, porque nunca me entreguei para ninguém depois de Cláudio. Mesmo Saulo me despertando sentimentos tão puros e genuínos, ainda assim, temo por nosso envolvimento, o medo de sofrer e experienciar tudo que já passei outra vez, ainda me impedem de me entregar de corpo e alma em uma relação, de uma forma tão grande que perpassa o meu desejo de mulher em ser amada e desejada por um homem.

Com Antônio nunca tive receios desse gênero, não os tive porque ele nunca possuiu meu coração. Saulo é diferente, eu não consigo entender como ele conseguiu se aproximar tão rapidamente e em tão pouco tempo, já chegou despertando sentimentos adormecidos e isso me deixa de certo modo apavorada. Sempre tive receio de me entregar em um novo relacionamento, atribuo a esse fato o insucesso dos poucos que tive. Relacionamentos são compostos de sentimentos, entrega e compartilhamento, porém eu não conseguia ou não queria vivenciar nada disso, pelo menos por enquanto. Mas, Saulo sabe dissipar

PERIGOSAS ACHERON

todos os sentimentos negativos que tenho, de modo tão simples e tão inexplicável, que não sei mensurar o tamanho da minha preocupação. Seu olhar penetrante, seu modo carinhoso e respeitoso com que me toca, deixam-me tão confusa e ao mesmo tempo atraída. Eu tenho medo da intensidade que esse envolvimento possa ter, estou certa que ser for adiante será intenso, muito intenso, ao ponto de despertar meu coração adormecido.

Meu telefone vibrou, despertando-me das minhas reflexões. Era uma mensagem de um número que não tinha nos meus contatos. Ao ler, um sorriso formou-se em meu rosto, era uma mensagem de Saulo:

“Estamos almoçando agora, estou aqui, mas meus pensamentos estão aí com você. Não vejo a hora de ter ver outra vez. Nunca esperei tanto por um encontro como hoje!”

Meu sorriso se formava com tanta facilidade

PERIGOSAS ACHERON

quando se tratava de Saulo, como isso era possível? Era incompreensível como ele conseguia me fazer sorrir com ações tão singelas. Pensei em tantas frases antes de responder, ele me deixava sem palavras, já tinha descoberto uma qualidade dele: ser surpreendente.

“Bom almoço! Também pensei em você. Até breve.”

Ele visualizou a mensagem, mas não a respondeu, retornei aos meus afazeres, por pouco tempo, meu telefone tocou. Era ele, Saulo, atendi rapidamente.

— Alô.

— Você tem ideia do tamanho do sorriso que estampou no meu rosto? Estou feliz em saber que pensou em mim, nem que seja por um mísero segundo, já é alguma coisa.

— Saulo, você é tão...

— Louco, sim, estou louco para ter uma resposta positiva. Preciso ir, Antônio está me chamando, fugi só para ligar pra você. Um beijo.

— Beijo, Saulo.

Finalizei a ligação e mal coloquei meu celular na mesa e Juliana entrou, não tive nem tempo de absorver as palavras dele.

— Helena, a redação da revista acabou de enviar a edição com a sua matéria publicada. — Juliana me entregou a revista.

Folheei rapidamente, queria ver apenas a minha matéria, estava boa, já conhecia o teor da reportagem, só achei a minha foto muito evidente. Fechei a revista e saí na companhia de Juliana para almoçarmos. Nosso almoço foi breve, conversamos pouco, mas de forma tão descontraída, como nunca fizemos antes. Juliana até me contou um pouco sobre sua vida pessoal, por incrível que pareça, não me incomodei em ouvi-la. Mesmo a conversa e a companhia agradáveis, eu tinha pressa, precisava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

terminar o trabalho cedo, já que tinha um compromisso com Saulo.

Depois do almoço, retornei para minha sala e passei a tarde inteira muito atarefada. Ocupei-me de diversas reuniões internas com chefes de setores e análise de documentos, que aguardavam por meu aval. Próximo do final do expediente, Antônio retornou com os clientes das visitas, mas Saulo já não estava mais com eles. Felizmente e graças ao Saulo, os clientes conseguiram entender nossa proposta e ainda ficaram muito impressionados com nosso portfólio e estrutura. Retornaram apenas para oficializar a assinatura do contrato, assinamos com a primeira proposta que produzimos, não necessitamos nem mesmo apresentar a contraproposta que já havíamos produzido prevendo uma possível recusa da primeira. Depois que saíram, Antônio retornou triunfante à minha sala.

— Merecemos uma comemoração, Helena —
Ele disse animado.

— Claro, claro!

PERIGOSAS ACHERON

— Em outra ocasião, hoje é dia de apresentação na escola das crianças. Estou muito feliz, esse contrato é um grande marco na nossa trajetória.

— Sim, foi muito melhor do que esperávamos. Felizmente conseguimos fechar com nossa primeira proposta. — comentei.

— Sim, e ainda disseram que querem ampliar nossa relação comercial. Eles atuam na Colômbia com o mesmo segmento de lojas que atuam aqui no Brasil, e se conseguirmos manter a qualidade desse contrato, será apenas o início de uma longa trajetória comercial entre nossas empresas. Preciso ir. — Antônio caminhou em minha direção, beijou minha cabeça em despedida e partiu.

— Que ótimo, boa sorte na apresentação das crianças, Antônio.

Antônio, caminhou até a porta, abriu-a e antes de partir, virou-se para mim e falou:

— Comemore, Helena, depois ligarei para o Saulo, precisamos agradecer pelos préstimos dele. Ele foi brilhante e nos salvou. Se não fosse por ele,
PERIGOSAS ACHERON

difícilmente teríamos fechado esse contrato. Até amanhã.

— Até amanhã, Antônio.

Realmente, Saulo nos ajudou bastante e agradecerei pessoalmente pelos seus préstimos. Eu estava ansiosa, olhei no relógio com tanta frequência que até me desconheci, passei o restante da tarde na minha sala, mas os pensamentos estavam longes, com ele. Precisava lhe dar uma resposta, porém antes precisávamos ter uma longa conversa.

Recolhi meus pertences e saí logo depois de Antônio, levei uma edição da revista para mostrar para o Saulo. Cheguei no meu apartamento por volta das sete da noite, tomei um longo banho, passei hidratante e optei por um vestido menos formal, era vermelho escuro, com o busto em tule bordado levemente transparente, calcei um salto, fiz uma rápida maquiagem, escolhi meu melhor perfume e saí minutos antes do horário combinado.

Estava um pouco nervosa, ouvi músicas

relaxantes durante o trajeto, que foi relativamente rápido, ficava a poucas quadras do meu edifício. Estacionei e o porteiro me permitiu entrar, Saulo já tinha autorizado minha entrada. Entrei no elevador, minhas pernas cambalearam e minhas mãos estavam frias, quando o bipe do elevador soou e as portas se abriram, meu coração disparou. Caminhei até a porta do apartamento e bati suavemente, os segundos que Saulo levou para abrir, pareceram uma eternidade. Olhei no relógio em meu pulso e era pontualmente 20h, segundos depois ele abriu, com um sorriso tão lindo que era impossível não retribuir com outro.

— Boa noite, Helena.

— Boa noite, Saulo.

— Pontual! — ele olhou no seu relógio e me estendeu a mão. — Entre, por favor.

Segurei sua mão, macia e tão fria quanto a minha. Aquele sorriso, estendendo-me a mão, arrepiou-me completamente, seu olhar tinha uma paz tão grande que chegava ser tranquilizante, fitar

a imensidão daqueles olhos azuis me deixavam serena. Ele guiou-me para o interior e fechou a porta, depois beijou minha mão e imediatamente seus braços me envolveram com força em longo e terno abraço.

— Está ouvindo *The Carpenters*? — perguntei.

— Sim, estou, também gosta?

— Sim, muito. Eu adoro, principalmente a música...

— *Close to you*? — falamos juntos.

Ele afastou-se para me olhar nos olhos, pousou a mão esquerda na lateral do meu rosto e permanecemos por alguns segundos em uma troca de olhares intensa, depois Saulo beijou-me carinhosamente na testa e desceu beijos suaves pelo meu rosto até chegar em meus lábios, foi um beijo de início casto, depois mais intenso, a tal ponto que nem eu mesma conseguiria cessar. Ele encostou sua testa na minha, e *Close to you*, começou a tocar. Ele alisou carinhosamente minhas costas, depois meus ombros, braços e disse:

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos dançar?

Sorri do seu convite, há anos que eu não dançava, creio que já nem saiba mais como proceder.

— Desculpe, acho que nem sei mais dançar — disse descontraída.

— Confie em mim, concentre-se apenas na música e deixe seu corpo fluir — ele sussurrou ao meu ouvido e trilhou beijos suaves em meu rosto.

Saulo estava certo, o mundo parou naquele instante, ouvi somente a canção, sem me importar com nada mais, esqueci o mundo lá fora por alguns instantes, foi somente eu, Saulo e a canção, tão emblemática e significativa quanto o momento:

“...Por que as estrelas desabam do céu

Toda vez que você passa?

Assim como eu, elas querem estar

Perto de você...”

Foi somente eu e Saulo, sem medos, sem receios, sem dor e sem traumas, fui tomada por uma paz interior tão grande como há muito tempo não sentia. Nos braços de Saulo era onde eu queria estar, nada mais importava no momento, apenas sua voz rouca sussurrada ao meu ouvido, cantando a linda canção, era bem como a música dizia, eu só queria estar perto de dele.

— Helena, aceite namorar comigo, eu quero você pra mim — Saulo murmurou durante nossa dança de rosto colado.

O momento especial foi completado pela minha resposta, meu coração aprisionou qualquer medo e receio a respeito de Saulo que ainda pudesse existir, além da minha razão e respondeu por mim:

— Sim, eu aceito, Saulo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Saulo

Felizmente fui liberado cedo, Antônio percebeu minha nítida ansiedade e me dispensou logo que concluímos as visitas. Eu precisava organizar o meu apartamento e fazer o jantar para receber Helena. Tinha pouco tempo para isso. Peguei meu carro e passei no supermercado, floricultura e por fim em um empório, comprei alguns queijos e um vinho especial para noite.

Retornei para o meu edifício, nem entrei no estúdio para não me ocupar por lá. Fui direto para o meu apartamento, por sorte a minha assistente para fins domésticos, tinha me feito uma visita ontem e estava tudo dentro da normalidade. Meu

PERIGOSAS NACIONAIS

apartamento era um *loft* com mezanino, então, precisava manter todos os espaços sempre tudo muito bem organizado, já que não havia divisórias para os cômodos, com exceção do banheiro.

Coloquei o vinho na adega, guardei os queijos e os demais ingredientes para o jantar. Comprei algumas margaridas coloridas e coloquei em um vaso na mesa de jantar, comprei também algumas velas aromáticas, coloquei-as para ornar a mesa. Arrumei tudo como manda o figurino, do talher ao guardanapo, tudo meticulosamente organizado.

Eu não era um exímio cozinheiro, mas lasanha, o meu prato favorito, eu sabia fazer até que muito bem. Lavei as mãos e comecei o preparo do jantar, por sorte era uma receita que já tinha decorada, aprendi com minha mãe, quando passei a morar sozinho precisei desenvolver meus dotes culinários. Deixei tudo adiantado, quando finalmente me desocupeei, já era por volta das 19h. Tomei um banho, deitei por alguns instantes na cama para relaxar. Foi totalmente em vão, eu estava ansioso demais para vê-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desci e tomei um copo de uísque puro, olhei a vista da cidade em minha frente, minha mente já projetava uma infinidade de planos para nós dois. Mesmo eu não tendo a resposta dela, já tinha inúmeras possibilidades em mente, louco para colocá-las em prática. Eu queria Helena ao meu lado, mas precisava ter paciência e ir com calma. Eu preciso me conter, mesmo louco para ter Helena em todos os sentidos, preciso conquistar primeiramente a confiança dela, fazê-la se sentir segura, para finalmente se entregar completamente. Mal posso esperar por esse dia!

Dei uma rápida volta no apartamento, passei novamente pela mesa, organizei mais uma vez os talheres, olhei no relógio em meu pulso, faltava poucos minutos para o horário combinado. Respirei aliviado ao conferir que estava tudo na mais perfeita ordem.

Avisei o porteiro que Helena chegaria em breve e me olhei outra vez no espelho. Alinhei a gravata e um receio me tomou momentaneamente, o medo dela não comparecer me embrulhou o estômago. Tomei mais duas doses de uísque, enquanto andava

PERIGOSAS ACHERON

de um lado a outro da minha sala. Liguei o som ambiente, coloquei uma música legal, troquei inúmeras vezes as faixas, procurando por algo que pudesse agradá-la, deixei em um álbum do *The Carpenters*, eu gostava de ouvi-los, são músicas ótimas.

Minutos depois, ouvi uma batida na porta, era ela, respirei profundamente e de certa forma aliviado, tomei o restante do uísque e devolvi o copo para o bar. Passei as mãos no cabelo, organizando-os e caminhei lentamente até a porta. Abri e me deparei com a perfeita visão de Helena, a linda e atraente mulher por quem estou louco de amores. Meus olhos não tinham outra coisa para fixar, a não ser seus lindos lábios, eu queria beijá-la, não só os lábios, mas ela por inteiro, queria me deliciar com cada milímetro do seu corpo esbelto.

Calma, Saulo! Repetia mentalmente para frear minhas vontades, não posso assustá-la com os meus desejos. Conversamos rapidamente, estava tão ansioso para minha tão desejada resposta, mas queria primeiro estabelecer um clima favorável entre nós. A música ajudou muito, convidei-a para

dançar, colamos nossos corpos e dançamos, em um clima de romance perfeito, queria tranquilizá-la, fazer com que ela se sentisse bem ao meu lado, para finalmente ouvir tudo que eu mais queria naquela noite.

Antes de finalizar a música, ela finalmente amenizou minha ansiedade e disse o que eu mais queria ouvir. Confesso que nunca esperei com tanta ansiedade por um simples “sim”, como hoje. Na verdade, eu sempre achei que tinha tão poucas chances, e mesmo decidido a conquistá-la, hoje eu esperava um não. Mas, estava totalmente disposto a lutar por ela. Desde o momento que a vi, desejei descobrir a mulher por trás desses lindos olhos. Eu quero saber mais dela, quero ter Helena mais próximo de mim e agora mais que nunca, desejo devolver o sorriso a esses lábios lindos.

— Não sabe o quanto estou feliz por ouvir isso
— murmurei procurando seus olhos e entrelacei uma das mãos em seus cabelos.

Não desviamos o olhar por um instante sequer, havia uma espécie de serenidade que nunca tinha

visto nos olhos dela, um sentimento de paz estabeleceu-se entre nós naquele momento, beijei sua bochecha com delicadeza e mantive um dos braços envoltos em sua cintura, depois beijei seus lábios novamente.

— Desculpe, estava tão nervoso por essa resposta que até esqueci de mostrar meu apartamento.

— Não se desculpe, eu também esqueci de entregar a revista com a foto que você fez.

Sorrimos juntos, apesar da minha experiência com mulheres, hoje tinha algo diferente, eu estava especialmente nervoso. Helena retirou a revista da bolsa e me entregou aberta, exatamente na página com a matéria dela. Queria até ler a matéria, mas não agora, detive-me apenas na foto que fiz, ela estava linda, mesmo com toda seriedade que transparecia, típica de uma mulher de negócios de sucesso, ainda sim era muito bonita.

— Lerei atentamente, mas em outra ocasião, agora quero aproveitar cada minuto ao seu lado.

Puxei-a novamente para meus braços. Coloquei meu braço sobre seu ombro e guie-a por uma rápida visita no meu apartamento. Muito rápida por sinal, o apartamento era um *loft* com uma vista panorâmica da cidade.

— Pronto! Já conheceu tudo, sintase em casa.

— Obrigada, seu apartamento é muito bonito, a sua cara. Vejo um pouco de você em cada um dos móveis e objeto de decoração.

Virei-me para ficarmos frente a frente.

— Uau! Disse que é lindo e que é a minha cara, isso quer dizer que me acha lindo? — perguntei descontraído, tentando fazê-la relaxar, era notório que ela ainda estava tensa.

— Você é lindo, educado, inteligente e isso me assusta um pouco — ela pousou a mão esquerda em meu rosto.

— Não tema, Helena, eu quero ser seu.

Ela sorriu e baixou a cabeça. Segurei em seu

PERIGOSAS ACHERON

queixo e levantei seu lindo rosto, vi medo em seus olhos novamente. Eu não queria mais vê-los assim.

— Saulo, precisamos conversar, quero que saiba...

— Helena, eu que preciso que você entenda que eu quero você, quero estar com você, saber mais da minha namorada. Confie em mim, por favor — disse intercalando beijos suaves em seus lábios.

— Você é sempre assim? Tão perfeito? — ela questionou sorrindo um pouco mais descontraída.

— Não sou perfeito, também tenho os meus defeitos, mas quero que você tenha sempre o melhor de mim.

Nos beijamos outra vez, o beijo evoluiu rapidamente e o meu desejo começou a falar mais alto, então cessei o beijo, não queria ir além tão rapidamente, embora desejasse, estava me contendo ao máximo, não quero avançar os limites que ainda desconheço quais são.

— Aceita um vinho antes do jantar? —
PERIGOSAS ACHERON

perguntei.

— Sim, claro — ela respondeu.

Alisei seus braços e me afastei para pegar o vinho, abri e servi em duas taças, Helena me ajudou a levar a garrafa de vinho com os queijos até a mesa de centro. Sentamos no sofá, puxei-a para meu colo, deitei-a em meu peito e alisei carinhosamente seus cabelos.

— Fale-me de você, Helena.

— O que quer saber? — ela perguntou tranquila.

— Tudo, mas vamos com calma, uma coisa de cada vez.

— Eu atualmente vivo para o trabalho, saio muito pouco, moro em um edifício sozinha, não tenho vizinhos. Gosto de tranquilidade, música clássica, pratico yoga, amo massas e a culinária japonesa.

— Que ótimo, acertei no cardápio do jantar, fiz

PERIGOSAS ACHERON

uma lasanha — tomei um gole de vinho.

— Você cozinhou para nós? — ela afastou-se do meu colo para me olhar nos olhos, ficou surpresa.

Alisei seu ombro, e sorri olhando-a tão linda e à vontade ao meu lado.

— Sim, eu mesmo que fiz, espero que goste.

— Com toda certeza, eu sou péssima na cozinha — ela disse, sorriu e bebeu mais um gole do vinho.

Peguei um pedaço de queijo e coloquei em sua boca. Ela sorriu, depois curvei-me para beijá-la.

— Ainda não me contou se fecharam a proposta com o cliente tcheco.

— Sim, fechamos, era um contrato muito importante. Graças a você, obtivemos sucesso, preciso agradecer e pagar minha dívida.

— Não precisa agradecer, só de estar perto de
PERIGOSAS ACHERON

você já valeu meu dia, mas faço questão do meu pagamento — alisei seus cabelos. — Quero fotografá-la assim, como está agora, totalmente à vontade, linda, apenas sendo você mesma.

— Você me deixa sem palavras, Saulo — ela fez uma pequena pausa, alisou minha barba e continuou: — Sempre evitei relacionamentos, e estava certa que nunca mais teria outro alguém depois de Antônio, então você apareceu e me envolveu tão rapidamente que me deixou a princípio confusa e com medo, mas não sei como explicar, quando penso em você sinto uma paz tão grande, você me faz sorrir e sua alegria chega ser contagiante, só me resta querer ir além... porém eu preciso que entenda que relacionamentos são muito difíceis para mim, tenha um pouco de calma e paciência comigo.

Enquanto ela falava, um sorriso de contentamento estampou meu rosto, paciência era o meu sobrenome a partir de hoje, eu queria mais de Helena, muito mais, quero tê-la por completo, mas esperarei o momento exato para que isso aconteça. Além disso, quero que ela se sinta não apenas em

PERIGOSAS NACIONAIS

paz ao meu lado, mas feliz e realizada. Preciso conquistar sua confiança primeiramente e fazer com que ela se sinta amada para enfim se entregar de corpo e alma à nossa relação.

— Eu terei, mas se eu estiver indo rápido demais, por favor não se afaste, apenas me fale, quero que se sinta bem ao meu lado, quero provar o quanto é especial para mim.

— Você que é especial, Saulo, não sei se mereço todo esse carinho.

— Claro que merece e ainda terá muito mais de mim. Não sabe o quanto estou feliz por saber que quer ir em frente e comigo, sou um homem de muita sorte.

Peguei suas mãos e as beijei suavemente, depois alisei seu rosto e curvei-me para beijá-la outra vez. Helena desceu as mãos pelas minhas costas, alisando-as suavemente. Cessei o beijo e tomei o restante do vinho, estava tentando ir com calma e frear o meu desejo, por enquanto quero dar-lhe somente meu carinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou servir o nosso jantar — beijei castamente seus lábios e levantei.

— Precisa de ajuda para o jantar? — ela perguntou e me seguiu.

— Quero que fique aí paradinha me presenteando com sua beleza, já deixei tudo pronto falta apenas aquecer.

— Sempre tão perfeito!

Enquanto aquecia a lasanha, voltei para o sofá e trocamos mais alguns beijos, depois peguei sua mão e mostrei algumas fotos de minha autoria que decoravam o meu apartamento.

— Quero fazer uma foto sua para colocar na frente da minha cama para eu dormir e acordar com a visão mais linda da criação divina: você.

— Meu Deus! Como meu namorado é galanteador — ela exclamou alegremente.

— Sou sincero, não são galanteios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho medo que se decepcione quando me conhecer de verdade.

— Ei! Não pense nisso, eu sei quem você é, uma linda e encantadora mulher, que me físgou tão logo que a vi sorrir.

— Você só conhece o que sou agora e no que me transformei. Eu tive um passado difícil que me deixou cicatrizes tão profundas que me impedem de querer ter um relacionamento novamente e... — ela ficou em silêncio e baixou a cabeça, visivelmente entristecida.

— Olha para mim, Helena — coloquei as mãos ao lado do seu rosto, para que ela não tirasse os olhos dos meus. — Eu me interessei pela Helena que está aqui comigo nesse momento, a mesma que quero ao meu lado. Não importa o que fez ou passou, é passado, e o que importa é o aqui e agora. Se um dia quiser contar o seu passado, estarei aqui para ouvir. Porém, nada do que me disser me fará te abandonar.

— Você existe mesmo? Tenho medo de acordar

PERIGOSAS ACHERON

desse sonho — ela perguntou sorrindo, mas com tristeza nos olhos.

— Existo e sou seu namorado.

O bipe do forno soou, avisando que nosso jantar já estava pronto.

— Nosso jantar está pronto, aguarde-me aqui, quietinha — adverti.

Retirei a lasanha do forno, coloquei na mesa, acendi as velas, apaguei algumas luzes para manter o clima e aumentei um pouco o som. Retornei ao encontro de Helena, envolvia-a pela cintura, inalei seu perfume adocicado, afastei seu cabelo e beijei seu pescoço. A pele dela era macia, cheirosa e extremamente convidativa.

— Vamos jantar? — questionei.

— Sim, o cheiro está ótimo.

Peguei sua mão, entrelaçamos os dedos e guiei-a até a mesa, puxei a cadeira para que ela sentasse. Depois sentei ao seu lado, servi a nós dois, primeiro

PERIGOSAS ACHERON

a lasanha depois o vinho. A música e as velas garantiram um clima de romance muito propício para ocasião. Queria que nossa primeira noite como namorados fosse inesquecível.

Foi um jantar muito agradável e modéstia à parte, saboroso, tenho de admitir que eu me superei desta vez. Não apenas a comida estava boa, mas principalmente a companhia, nosso jantar foi cercado de muita conversa, risadas, beijos e carinhos. Depois lavamos as louças juntos e nos sentamos no sofá novamente para apreciar a vista. Conversamos sobre diversos assuntos e descobrimos que tínhamos bem mais afinidades do que imaginávamos, gostávamos das mesmas coisas, ela adorava viajar, acordar cedo, caminhar ao amanhecer, ver o sol nascer, admirar as estrelas e ficar só de vez em quando, preferia a solidão do que multidão, éramos muito parecidos, tínhamos gostos muito similares. Confesso que ela era bem mais incrível do que eu imaginava e essa era apenas nossa primeira noite juntos.

Helena estava tão à vontade, recostada no meu peito em um clima tão agradável que não a

reconheci por alguns instantes, todas as vezes que cruzamos os olhares, não via medo ou receio neles, não era a Helena amedrontada que tantas vezes vi. Seu olhar continha apenas alegria e serenidade, tão sublime, por sinal, que perdemos a hora.

— Nossa! Já é tão tarde, passa de uma da manhã, Saulo — ela disse assustada ao olhar as horas no seu relógio de pulso.

— Qual problema? Passe a noite aqui.

Ela fechou o semblante imediatamente, o mesmo que ainda a pouco estava radiante. Eu realmente não tive má intenção ou quis pressioná-la, eu só não queria encerrar a noite agora, estava tão maravilhoso estar na companhia dela.

— Eu trabalho amanhã muito cedo, Saulo — ela justificou.

— Helena, não me entenda mal, se quiser ficar aqui eu dormirei no sofá e você no meu quarto no mezanino. Tudo bem?

— Não entendi mal, fique tranquilo, eu

PERIGOSAS ACHERON

realmente preciso acordar bem cedo.

— Eu a levarei em casa, não ficarei tranquilo sabendo que saiu tão tarde daqui.

— Não precisa se preocupar, já estou acostumada, Saulo.

— Tem certeza? — questionei ainda em dúvida.

— Sim, meu edifício fica a poucas quadras daqui.

— Tudo bem, vou acompanhá-la até a garagem.

Ela sorriu, pegou a bolsa e descemos juntos até a garagem, abraçados e com direito a muitos beijos no elevador. Acompanhei-a até seu veículo, beijei-a novamente, dessa vez um pouco mais intenso, já sentindo sua falta.

— Quero vê-la mais tarde, já estou com saudades — disse alisando seus cabelos.

— Eu te aviso o horário, vou ver minha agenda

e...

Interrompi sua fala.

— Nada disso, eu sou um grude, trate de arrumar muito tempo para mim nessa agenda — disse intercalando beijos suaves em seus lábios.

— Até mais tarde, então — ela disse com um lindo sorriso, tão lindo, que me arrependi por não estar com minha câmera fotográfica naquele momento para capturá-lo.

Abracei-a forte, tão forte que queria que ela sentisse todo o meu carinho e desejo por ela. Eu a desejava bem mais do que eu mesmo imaginava.

— Obrigado por ter vindo e ter me presenteado com essa noite perfeita.

— Eu que agradeço pelo jantar, estava maravilhoso. Não apenas o jantar, a companhia também.

Nos beijamos outra vez, ela entrou no carro e eu aguardei até ela sair da garagem, depois retornei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para o meu apartamento, feliz, a tal ponto que tracei mil e um planos para nós. Queria levá-la para tantos lugares, fazer tantos programas juntos. Tomei banho com os pensamentos nela, depois bebi um copo de água e já estava subindo para dormir, olhei no relógio e percebi que já havia dado tempo de ela chegar, peguei o celular e editei o contato dela, renomeei para “Minha Helena”, era isso que ela era agora, minha Helena, minha namorada. Meus lábios externavam minha felicidade. Depois de alterar o contato, liguei. Da primeira vez ela não atendeu, na segunda tentativa ela atendeu.

— Oi, tudo bem? — perguntei ansioso.

— Sim, estou. Estava no banho, por isso demorei atender.

— Sem problemas, já está muito tarde, tive medo de acordá-la, queria apenas saber se chegou bem e dizer que já estou com saudades.

— Cheguei sim, está tudo bem. Também estou com saudades.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Editei seu contato no meu celular, agora está como Minha Helena.

Um longo silêncio instaurou-se entre nós, até afastei o telefone para olhar, achei que a ligação tivesse caído, mas não. Antes que eu dissesse algo, ela falou.

— Pronto, também alterei o seu — ela disse, surpreendendo-me.

— E como estou nos seus contatos agora?

— Vida.

— Vida? — perguntei confuso.

— Sim, minha vida, mesmo sem saber, você está me devolvendo a alegria de viver e a vontade de amar outra vez, se isso não é vida, desconheço o que seja.

Engoli em seco suas palavras, fiquei totalmente tocado com elas e mudo diante de uma das declarações mais singelas e significativas que ouvi de uma mulher.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

Helena

Ele ficou em silêncio, ouvi sua respiração ofegar, por alguns instantes pensei que ele não tivesse gostado do que eu disse, mas meus pensamentos foram desfeitos, tão logo que ele recuperou a voz.

— Como você é capaz de falar algo assim por telefone, Helena?

— Eu só respondi sua pergunta — argumentei ainda tensa.

— Eu queria te encher de beijos e abraços nesse momento, você foi injusta comigo, queria ouvir da sua boca essas palavras. Promete que vai repetir para mim assim que nos vermos, promete?

— Com todo prazer, minha vida — respondi, feliz em saber que ele também estava satisfeito com o modo que o chamei.

— Minha Helena, durma com os anjos e sonhe comigo, esperarei ansioso para o nosso próximo encontro.

— Dormirei pensando em você — disse e encerrei a ligação.

Joguei-me na cama suspirando, como uma menininha apaixonada vivendo seu primeiro amor. Há muitos anos não suspirava por alguém, ou nunca o fiz, se bem recordo. Rolei na cama pensando nele.

Minha vida,

Meu namorado,

Meu Saulo.

Quão juvenil parecia por estar proferindo “namorado”, mas não me importava, lembrei-me dos seus olhos azuis marcantes, dos seus lábios
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

curvando-se em um lindo sorriso, todo para mim. Quanta sorte eu tenho! Ainda me surpreendia por ter aceitado seu pedido, e ter o chamado de minha vida, eu não menti, meu coração falava naquele momento, fui totalmente sincera, Saulo estava devolvendo uma parte de mim que nem eu mesma sabia que ainda existia.

Nosso envolvimento aconteceu muito rápido decerto, e mesmo todos os meus traumas e até o medo de me relacionar com alguém mais jovem, foram insuficientes para me manter longe dele. Quando dei por mim, já estava completamente envolvida, encantada pelo seu modo carinhoso e único de me fazer sorrir e transmitir segurança. Não consigo mensurar o quão especial estava me sentindo na companhia dele, o quão importante ele me fazia sentir. Foi apenas uma noite juntos, alguns encontros e vários beijos, mas a intensidade que isso atingiu meu coração foi enorme, a tal ponto que me deixou leve, flutuando, nas nuvens e com ele nos pensamentos. Nosso primeiro encontro foi maravilhoso, instintivamente toquei meus lábios com as lembranças dos seus beijos, recordei cada momento ao lado dele e assim adormeci, com a

PERIGOSAS ACHERON

doce lembrança dos nossos momentos juntos.

Despertei cedo, tive uma noite perfeita, como há muitos anos não tinha, dormi tão tranquila que por pouco não perco a hora. Levantei por volta das seis da manhã, corri por alguns minutos na esteira, depois tomei um banho. Escolhi um vestido florido, salto agulha preto, e um blazer bordô. Fiz uma maquiagem leve, coloquei algumas joias, peguei minha bolsa e celular para sair. Havia uma notificação de mensagem, meu coração acelerou, um fio de esperança dizia que Saulo tinha algo com isso. E eu estava certa, era uma mensagem dele, enviada às 5:19h da manhã:

“Bom dia, minha Helena, não consegui dormir direito, a ansiedade por vê-la outra vez me consumiu. Mas, estou tranquilo por saber que muito em breve a terei em meus braços novamente.”

Um sorriso largo, fixou-se em meus lábios,
PERIGOSAS ACHERON

Saulo estava ficando *expert* nisso. Redigi a mensagem para respondê-lo enquanto descia até a garagem:

Bom dia, minha vida, dormi muito bem, porque adormeci com você no pensamento. Também estou ansiosa para vê-lo, até mais!

Eu ainda estava em êxtase pela noite de ontem, saí do elevador e entrei no meu carro, dirigi até a HML, mas durante o trajeto, as incertezas começaram a ofuscar meu sorriso e contentamento. Porém, tratei de dissipar todas elas, não quero pensar nisso agora, quero me permitir ser feliz, quero me sentir amada, desejada e continuar me sentindo completa como estou agora. Quero apenas viver um dia após o outro, uma emoção de cada vez, ao lado do meu Saulo.

Cheguei na empresa cedo como todos os dias, hoje estava especialmente feliz e animada para trabalhar. Cumprimentei rapidamente os poucos

PERIGOSAS ACHERON

funcionários que já haviam chegado, caminhei até o elevador e ao chegar no andar da diretoria meu celular tocou, olhei rapidamente no visor, era ele: minha vida, meu Saulo.

— Oi, minha vida.

— Estou louco para te encontrar e ouvir essas palavras da sua boca, minha Helena.

— Como você está?

— Louco de saudades e plantado aqui na frente do seu edifício, não aguentei esperar até o fim do dia, quero pelo menos ver o seu belo sorriso, nem que seja de longe.

Já estava na minha sala, corri até as persianas e as abri rapidamente, Saulo estava do outro lado da rua, encostado no carro de braços cruzados, falando ao celular e olhando fixamente para o andar da minha sala. Abri por completo a persiana, e mesmo no oitavo andar, ele me viu e acenou para mim. Retribui o aceno e senti um frio na barriga ao vê-lo.

— Vou aí com você.

— Mal posso esperar — ele respondeu.

Encerrei a ligação e desci rapidamente, somente com o meu celular e a imensa vontade de abraçá-lo. Atravessei a rua e corri para o seu abraço, foi um abraço tão forte cheio de saudades, pouco me importei que estávamos no meio de uma avenida movimentada. Nos beijamos rapidamente e ele alisou meu rosto com as costas dos dedos.

— Fala para mim, minha Helena, o que eu passei o resto da madrugada desejando ouvir dos seus lábios — ele murmurou encarando-me tão lindo e feliz.

A felicidade estava estampada em nossas faces. Seus olhos azuis lindos brilhavam, tão intenso e tão azuis que fiquei momentaneamente em silêncio, contemplando a intensidade do seu olhar.

— Minha vida, meu Saulo — disse pronunciando lentamente cada sílaba.

Ele sorriu e tomou meus lábios em um novo beijo, logo depois pegou minha mão e me guiou até a porta do passageiro do carro, abriu-a e apontou

PERIGOSAS ACHERON

para o interior do carro.

— O que está fazendo? — perguntei surpresa.

— Raptando minha namorada, entre, prometo que serei breve, ou pelo menos vou tentar.

Sorri e entrei no carro, mesmo em dúvida, que mal faria se chegasse alguns minutos atrasada? Sou dona da minha própria empresa e da minha vida. Já tenho seriedade demais na minha vida, preciso de um pouco de loucura e surpresas, e isso Saulo parece ter na medida certa para nós dois. Entrei no carro, afivelei o cinto de segurança e ele deu a volta no carro e fez o mesmo. Partimos, para um destino que não fazia ideia, mas pouco me importei, estava ao lado dele, para onde iríamos era o de menos.

Saulo tocou meu joelho, mas rapidamente retirou a mão, como se tivesse feito algo inapropriado, eu nem mesmo tive tempo de reagir ao seu toque. Saulo parecia conhecer todos os meus medos, e sabia lidar com eles como ninguém, havia uma cumplicidade tão grande entre nós, parecia que nos conhecíamos há muitos anos, era como se ele já

PERIGOSAS NACIONAIS

conhecesse toda minha história de vida e o motivo de cada lágrima que já derramei. Ele sabia exatamente o que eu precisava, sabia como ninguém me arrancar um sorriso inesperado. Mesmo sem saber, Saulo estava devolvendo a alegria e cores à minha vida monocromática.

Nos afastamos algumas quadras do edifício da HML, durante o trajeto trocamos sorrisos alegres e olhares ternos. Instantes depois ele reduziu a velocidade, sinalizou para esquerda e estacionou o carro em frente uma pequena cafeteria, não a conhecia, pouco frequentava outros bairros, geralmente meu trajeto era apenas entre os bairros da minha empresa e casa.

— Chegamos, vamos tomar café? — ele perguntou.

— Sim, estou faminta — confirmei e desfiveli o cinto de segurança.

Saulo saiu do carro, abriu a porta para mim, estendeu-me a mão para me ajudar sair do veículo. Andamos abraçados como todo e qualquer casal de

PERIGOSAS ACHERON

namorados. Entramos na cafeteria, Saulo escolheu a mesa, puxou a cadeira para que eu sentasse e depois sentou ao meu lado, com os braços envoltos em torno de mim. Enquanto olhávamos o cardápio, uma garçonete se aproximou e nos cumprimentou:

— Bom dia, já escolheram?

— Bom dia — respondemos uníssono.

— Já sei que gosta de café forte e o que mais deseja? — ele me perguntou avaliando o cardápio.

— Torradas com geleia e um pão de queijo está ótimo — respondi.

— Perfeito, quero o mesmo — ele disse e entregou o cardápio à garçonete.

Ela ficou alguns instantes encarando-o e depois saiu, Saulo não percebeu os olhares insinuantes dela, mas eu percebi que ela estava interessada, muito interessada, por sinal. Não poderia ser diferente, ele era jovem, muito bonito e atraente.

A cafeteria era pequena, mas bem decorada e

PERIGOSAS ACHERON

organizada, um ambiente até que agradável. Havia poucas mesas no interior e outras na calçada. Havia alguns poucos clientes, mas os poucos presentes foram o suficiente para me deixarem constrangida com tantos olhares destinados a nós. Parecíamos celebridades, as pessoas em nosso entorno, não tiravam os olhos de nós.

— Algum problema, Helena? — Saulo perguntou percebendo meu incômodo.

— Somos a atração da cafeteria, as pessoas não tiram os olhos de nós.

— Estão com inveja da linda mulher que tenho ao meu lado — ele disse e alisou meu cabelo.

— Decerto que sim, mas obviamente queriam estar no meu lugar. Porém creio que olhares são mais preconceituosos do que invejosos, Saulo. Nossa diferença de idade é notória, tenho idade para ser sua...

Saulo me beijou subitamente, impedindo que concluísse minha fala. Era nítido que ele não se incomodava nenhum um pouco com nossa

PERIGOSAS ACHERON

diferença de idade e muito menos com a opinião das pessoas que tanto nos olhavam.

— Eu não me importo. Eu quero você e o que os outros pensam não mudará meus sentimentos.

— Você é tão maduro e sensato que às vezes me faz parecer infantil.

— Helena, eu realmente não me importo com nossa diferença de idade, o que importa para mim é isso — ele pegou minha mão e pousou do lado esquerdo do seu peito, na altura do coração. — Sinta o quão forte meu coração bate quando estou perto de você.

Um sorriso imediatamente se formou em meus lábios.

— Preciso dizer que quando estou perto de você esqueço o mundo completamente, mas eu receio que não consiga te dar o que você merece e precisa.

A garçonete chegou e colocou nosso café na mesa, deu um sorrisinho sem graça e saiu. Saulo
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esperou ela se distanciar para novamente fazer meu coração transbordar de felicidades.

— Tudo que eu preciso é você, minha Helena, deixe-me cuidar de você, quero ser o seu Saulo, sua vida, sua felicidade e tudo o que precisar.

Nos beijamos outra vez, mesmo feliz ao lado dele, eu sabia que não seria fácil vivermos nosso amor em paz, sempre receberíamos olhares preconceituosos por conta da nossa diferença de idade, mas eu precisava me acostumar com isso, nossa felicidade era mais importante que quaisquer dificuldades que nosso relacionamento pudesse enfrentar.

— Tenho medo de acordar e perceber que estou sonhando.

Saulo sorriu lindamente, beijou minhas mãos e nos serviu o café.

— Não tema, eu sou real e estou aqui com você, confie em mim, Helena, eu só quero vê-la feliz e ser feliz ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já está fazendo e isso me deixe temerosa.

— Não tenha medo, farei o meu melhor para te ver assim, sempre sorrindo.

— Vou tentar, mas é difícil, já tive experiências muito dolorosas com relacionamentos.

Minhas palavras trouxeram-me tristes lembranças, muito difíceis de recordar, todas as vezes que tentei iniciar um novo relacionamento, essas lembranças vinham à tona e na maioria das vezes, fazia-me desistir de tudo. Mas agora não, dessa vez eu vou me permitir ser feliz e Saulo é a pessoa certa.

— Helena, não se sinta pressionada a nada, vamos com calma, daremos um passo de cada vez, só preciso que converse comigo, fale-me se algo estiver te incomodando, precisamos resolver juntos.

— Tudo bem, obrigada por me compreender.

— Sempre, minha Helena. Vamos ao café? Ou o tomaremos frio.

PERIGOSAS ACHERON

— Verdade — confirmei apertando sua mão.

Tomamos café e depois retornamos para HML, trocamos mais alguns beijos e abraços envolventes no estacionamento, nossas despedidas estavam ficando cada vez mais difíceis, não queríamos nos largar. Sua companhia era sempre tão agradável que gostaria de ficar mais tempo ao seu lado, eu nem mesmo olhei minha agenda e não me importava com os compromissos que pudesse ter. Às sete da noite, pontualmente, estaria em seu apartamento para mais um encontro.

Retornei para minha sala e Juliana já havia chegado.

— Bom dia, Juliana.

— Helena? Bom dia, você está bem? — ela perguntou estranhando o meu horário.

— Maravilhosamente bem e você?

— Estava preocupada com você, vi sua bolsa na sua sala e a recepcionista me informou que havia saído de pés, está tudo bem mesmo?

— Sim, Juliana, obrigada pela preocupação e não precisa trazer meu café, tomei fora hoje.

Entrei em minha sala e Juliana permaneceu na recepção embasbacada, não sei estava admirada pelo meu horário ou pelo fato de eu ter tomado café fora, já que sempre tomo na empresa.

Olhei minha agenda e por sorte havia poucos compromissos, tratei de agilizar tudo que teria para o dia, não queria que nada atrapalhasse o meu compromisso com Saulo. Ocupei-me das tarefas triviais e cerca de uma hora depois, Juliana ligou para minha sala, informando que havia um entregador com flores para mim na recepção, ela as recebeu e trouxe-as para mim, eu já imaginava quem era o remetente, e estava certa: Era dele, minha vida! Saulo enviou um lindo vaso com margaridas coloridas e um cartão dentro de um pequeno envelope, escrito à mão:

“Para alegrar o seu dia, pense em mim porque estarei pensando em você.

Sua vida,

Seu Saulo.”

Sorri e coloquei as flores bem próximo do meu *notebook*, uma forma de mantê-lo mais presente no decorrer do meu dia, embora estivesse com ele sempre em meus pensamentos e coração.



Três semanas depois...

Retornei para casa por volta das duas da manhã de sábado, as últimas três semanas, eu e Saulo nos encontrávamos diariamente no apartamento dele, sempre após o expediente de trabalho. Foram as semanas mais felizes da minha vida nos últimos

anos. Saulo era um homem íntegro, lindo, carinhoso e paciente, muito por sinal.

Eu sempre tive medo de relacionamentos por conta de experiências traumáticas anteriores, foram tão dolorosas que me marcaram profundamente, a tal ponto que nunca encarei o sexo como algo bom. Quando casei com Antônio, o sexo era mais uma obrigação de esposa do que prazer. Acredito que esse foi um dos motivos que culminou na nossa separação.

Saulo está sendo tão paciente e gentil, que me deixa tocada, quando nosso desejo evolui, ele subitamente interrompe nossos beijos, carinhos e desconversa. Porém, nos últimos dias eu tenho desejado ir além, mas não por obrigação, não apenas para satisfazê-lo, e sim por mim, ele tem despertado meus desejos de um modo tão lascivo, como nunca imaginei ser possível. Porém, sua polidez é tão grande que ele ainda não percebeu que também o desejo com a mesma intensidade.

Tomei um banho, redigi uma mensagem para Saulo informando que tinha chegado e depois

adormeci, como um anjo. Noites de sonos tranquilas haviam se tornado rotina na minha vida depois que o conheci. Já era madrugada e eu precisava dormir cedo, combinamos de fazer a sessão de fotos que devo a ele, amanhã durante o dia.

Despertei bem cedo, fiz alguns exercícios de yoga, tomei um banho, mal terminei de me vestir e o meu celular tocou. Era o meu Saulo. Incrível como meu coração ainda acelerava ao ler: “Minha vida” no visor do celular.

— Bom dia, minha vida.

— Bom dia, minha Helena, como foi sua noite?

— Ótima, pensei em você, como sempre, e adormeci como um anjo e a sua?

— Não foi melhor porque estou ansioso demais pela nossa sessão de fotos.

Sorri, um tanto desconcertada, apesar de já estarmos namorando, fotos me deixavam constrangida, mas havia prometido que as faria,
PERIGOSAS ACHERON

então, cumprirei com a minha palavra.

— Eu também estou ansiosa para conhecer esse lugar tão especial que deseja me levar.

— Já posso passar para buscá-la?

— Sim, claro!

— Vista calças e roupas leves, por favor — ele recomendou.

— Tudo bem — respondi confusa.

— Em dez minutos me espere na frente do seu edifício.

— Combinado, beijo!

— O beijo guarde para daqui a pouco — ele disse animado e depois desligou.

Troquei o vestido por uma calça jeans, uma sapatilha e uma camiseta básica, depois vesti uma jaqueta por cima da camiseta. Passei um batom, um pouco de perfume e saí. Peguei apenas minha bolsa

PERIGOSAS NACIONAIS

e o celular. Cerca de dez minutos depois, descii e fiquei tão surpresa, ao vê-lo me aguardando sentado em uma motocicleta, segurando um capacete reserva. Caminhei na sua direção, ele levantou-se da moto e veio ao meu encontro.

— Agora eu quero beijo que falou por telefone — ele disse pousando a mão em minhas costas, unindo nossos corpos e me beijou.

Saulo estava lindo com uma jaqueta de couro, camiseta de algodão e jeans, parecia um verdadeiro motoqueiro. Ele ficou de frente para mim e colocou o capacete em minha cabeça, organizou cuidadosamente meus cabelos e por fim o afivelou.

— Posso confessar uma coisa? — disse séria.

— Sim, o que desejar — ele disse e parou para me encarar.

— Eu nunca andei de motocicleta.

— Sério? Nem como passageira?

— Não, nunca — confirmei.

PERIGOSAS ACHERON

— Fique tranquila, eu sei pilotar muito bem, confie em mim. Tenho certeza que você vai gostar do passeio.

— Eu confio, só não sei se realmente irei gostar — afirmei com um sorriso, mas confesso que um pouco amedrontada.

— Vamos? — ele perguntou e montou na moto.

Saulo me orientou como deveria montá-la, em seguida abracei-o forte. Ele nem mesmo ligou a moto e eu já estava adorando ficar grudada nele. Saímos, em um sábado ensolarado, com o vento batendo em nossos rostos, uma sensação de liberdade se apoderou do meu ser, senti-me tão livre, tão liberta, foi uma sensação indescritível, que nunca pensei que sentiria realizando algo tão banal quanto andar de motocicleta.

— Isso é bom demais! — gritei para que ele me ouvisse.

— Eu disse que iria gostar.

Percorremos alguns quilômetros e já nos
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

afastávamos da cidade, não tinha ideia para onde ele me levaria, mas estava certa de que aqui no seu abraço, não tinha coração partido, lembranças dolorosas ou sofrimentos. Só havia espaço para felicidade.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Saulo

O dia amanheceu perfeito por dois motivos muito especiais: passaria o dia inteiro ao lado da minha Helena e finalmente faria as fotos dela. Preciso vê-la todos os dias ao dormir e acordar. Reproduzirei a melhor foto e colocarei bem de frente para minha cama.

Nossas últimas semanas juntos foram ótimas, minha admiração e sentimentos por ela, aumentam na mesma proporção e sinto que os dela também. Ela é uma mulher incrível, embora com todos os seus receios em se envolver, ainda assim é linda e me faz ter a paciência necessária para esperá-la. Quero tê-la por completo, toda para mim, mas no

PERIGOSAS NACIONAIS

momento exato. Nosso relacionamento está fluindo bem, estamos nos conhecendo melhor e a cada dia nossa necessidade de estarmos juntos só aumenta, principalmente o meu desejo, está ficando cada vez mais difícil evitar que nossos beijos evoluam para algo mais íntimo. Ela já está bem mais solta e confiante e até um pouco mais ousada. Já percebi suas intenções, mas não quero fazer nada por impulso, quero ir com calma, estou freando meu desejo por ela, não a quero de qualquer modo, quero no momento exato para que nossa primeira noite juntos seja especial e inesquecível.

Estacionei a moto em frente ao edifício dela, logo ela desceu, iluminando meu dia, alegrando meu sorriso apenas pela sua presença. Saímos juntos, rumo à felicidade. Sempre gostei de andar de moto, mas com ela, sem dúvida, é muito mais prazeroso, sentir seus braços envoltos em meu tórax, torna tudo mais especial. Fiquei surpreso em descobrir que ela nunca tinha andado de moto, mas fiquei mais feliz por saber que eu seria o primeiro a fazê-la descobrir o quão prazeroso é sentir o vento de encontro ao nosso corpo. Ela adorou, como eu imaginava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu a levei para a antiga fazenda dos meus avós maternos, quando eles decidiram vendê-la, eu a comprei, não queria perder esse espaço, eu guardo tantas lembranças boas daqui, tanto da minha infância quanto da juventude, não poderia perder esse lugar. Eu o tinha como uma espécie de refúgio, quando quero aliviar o estresse, tomar uma decisão importante ou até mesmo ficar sozinho, é aqui que costumo vir. Apesar de frequentar pouco, mantenho tudo bem cuidado e sempre deixo alguns pertences pessoais aqui. Ultimamente minhas visitas têm sido mais para trabalho do que lazer, a paisagem daqui é ótima para ensaios externos.

A propriedade ficava na zona rural de Guarulhos, as estradas de acesso estavam em boas condições, o que nos possibilitou vir de motocicleta. Não ficava muito distante, tentei vir devagar, sem pressa, queria prolongar ao máximo nosso passeio. Chegamos cerca de uns quarenta minutos depois, desci para abrir os portões e depois continuamos o trajeto até a casa principal.

— Chegamos, minha Helena.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Descemos da moto e eu ajudei-a a desafivelar o capacete, beijei seus lábios rapidamente e organizei cuidadosamente seus cabelos assanhados pelo vento.

— Devo estar horrenda assanhada — ela disse sorrindo alegremente.

— Você é linda de qualquer jeito — disse e beijei sua testa.

— Porque ainda não me viu ao despertar.

Até senti vontade de responder, mas achei melhor me calar. Ela não fazia ideia o quanto desejava dormir e acordar ao lado dela. Apenas sorri de suas palavras. Por sorte, ela não percebeu o meu silêncio.

Helena ficou encantada com o lugar, olhou rapidamente em volta, admirada e de posse de um sorriso perfeito, digno da foto que tanto almejo para decorar meu quarto.

— Aqui é lindo, Saulo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, e é por isso que gostaria de trazê-la aqui, para conhecer um pouco mais de mim. Aqui nessa propriedade passei bons momentos da minha infância e adolescência. Guardo ótimas recordações.

— Você fala com tanto carinho dos seus familiares, fico tocada com isso.

— E você pouco fala sobre os seus.

O sorriso desapareceu do seu rosto, seus olhos imediatamente demonstraram tristeza. Helena nunca tinha falado de seus familiares, ela já sabia tudo de mim e eu continuava a saber pouco dela. Percebi que as poucas vezes que toquei no assunto, ela esquivou-se e evitou falar.

— Eu não tenho contato com eles, faz muitos anos que não nos falamos, na verdade, eu nem sei se meus pais ainda são vivos. Saí muito jovem do Sergipe, não tenho contato nem mesmo com meus irmãos.

— Nunca pensou em procurá-los? — perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É uma situação complicada, Saulo, mas não quero falar sobre isso, não hoje, não agora. Eu quero aproveitar o dia maravilhoso ao seu lado, apenas algumas horas por dia está ficando insustentável.

— Pensei que só eu que pensava desse modo — disse e beijei sua testa.

— Absolutamente, não. Se pudesse, ficaria o dia inteiro juntinho de você.

Meu dia se iluminava, meu sorriso se abria ao ouvir palavras tão doces de Helena, eu estava certo da veracidade delas. Nosso relacionamento estava fazendo tão bem para mim quanto pra ela, eu via nos olhos dela o quanto ela estava feliz, e percebia que a cada dia era como se eu estivesse devolvendo um pouco de vida e alegria a ela. Embora eu soubesse que o coração dela estava partido, e que ela possui cicatrizes na alma, das quais ainda não sabia exatamente o motivo, eu desejava apagar cada uma delas e curar seu coração com todo o meu amor, para enfim ele ser inteiramente meu.

PERIGOSAS ACHERON

Nos beijamos longamente, fizemos um rápido tour pela propriedade, depois entramos na casa abraçados para tomar café.

— Quer ajuda para preparar o café? — ela perguntou.

— Sim, aceito — disse beijando-a novamente.

— Quer dizer que estive aqui mais cedo e já providenciou tudo para o nosso dia? — ela perguntou surpresa.

— Sim e ainda tive tempo para isso aqui — virei-me para pegar uma rosa vermelha que estava no meio das sacolas de compras, sobre a mesa da cozinha. — Para você, minha Helena.

— É linda, obrigada, minha vida — ela inalou o perfume da rosa, sorriu lindamente e me beijou.

— Agora vamos providenciar o café, estou louco para fotografá-la.

— Eu ainda fico tensa com isso, receio que não consiga capturar a sua tão linda e esperada foto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro que vou conseguir, a modelo faz toda a diferença, aliado com o talento do fotógrafo, então! Terei a melhor foto de todos os tempos, digna de um pôster.

— Apesar de não gostar muito de fotos, eu confio em você.

— Agora vamos agilizar para poder aproveitar o dia.

Trouxe os ingredientes para nosso café da manhã e almoço, trouxe bem mais do que o necessário, reconheço. Mas, eu não sabia de tudo que ela gostava de comer, então preferi trazer um pouco de tudo. Eu passei o café enquanto Helena organizou os alimentos na dispensa e geladeira, depois tomamos nosso café, lavamos as louças, preparamos uma pequena cesta com frutas e água e saímos.

Eu tentava manter sempre tudo muito bem conservado e cuidado, para isso mantive o mesmo casal de caseiros, desde quando a propriedade ainda era dos meus avós. Antes de vendê-la, meus avós

PERIGOSAS ACHERON

dividiram-na e doaram uma parte para eles, como retribuição pelos anos que trabalharam aqui. Quando comprei, fiz questão de mantê-los como caseiros, apesar de remunerá-los, temos uma relação bem maior do que patrão e empregado, eles são considerados como parte de nossa família, viram-me crescer e refletem todo seu carinho pela nossa família no cuidado e trato diário com a fazenda. Eu adorava tudo isso aqui, sobretudo o riacho que cortava a propriedade, nas margens dele tinha muitas árvores frutíferas, espaços gramados, uma ponte de madeira atravessando-o, e uma cachoeira, que apesar de pequena, garantia um clima bucólico enaltecendo a paisagem natural, tornando-a ainda mais exuberante para os cenários de fotografia. O contato com a natureza me deixava sereno e hoje em especial, parecia que as árvores e a grama estavam mais verdes, até o céu estava mais azul, acho que a companhia de Helena torna tudo mais especial.

— Acho que aqui está bom — disse beijando sua mão que estava entrelaçada a minha.

Chegamos nas margens do riacho, coloquei a

cesta debaixo de um pé de abacate, enquanto ela admirava a paisagem, peguei minha câmera e fiz algumas fotos dela, sem que ela percebesse.

— Eu estou ao seu dispor, minha vid. — ela disse e se virou para mim.

Ela estava especialmente linda e feliz, era isso que eu queria, vê-la como sempre desejei, sem filtros, sem barreiras, sem tristezas. Fiz mais uma foto, inesperadamente, e então ela sorriu, seu rosto estava iluminado pelo sol da manhã, o vento bagunçava seus cabelos curtos, parecia um anjo de candura.

— Não esperou nem eu fazer pose, assim não vale — ela protestou.

— Eu a quero assim, espontânea, quero saber quem é você. As fotos são capazes de revelar muitas coisas, sabia?

— Não, não faço ideia. Conte-me, o que pode descobrir com minhas fotos?

— Sua essência, sua alma, seus sentimentos e o
PERIGOSAS ACHERON

que guarda nesse coração.

— Não precisa de foto para isso — ela caminhou em minha direção, alisou minha barba suavemente e continuou: — Eu revelo, tem uma felicidade tão grande que transborda em forma de sorriso, um desejo tão grande de estar ao seu lado que perpassa todos os meus medos. Além da vontade gigantesca de me entregar de corpo e alma para o único homem que me fez desejar isso, você, minha vida, é o responsável por isso.

Tenho certeza que meus olhos brilhavam, igualmente os dela, era a constatação que o que sentíamos um pelo outro era forte, muito forte. Suas palavras tocaram minha alma tão profundamente que fiquei mudo, só queria observar aquele sorriso formoso, que era meu, só meu, todo meu.

— Não sabe o quanto meu coração se alegra ao ouvir isso de você, Helena — puxei pela sua cintura e a envolvi em um abraço, inalei o perfume dos seus cabelos. Depois busquei seus lábios e a beijei, com todo o meu amor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nesse clima romântico, com conversas agradáveis e beijos, muitos por sinal, permanecemos a manhã inteira às margens do rio, sentindo o frescor da manhã, abrilhantada pelo sol que reluzia lindamente nos cabelos da minha Helena. Eu estava exultante por poder devolver a ela um pouco de felicidade. Vê-la tão radiante e feliz, bem diferente da postura fria e distante de quando a conheci, era tão importante para mim quanto estar ao seu lado.

Sob a sombra do abacateiro, comemos algumas frutas, dividimos chocolates, fizemos planos e muitas fotos juntos e várias só dela. Enfim, consegui minha tão desejava foto, olhei rapidamente pelo visor da câmera e constatei que eu sempre estive certo: Helena é incrivelmente linda por dentro e por fora, sua alma agora reluz, muito diferente de quando a fotografei pela primeira vez, ela estava feliz, seus olhos azuis agora estavam límpidos e não mais acinzentados como da primeira vez que os fitei.

Retornamos para casa da fazenda, o tempo estava fechado, parecia que ia chover. Nosso

PERIGOSAS ACHERON

almoço estava pronto, pedi para dona Justina fazê-lo. Ao nos aproximarmos já era possível sentir o aroma da comida caseira dela, a mesma que tantas vezes me delíciei.

— O cheiro está maravilhoso. Com fome? — perguntei.

Helena passou em minha frente, detendo-me. — Um pouco, mas estou bem mais curiosa para saber o que faremos após o almoço.

— Trouxe um filme especial para assistirmos juntos, pipocas, chocolates e tenho muitos beijos o que acha? — perguntei envolvendo-a em um abraço.

— Perfeito, melhor impossível.

Trocamos mais alguns beijos e continuamos o trajeto até a casa, ao entrarmos Justina nos recebeu alegremente.

— Oi, Saulinho, como você está meu filho? — ela pousou as mãos em meu rosto e me abraçou ternamente, correspondi seu abraço, mas continuei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segurando a mão de Helena.

— Estou ótimo, Justina. Essa é a minha namorada Helena — aponte para ela.

— Muito prazer, filha. — Justina abraçou-a carinhosamente.

— O prazer é meu, Justina. — Helena retribuiu seu abraço.

— Onde está o seu Abraão? — perguntei.

— Ele está na horta. Mandou lembranças para você, disse que o viu chegar acompanhado e não quer atrapalhar. E eu já vou indo também.

— Mande um abraço a ele e obrigado pelo almoço, estava com saudades desse cheirinho.

— Oh, filho! Não precisa agradecer, faço com muito gosto. Agora vão comer que ainda está quentinho, foi um prazer revê-lo e conhecer você também, Helena. Aproveitem e voltem com mais frequência, até mais.

PERIGOSAS ACHERON

Justina saiu e nós entramos abraçados, o almoço estava servido e o cheiro apetitoso só aumentou minha fome. Puxei a cadeira para Helena, depois nos servi e sentei ao seu lado. Almoçamos galinha caipira, polenta e macarronada, tudo muito saboroso. Foi um almoço rápido e maravilhoso.

— E agora? O que faremos, minha vida?

Aproximei-me dela e alisei seus cabelos, seus olhos brilhavam lindamente, ela pousou seus braços em meu pescoço, fechei os olhos e me perdi no cheiro inebriante dela, beijei sua orelha, sua pele arrepiou e ela riu. Como era linda sorrindo, eu ficava cada vez mais fascinado no seu riso.

— Vamos assistir um filme, sentadinhos no sofá, somente eu e você.

— Perfeito! O que assistiremos? — ela questionou.

— Tem algum compromisso para hoje à noite? — olhei o tempo pela janela, estava serenando. — Pelo tempo, parece que ficaremos mais do que
PERIGOSAS ACHERON

previa.

— Meu compromisso é com você, não tenho hora para retornar e também não me importo de dormirmos aqui.

Não posso negar que fiquei feliz ao ouvir isso, ela estava tentando ser ainda mais clara que suas ações. Alisei seu rosto e beijei sua testa.

— Eu sei, só perguntei para sabermos o horário de retornar, caso tivesse algum compromisso urgente.

— Não tenho, desde o dia em que aceitei ser sua namorada, todas as minhas noites foram reservadas para você. A propósito, gostei de ser apresentada como sua namorada.

— É o que você é, minha Helena, minha namorada.

Beijamo-nos e depois a conduzi até o sofá, peguei o controle e liguei a TV, já tinha deixado tudo pronto, sentei ao seu lado, aconcheguei-a em meu colo, alisei seus cabelos ternamente.

— Não acredito, eu adoro esse filme, Minha bela dama marcou minha adolescência, assisti muitas vezes, eu era fã da Audrey Hepburn, quando criança — ela afastou-se do meu colo buscando meus olhos. — Às vezes tenho a sensação que você sabe mais de mim do que eu mesma.

Sorri de suas palavras, desci os dedos alisando a pele do seu rosto até nos lábios, contornei-os com o meu polegar. Como eu desejava essa mulher, era incrível o encanto que ela tinha, ainda me surpreendia com o quanto eu era capaz de desejá-la.

— Gostamos das mesmas coisas.

— Concordo — ela confirmou alegre.

— Também gosto do filme, mas prefiro a sua companhia.

Ela sorriu e deitou-se novamente no meu colo, assistimos poucas partes do filme, na verdade, namoramos bem mais do que assistimos. O clima entre nós estava cada vez mais quente e difícil de interromper. Eu confesso que há muito tempo desejo ir além, mas freava meu desejo. Mas hoje,
PERIGOSAS ACHERON

estava difícil, ela também não colaborou, desceu as mãos pelo meu peito, alisando-os maliciosamente. Respirei profundamente tentando resistir seus carinhos, aguentei por um tempo e depois cessei nossos beijos e abracei-a forte, eu queria ir além, mas com calma, sem pressão alguma.

Estávamos tão envolvidos que não percebemos o quanto a chuva aumentou, pouco antes do fim do filme, os ventos invadiram as janelas com toda força, levantei para fechá-las. Não tinha me dado conta do horário, olhei no meu relógio e já era por volta das seis da tarde, era o horário que eu havia planejado para retornarmos.

— Estava tão envolvida no seu abraço que não percebi que chovia tão forte — ela disse seguindo-me.

— Acho que a chuva não passará tão cedo.

— Tudo bem, podemos dormir aqui e retornamos amanhã. Tem uma camiseta extra para me emprestar? — ela perguntou.

— Sim, tenho algumas roupas por aqui —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acrescentei sério, dormir na mesma casa que ela seria muito difícil.

— Algum problema, Saulo? Parece que não gostou da ideia de passarmos a noite aqui.

Abracei-a forte e depois afastei-a para olhar seus olhos.

— Eu sei que sexo é difícil pra você, eu não vou negar que te desejo muito, a tal ponto que temo por mim, saber que estará a noite inteira aqui tão perto é torturante.

— Não tema, Saulo, eu também desejo você — ela alisou meu rosto.

— Eu sei, mas não quero ir rápido demais e assustá-la, quero esperar o momento exato para isso.

Um sorriso lindo iluminou seu rosto.

— Você é tão incrível que parece até um anjo de tão bom para ser verdade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Abraçamo-nos e por sorte tinha um tabuleiro de xadrez na fazenda, ensinei-a jogar, ótima estratégia para passarmos o tempo. Jantamos e nos ocupamos o restante da noite com partidas de xadrez e muitos beijos. A chuva não passou um só instante, já era tarde, ela começou bocejar, então emprestei-lhe uma camiseta e enquanto ela tomava banho, arrumei a cama para ela, eu dormiria no sofá.

Retornei para sala, tirei a camisa, os sapatos e fiquei só de calça, enquanto arrumava o sofá de modo aconchegante para dormir, ela apareceu na porta do quarto, vestida apenas com a minha camiseta.

Porra! desviei o olhar, fingi continuar arrumando o sofá, mas ela se aproximou, eu parecia um bicho acuado resistindo duramente o desejo que tinha por ela. Ela tocou meu ombro suavemente, virei-me para ela e contive minha vontade de olhá-la por completo, foquei apenas no seu rosto.

— Queria desejar boa noite — ela disse suavemente, tão linda e serena que me hipnotizava, fiquei parado no seu olhar momentaneamente.

PERIGOSAS ACHERON

Abracei-a rapidamente e beijei sua testa. —
Boa noite, minha Helena.

Ela saiu e eu me virei rapidamente, não queria olhar muito. Deitei no sofá, fechei os olhos e tentei dormir, mas não consegui. Virei de um lado a outro, minha cabeça estava à mil. Levantei e tomei um banho, depois peguei o celular e coloquei uma *playlist* relaxante, como estava sem fones de ouvido, deixei em um volume bem baixo, para não atrapalhar o sono de Helena. Coloquei o celular no bolso e deitei novamente. Tentei limpar a mente e pensar em qualquer coisa boa que não fosse ela, se continuasse pensando nela não conseguiria pregar o olho.

Adormeci não sei por quanto tempo, despertei sobressaltado, ouvindo gritos vindo do quarto que Helena estava dormindo. Corri desesperado, a porta estava entreaberta e o abajur ligado, deparei-me com ela dormindo, olhei em volta, ainda assustado, não havia ninguém no quarto, só nós dois. O silêncio momentâneo do quarto me fez pensar que estava maluco, mas logo ela gritou outra vez e pronunciou algumas palavras que não consegui

entender corretamente. Aproximei-me da cama e ela se debatia desesperada, era um pesadelo. Suas feições de dor cortaram meu coração, seus músculos estavam contraídos, ela se encolheu como se estivesse se protegendo de uma agressão, fiquei paralisado diante do que via, sentei na cama e vi seu rosto banhado de lágrimas, ela chorava.

Caralho! Não posso deixá-la reviver isso, preciso fazer algo.

Toquei seu braço e ela gritou e se encurvou ainda mais:

— Não, Cláudio, deixe-me em paz.

Eu senti a dor dela naquele toque, sua pele estava fria, ela suava frio e chorava descontroladamente. Segurei firme as lágrimas que enchiam os meus olhos, respirei fundo e me concentrei apenas em respirar, para não desabar no choro vendo minha Helena sofrendo. Toquei seus ombros suavemente, curvei-me para falar mais próximo do seu ouvido:

— Minha Helena, acorde.

Ela não se moveu.

Alisei seus cabelos, e a chamei outra vez: —
Minha Helena, sou eu, sua vida, acorde por favor.

Ela despertou assustada, seus olhos estavam vermelhos, ela sentou-se na cama calmamente e respirava ofegante, alisou sua coxa esquerda, fechou os olhos e continuou chorando. Eu que só tentava segurar o choro naquele momento, vendo-a tão frágil, não resisti, chorei com ela e abracei-a forte. Passamos alguns minutos chorando abraçados em completo silêncio, sobre a cama. Seu corpo já estava mais quente, sua respiração mais compassada. Continuei mantendo-a no meu abraço, aquecendo-a e dando-lhe o meu amor.

— Desculpe — ela sussurrou.

— Não se desculpe, você não tem culpa de nada. — disse e segurei seu rosto para encarar seus lindos olhos azuis.

— Eu não queria que me visse assim... — interrompi suas palavras.

— Você teve um pesadelo, foi só isso, não vai mais acontecer, eu estou aqui, vou acalmá-la — beijei seus lábios suavemente.

Peguei o celular do bolso, coloquei a *playlist* para tocar novamente e o coloquei no criado-mudo. Organizei os travesseiros e apontei para que ela deitasse novamente.

— Deite-se, a música vai ajudá-la dormir novamente. Ficarei aqui até pegar no sono.

Helena deitou-se e eu permaneci sentado ao seu lado, alisei seus cabelos ternamente, até ela fechar os olhos. Depois de alguns minutos levantei para voltar para o sofá, mas ela segurou em minha mão.

— Não vá, fique comigo.

— Tudo bem — sentei na cama novamente.

— Não, deite-se ao meu lado.

Hesitei em atender seu pedido, eu evitava contatos mais íntimos por ela e depois do pesadelo de hoje, receio que é melhor adiarmos qualquer tipo

PERIGOSAS ACHERON

de relação mais íntima. Mas, seus olhos amedrontados me fizeram mudar de ideia. Deitei na cama de frente para ela, ficamos nos encarando por longos minutos, alisei seus cabelos e rosto, seu olhar amedrontado aos poucos se esvaiu.

— Está mais calma? — perguntei.

— Sim, pensar em você me acalma e ficar ao seu lado, então, tranquiliza-me completamente — ela acariciou minha barba.

Permanecemos nos olhando, até ela se aproximar um pouco mais, muito por sinal, invadiu minha margem de segurança que delimitei mentalmente. Desceu os dedos lentamente pelo meu rosto, pescoço até chegar no meu peitoral. Droga! eu estava sem camisa, seu toque suave me atingia violentamente, fechei os olhos, tentando absorver o efeito do toque dela, embora suave, atingia-me com a selvageria que eu a desejava. Ela percebeu meu incômodo, mas não parou, pelo contrário, aproximou-se ainda mais, buscou meus lábios em um beijo suave, casto, mas não resisti, retribuí seu beijo com todo o meu desejo. Foi um

beijo longo, sôfrego e urgente.

— Não, Helena, acho que não devemos... —
disse cessando o beijo e saí da cama.

Helena ajoelhou-se na cama, tirou a camiseta, ficou completamente nua, deixando-me mais uma vez imóvel, embasbacado, admirando-a fascinado.

Tão linda,

Tão serena,

Tão minha.

Meu coração disparou, ela ergueu a mão para mim, segurei-a e ela me puxou para junto dela, ficamos ajoelhados na cama, em completo silêncio, apenas nossos corpos falavam e diziam insistentemente o quanto se desejavam. Olhei-a mais uma vez e vi a segurança que sempre quis para dar um passo adiante, ela mais uma vez, surpreendeu-me com suas palavras sussurradas em meu ouvido:

— Você já tem meu coração e minha alma,
PERIGOSAS ACHERON

agora te entrego meu corpo. Quero ser sua, minha vida, simplesmente sua.

Naquele momento, o universo conspirou ao nosso favor, ela estava serena e eu nervoso e ansioso, a chuva continuava cair e o clima estava perfeito, apesar do calor que emanava dos nossos corpos. Até minha *playlist* tocou a música ideal para o momento, ao som de *My Girl*, *The Temptations*, entregamo-nos ao desejo avassalador que tanto reprimi nos últimos dias. Somente eu e Helena, unindo-nos a um só corpo, uma só alma e um único coração.

Capítulo 13

Helena

Olhos nos olhos, bocas em completo silêncio, as mãos passeavam pelos nossos corpos sedentes de desejo. Saulo me tocou lentamente, como se quisesse conhecer cada pedacinho do meu corpo com suas mãos. À medida que suas mãos exploravam meu corpo, meu nervosismo se esvanecia, aos poucos o seu modo envolvente e tão carinhoso, romperam todos os meus medos e receios. Pela primeira vez, não tive dor, mas sim desejo, eu o queria, desejava-o e via nos seus olhos que era mútuo. Naquele momento, despi-me de qualquer pudor e sofrimento, não houve espaço para medo ou desconforto, só existia o desejo lascivo e urgente de ser completamente dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Finalmente senti seu corpo pesando sobre o meu, seus lábios quentes contra minha pele, já não havia mais um resquício de dor ou angústia, apenas um turbilhão de sentimentos ardendo em meu peito, libertando-me de todos os sentimentos ruins, que um dia existiram no meu coração. Então eu fui sua, toda e completamente sua, de corpo e alma.

Confesso que nunca pensei que depois de tudo que passei, seria feliz novamente e muito menos que o sexo era bom, bom não, maravilhoso. Saulo foi tão carinhoso e paciente que não poderia ter sido melhor. Há alguns dias eu queria me entregar por completo, mas ele estava certo, esperar pelo momento exato, sem dúvida, deixou tudo mais significativo e inesquecível.

Estava deitada no colo de Saulo, nossas mãos estavam entrelaçadas, ele alisava meus cabelos com a outra e de vez em quando os beijava. Nossos corpos ainda estavam suados e um pouco ofegantes. Eu me senti tão completa e feliz, que não sou incapaz de escolher outro momento ao longo da minha vida que tenha me sentido desse modo.

PERIGOSAS ACHERON

— Sei que parece clichê fazer esse tipo de pergunta, mas eu preciso saber, foi bom?

Sorri com sua pergunta, apesar de clichê, sua preocupação comigo era sincera. Saulo estava mais preocupado em me satisfazer do que a si próprio, era nítido que ele estava se contendo e tentando não me assustar com seu sexo selvagem, mas não me assustou, pelo contrário, senti-me desejada, amada e mais mulher do que sou. Virei-me para olhar seus olhos.

— Minha vida, você acabou de me mostrar que o sexo é maravilhoso. Foi a melhor experiência de toda a minha vida — alisei seu rosto que imediatamente formou um sorriso tímido.

— Eu tive medo de assustá-la.

— Não tenha mais medo. Você foi incrível, carinhoso, paciente, gostoso e... — fiz uma pausa, tentando conter minha euforia. — Perfeito!

Seu sorriso alargou-se ainda mais, ele continuou me encarando, pousou as mãos em meu rosto e curvou-se para beijar meus lábios

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

castamente.

— Sou o homem mais feliz desse mundo.

— E eu a mulher mais sortuda desse mundo por ter um namorado tão incrível. Obrigada por existir, minha vida. — Beije-o com desejo e nos amamos novamente.

Despertei bem cedo, Saulo ainda dormia tranquilamente, como um anjo formoso. Sentei na cama e o observei por alguns instantes dormindo. Recordei da nossa noite e meu coração disparou, senti um frio na barriga, estava tão feliz que a felicidade não cabia em mim. Eu estava transbordando de felicidade. Levantei sorrateiramente, tomei um banho e olhei-me no espelho, minha pele parecia mais saudável, meus cabelos mais sedosos, e meus lábios pareciam que não conheciam outra forma a não ser a de um sorriso bobo que insistia em ficar estampado no meu rosto. Foi a noite mais maravilhosa da minha vida, dormimos pouco, muito pouco, por sinal. Para quem não gostava de sexo, confesso que não me reconheci ontem, eu queria sempre mais.

PERIGOSAS ACHERON

Vesti a camiseta dele, saí silenciosamente do quarto, queria preparar nosso café. Passei um café forte, organizei a mesa, Saulo é tão cuidadoso que fez questão de trazer minhas torradas favoritas e geleia de damasco. Coloquei iogurtes, queijo e alguns pães sobre a mesa. Peguei minha rosa vermelha coloquei dentro de um copo com água para decorar a mesa. Já estava finalizando tudo, quando senti seus braços me envolverem em um abraço forte e caloroso.

— Bom dia, minha Helena.

— Bom dia, minha vida.

Saulo inalou o perfume dos meus cabelos, depois os afastou para ter acesso ao meu pescoço, beijou-os, provocando arrepios em minha pele.

— Estava com saudades do seu cheiro.

Virei-me rapidamente, ficamos frente a frente, seus olhos me fizeram perder a voz, estavam intensos, cheios de desejo e luxúria, eu me sentia tão desejada aos vê-los assim, era incrível como meu corpo reagia favoravelmente ao dele,
PERIGOSAS ACHERON

imediatamente o desejei com a mesma intensidade. Alisei seu rosto e ele me surpreendeu segurando em minha cintura e me colocou sentada na mesa da cozinha bruscamente, posicionou-se entre minhas pernas e alisou minhas costas.

— E eu de você por completo — respondi alegremente.

Nos beijamos com sofreguidão e nos amamos ali mesmo, nosso desejo era urgente e desesperador, a tal ponto que não importava o local, apenas nosso amor e desejo bastavam.



— Tem certeza que precisamos voltar? — perguntei manhosa porque o que eu mais queria era ficar aqui o resto dos meus dias.

— Vamos voltar, mas não significa que não

PERIGOSAS NACIONAIS

poderemos ficar juntos o dia e a noite inteira — Ele respondeu intercalando beijos suaves em meus lábios.

Depois do café fizemos mais um passeio pela fazenda antes de seguirmos viagem, sentamos novamente à sombra do abacateiro às margens do riacho.

— Posso perguntar uma coisa? — Saulo ficou sério.

— Sim, o que desejar.

— Cláudio foi o seu primeiro marido?

Engoli seco sua pergunta, nunca falei de Cláudio com ninguém, trazia-me recordações muito dolorosas, mas hoje meu coração estava sereno, resolvi falar.

— Sim, foi. Como soube?

— Você falou o nome dele durante o pesadelo que teve ontem. Se não quiser falar eu entendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu preciso falar, você é o único homem que mais se aproximou do meu coração, quero que saiba quem sou de verdade.

Saulo alisou meu rosto, seu toque parecia mais um incentivo para que eu continuasse falando do que um simples carinho.

— Nada que falar mudará meus sentimentos.

— Eu casei com o melhor partido da cidade, Cláudio era filho de um médico que também foi prefeito da cidade, a família dele toda era muito influente e conhecida na região. Minha família sempre teve boas condições financeiras, eu sou a filha mais velha de três filhos. Meu pai tinha negócios com a família de Cláudio. Nosso casamento parou a cidade, foi o acontecimento do ano. Porém só fui feliz poucos dias depois, logo ele demonstrou o seu comportamento doentio e agressivo. Fui por diversas vezes agredida, humilhada e até obrigada a transar com ele — fiz uma pausa, segurando duramente as lágrimas que insistiam em cair, tomei fôlego e continuei: — Antes mesmo de tentar pedir ajuda, ele me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ameaçou de morte. Até que um dia não aguentei mais, disse a ele que queria ir embora, esse foi o dia que mais apanhei em toda minha vida, fiquei amarrada por horas, fui brutalmente agredida. Consegui dizer que o odiava e tinha nojo dele, então tentei fugir e ele disse que só a morte nos separaria, pegou uma arma e fez roleta russa, obrigou-me a atirar e em uma das vezes que me forçou disparar contra sua cabeça, tinha bala e então ele morreu.

— Meu Deus! Ele era louco. — Saulo protestou irritado e me abraçou forte.

— Quando despertei estava no hospital, algemada e fui acusada pelo assassinato de Cláudio, o pior de tudo é que eu estava grávida e não sabia, tive um aborto espontâneo assim que dei entrada no hospital, fora as de três costelas quebradas e um osso da face fraturado. Por sorte fui inocentada, porém minha família e a dele me abandonaram completamente. Meu pai só me fez uma única visita, apenas para dizer que eu estava deserdada e que ele não tinha mais filha.

PERIGOSAS ACHERON

Doeu lembrar as palavras de meu pai, fiquei momentaneamente em silêncio e as lágrimas que tanto segurei rolaram em meu rosto. Saulo enxugou-as e me abraçou.

— Não precisa dizer mais nada, Helena.

Deitei em seu colo, um tanto preocupada, ainda que ele tenha ouvido tudo pacientemente, seu semblante ora demonstrava repulsa ora sofrimento, tive receio que isso impactasse de algum modo a forma como ele me ver. Entretanto, eu precisava falar a verdade, ele está sendo tão incrível comigo que não consigo mensurar o quão importante ele está se tornando e em tão pouco tempo. Mesmo com medo de perdê-lo depois dele saber do meu passado, contei, e pela primeira vez falar do meu passado, embora que triste e doloroso, estava me fazendo bem, como nunca pensei que poderia fazer.

— Você é o único que sabe do meu passado, nunca tinha contado para ninguém, com exceção dos terapeutas que frequentei durante anos — disse e me afastei do seu colo para encará-lo, queria descobrir o que ele estava pensando, já que estava

em silêncio depois de tudo que ouviu.

— Eu já fazia ideia, porém confesso que foi bem pior do que eu imaginava.

— E então? Agora que já sabe tudo...

Ele colocou o dedo em meus lábios, impedindo-me de continuar, sorriu lindamente e pousou as mãos do lado do meu rosto para que eu permanecesse encarando-o.

— E agora eu te agradeço por ter confiado em mim e te venero por ter se tornado uma mulher tão forte, linda e incrível, mesmo depois de tudo que passou.

Eu fiquei surpresa com sua declaração, eu tinha medo que ele se decepcionasse quando descobrisse meu passado.

— Você é sempre surpreendente?

— Só quando estou com a mulher que amo.

Fiquei atônita com sua revelação, ele falou tão

naturalmente que não poderia ser mentira. Foi tão singular que meu coração disparou.

— O que disse? — perguntei surpresa.

Ele se aproximou lentamente, levantou meu queixo, beijou-me castamente e repetiu, compassadamente:

— Eu te amo, minha Helena.

Meu coração bateu tão forte que achei que saltaria pela boca, outra vez, ele me fazia a mulher mais feliz do mundo.

— Agora posso afirmar que nunca ameie ninguém antes, eu achava que conhecia o amor, mas estava redondamente enganada até conhecê-lo. Achei que sua juventude nada poderia me ensinar e agora vejo que eu que sou a aprendiz nessa história, você está me ensinando o verdadeiro sentido da vida: amar. Eu te amo, minha vida.

Nos beijamos com urgência, durante o nosso beijo, não consegui segurar as lágrimas, mas não eram de tristeza e sim de felicidade, nunca pensei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que seria tão feliz como agora, nunca imaginei que Saulo seria meu porto seguro, meu amante, amigo e tudo que eu preciso. Cessei o beijo entre lágrimas e risos, estava me sentindo tão livre, foi uma sensação de alívio misturada com uma liberdade gigantesca, era como se tivesse aberto meu coração e todas as minhas mágoas e medos, tivessem desaparecido.

— Não chore mais, minha Helena.

— Não são lágrimas de tristeza, são de felicidade, minha vida. Obrigada por tudo.

Ele me abraçou novamente e eu continuei chorando, ele me acalentou e alisou meus cabelos suavemente. Nos seus braços me sentia tão segura e tão amada, que poderia ficar no calor deles para sempre.

Depois de longos beijos e carinhos serenos, retornamos para casa, era hora de voltar, já era por volta das dez da manhã. Voltamos de mãos dadas, abraçados, sorrindo e fazendo inúmeros planos. A felicidade estava estampada em nossos rostos e

PERIGOSAS ACHERON

principalmente em nossos corações.

Entramos na casa, enquanto fui lavar o rosto e pegar minha jaqueta no quarto, Saulo fechou as janelas e depois saiu da casa. Ao me aproximar da porta da sala, ouvi vozes. Saulo falava com alguém, olhei pela fresta da porta, tinha um carro parado ao lado da moto dele, uma mulher jovem e bonita gesticulava como se tivesse nervosa, não conseguia ouvir com clareza o que diziam, mas Saulo parecia estar sereno. Ele se virou e caminhou na minha direção, retornei para sala e fingi estar fazendo qualquer coisa, mas meu nervosismo sem dúvida era aparente, certamente estava enrubescida.

— Pronta, Helena? — Saulo perguntou parado na porta de entrada.

— Sim — confirmei.

— Venha, quero te apresentar alguém.

— Alguém? Quem? — perguntei nervosa.

— Logo saberá.

Caminhei em sua direção, ele estava com a mão estendida para mim, segurei-a firme e saímos de mãos dadas da casa. À medida que nos aproximávamos, meu coração batia mais forte, a mulher era bonita e me olhava dos pés à cabeça, ela sorriu gentilmente para mim, retribuí seu sorriso um tanto desconcertada, mas a euforia com que ela me recebeu me tranquilizou.

— Meu Deus! Então é você a responsável — ela disse animada e me abraçou. — Sou Sandra, irmã do Saulo e sua cunhada. Tudo bem?

Ela afastou-se e continuou com as mãos em meus ombros, encarando-me animada.

— Estou bem, embora não saiba qual minha responsabilidade. Muito prazer, Sandra, eu sou Helena.

— Depois o Saulo te conta, estou muito feliz por conhecê-la, Helena. Você tem muita sorte, meu irmão é um cara incrível.

— Eu que tenho sorte por ter uma namorada tão linda. — Saulo disse e me puxou para seus braços.

— Bem, já que está tudo na mais perfeita ordem, vou me despedindo que ainda trabalho hoje. Até mais.

— Até mais, foi um prazer. — disse estendendo a mão para cumprimentá-la.

Ela retribuiu o cumprimento, olhou-me séria e disse: — Gostei de você, Helena.

— Ah! Obrigada — respondi totalmente sem graça.

Observamos ela partir e depois Saulo voltou-se para mim, alisou meus braços ternamente e beijou minha testa.

— De qual responsabilidade ela estava falando? — perguntei.

— Sandra me conhece como ninguém, percebeu minha felicidade contagiante e deduziu logo que eu estava acompanhado. Todos os domingos, costumo almoçar com meus pais e sempre levo o jornal de domingo para meu pai,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como não apareci por lá e não justifiquei minha ausência, ficaram preocupados. Eu avisei só o meu pai que viria para fazenda, e que estaria acompanhado, mas minha mãe ficou extremamente preocupada e enviou Sandra para conferir se tudo estava em ordem. Coisa de mãe.

— Eu entendo a preocupação e não quero atrapalhar seus compromissos, caso queira almoçar com eles, tudo bem, nos vemos mais tarde.

Ele sorriu lindamente e alisou meu rosto. — Eu unirei o útil ao agradável, almoçarei com eles, mas pedi que Sandra avisasse minha mãe que levaria uma convidada. Assim já apresento você a eles.

Meu estômago embrulhou, um nervosismo incomum me abateu com toda força. Tudo entre nós estava indo maravilhosamente bem, mas não sei se conhecer a família dele era uma boa ideia. Meu semblante fechou-se totalmente.

— Ei! Calma, não tenha medo, meus pais são maravilhosos e você já conquistou a Sandra, certamente conquistará os meus pais também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não quero causar nenhum tipo de problemas para você, Saulo.

— Não vai, fique tranquila. Sandra é a pior de todos, muito ciumenta e se ela disse que gostou de você, meus pais irão adorá-la.

— Espero que sim, não quero te perder.

— E não vai, minha Helena.

Saulo afivelou meu capacete, depois colocou o dele e retornamos para Guarulhos, o trajeto de volta parece ter sido bem mais rápido do que de ida, não sei se pelo meu nervosismo para conhecer os pais dele ou meu medo de não ser aceita por eles. Saulo é um homem íntegro e de ótima base familiar, não sei se seria capaz de enfrentar a própria família em nome do nosso amor.

Eu estava completamente aérea, a tal ponto que nem percebi quando chegamos. Descemos da moto, depois ele desafivelou o capacete e sorriu lindamente, estava visivelmente alegre. Tentei sorrir de volta e agir o mais naturalmente possível, mas o medo tomava meu coração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Preparada? — ele perguntou.

— Não, nem um pouco, não acha muito precipitado me trazer aqui?

— Não, eu te amo, Helena, e quero que todos saibam o motivo da minha felicidade.

— Eu também te amo — confirmei.

Ele me abraçou e caminhamos juntos até o elevador. À medida que o elevador subia, meu coração acelerava, minhas mãos estavam frias e as pernas tremiam. As portas se abriram e saímos abraçados, ele bateu na porta e logo atenderam, era um senhor, creio que o pai dele. Tinha feições duras, mas ao nos ver, abriu um sorriso, que para mim foi tranquilizador.

— Chegaram! Entrem, entrem.

Entramos e Saulo continuou segurando minha mão, abraçou o seu pai ternamente e depois, virou-se para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pai, essa é a minha namorada Helena.

— Helena, esse é o meu pai Odair.

— Prazer, Odair — estendi a mão para o cumprimentar.

Ele retribuiu o cumprimento e me abraçou. Fiquei um pouco mais tranquila, mas ainda assim, meu coração estava apertado.

— Vamos sentar, sua mãe está na cozinha, vou avisar que chegaram.

Sentamos no sofá e logo Sandra apareceu, ela era bem comunicativa e educada, bem como seu pai. Saulo parecia com o pai, Sandra nem tanto. O apartamento era bem amplo, arejado e bem decorado. Havia muitas fotos, inclusive de Saulo quando era mais jovem e criança, distraí-me olhando alguns porta-retratos na estante da sala, quando a mãe deles chegou, virei-me para cumprimentá-la, porém vi meu maior medo se concretizando pelo olhar e pelo sorriso dela que desapareceu ao me ver. Era nítido que desaprovava nossa relação, ainda assim, agi normalmente.

PERIGOSAS ACHERON

— Mãe, essa é a minha namorada Helena.

— Helena, essa é a minha mãe Solange.

— Muito prazer, Solange — estendi a mão para cumprimentar, ela retribuiu, mas era nítido que não tinha gostado do que via.

— Prazer, Helena — ela disse séria.

— O que temos para o almoço hoje, mamãe? — Saulo perguntou, cortando o clima tenso entre nós.

— Fiz sua lasanha, risoto, salada e um monte de coisas que você gosta. O almoço está servido, vamos?

Seguimos Solange até a sala de jantar, tudo muito bem arrumado e organizado. Eu e Saulo sentamos lado a lado. Fizemos uma oração rápida e depois nos servimos. Saulo conversava com o pai, Sandra me deu bastante atenção, não foi só educação, senti que ela realmente havia gostado de mim, porém a mãe, pouco me direcionou a palavra. Tentei ignorar o fato, mas não estava me sentindo

PERIGOSAS ACHERON

nada confortável.

Quando terminamos o almoço, Saulo apertou minha mão e sorriu.

— Oh! Que lindo, nunca tinha visto Saulo tão feliz como agora. — Sandra comentou alegremente.

— O que você faz da vida, Helena? — Solange perguntou.

— Sou empresária, comando minha própria empresa.

— Helena é a dona da HML, mamãe. — Saulo acrescentou.

— HML? Não é empresa gigantesca de logística? — Solange perguntou descrente.

— Sim, essa mesma, mamãe.

— Poxa! Deve ter muito trabalho, Helena. — Odair comentou admirado.

— Sim, mas tenho uma equipe muito boa que me auxiliam diariamente.

— Como se conheceram? — Solange perguntou.

— Eu felizmente fui contratado para fazer uma foto dela e me apaixonei logo que a vi. — Saulo disse e alisou meu rosto.

— Realmente, tenho de concordar, eu nunca tinha visto Saulo tão apaixonado como agora. Sabe que torço pela sua felicidade, meu filho.

— Sei sim, papai. Esteja certo de que estou sim, muito feliz.

— E esse namoro é sério? Ou só estão se conhecendo? — Solange questionou.

— Tão sério quanto o amor que sentimos um pelo outro. — Saulo beijou minha testa.

— Alguém quer sobremesa? Desculpe a pressa, mas eu pego plantão daqui a pouco e não quero ir sem comer o pudim de leite da mamãe. — Sandra

PERIGOSAS ACHERON

se justificou.

— Óbvio, amo pudim de leite. — Saulo respondeu.

Solange e Sandra saíram da mesa e eu continuei sentada ao lado de Saulo, seu pai ficou por alguns instantes e logo depois também saiu. Quando estávamos à sós, ele virou-se para mim, beijou meu rosto e sussurrou:

— Viu só, nem foi tão ruim assim.

— Não, não foi — confirmei, mas meu coração ainda estava contrito.

Minutos depois todos retornaram, comemos a sobremesa, tomamos um café e depois voltamos para sala, menos a Sandra. Conversamos por mais alguns minutos. Já estava até mais tranquila, Odair era bem comunicativo, falava de assuntos diversos, Solange estava mais calada, apenas nos observava em silêncio.

Sandra retornou na sala apenas para se despedir e saiu, porém, minutos depois ela voltou para o

PERIGOSAS ACHERON

apartamento.

— Saulo, o pneu do meu carro está furado, pode me deixar no hospital?

— Eu troco pra você, não acha melhor?

— Não, vou me atrasar, leve-me na sua moto mesmo, depois me viro para retornar.

— Tudo bem. — Saulo confirmou.

Virou-se para mim e disse: — Eu já volto.

Trocamos um beijo casto e eles saíram. Minutos depois, Solange que aparentava estar um pouco impaciente, questionou:

— Quer conhecer o apartamento, Helena?

— Sim, claro — confirmei. — Com licença.

Solange levantou e eu a segui, ela me mostrou a varanda, sala de jantar, cozinha e por fim entramos em um quarto. Vi ela trancando a porta na chave, ignorei, mas confesso que meu corpo inteiro tremeu

PERIGOSAS NACIONAIS

naquele momento.

— O que você pensa que está fazendo, Helena? Você não tem vergonha nessa cara? O meu Saulo não é para você. Você tem idade para ser mãe dele, meu Deus! Onde esse mundo vai parar. Não vai falar nada? Vai ficar aí com essa cara de boba?

— Desculpe, Solange, mas eu realmente gosto do Saulo.

— Se gostasse dele não estaria aqui, será que não percebe? Você não é a mulher que eu quero para o meu filho. Que futuro você pode dar a ele? Nem filhos pode ter, acabe com esse namorico enquanto é tempo, Helena. Jamais poderão ser felizes juntos, vocês são de mundos muito diferentes. Vá embora e retome sua vida, longe do meu Saulo.

— Acho que essa decisão é apenas nossa, Solange. Sinto muito.

— Fora da minha casa e esqueça que meu Saulo existe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus olhos encheram-se de lágrimas, era a realidade, nua e crua e embora dura de ouvir, ela tinha razão. Que futuro eu poderia dar a ele? Engoli minhas lágrimas, tomei fôlego, controlei meu coração partido e saí, sem olhar para trás. Não olhei para nada e ninguém, meu mundo recém colorido, outra vez tornava-se monocromático.

Desci desesperada, meu mundo desabou outra vez, mas dessa vez, doía muito mais. Apanhei o primeiro táxi que vi, durante o trajeto até o meu apartamento, chorei copiosamente, meu telefone que estava no bolso da jaqueta tocou, nem olhei quem ligava e o desliguei. Desci do táxi, subi apenas para pegar o dinheiro da corrida, depois voltei para meu mundo amargo e sem cores. Mal tranquei a porta e desabei no chão, doeu muito ouvir a realidade. Chorei deitada no chão frio do meu apartamento, não sei por quantos minutos chorei, completamente desolada, até ouvir o interfone tocar insistentemente. Não tinha forças nem mesmo para levantar e atender. Porém já não aguentava mais de tanto que o interfone tocava, levantei para tirar do gancho, mas antes de desligá-lo, ouvi a voz de Saulo.

PERIGOSAS ACHERON

— Helena, pelo amor de Deus, escute-me.

Fiquei em silêncio, tantas coisas passaram na minha cabeça naquele ínfimo minuto.

— Eu sei que está me ouvindo, eu não vou sair daqui enquanto não falar comigo. Por favor, minha Helena, eu preciso de você.

As lágrimas continuaram a rolar impiedosamente no meu rosto, meu coração queria vê-lo, mas minha razão me impedia.

— Vá embora, Saulo, será melhor assim — murmurei, respirei profundamente, engolindo os soluços que saíam da minha garganta, e então continuei com a voz baixa: — Eu não posso te dar o que você merece.

— Eu não vou embora, vou ficar aqui fora até você me permitir subir, Helena, quero olhar nos seus olhos, quero que diga isso me encarando.

Eu jamais conseguiria olhá-lo e dizer que não o quero mais, seria muito mais doloroso para mim. Eu sabia que nosso relacionamento enfrentaria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muitos obstáculos, mas não quero interferir na relação familiar dele, não quero que ele se indisponha com a mãe por minha causa.

— Vá embora, por favor — não aguardei resposta e desliguei o interfone.

Engoli as lágrimas outra vez, concentrei-me apenas em respirar, estava difícil, muito difícil respirar. Precisava de um banho para tentar relaxar e me acalmar um pouco mais. Fui para meu quarto e tomei um longo banho, quando terminei, vesti uma camisola e tentei deitar, mas estava triste demais para conseguir dormir, peguei um calmante e fui até a cozinha. Mal servi o copo de água e a minha atenção foi roubada pelo monitor das câmeras de vigilância. Saulo estava apertando no interfone insistentemente, com a cabeça apoiada no antebraço.

Droga! cortou meu coração vê-lo tão triste. Ampliei a imagem e vi seu semblante abatido, foi como facas enfiadas em meu peito. Doeuvê-lo tão abatido e ainda mais saber que é por minha causa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Retornei ao interfone e implorei mais uma vez:
— Saulo, vá embora, não quero falar com você.

— Eu só saio daqui depois que olhar nos seus olhos. Eu não vou desistir de você, Helena, não importa o que ouviu, o que importa é o que tenho aqui dentro — ele gesticulava nervoso e depois bateu no peito. — Aqui dentro, Helena, bate um coração que só tem espaço pra você, eu te amo e vou ficar aqui repetindo um milhão de vezes até você me deixar subir.

— Não, não faça isso, por favor — implorei.

— EU TE AMO, HELENA — ele gritou e repetiu incontáveis vezes.

Meu coração estava disparado, meu rosto banhado em lágrimas, eu confesso que não sabia o que fazer, só conseguia chorar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

Saulo

— Pronto, está entregue! — disse ao estacionar a moto em frente ao hospital que Sandra trabalhava.

— Obrigada, Saulo, agora corre que a mamãe deve estar enchendo a Helena de perguntas — Sandra beijou meu rosto e saiu.

Fiz a volta e retornei para o apartamento dos meus pais, o trajeto foi até rápido, todos os sinais de trânsito estavam abertos. O dia estava ensolarado, as nuvens mais brancas e até o céu parecia mais azul. Eu estava feliz, como nunca tinha estado antes. Não só eu estou fazendo bem para Helena, mas ela também está me fazendo muito bem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Cheguei minutos depois, a porta estava entreaberta, meu pai discutia algo com minha mãe, raramente os vi discutindo, assustei-me com a cena. Não vi Helena na sala.

— O que está acontecendo? Onde está Helena?

Meus pais ficaram em silêncio, olharam-me apáticos, como se algo grave tivesse acontecido. Caminhei pelo apartamento, chamei por Helena, mas não obtive resposta. Retornei à sala e meu pai olhou-me com preocupação.

— Conte a ele sua indiscrição, Solange.

— O que você fez mamãe? — questionei preocupado.

— Eu só disse a verdade, meu filho, Helena não é mulher para você.

— Eu não permito que interfira nas minhas escolhas, mãe. Eu amo Helena e você não pode mudar isso, eu faço minhas escolhas, ouviu bem? — bufei irado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Calma, Saulo, sua mãe só quer o melhor para você — papai disse tentando me acalmar.

— Você concorda com isso, pai? Eu não posso acreditar.

— Não, claro que não. Sei que está feliz e para mim é isso que importa, eu já disse para sua mãe e não concordo com o que ela fez, você é adulto e perfeitamente capaz de fazer suas escolhas.

— Eu quero netos, Saulo, Helena já é velha demais para te dar uma família — minha mãe tentou argumentar, para amenizar sua grosseria.

— Não acredito que você foi capaz de falar isso pra ela. Eu faço minhas escolhas, mamãe, eu, eu.
— gritei batendo no peito e saí irado.

Bati a porta com força e corri até o elevador, nervoso e preocupado. Liguei para Helena diversas vezes, enquanto descia, estava fora de área. Porra! Eu não posso perder Helena. Ela deve ter ficado arrasada, não sei exatamente o que minha mãe disse, mas deve ter sido duro ouvir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As portas do elevador se abriram e eu corri e peguei minha moto. Imagino que ela tenha retornado para o apartamento dela. Saí desesperado, avancei sinal vermelho, realizei ultrapassagens perigosas, estava tenso demais para ir com calma.

Minutos depois estacionei em frente ao prédio dela, corri para o interfone e o toquei insistentemente, eu sabia que ela estava aqui. Depois de muita insistência, ela atendeu, para alívio do meu desespero. Ouvi sua respiração pesada, ela certamente havia chorado. Eu queria subir, eu queria consolá-la, mas ela estava irredutível. Eu não podia sair daqui sem olhar nos olhos dela e dizer-lhe que o meu amor é maior do que qualquer opinião.

Não sei por quanto tempo fiquei apertando o interfone, encostei meu braço na parede acima do interfone, apoiei minha testa no antebraço e continuei apertando o botão ao ponto de quebrá-lo. Eu não iria desistir tão fácil.

— Não, não, não. Helena...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela precisa me ouvir. Eu não sairia daqui até ela me ouvir, estava disposto a ficar aqui plantado o tempo que fosse necessário, até ela olhar nos meus olhos e ouvir da minha boca que ela é o que eu quero e preciso. Minha garganta já estava seca de tanto implorar, lembrei de uma música que adoro, *End Of The Road de Boyz II Men*, apesar do título muito pertinente para o momento, cantei com a voz quase que falhando, mas precisava usar esses versos para que ela entendesse que nós pertencemos um ao outro:

We belong together

And you know that I'm right

Why do you play with my heart,

Why do you play with my mind?

Said we'd be forever

Said it'd never die

PERIGOSAS ACHERON

*How could you love me and leave me and never
say good-bye?*

Depois de alguns minutos, gritei o meu amor por ela, incansavelmente, até ouvir o bipe dos portões, liberando o acesso ao *hall* de entrada.

— Último andar — ela disse pelo interfone.

Entrei apressado, o *hall* de entrada estava deserto, caminhei até o elevador e apertei o botão do último andar. Eu estava nervoso, ansioso para olhar nos olhos da minha Helena, precisava dizer a ela que não me importo com a opinião de ninguém, o importante é o que sinto por ela, o que tenho no meu coração.

As portas do elevador se abriram, ela estava de braços cruzados olhando pelas enormes vidraças, de costas para mim. Aproximei-me lentamente, mesmo com o coração acelerado, louco para abraçá-la, tentei me conter.

— Não se aproxime, acho que já disse tudo que
PERIGOSAS ACHERON

queria, só o permiti subir para que não continuasse gritando na portaria do meu edifício.

— Olhe para mim, Helena, diga isso olhando nos meus olhos.

Ela balançou a cabeça negativamente. Aproximei-me mais, fiquei de frente para ela, que permaneceu de cabeça baixa, segurei nos seus ombros e encostei a minha cabeça na dela.

— Não dificulte as coisas — ela disse entre soluços.

— Não importa o que ouviu da minha mãe, o que importa é o que ouve de mim e o que sinto por você, Helena.

Ela permaneceu em silêncio, tentando conter as lágrimas. Levantei seu rosto com cuidado, ela estava de olhos fechados e assim permaneceu.

— Abra os olhos, Helena.

Ela abriu e eles estavam vermelhos, bem como seu rosto, era notório que havia chorado e muito.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não chore, por favor. Você me tem por completo. Eu só quero te dar alegria, não quero ver seus olhos tristes assim.

— Saulo, é difícil admitir a realidade, mas a sua mãe tem razão. Eu não tenho nada para te oferecer.

— Não, não. Nunca, jamais, diga uma barbaridade dessas. Você tem muito a me oferecer, Helena, e eu sou o responsável pelas minhas escolhas e não minha mãe. Você namora comigo e não com ela — protestei veementemente tentando controlar a voz para não me alterar demais.

— Eu nunca vou poder te dar uma família, Saulo, sua mãe tem razão, você precisa de alguém mais jovem.

— Não diga bobagem, Helena, eu amo você e quero estar ao seu lado, filhos se não pudermos ter biológicos, adotaremos, isso é o de menos, o importante é o amor que temos um pelo outro.

Ela chorou mais uma vez, abracei-a forte, mesmo ela não correspondendo ao meu abraço, não a larguei nem por um segundo apenas.

PERIGOSAS ACHERON

— Não quero que se indisponha com sua mãe.

— Não irei, ela entenderá que você é a minha felicidade e terá que aceitar minha decisão, você é a minha escolha. Eu só quero que me permita cuidar de você, por favor, Helena — afastei-a para buscar seus olhos.

— Eu...preciso pensar — ela murmurou com dificuldades.

— Não, eu não aceito, você se entregou a mim, Helena, e ainda disse que me ama. Eu sei que é verdadeiro, assim como meus sentimentos por você. Esse episódio foi apenas o primeiro de muitos obstáculos que o nosso amor poderá enfrentar, mas eu estou disposto a enfrentar qualquer coisa para estar ao seu lado, porque eu te amo.

— Eu também te amo e por isso doeu tanto ouvir essas palavras de sua mãe. Foi uma espécie de choque de realidade, até então, parecia que eu estava vivendo um sonho que você me fez acreditar que seria possível. E depois das palavras dela, meu mundo desabou. Eu sabia que poderíamos enfrentar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esse tipo de preconceito e achei que estava preparada para isso, mas ouvir de alguém tão importante para você, foi muito mais difícil.

Eu ouvi atentamente suas palavras, alisei seu rosto delicadamente, embora ela tivesse razão em estar magoada, eu precisava provar que isso não mudou e nem mudará meus sentimentos por ela.

Beijamo-nos a princípio castamente, mas nosso beijo evoluiu rapidamente. Meu corpo precisava do dela e eu sentia que o dela também necessitava do meu. Confesso que tive medo de ir além naquele instante, não sabia como ela reagiria, ainda não tinha o seu sim outra vez, porém o nosso desejo falou mais alto. Eu precisava tocá-la, senti-la por completo, eu precisava tê-la outra vez, e então nos amamos desesperadamente, sem mágoas ou receio, apenas com desejo e amor, puro e mútuo que tínhamos um pelo outro. Ali mesmo no sofá da sala, vendo-a se entregar outra vez para mim, totalmente sem medo, percebi que a amo como nunca fui capaz de amar alguém.

Deitamo-nos no sofá, pele com pele, ainda

PERIGOSAS ACHERON

suados e ofegantes. Aninhei-a em meus braços, queria que ela se sentisse segura e todo o amor que tenho no peito, que é só dela. Alisei seus cabelos lentamente, enquanto recuperávamos as energias em completo silêncio, curtindo nosso amor e cumplicidade.

— Promete que não vai mais deixar ninguém interferir na nossa relação? — perguntei quebrando o longo silêncio.

— Saulo, pense com a razão, talvez o melhor...

Levantei rapidamente e coloquei o dedo em seus lábios, não permitiria que ela concluísse sua fala, não com o que ela pretendia dizer. Depois segurei seu rosto para que ela continuasse me olhando.

— Nunca mais ouse falar isso, eu jamais permitirei que alguém interfira na nossa relação e quero que faça o mesmo. Ninguém manda nos nossos sentimentos, nós nos amamos e não devemos nada para ninguém. Ouviu bem?

— Eu te amo tanto, não sabe o quanto doeu

PERIGOSAS ACHERON

ouvir que....

— Não fale mais nada, isso já passou, o que importa é que você não vai mais dar ouvidos a esse tipo de comentário, porque o que sentimos um pelo outro é muito maior que isso.

Pela primeira vez, desde que entrei, vi um sorriso nos seus lábios, embora tímido, mas já era um começo.

— Tudo bem, eu prometo.

— Agora estampe esse rosto com o lindo sorriso que eu sei que você tem, não quero mais vê-la triste.

— Você é sempre tão perfeito, mas receio que um dia se canse de mim.

— Nunca, jamais me cansarei de você — acrescentei sorrindo.

Era a primeira vez que eu amava uma mulher, eu estou certo de que nunca tinha sentido algo tão forte como agora, jamais permitiria que Helena se

PERIGOSAS ACHERON

afastasse de mim por conta de um pensamento preconceituoso e distorcido que não reflete os meus sentimentos. Mesmo que os comentários tenham partido da minha mãe, não vou abandonar Helena, ela terá que aceitar minha decisão.

Permanecemos abraçados por mais alguns minutos, até ela interromper nosso silêncio.

— Quer passar a noite aqui comigo? — ela perguntou.

— Não se pergunta o pai nosso ao padre, Helena — brinquei.

Ela sorriu, era o que eu pretendia, ver o sorriso nos seus lábios outra vez.

— Bem, era uma pergunta, se não quiser ficar, tudo bem — ela disse intimidada.

— Não precisa nem perguntar, óbvio que quero ficar hoje, amanhã e até quando me quiser na sua vida.

O sorriso estava de volta nos seus lábios,
PERIGOSAS ACHERON

trocamos beijos castos e o seu semblante já estava mais alegre. Levantamos e Helena me mostrou seu apartamento. Era espaçoso, bem decorado, mas sombrio e um tanto melancólico. Bem condizente com a mulher que conheci antes de me perder de amores.

— Gostou? — ela perguntou.

— Sim, mas essas cores tão fechadas e sem vida não condizem mais com você.

— Tem razão, preciso fazer uma reforma geral.

— Preciso ir ao meu apartamento buscar umas roupas e você vem comigo.

— Posso esperá-lo aqui mesmo, não acha melhor?

— De modo algum, você vem comigo.

— Tudo bem.

Nos vestimos e saímos em direção ao meu apartamento. Foi um trajeto rápido, entramos e

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto eu fazia uma pequena mala, Helena admirava a vista do meu apartamento, mesmo depois de nos reconciliarmos, ela ainda estava um tanto receosa, eu via no seu olhar. Precisava resolver isso, eu queria minha Helena cheia de vida outra vez.

Quando terminei a mala, com objetos pessoais e algumas mudas de roupas. Fui até o meu estúdio, olhei minha agenda do dia seguinte, peguei meu *notebook* e retornamos para o apartamento dela. Queria começar a trabalhar nas nossas fotos, urgentemente, precisava escolher a melhor delas e reproduzir em um pôster.

Helena estava mais calada, séria, sentamos no sofá da sala dela e olhamos atentamente as fotos, ficaram ótimas, e a que eu tanto desejei estava digna de uma exposição. Helena estava sorrindo, seus cabelos iluminados pelo sol da manhã, sua face corada, olhos expressivos e tão azuis quanto o céu. Fiquei em completo silêncio por alguns instantes, apenas observando o espetáculo que estava a foto, totalmente fascinado.

PERIGOSAS ACHERON

— Linda, linda, a melhor de todas, digna de um pôster gigantesco. Posso reproduzir? — questionei animado.

Helena sorriu desconcertada e depois falou: — Você me deixa completamente sem defesas, não consigo dizer não para você.

Coloquei o *notebook* na mesa de centro de frente para nós, fiquei de joelhos entre suas pernas para ficarmos da mesma altura. Alisei seu rosto suavemente, e um sorriso tímido surgiu em seus lindos lábios. Alisei-os lentamente com meu polegar, contornei toda a extensão da sua boca suavemente, depois a trouxe para junto da minha, beijei-a com desejo.

Cessamos o beijo, segurei seu rosto, encostei minha testa na dela, mantivemos contato visual, ficamos momentaneamente em completo silêncio, apenas curtindo o turbilhão de sentimentos que tínhamos. Refleti alguns minutos o que tínhamos vivido hoje, meu peito doía só de pensar que poderia ficar sem ela.

— Posso confessar algo? — disse interrompendo nosso silêncio.

— Sim.

— Dói muito pensar que posso ficar sem você. Não consigo mais viver longe de você, Helena.

Ela baixou a cabeça com um sorriso tímido, depois olhou-me novamente:

— Eu também, minha vida.

— Agora sim, ouvir você me chamar novamente assim, deixa-me bem mais tranquilo. Eu sou seu, Helena, sou inteiramente seu e quero ficar com você, só com você.

Ela me abraçou forte, eu sabia que o abraço dela era sincero e na força desse abraço singelo e puro, senti que não poderia mais ficar sem ela. Eu precisava dela na minha vida, eu queria dividir minha vida com ela, nas alegrias e tristezas, queria ser para sempre a vida dela.

Levantei rapidamente, estendi a mão para

PERIGOSAS ACHERON

ajudá-la levantar e disse eufórico:

— Vista-se, vamos sair.

— Sair? — ela perguntou confusa.

— Sim, quero te levar a um lugar especial.

— Tudo bem.

Sáímos juntos, Helena estava um pouco mais animada e visivelmente mais tranquila, o que me deixou um pouco mais aliviado. Dirigi por alguns minutos, por sorte estávamos próximos do nosso destino. Chegamos até que rápido, levei-a na Igreja de Nossa Senhora do Rosário Mãe dos Homens Pretos e São Benedito, percebi que ela olhava confusa pela janela do carro, obviamente sem entender o motivo da minha escolha pelo local.

Estacionei e desci do carro, depois abri a porta para ela, estendi-lhe a mão e andamos juntos de mãos dadas. Essa igreja tinha uma significação muito importante para minha família e para mim também, foi aqui que meus pais se casaram e eu e minha irmã fomos batizados, era uma das igrejas

PERIGOSAS ACHERON

mais antigas de Guarulhos, minha mãe era devota e Nossa Senhora do Rosário e vinha aqui regularmente.

Estava parcialmente vazia, apenas alguns poucos fiéis ainda estavam no recinto. A julgar pelo horário, acredito que a missa deve ter acabado recentemente. Ao longe avistei o padre Alfredo, ele estava com os cabelos todos brancos, os sinais da idade avançada já estavam aparentes, foi o padre que me batizou. Ele tinha uma relação bem próxima com a minha família e era muito querido pela comunidade, pelo seu trabalho de evangelização e caridade. Ele conversava com algumas pessoas, aproximamo-nos, e ele ao me avistar veio logo em nossa direção.

— Saulo, meu filho, que bom vê-lo por aqui — ele disse e me abraçou ternamente.

— É sempre muito bom poder retornar, a sua bênção padre.

— Deus o abençoe. Como estão seus pais?

— Estão ótimos, essa é a minha namorada
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Helena.

— Muito prazer, Helena, seja bem-vinda a casa do nosso senhor.

— Obrigada, padre.

— Que bons ventos os trazem aqui? — ele perguntou.

— Preciso de um favor seu.

— Claro, meu filho, o que esse velho padre pode fazer por você?

Virei-me para Helena, peguei suas mãos e disse:

— Padre, abençoe a nossa união, quero jurar o meu amor aqui, diante do senhor e de Deus — toquei o rosto de Helena e fitei seus lindos olhos azuis que brilhavam intensamente. — Quero te prometer todo o meu amor, minha fidelidade e a minha vida, minha Helena.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

Helena

Fiquei completamente sem palavras, Saulo tinha a capacidade de me tirar completamente do chão, fazer-me flutuar, sonhar e o amar cada vez mais com simples ações.

— Eu...eu também gostaria de jurar o meu amor e a minha fidelidade a você, minha vida — falei com dificuldades entre soluços e lágrimas de emoção.

— Com toda certeza, meus filhos, não tenho o porquê negar um pedido desses, principalmente quando vejo que o amor de vocês é verdadeiro.

Saulo me abraçou, secou minhas lágrimas e

depois beijou minha testa.

— Venham comigo, meus filhos.

Seguimos o padre até o altar e ele nos orientou para ficamos frente a frente. Minhas mãos estavam frias, meu coração disparado, as lágrimas banhavam meu rosto. Colocamos as mãos uma sobre a outra, mantivemos contato visual. Saulo estava tão sereno e com os olhos brilhando tanto que me deixou ainda mais emocionada.

— Eu, Saulo, quero prometer aqui, diante de Deus, que não haverá outra mulher em minha vida, porque o meu amor é todo seu. Não existirá um só dia que não desejarei estar com você, porque ao seu lado está a minha felicidade. Prometo-te ser seu e apenas seu, amá-la, respeitá-la e darei a minha vida, se preciso for, para fazê-la a mulher mais feliz desse mundo.

— Você já faz.

— Muito bem, agora é a sua vez, Helena — o padre acrescentou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu, Helena, prometo-lhe aqui, diante de Deus, que não haverá outro homem em minha vida, apenas você, quero ser a sua companheira e sua amiga para todas as horas, serei fiel a ti, pois é o único dono do meu coração e te entrego agora a minha vida, para que una a sua e possamos agora sermos um só corpo, uma só alma e um só coração.

— Permaneçam com as mãos unidas — orientou o padre. — Deus em sua infinita bondade deixou-nos o amor, o mais nobre dos sentimentos, toda relação baseada no amor gera frutos longos e duradouros, abençoo-os em nome do Pai, Filho e do Espírito Santo. Apesar de não ser um casamento, e já advirto que ainda quero celebrar esse matrimônio, pode beijar a sua amada.

Foi a declaração mais singela e verdadeira que recebi em toda a minha vida, apesar de ter sido apenas uma bênção, foi simples, surpreendente e único, tão marcante quanto o nosso amor. Estava ficando cada vez mais difícil eleger o momento mais feliz da minha vida, Saulo estava me proporcionando vários.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava em paz e fui tão verdadeira nas minhas palavras, como o amor de Saulo por mim. Eu estava entregue de corpo e alma a esse amor que já era tão importante para mim quanto o ar que respiro.

Beijamo-nos castamente, meu coração ainda palpitava muito, apesar de estar mais calma, minhas mãos ainda suavam. Naquele momento meu sobrenome era felicidade, estava tão feliz, como nunca imaginei que novamente poderia ser um dia, se é que já fui.

— Muito obrigado, padre. Prometo que retornaremos aqui para nos casarmos, e espero que muito em breve — Saulo olhou para mim com um sorriso radiante.

— Assim espero — o padre acrescentou.

Conversamos por mais alguns minutos com o padre e depois nos despedimos e saímos em direção ao estacionamento. A praça estava um pouco movimentada, caminhamos abraçados, apaixonados e felizes.

PERIGOSAS ACHERON

— Posso perguntar uma coisa? — perguntei quebrando nosso silêncio.

— Tudo que desejar.

— Por que fez isso?

Saulo parou, virou-se para mim e pousou as mãos ao lado do meu rosto.

— Quero que saiba que entre o nosso amor não existe nada, apenas eu e você. Um amor puro e verdadeiro como o nosso não pode se acabar por conta de outras pessoas. Eu precisava que você soubesse que meu amor é só seu, enquanto me quiser, e eu espero que seja até o fim dos nossos dias.

Fiquei na ponta dos pés e beijei sua testa.

— Até o fim dos nossos dias. — disse e nos beijamos.

Depois da igreja, jantamos juntos em um restaurante bem movimentado, por sinal, os olhares novamente foram inevitáveis, mas eu nem me

PERIGOSAS ACHERON

importei, Saulo tinha razão, o que importa é a nossa felicidade e os nossos sentimentos. Depois retornamos para o meu apartamento, e tivemos mais uma maravilhosa noite. Outra vez, dormi nos braços do meu amado.



Senti um toque sutil na minha pele, era lento, suave e provocou-me arrepios, pouco a pouco, percorreu toda extensão das minhas costas. Abri os olhos lentamente, ainda estava um pouco sonolenta a claridade impediu que os abrisse totalmente. Percebi que estava no meu quarto e por um instante tive medo de que fosse apenas um sonho, mas não, era real. Ouvi a voz de Saulo, para o alívio do meu coração.

— Bom dia, minha Helena.

Virei-me devagar, ele estava sem camisas e

PERIGOSAS ACHERON

com uma rosa vermelha nas mãos, estava sentada ao lado da cama. Ele continuou acariciando minha pele com a rosa, deslizando a delicada flor pelo meus ombros, rosto e colo.

— Bom dia, minha vida.

— Você é linda quando acorda, quero acordar todos os dias ao seu lado.

— Você está me acostumando muito mal com tantos elogios.

— São reais, você é linda.

Saulo beijou a rosa e me entregou.

— Obrigada, não precisava.

— Fiz o nosso café, vamos? — ele perguntou e me estendeu a mão.

Peguei sua mão e o puxei para cama, montei sobre ele rapidamente, surpreendendo-o. Peguei a rosa, beijei e depois fiz o mesmo, passei no seu peitoral nu suavemente, ele fechou os olhos, como

se estivesse absorvendo o efeito dos meus carinhos. Em outra época, jamais estaria aqui tão cheia de desejo e tomando uma atitude dessas, confesso que sentir desejo por um homem é tão prazeroso quanto ser verdadeiramente desejada.

— Nosso café vai esfriar — ele murmurou tentando me impedir de continuar.

— Você não precisa se conter, já disse que quero você do jeito que é. Você desperta todos os meus desejos mais íntimos, Saulo. Garanto que o desejo com a mesma intensidade.

— Helena, eu não quero que nada estrague o nosso amor, eu terei a paciência necessária. Você é como uma rosa, precisa desabrochar para poder conhecer a intensidade do meu desejo por você.

— Mostre-me o seu desejo — ordenei.

Saulo hesitou por um instante, mas vi seus olhos arderem, subitamente ele inverteu nossas posições, beijou-me com urgência e desejo e nos amamos, dessa vez foi mais intenso e selvagem. Eu não tinha medo ou qualquer incômodo, com Saulo

PERIGOSAS ACHERON

só existia desejo lascivo e sôfrego.



Saulo me deixou na HML e foi para o seu estúdio, hoje almoçaríamos juntos, ainda não sabia como, mas estava totalmente disposta a largar tudo para garantir as minhas tão merecidas duas horas de almoço.

Cheguei por volta das oito da manhã, Juliana já havia chegado e correu em minha direção ao me avistar, nem mesmo me esperou entrar na minha sala. Ela estava visivelmente eufórica, mas não mais que eu, meus lábios tinham um sorriso radiante.

— Bom dia, Helena, eu tentei te ligar inúmeras vezes, perdeu o celular?

— Bom dia, Juliana, não, não perdi, só estive

muito ocupada.

Caminhamos em direção à minha sala, enquanto ela me enchia de perguntas.

— Ocupada? Eu necessito saber detalhadamente o motivo da sua ocupação, mas temos algo mais importante para resolver.

— Sério? Mais importante do que saber da minha vida pessoal, Ju? — brinquei.

— Ju? Você me chamou de Ju? Meu Deus! Agora que eu morro de curiosidade, tenho certeza de que esse final de semana foi interessantíssimo. E a julgar pelo seu sorriso bobo, pele linda e radiante, aposto que haver com um certo fotógrafo.

— Acertou — confirmei.

— Helena, ligue o seu celular, creio que deve ter muitas mensagens na sua caixa postal — ela advertiu séria.

— Aconteceu algo grave?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, o seu Melo, o detetive, sofreu um grave acidente.

— Sério? Meu Deus! E como ele está?

— O sócio dele disse que o estado é delicado, ao que parece ele tentou falar com você antes de sofrer o acidente, sugiro que verifique sua caixa postal.

— Farei isso. Mais alguma coisa?

— O sócio dele está aqui acompanhado de um rapaz.

— Sócio? Não sabia que ele tinha sócio, e o que desejam?

— Disseram ser estritamente confidencial.

— Tudo bem, deixe-me apenas ouvir os recados do senhor Melo e aviso para que eles entrem.

— Combinado. Não vai tomar café?

PERIGOSAS ACHERON

— Já tomei, obrigada, Ju.

— Tudo bem, ficarei no seu aguardo para anunciar os dois lá fora e também para saber detalhadamente o motivo do seu sorriso.

Eu apenas sorri e Juliana saiu da minha sala, com um sorriso enorme. Eu sempre fui muito fechada e reservada, mas Juliana era a pessoa que sabia mais da minha vida pessoal do que qualquer outra pessoa, porém agora ela está perdendo o posto para Saulo.

Eu estava tão feliz, até a minha sala estava mais bonita, minhas roupas mais coloridas e cheia de vida. Tudo era reflexo do meu sim ao Saulo, seguramente foi a decisão mais acertada de toda a minha vida.

Peguei meu celular, liguei-o e realmente, havia uma infinidade de mensagens instantâneas e na caixa postal. Detive-me apenas nas mensagens do senhor Melo, havia quatro mensagens na caixa postal. A primeira e segunda com um pequeno intervalo de tempo, ele pedia para entrar em contato

urgente com ele. A próxima já tinha um espaço de duas horas, repetiu o mesmo apelo e foi enfático em dizer que tinha algo de suma importância para tratar. Fiquei apreensiva e imediatamente um fio de esperança tomou meu coração. A última mensagem foi pouco tempo depois da terceira, ouvi atentamente e as minhas suspeitas, pela urgência do contato foram confirmadas. Ele foi enfático: “*Dona Helena, eu encontrei o Alberto, ligue-me o mais breve possível.*”

Imediatamente coloquei o meu celular na mesa e liguei para Juliana.

— Juliana, peça para o sócio do senhor Melo entrar.

— Certo.

Minutos depois, entraram dois homens na minha sala, um deles aparentava ter por volta dos 40 anos e o outro parecia ser mais jovem. Porém eu estava tão ávida por respostas, que pouco me detive nas feições do outro homem que o acompanhava, apenas no homem que tomou frente e me

cumprimentou:

— Bom dia, dona Helena, sou Rogério Carvalho, sócio do Melo na empresa de investigações. Como vai a senhora? — ele estendeu a mão para me cumprimentar.

— Ótima. Eu soube o que aconteceu com o senhor Melo, estimo que ele melhore tão logo. Ele tentou entrar em contato comigo, sobre uma investigação que estava realizando para mim.

— Sim, apesar do que aconteceu, precisamos dar continuidade nas investigações e é por isso que estou aqui. Ele tentou alertá-la que obteve êxito na sua busca, porém não teve tempo o suficiente, ele queria avisar que encontrou quem a senhora procurava. Esse aqui é o Alberto. — Rogério apontou para homem que o acompanhou.

Fiquei atônita, momentaneamente paralisada, eu esperei tanto por esse momento que não imaginei que quando realmente acontecesse eu ficaria apática e sem esboçar nenhuma atitude.

— Muito prazer, senhora Helena, sou Alberto
PERIGOSAS ACHERON

Machado da Silva — ele estendeu a mão para me cumprimentar.

— Muito prazer, não sabe o quanto o procurei — disse analisando-o detalhadamente.

Confesso que não passou nem perto do que minha mente havia imaginado, ele era alto, vestia-se bem, tinha olhos e cabelos negros. Fiquei impressionada, ele era um homem bonito, embora não tivesse percebido ainda nenhuma semelhança com a minha amiga Vera.

— Sentem-se, por favor — finalmente consegui falar.

Nos sentamos nos sofás na lateral da minha sala, precisava me certificar de que era a pessoa certa, para enfim poder entregar-lhe a carta de sua mãe e cumprir minha promessa, para que a minha amiga possa descansar em paz.

Rogério me apresentou as últimas anotações que encontraram no veículo do senhor Melo, onde constavam o endereço de Alberto, além do documento de identidade dele, que constata o nome PERIGOSAS ACHERON

do pai e o de Vera. Fiquei emocionada quando o li seu documento de identidade.

Conversamos longamente, Alberto era engenheiro civil, trabalhava em uma pequena construtora dos tios no interior do Paraná. Aparentava ser de boa índole, sem dúvida recebeu uma boa educação, era polido e atencioso. Demonstrou bastante interesse em Vera, perguntou-me muito sobre ela e percebi que ele ficou emocionado com as histórias que contei sobre minha grande amiga e principalmente quando contei que ela já havia falecido.

— Meu pai sempre fez questão de falar dela, dizia que ela era linda, cheia de vida e que foi a única mulher que ele amou verdadeiramente. Eu gostaria muito de ter a conhecido, mas fico feliz em saber um pouco mais sobre ela através de você, Helena. — Alberto disse emocionado.

— Eu só não entendo o porquê de seu pai ter fugido com você — acrescentei.

— Meu pai foi enganado, Helena. Ele devia

PERIGOSAS NACIONAIS

dinheiro para algumas pessoas, foi seguido até a casa em que morou com a minha mãe, eles invadiram na surdina e sequestraram eu e o meu pai. Depois contaram que mataram minha mãe, eles nos levariam para o homem que meu pai devia, mas por sorte, quando pararam em um posto de combustível para abastecer, meu pai viu uma viatura da polícia e aproveitou um breve momento de distração dos bandidos e conseguiu correr até a viatura para pedir ajuda.

— Meu Deus! — fiquei perplexa.

— Meu pai sempre fez questão de falar da minha mãe e ele a amou tanto que nunca se casou novamente. Eu fui criado pela minha tia Otília, ela foi a minha mãe. Meu pai ainda retornou na cidade que moraram juntos, escondido, mas a casa foi vendida para outra família, então ele acreditou que realmente ela estava morta.

— Alberto, temos muito o que conversar, tenho muitas histórias para contar e principalmente, Vera foi bem mais que uma amiga para mim, quero poder retribuir tudo que ela fez por mim quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais precisei. O primeiro passo era encontrar você, felizmente conseguimos, agora quero te ajudar.

— Não precisa se preocupar, Helena, eu estou bem e vivo do meu trabalho. Eu realmente estou interessado em saber mais da minha mãe e gostaria muito de visitar o túmulo dela.

— Claro, faço questão de levá-lo. Está hospedado em algum lugar?

— Não, ainda não, o Rogério me apanhou no aeroporto e me trouxe direto para cá, não tive tempo de me hospedar, mas vou providenciar.

— De forma alguma, faço questão de arcar com suas despesas, vou pedir para a minha assistente providenciar sua hospedagem e o que mais necessitar.

— Obrigado, Helena, não quero tomar mais do seu tempo, sei que deve ser muito ocupada, mas quero muito saber mais da minha mãe, podemos marcar em um outro horário para conversarmos melhor?

PERIGOSAS ACHERON

— Claro, sem dúvida, marcaremos sim —
acrescentei.

Despedimo-nos e depois os levei até Juliana, orientei para que ela providenciasse a hospedagem e tudo que Alberto necessitasse, bem como o pagamento do senhor Rogério, pelos préstimos dele e do senhor Melo.

Retornei para minha sala e comecei meus trabalhos do dia, embora estivesse eufórica demais, consegui desempenhar tudo rapidamente. Aliás, precisava agilizar, tinha um compromisso com Saulo no horário do almoço.

Minha vida estava tomando um rumo que eu jamais imaginei ser capaz, finalmente conseguiria cumprir a promessa que fiz a minha grande amiga, apesar de ainda precisar me certificar da veracidade das informações sobre Alberto, eu estava feliz por poder cumprir as promessas que fiz a Vera: encontrar seu filho, expulsar as mágoas do meu coração, amar e ser feliz.

Próximo do horário do almoço, Juliana me

avisou da chegada da minha advogada pessoal. Eu havia pedido que ela viesse até aqui para tratarmos dos trâmites legais a respeito de Alberto. Eu pretendia fazer um testamento e destinar metade dos meus bens para ele, é o mínimo que posso fazer. Obviamente que quero ajudá-lo no que for necessário, ainda em vida, assim como Vera fez por mim.

— Com licença, Helena. — Adriana Borges, minha advogada, disse ao entrar na minha sala.

— Entre, Adriana, como está? — perguntei indo ao seu encontro.

— Muito bem, obrigada, o que posso fazer por você hoje?

— Eu já tinha comentado com você sobre o testamento que gostaria de fazer, eu encontrei o filho da minha amiga, quero que ele herde metade dos meus bens.

— Entendo o carinho pela sua amiga, Helena. No entanto, sugiro que se certifique primeiro que ele é de fato quem você procura.

— Claro, Adriana, mas eu vi seus documentos pessoais, e ninguém sabe dessa história, apenas os investigadores que contratei.

— Ainda assim, Helena, eu farei o testamento, mas sugiro que façamos um teste de DNA.

— Não acho necessário, como disse, ninguém sabia dessa história, Adriana.

— Helena, são milhões de reais em jogo, se Alberto tem certeza que a sua amiga é a mãe dele, jamais se negará a realizar o exame.

— Verdade, então providencie tudo, Adriana, e mais uma vez obrigada.

— Por nada, disponha, Helena. Assim que tiver com a documentação em mãos, venho aqui para coletar sua assinatura. Quanto ao Alberto, precisamos entrar com uma ação de investigação de maternidade *post mortem*, para isso necessitarei conversar com ele pessoalmente.

— Perfeito, agendarei essa conversa. Muito

PERIGOSAS ACHERON

obrigada, Adriana.

— Por nada e até breve.

Despedimo-nos rapidamente e desci para encontrar Saulo, já estava dois minutos atrasada. Meu almoço era tão curto que não queria perder um minuto sequer. Ao chegar no estacionamento, já estava mais vago, olhei rapidamente e não vi Saulo, peguei o celular para ligar, mas fui surpreendida por um toque suave no meu ombro esquerdo. Virei-me imediatamente e fiquei surpresa ao ver Alberto, que permaneceu com a mão pousada no meu ombro.

— Alberto, você aqui?

— Oi, Helena, eu estou hospedado aqui por perto e resolvi passar para te convidar para almoçar comigo, o que acha?

— Desculpe, ela já tem compromisso — Saulo falou ríspido se aproximou de nós e olhou fixamente para a mão de Alberto no meu ombro.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Saulo

Deixei Helena na empresa dela e depois segui para o meu estúdio, tinha duas sessões logo bem cedo. Cheguei rapidamente e nem mesmo fui no meu apartamento, passei direto para o meu estúdio. Vanessa já havia chegado, bem como a modelo da primeira sessão de fotos de hoje. Cumprimentei-a rapidamente, depois voltei-me para Vanessa.

— Bom dia, Vanessa.

— Bom dia, Saulo. Já foi no seu apartamento hoje?

— Não, cheguei agora e já vim direto para cá. O cenário já está pronto?

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, mas recomendo que vá no seu apartamento primeiro.

Não entendi claramente o que Vanessa queria dizer, creio que não foi mais clara para não ser indelicada. Pedi que ela levasse a modelo até o cenário para que ela começasse a se preparar, enquanto isso dei um pulo no meu apartamento.

Abri a porta e me deparei com diversas malas na sala, não fazia ideia de quem poderia ser. Meu apartamento estava uma bagunça, parecia até que tinha um novo morador. Tinha algumas peças de roupas no chão e a mesa de centro tinha algumas bijuterias, um relógio de pulso e um celular com uma capa de unicórnio extremamente brilhante.

Óbvio! É claro, só poderia ser ela.

— Oi, amor, bom dia.

Virei-me rapidamente e Layla saiu do banheiro de toalha, caminhou em minha direção animada e tentou me abraçar. Segurei nos seus pulsos firmemente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que faz aqui, Layla?

— Passei a noite toda aqui te esperando, meu amor. Desculpe pela bagunça, minha presença aqui é resposta da pergunta que você me fez, será que ainda não entendeu? — ela apontou para as malas.
— Eu aceito.

— Você aceita? — fiquei confuso.

— Já esqueceu tão rápido assim? Você me propôs para termos um relacionamento sério, e eu aceito, estou me mudando para sua vida, para sua casa e para o seu coração.

Layla tentou me abraçar, mas impedi novamente e me afastei dela.

— Eu não estou mais disponível, Layla, eu lamento, mas já tenho outra pessoa e estou muito feliz com ela.

Ela gargalhou e veio novamente em minha direção. A reação de total descrença dela me preocupou. Parecia que havia contado uma piada e não a dispensado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está brincando, não é? Eu sei o que sente por mim, eu sei o que sentimos, Saulo, nós pegamos fogo quando estamos perto — ela alisou meu rosto. — É muito mais que química é muito mais forte que nós dois, meu amor.

— Lamento, Layla, eu estou com outra pessoa e a amo, por favor, peço que saia o mais breve possível e deixe a chave do meu apartamento no meu estúdio com a Vanessa, adeus.

Virei as costas para sair e ela correu na minha direção. Parou na minha frente, deixou a toalha cair e estava completamente nua. Tentou alisar meu peitoral, mas segurei suas mãos novamente, ela olhou-me séria, como se nesse momento minha negativa tivesse começado a se tornar real para ela.

— Eu não acredito que não esperou por mim — ela disse alterando a voz.

Encarei-a determinado, eu realmente não queria ser rude ou grosseiro com Layla, mas ela estava dificultando as coisas e encurtando a minha paciência.

PERIGOSAS ACHERON

— Layla, você é linda e merece alguém que a ame de verdade, e esse não sou eu. Desculpe, mas eu amo outra mulher e me casarei com ela.

— Eu vim até aqui crente de que iniciaria uma nova fase da minha vida ao seu lado, e você me diz que ama outra?

— Você me conhece, sabe que sou verdadeiro e fiel quando tenho alguém. Deveria ter ligado antes de entrar no meu apartamento sem minha autorização.

— Você me deu a chave daqui, então tenho livre acesso para vir aqui — ela protestou.

— Tinha, agora estou revogando o seu acesso, recolha suas coisas e deixe as chaves com a Vanessa no meu estúdio. Adeus, Layla.

Desviei de Layla e saí em direção ao meu estúdio. Ela ainda xingou alguns palavrões, bem típico dela, porém nem perdi meu tempo respondendo-a.

Retornei para o meu estúdio e Arthur já tinha

PERIGOSAS ACHERON

começado o ensaio com a modelo. Aproveitei que ele estava realizando as fotos por mim e voltei na recepção para verificar minha agenda do dia, ler meus recados e pedir mais um favor para Vanessa.

— Vanessa, quero que me faça um favor pessoal.

— Sim, em que posso ajudar?

— Vá até o meu apartamento e ajude a Layla com as malas dela. Se precisar de táxi, providencie, por favor.

— Sim, claro.

— Obrigado, Vanessa.

Vanessa saiu e eu retornei ao trabalho, achei melhor que ela ajudasse Layla, não quis ir para não dificultar as coisas. Conheço bem o temperamento explosivo e mimado dela, além de ser sempre muito opiniosa, era melhor manter distância para não alimentar falsas esperanças.

Aproveitei para trabalhar em algumas fotos e

PERIGOSAS ACHERON

verificar outras que já estavam prontas. Ocupei-me por alguns minutos, e quando percebi que Vanessa tinha retornado, fui até ela, queria me certificar que tudo transcorreu bem.

— Tudo certo, Vanessa?

— Sim, apesar de que ela estava bem zangada com você, foi embora sem problemas.

— Melhor assim, ela deixou as chaves do meu apartamento?

— Sim, aqui estão.

Peguei as chaves das mãos de Vanessa, mas achei melhor trocar as fechaduras, por via das dúvidas.

— Faça-me outro favor, providencie um chaveiro e troque todas as fechaduras do meu apartamento. Faça dois molhos de chaves distintos.

— Certo, agora mesmo.

Voltei para o meu trabalho e tive uma manhã

PERIGOSAS ACHERON

bastante agitada, a tal ponto que não tive tempo de ligar para Helena, apesar de estar sempre com ela nos meus pensamentos. Tratei alguns novos contratos e designei novos trabalhos para Arthur e os demais fotógrafos. No fim da manhã, peguei os molhos de chaves com a Vanessa e saí apressado, louco de saudades da minha Helena.

Peguei um trânsito engarrafado, demorei bem mais do que o previsto, queria chegar antes e surpreendê-la. Quando enfim consegui chegar, estacionei meu carro na garagem, descí e caminhei em direção ao elevador, feliz porque finalmente iria vê-la outra vez, mas meu sorriso desapareceu repentinamente e eu fui o surpreendido. Vi um homem segurando o ombro de Helena, muito intimamente para o meu gosto. Aproximei-me rapidamente e ouvi ele a convidando para almoçar.

Fechei o semblante e interrompi a conversa, respondendo firme, apesar de Helena não parecer incomodada com a presença e o toque do homem, eu estava e muito. Parei ao lado de Helena, passei o braço na cintura dela, ela me abraçou rapidamente, parecia feliz.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Saulo, esse é o Alberto, filho de uma grande amiga. Alberto esse é o meu namorado Saulo — Helena nos apresentou.

Cumprimentei-o rapidamente, não pude deixar de perceber a frustração no seu olhar de conquistador barato. Encarei-o com a mesma frieza e indiferença que ele me olhou, vi nos seus olhos algo nublado, obscuro, seguramente não parecia alguém digno de confiança.

— Muito prazer, Saulo. Sou Alberto Machado.

— Machado? Possuem algum parentesco? — questionei.

— É uma longa história, conto durante o nosso almoço. Vamos? — Helena perguntou, direcionando-me o olhar.

— Eu não queria atrapalhar o seu compromisso, Helena, nos vemos em uma outra ocasião. Até breve.

— Até breve, Alberto — Helena respondeu.

PERIGOSAS ACHERON

Alberto acenou com a cabeça e tentou disfarçar a cara de decepção, mas eu reconhecia um homem frustrado, só não sabia qual era o interesse dele na minha Helena.

— Gostei da demonstração de ciúmes, minha vida — ela falou divertida, depois que Alberto tomou distância.

— Eu não estava com ciúmes, pensei que ele pudesse estar te incomodando.

— Ah! Sim, sei. Eu não me importo que tenha ciúmes, já disse que gostei.

Helena sorria, parecia estar se divertindo com a minha preocupação. Não foi ciúmes, apenas zelo e cuidado, vi algo naquele homem que me pareceu errado, seus olhos estavam mascarados, como se ele não estivesse sendo ele mesmo.

Sáímos abraçados, entramos no meu carro e almoçamos em um restaurante que eu adorava, era bem tranquilo, pequeno e aconchegante, sem contar que a comida era ótima. Sempre sentávamos bem perto um do outro, enquanto aguardávamos por PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nossos pedidos, trocávamos muitos beijos apaixonados.

— Sinto falta do seu cheiro — disse inalando o perfume dos seus cabelos.

— E eu de você todo.

Alisei seu rosto e olhei atentamente seus lindos olhos, eles brilhavam e continham a beleza de um mar tão azul e cristalino que me entorpeciam. Ainda sorria sozinho ao lembrar que ela é minha, que a amo e a desejo com a mesma intensidade.

Minha Helena,

Minha amada,

Tão minha, toda minha.

Tomei seus lábios em um novo beijo, mesmo louco de vontades de continuar, cessei o beijo, eu precisava de respostas. A presença desse Alberto me deixou incomodado, não que o vejo como um rival, sei que Helena é minha, porém me preocupo com ela, não quero que nada de mal a aconteça.

PERIGOSAS ACHERON

— E então, quem é o Alberto? — perguntei.

— Quando saí da penitenciária, Vera foi quem me estendeu a mão, não perguntou o quê ou porquê, apenas me ajudou — ela fez uma pausa e secou uma lágrima que escorreu no seu rosto, depois continuou: — Vera foi uma mãe, amiga, confidente, foi tudo que eu precisava naquele momento, ajudou-me a reerguer a cabeça e recomeçar a minha vida. Tudo que conquistei na vida, devo muito a minha grande amiga.

— O que aconteceu com ela?

— Ela já faleceu, mas antes disso, fez-me prometer duas coisas: a primeira era que eu encontraria o filho dela, que foi sequestrado pelo pai ainda bebê, preciso entregar-lhe uma carta que ela mesmo escreveu ainda em vida. A outra era que eu deveria esquecer todas as minhas feridas, amar novamente e ser feliz ao lado de um homem digno — Helena tocou meu rosto. — Você consegue perceber a importância disso na minha vida?

— Sim, claro. Vera foi importante pra você, é

natural que deseje cumprir o último desejo dela.

— Não estou falando de Alberto, estou falando de você. Você me fez esquecer toda dor que um dia senti, curou todas as minhas feridas, deu-me todo o amor que eu precisava sentir para poder me entregar de corpo e alma. Você, minha vida.

À medida que Helena falava, meu coração se enchia de alegria e meu sorriso alargava-se. Eu sabia que era muito importante para ela como ela para mim, mas depois da sua declaração, fiquei mais feliz e emocionado, porque percebi que sou bem mais importante do que imaginava. Senti na simplicidade das suas palavras, todo o seu amor por mim.

— Eu te amo, minha Helena.

— Eu também te amo, minha vida.

O garçom se aproximou com nossos pedidos, depois saiu rapidamente e começamos nosso almoço. Continuamos conversando e Helena contou sobre o projeto social que a empresa dela mantém, que eu já conhecia, o mesmo que leva o PERIGOSAS ACHERON

nome da amiga e o motivo de usar o sobrenome Machado. Foi uma forma de homenagear Vera e porque seu pai a deserdou logo após o incidente com o marido. Esse também era o motivo pelo qual ela não tinha contato com os familiares.

Apesar do teor da nossa conversa ser difícil e doloroso, o almoço e a companhia compensaram tudo. Eu a amava a cada vez mais, era muito bom saber que ela confiava em mim para contar sobre o seu passado e que se sente bem em falar. Não tem sido doloroso e não provocam mais tristezas como antes.

— Não acha suspeita essa aparição repentina?
— questionei.

— Bem, só quem sabe dessa história são os detetives que já trabalharam no caso, porém ninguém obteve êxito na busca. Eu também recebi algumas mensagens do senhor Melo, ele foi enfático em dizer que havia o encontrado.

— Mesmo assim, acho muito suspeito. Você já contou para Alberto que pretende ajudá-lo

financeiramente?

— Não, e ele não demonstrou muito interesse nisso, está mais interessado em saber sobre a mãe, quer visitar o túmulo e o projeto social que leva o nome dela. Pareceu estar mesmo interessado mais em Vera do que em mim, caso seja essa a sua preocupação — ela disse e sorriu.

— Não é isso, Helena, eu só quero que esteja certa do que está fazendo, você é uma mulher pública, muito rica e isso pode atrair pessoas mal-intencionadas e que estejam de olho no seu dinheiro. Mesmo que essa história não seja de conhecimento público, sugiro que se cerque de provas antes de fazer o que deseja.

— Sim, claro. Farei isso, minha advogada quer entrar com um pedido de reconhecimento de maternidade, vamos pedir a exumação do corpo para realização do exame de DNA, mesmo ele tendo o nome da Vera em sua identidade, não há como provar que é a mesma pessoa.

— Melhor assim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Helena olhou no relógio no pulso e disse:

— Precisamos ir, tenho uma conferência daqui a pouco.

— Precisamos de mais tempo juntos — disse e beijei seus lábios.

Chamei o garçom e paguei a conta, depois deixei Helena na HML. Desci do carro e a acompanhei até o elevador, antes dela partir, peguei as chaves reserva do meu apartamento para entregar a ela.

— Helena, espere, tenho algo para te entregar — peguei as chaves em meu bolso e coloquei na palma de suas mãos. — Aqui estão, essas são suas.

— De onde são essas chaves?

— Do meu apartamento.

Ela sorriu lindamente.

— Tem certeza? Não vou querer sair de lá.

PERIGOSAS ACHERON

— Absoluta, pode até mudar para lá se quiser.

— Isso é um convite? — ela brincou.

O elevador chegou, saíram duas pessoas e ela entrou, eu entrei junto com ela e quando as portas se fecharam, beijei seus lábios macios com desejo.

— Não, é um apelo, faça meus dias mais felizes, satisfaça meu desejo de dormir e acordar todos os dias ao seu lado, mude-se para minha casa, para minha vida, porque do meu coração você já é a única habitante.

Helena estava séria, mas sustentava um sorriso nos lábios, os olhos brilhavam tão intensamente que bastava olhá-los para ter a minha resposta.

As portas do elevador se abriram ela saiu com ar de mistério, jogou um beijo para mim e sumiu entre os corredores do andar, sem nada dizer. Eu voltei para garagem sorrindo feito um bobo, eu sabia que ela diria sim.

Retornei para o meu estúdio, agilizei minhas tarefas pendentes e fiz as sessões de fotos de dois

PERIGOSAS ACHERON

executivos, que já estavam agendadas e depois me dei folga, deixei o restante das sessões do dia para o Arthur, precisava organizar meu apartamento para receber a nova habitante.

Enviei a foto de Helena para impressão, pedi urgência, queria logo colocar no meu quarto. Aproveitei e mandei também uma de nós dois juntos e pedi duas cópias, faria um porta-retratos para ela colocar em sua sala e o outro colocaria na minha mesa de trabalho, para trabalhar vendo o quanto nosso amor é lindo.

Corri para o meu apartamento, fiz uma rápida vistoria, organizei, limpei e deixei tudo na mais perfeita ordem. Próximo do fim da tarde, o entregador trouxe meus pedidos, a foto emoldurada de Helena e os outros dois porta-retratos. O quadro dela ficou mais perfeito do que eu imaginava, coloquei-o no meu quarto, de frente para a minha cama, depois de afixá-lo deitei na cama para ter a visão perfeita do rosto lindo da minha Helena. Fiquei alguns minutos admirando-a totalmente perdido e rendido ao seu olhar expressivo e sorriso encantador.

PERIGOSAS NACIONAIS

Minutos depois ouvi uma doce voz me chamando, era Helena. Levantei rapidamente e descí alguns degraus da escada, avistei-a tão formosa, de posse de um sorriso mais lindo ainda, tão perfeito e só meu, só eu tinha aquele sorriso, que agora também estava eternizado na foto mais especial que eu já capturei.

— Boa tarde, minha Helena, chegou cedo.

— Posso subir? — ela perguntou.

— Pode não, deve, quero te mostrar algo.

Ela retirou os saltos e o blazer, depois colocou a bolsa na mesa de centro e subiu ao meu encontro. Ficou dois degraus abaixo do meu, toquei no seu queixo e levantei seu rosto suavemente, adorava ver seus olhos brilhando e o seu sorriso largo. Desci um degrau e coloquei a mão em suas costas, beijei seus lábios com desejo e depois alisei seu rosto suavemente.

— O que tem para me mostrar? — ela questionou.

PERIGOSAS ACHERON

— Feche os olhos.

Ela fechou os olhos, peguei em sua mão e a conduzi lentamente para o meu quarto, posicionei-a de frente para o quadro.

— Posso abrir? — ela perguntou.

— Agora sim, abra.

Ela abriu os olhos e ficou tão estupefata quanto eu, realmente a foto era digna de uma exposição.

— Meu Deus! Ficou lindo, você realmente o colocou aqui? — ela perguntou admirada.

— Eu sempre cumprio o que digo, embora não precisarei mais olhar para foto quando dormir e acordar.

— Não? — ela questionou surpresa.

— Claro que não, porque agora eu terei você ao meu lado todos os dias. Terei esse sorriso e olhos azuis ao vivo e a cores para aquecer meu coração e alegrar a minha alma.

— Não acha que estamos indo rápido demais?
— Helena perguntou séria.

— Minha urgência é em te fazer feliz e ser feliz ao seu lado. Seja para sempre minha, Helena, case-se comigo?

Capítulo 17

Helena

— Com esses olhos lindos é impossível dizer não a você. Mas tenho uma condição — adverti.

— E qual seria? — Saulo perguntou sério.

— Quero você por completo, sem medo de me assustar ou de me magoar.

— Você já me tem por completo, Helena.

— Eu sei, mas me refiro ao seu desejo, sei que tenta se conter porque tem medo de me assustar. Saiba que você me fez perder o medo e receio há bastante tempo — sorri ao falar e ele retribuiu meu sorriso.

— Isso não é uma condição, e sim uma dádiva.

PERIGOSAS NACIONAIS

Saulo me beijou longamente, nosso beijo evoluiu intensamente. Ele me pôs em seu colo e depois me deitou na cama lentamente. Alisou meu rosto e me despiu pouco a pouco, com todo carinho e atenção, acariciando minuciosamente cada parte do meu corpo. Eu já não tinha vergonha de mim mesma, como antes. Sei que a minha idade já afetava consideravelmente minha beleza, o tempo já levou parte dela e da minha jovialidade, porém nunca me senti tão especial como agora. Minhas estrias, celulites e rugas eram aparentes, mas eu me achava tão mais bonita, muito mais do que em qualquer época da minha vida, naturalmente o amor de Saulo foi responsável por aumentar o meu amor próprio e me fez reconhecer a mulher linda que sou.

— Você é linda, Helena, adoraria fotografá-la com sua tatuagem à mostra.

— Cobrarei um alto preço por isso — disse descontraída.

— Pago em dobro, sem nem saber o preço.

PERIGOSAS ACHERON

Saulo sorriu e continuou alisando minha coxa, quando sentiu a cicatriz, parou momentaneamente e me encarou, como se quisesse respostas.

— É uma cicatriz, por isso fiz a tatuagem, queria escondê-la.

— Como as do seu antebraço?

— Sim, todas produzidas pelo Cláudio.

Ele ficou momentaneamente em silêncio, seu semblante de compaixão me deixava tocada, eu sabia que meu passado mexia com ele, deixava-o entristecido, mas eu não o queria preocupado com o que já passei, afinal ele foi o responsável por me fazer esquecer todas as dores que sentia ao recordá-las.

— Sei que é difícil falar do seu passado, e eu sou muito grato por saber que confia em mim para me contar tudo. Isso é muito significativo.

— Eu sei, eu disse que sou sua, então é natural que saiba mais de mim do que qualquer outra pessoa. E graças ao seu amor, não são mais
PERIGOSAS ACHERON

lembranças dolentes.

Um sorriso tímido surgiu em seus lábios que logo vieram de encontro aos meus, trocamos beijos castos e carinhos envolventes.

— Você ainda não disse se aceita o meu pedido
— Saulo insistiu.

— É sério? Você quer casar mesmo? —
questionei surpresa com a insistência na pergunta, embora soubesse que ele estava sendo sincero, pensei que só morarmos juntos já seria o suficiente.

— Óbvio, ou você só quer me usar e jogar fora depois? — ele perguntou sorrindo, descontraído e lindo.

— Jamais, eu quero você na minha vida para sempre. — disse e alisei seu rosto.

— Isso é um sim? — ele perguntou com os olhos brilhando.

Eu já vivi tantas experiências em minha vida, mas seguramente o momento que estou vivendo
PERIGOSAS ACHERON

agora é bem mais intenso e significativo de tudo que já vivi. Via na intensidade do olhar de Saulo o quanto tudo entre nós era verdadeiro, embora nosso envolvimento tenha sido muito rápido, para mim teve um efeito avassalador e estava certa que para ele também.

— Sim, claro que aceito. Não me vejo mais sem você na minha vida.

— Eu é que não aceito mais viver sem você.

Trocamos beijos e nos amamos. Como sempre foi maravilhoso, Saulo era muito carinhoso e parecia conhecer meu corpo como ninguém, sabia exatamente como e onde me tocar. Outra vez foi magnífico e intenso, nossos corpos se uniam prazerosamente, como se fossem apenas um.



PERIGOSAS NACIONAIS

Pedimos uma pizza e depois de comermos, lavamos as louças e voltamos para cama. Deitei em seu ombro totalmente aconchegada e feliz. Estávamos planejando nosso futuro juntos. Saulo sempre me ouvia atentamente e depois apresentava sua opinião, quase sempre concordávamos em tudo, as demais discordâncias, conversávamos outra vez até chegarmos em um consenso. Mesmo muito feliz com o pedido de casamento e a vida ao lado dele, eu tinha medo da mãe dele. Solange deixou bem claro que não aceita nosso envolvimento. Receio que ela não reaja bem quando receber a notícia do nosso casamento.

— Saulo, eu desejo muito casar com você, mas eu receio que sua mãe não aprove nossa decisão.

— Você casará comigo e não com a minha mãe. Deixe que com a dona Solange eu me resolvo. Eu sei que ela foi rude e até preconceituosa com você, mas ela irá amá-la tanto quanto eu, afinal você é a minha felicidade.

— Tem certeza da sua decisão?

PERIGOSAS ACHERON

— Absoluta, Helena, eu te amo como nunca ameí ninguém. Eu amo estar com você, amo o seu sorriso que sei que é só meu, amo nossa cumplicidade, você me entende e me conhece como mulher nenhuma foi capaz.

— Eu sinto o mesmo, apenas tenho medo de não conseguir ser a esposa que você precisa, já tenho 51 anos, em algum momento você desejará ser pai e talvez quando isso acontecer eu não...

Saulo me interrompeu.

— Helena, não pense no futuro, vamos viver o agora, mas saiba que quero sim ser pai, fique tranquila que se não puder me dar filhos biológicos, podemos adotar. Vamos nos preocupar com uma coisa de cada vez. Primeiro, precisamos decidir onde iremos morar. Aqui tem espaço para nós dois.

— Desde que esteja ao seu lado, moro em qualquer lugar, até embaixo da ponte.

Saulo sorriu de minhas palavras e me abraçou forte. Beijamo-nos e o meu celular tocou. Eu havia deixado no criado-mudo. Olhei rapidamente era um
PERIGOSAS ACHERON

número desconhecido, achei melhor não atender. Devolvi para o criado-mudo e voltei para os braços de Saulo, antes de me aconchegar novamente, o celular voltou a tocar.

— Não vai atender? — Saulo perguntou.

— É um número desconhecido, não deve ser ninguém importante.

— Acho melhor atender.

Saulo tinha razão, atendi:

— Alô, quem fala?

— Oi, Helena, sou eu o Alberto, você está ocupada agora?

— Oi, Alberto, sim, estou ocupada. Aconteceu algo?

Saulo mudou o semblante imediatamente ao ouvir o nome de quem eu falava.

— Não, está tudo bem. Só queria conversar

com você, conhecê-la um pouco mais, talvez tomar um drinque, o que acha?

— Desculpe, Alberto, mas não posso, estou com o meu namorado agora.

— Uma pena, mas tudo bem. Ficarei te aguardando.

— Ok. Até breve.

— Até mais, Helena.

Desliguei o celular e encarei Saulo, ele não pediu explicações, mas me senti no direito de falar o que Alberto desejava.

— Ele queria conversar, mas disse que estou ocupada.

— Você não precisa se explicar, Helena. Eu já disse que confio em você, sei que sou dono do seu coração, mas me assusta essa intimidade repentina, isso me preocupa.

— Calma, ele só está querendo conversar, saber

PERIGOSAS NACIONAIS

um pouco mais da mãe.

— Espero estar errado, mas esse cerco todo e o sorriso cheio de dentes para você me dizem outra coisa.

— Outra coisa? — perguntei surpresa.

— Esquece, não quero falar dele. Vamos falar de nós, acho que aqui é mais aconchegante para nós dois, seu apartamento é muito grande, aqui ficaremos mais colado um no outro. O que me diz?

— Perfeito, aqui tem mais alegria mesmo, o meu apartamento é muito sombrio.

— Concordo.

Novamente meu telefone tocou, mas dessa vez não era o número que Alberto ligou, era a Patrícia, gestora do abrigo Vera Machado. Geralmente ela só me ligava em situações bem atípicas, atendi prontamente.

— Alô.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boa noite, Helena, desculpe por ligar uma hora dessas, mas aconteceu algo e gostaria de comunicar primeiramente a você, para tomarmos uma decisão mais acertada.

— O que houve, Patrícia? — perguntei preocupada.

— Uma ex-abrigada nossa, acabou de retornar muito espancada e está com a filha. Ela se nega a ir na delegacia para prestar queixa e muito menos ir ao pronto-socorro para receber atendimento médico. O que devo fazer?

— Ela já foi nossa abrigada, então conhece como trabalhamos, é natural que tenha medo de denunciar o agressor.

— Exatamente, ela pediu para ficar aqui até conseguir dinheiro para ir embora com a filha dela para o Nordeste.

Olhei no relógio de pulso, e achei melhor ir pessoalmente. Talvez conseguisse convencê-la de fazer o correto, denunciar o agressor e ir ao hospital.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou aí, abrigue-a e mantenha segura até eu chegar.

— Tudo bem, Helena, até logo.

— Até logo, Patrícia.

Desliguei o telefone e fiquei pensativa. Eu pouco aconselhava outras mulheres, mas agora eu tinha motivos o suficiente para fazê-lo e dizer que pode sim, haver uma segunda chance. Sinto-me tão bem para falar que o amor pode ser algo prazeroso e respeitoso, que precisava ir lá pessoalmente.

— Algo errado? — Saulo perguntou.

— Uma mulher chegou agora no abrigo pedindo ajuda, mas não quer denunciar o agressor e nem mesmo receber atendimento médico. Eu preciso ir lá, tudo bem para você?

— Claro que sim, eu vou junto.

— Não precisa se preocupar, tentarei ser breve.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, Helena, vou com você.

— Tudo bem.

Trocamos-nos e saímos em direção ao abrigo, durante o trajeto, Saulo alisava minha coxa e mão suavemente. Tínhamos uma cumplicidade inexplicável, depois do que passei no meu primeiro casamento, tornei-me cética, deixei de acreditar em lances do destino, horóscopo, almas gêmeas, metade da laranja, essas coisas, mas depois de Saulo, comecei a rever minhas crenças, era imensurável o nosso amor e como nos completávamos e nos entendíamos perfeitamente bem, como duas almas gêmeas.

Chegamos em poucos minutos, Saulo estacionou o carro e descemos juntos. Achei que ele ficaria no estacionamento me aguardando, mas ele fez questão de ir comigo. Ao entramos, Patrícia estava na sala brincando com uma menina. Veio ao nosso encontro ao nos avistar, Saulo permaneceu segurando em minha mão.

— Oi, Patrícia, onde ela está? — perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela está no quarto número 4, recomendei que tomasse um banho e por isso estou aqui com a Júlia. Eu gostaria muito de acompanhá-la, mas pedi que uma das monitoras viesse para ficar com a criança, porém ela ainda não chegou.

— Eu posso ficar aqui com a Júlia, não tem problemas. — Saulo se ofereceu.

— Sêrio? — perguntei surpresa.

— Sim, faço parte de uma ONG que leva alegria para crianças hospitalizadas, posso entretê-la enquanto resolvem tudo — Saulo disse.

— Ela chegou chorando muito e não disse uma só palavra até agora. Precisarão de atendimento psicológico e muita atenção. — Patrícia acrescentou.

— Ela estará em boas mãos, a Dhúlia é especialista em atendimento a crianças vítimas de experiências traumáticas. Além de ser uma ótima psicóloga, tenho certeza que ajudará muito — disse.

PERIGOSAS ACHERON

Beijei Saulo castamente e antes de ir, fui até a pequena menina, ela brincava com uma boneca em um sofá na lateral da sala, aproximei-me lentamente e toquei seus cabelinhos cacheados, lindos e negros, apesar de estarem um pouco desarrumados. A pequena menina se virou rapidamente e me olhou com tanta ternura, era uma linda criança com feições delicadas e meigas, mas seus olhinhos tristes e avermelhados me calaram momentaneamente. Senti uma vontade imensa de abraçar e acalotá-la, mas me contive e apenas alisei seus cabelos ternamente e depois beijei sua cabecinha. Ela era tão pequena e frágil, mas lamentavelmente já estava experienciando situações muito traumáticas para sua tenra idade. Ver a sua inocência e infância sendo ceifadas, era o que mais me doía. O semblante de tristeza e o modo descuidado como estava, era como um pedido de socorro. Eu sempre me emocionava com as crianças, por isso pouco lidava com elas assim que chegavam, só depois que passavam por sessões com a Dhúlia, nossa psicóloga.

— Oi, Júlia, tudo bem? — ajoelhei-me para olhar em seus olhos — Eu sou a tia Helena, e esse

aqui é o tio Saulo, você pode cuidar dele para mim só um pouquinho?

Ela sorriu e acenou positivamente com a cabeça, estendeu a mão para Saulo e o conduziu para próximo dela, depois continuou brincando com a boneca que tinha nas mãos. Acenei para Saulo e saí na companhia de Patrícia.

— Ela só tem uma filha?

— Sim, somente a Júlia, o atual relacionamento é abusivo e a o marido parece que não aceita muito bem a menina.

— Não é o pai dela?

— Não, isso é o que me preocupa, Valéria chegou bastante ferida e com certeza a criança presenciou essas agressões.

— Sem dúvida. E o pai da Júlia, não quer ficar com a menina? — perguntei.

— Ele já é falecido. Era envolvido com tráfico de drogas e foi morto durante uma troca de tiros

PERIGOSAS ACHERON

com a polícia, quando a Júlia ainda era bebê.

Chegamos no quarto e Patrícia bateu suavemente na porta, Valéria atendeu e ao nos ver baixou a cabeça, para encobrir o olho roxo e alguns hematomas no pescoço.

— Podemos entrar? — Patrícia perguntou.

— Sim — ela respondeu baixinho.

— Sente-se — aponte para cama. — Eu sou Helena e essa é a Patrícia, que você já conheceu. Qual seu nome?

Peguei uma cadeira e sentei de frente para ela, Patrícia sentou-se na cama ao seu lado.

— Valéria — ela murmurou ainda cabisbaixa.

— Valéria, estamos aqui para ajudá-la, acredite, eu sei bem como você está se sentindo agora, não é fácil tomar coragem e denunciar um agressor, porém é necessário.

— Ele me ameaçou de morte, eu tenho medo

que ele faça algo com a minha Juju — ela falou pausadamente contendo as lágrimas.

— Eu entendo perfeitamente, mas preciso que confie em nós, se veio até aqui é porque sabe como trabalhamos, portanto, confia no nosso trabalho, não é mesmo?

— Sim, mas eu tenho medo que ele tente nos matar, por isso não quero denunciá-lo. — ela chorou copiosamente e Patrícia abraçou-a ternamente.

— Valéria, eu também já fui agredida assim como você, mas encontrei alguém que me ama de verdade e hoje sou muito feliz. Aqui ficarão segura, mas preciso que colabore conosco, precisamos fazer o certo. Você precisa de atendimento médico e também registrar ocorrência contra o seu agressor. Podemos conseguir uma medida protetiva para que ele não se aproxime mais de você e da Juju. Aqui estará segura.

— Tudo bem, eu preciso fazer isso pela minha filha. Não deveria ter fugido da outra vez que estive

PERIGOSAS NACIONAIS

abrigada aqui, dessa vez vou até o fim. Eu não posso permitir que ele me faça isso novamente.

— Aqui você terá todo o apoio que necessitar, conte conosco.

— Obrigada.

— A Patrícia ficará com você agora, quero que fique bem e se precisar de algo só chamar, tudo bem? — peguei suas mãos e a apartei firmemente.

— Obrigada, Helena.

— Preciso ir, qualquer coisa que precisar só chamar — reforcei.

Saí do quarto e Patrícia continuou com Valéria, retornei para sala e quando cheguei, fui surpreendida pela cena mais linda que vi hoje. Saulo estava sentado no chão brincando com Júlia. Parei na porta e fiquei admirando-os, ele era tão cuidadoso e gentil que os olhinhos da pequena já não tinham mais tristeza, e sim brilhavam, seu aspecto doce e meiga estavam evidenciados pelo seu sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

Saulo fazia mímicas e ela gargalhava com as imitações, foi tão tocante vê-los assim, nitidamente estavam alegres. Tentei não chamar muita atenção e me aproximei lentamente, sentei no sofá e quando perceberam minha presença, os dois correram em minha direção. Júlia gesticulava e apontava para mim.

— Princesa? Rainha? Não, não, pássaro? — Saulo questionou e ela balançou a cabeça negativamente.

— Não, tio, você errou, era anjo.

— Anjo? — Saulo perguntou confuso.

— Sim, igual a tia Helena. Você também é um anjo, mas é palhaço. A tia Helena é anjo de luz.

— Anjo de luz? — perguntei surpresa.

— Sim, tia Helena, sua alma tem muita luz.

Sorri das palavras dela, alisei seu rostinho ternamente e respirei mais aliviada ao vê-la sorrindo. Ela continuou gesticulando e trocando

PERIGOSAS ACHERON

mímicas com Saulo e até me incluíram na brincadeira, sentamos os três no tapete da sala, completamente à vontade e continuamos a brincadeira. Instantes depois a monitora chegou e nos despedimos da pequena Júlia com abraços afetuosos e muitos beijinhos. Incrível como ela era dócil, carinhosa e rapidamente se afeioou ao Saulo e a mim também.

— Tchau, Jujuba, não esquece o que disse, você é a Super-Jujuba e seu poder e o sorriso, não o esconda de ninguém, certo? — Saulo disse com ela no colo.

— Tá bom, tio, promete que vai voltar aqui para brincar comigo de novo?

— Claro que sim, pode deixar, eu e a tia Helena voltaremos. Combinado? — ele levantou a mão e ela bateu rapidamente, retribuindo o seu cumprimento.

— Tchau, Jujuba, voltaremos para vê-la, certo?

— Certo, tchau, tia — Júlia me abraçou tão calorosamente, com seus bracinhos tão pequeninos

PERIGOSAS ACHERON

e frágeis.

Depois ela acompanhou a monitora e eu Saulo deixamos o abrigo, saí mais feliz, tinha conseguido convencer Valéria de fazer o correto e semeei uma sementinha de esperança no coração dela. E Júlia? Ou melhor, Jujuba? Linda e doce, fiquei satisfeita porque a deixamos com um sorriso radiante no rostinho, a felicidade só se completou por saber que Saulo colaborou para que o sorriso voltasse ao rostinho dela.

Entramos no carro e seguimos, primeiro passei no meu apartamento, peguei algumas roupas e objetos pessoais que necessitaria com mais urgência, aos poucos completaria minha mudança e depois retornamos para o apartamento dele.

Já era bem tarde da noite quando chegamos, tomei um banho, vesti uma roupa leve e me sentei no sofá para ler alguns e-mails e avaliar o meu extrato bancário, enquanto Saulo tomava banho. Descobri que o cheque que dei para o Saulo em pagamento da sessão de fotos que ele fez, nunca foi descontado. Mal terminei de fechar o *notebook* e

alguém bateu na porta. O porteiro não avisou, deduzi que era alguém conhecido, levantei e abri a porta, deparei-me com uma mulher jovem, de cabelos longos, tatuagens e roupas descoladas. Ela me olhou atentamente, analisou-me dos pés à cabeça, um tanto desdenhosa

— Então você é a eleita do Saulo?

Capítulo 18

Saulo

Saí do banho e já subia para me trocar no quarto, vi Helena com a porta aberta. Ouvi uma voz familiar e a reconheci imediatamente, era Layla. Estava só de toalhas e mesmo assim caminhei em direção à porta apressado.

— O que faz aqui, Layla? — perguntei me posicionando atrás de Helena.

— Calma, Saulo, só queria saber se a desculpa que me deu hoje pela manhã era verídica. Embora saiba que você é o senhor perfeitinho — ela fez aspas com as mãos ao pronunciar a última palavra. — Eu precisava constatar a verdade, saber

realmente se me dispensou porque tinha de fato alguém.

— Agora que já viu, pode ir embora e de preferência não volte mais aqui.

Helena se manteve em silêncio, apenas observando atentamente Layla.

— Quanta falta de educação, Saulo, não vai me convidar para entrar? Oferecer um café ou uma transa como sempre fazia? Aliás, isso nós fazíamos muito bem. Talvez sua namorada tope um sexo a três — ela falou debochadamente.

Antes que eu pudesse responder algo, Helena tomou a palavra.

— Você não é bem-vinda aqui, garota. E não, eu não topo sexo a três. Acho melhor ir embora agora mesmo antes que minha paciência se esgote. Não tenho tempo para perder com menininhas mimadas com dor de cotovelo como você.

— Oh! Ela fala! Escute aqui... — Layla engrossou a voz e apontou o dedo para a cara de PERIGOSAS ACHERON

Helena.

Helena bateu na mão dela e se aproximou ainda mais de Layla, encarou-a com frieza, tive até medo que as duas partissem para agressão física.

— Esqueça o meu marido e o nosso endereço, sim nosso, eu moro aqui agora.

Layla arregalou os olhos incrédula e balançou a cabeça negativamente.

— É com esse tipo de mulher que você relaciona, Saulo? — ela perguntou já com a voz mais branda.

— Menina, vá chorar na sua casa, não ver que está sobrando? Saulo precisa de uma mulher e não de uma menininha tola e fútil como você.

Layla engoliu seco as últimas palavras de Helena, virou as costas e partiu bufando.

Tranquei a porta, Helena estava em silêncio, corri até meu quarto, vesti uma calça de moletom, voltei para sala e aproveitei para ligar para o

PERIGOSAS ACHERON

porteiro e informar que Layla não tinha mais autorização para subir sem ser anunciada.

— Pronto, ela não vai mais aparecer de surpresa — disse e sentei ao lado de Helena.

— Vocês namoraram? — Helena perguntou séria.

— Não, nos víamos ocasionalmente, eu nunca fui homem de relacionamentos sem compromissos, então ela vinha quando queria e sempre acabava me convencendo e ficávamos juntos. Porém no dia seguinte ela ia embora como se nada entre nós tivesse acontecido. Até que cansei e disse que não queria mais assim, só se ela quisesse algo sério.

— E ela não aceitou?

— Sim, porém demorou demais. Quando ela reapareceu meu coração já tinha dona, ou melhor, não só meu coração, minha vida inteira — disse e alisei seu rosto.

Um sorriso tímido surgiu nos lábios dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela já esteve aqui depois que nos conhecemos?

— Sim, hoje pela manhã, veio com malas e a pretensão de ficar para termos um relacionamento sério.

— E o que você fez?

— Disse a verdade, que amo outra mulher e que me casarei com ela, depois pedi gentilmente que fosse embora.

— Ela é bonita, jovem e...

Interrompi Helena, seu olhar sério me dava pistas do que ela pretendia dizer.

— E eu amo outra mulher, simples assim. Não me interessa mais se ela ainda tem algum interesse em mim, agora sou seu — puxei-a para meus braços. — E gostei muito de ouvir você me chamar de seu marido.

Ela sorriu e alisou minha barba, depois nos beijamos e eu a abracei forte. Todas às vezes que a

PERIGOSAS ACHERON

abraçava, queria que ela sentisse o quanto o meu amor por ela era forte e verdadeiro. Quando a tinha em meus braços, só havia espaço para o amor.

— Júlia é uma menina encantadora. Quero visitá-la mais vezes. — disse rompendo nosso silêncio.

— Sim, e ela gostou muito de você. Fiquei admirada vendo-os juntos, tem bastante jeito com crianças.

— Eu faço parte de uma ONG, chama Doutores da alegria, nós visitamos crianças que estão hospitalizadas e levamos um pouquinho de alento ao sofrimento delas. Geralmente fazemos números de mágicas, palhaçadas e até já me vesti de príncipe encantado.

— Está explicado o motivo dela ter gostado tão rápido de você.

— Ela é encantadora, apesar de ter os olhinhos tristes é uma linda menina.

— Sim, já vivenciou situações muito
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

traumáticas — Helena justificou.

— Posso imaginar. Seu projeto social é muito bonito, Helena. Gostaria de voltar mais vezes lá e conversar com as crianças, se me permitir, é claro.

— Óbvio que sim, elas adorarão receber um palhaço por lá.

— E eu vou adorar conhecer um pouco mais da vida da minha esposa.

— Nunca pensei que seria tão prazeroso ouvir esse vocativo outra vez.

— Minha esposa, eu já a considero minha, afinal, já te jurei o meu amor e a minha fidelidade perante Deus.

— Eu também, agora vai ter que me aturar. Ei! Você não descontou o cheque que te dei pelo pagamento das fotos.

— Você já me pagou esqueceu? Seu beijo para mim é mais valioso que qualquer montante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei que sim, mas insisto que desconte o cheque, é seu.

— Já que é meu, posso fazer o que quiser, certo?

— Sim, faça o que desejar.

Helena disse e me beijou castamente.

— Precisamos pensar no nosso casamento, quero casar no civil e religioso, caso ainda não tenha se casado na igreja.

— Não casei no religioso, apenas no civil. Minha família e a de Cláudio tinham religiões diferentes, portanto só casamos no civil.

— Perfeito, quero você de branco, será a noiva mais linda do mundo.

— Calma, vamos pensar com calma em tudo, mas primeiro vamos aproveitar que estamos aqui nesse sofá juntinhos e nos amarmos — ela disse serenamente e alisou meu peitoral.

PERIGOSAS ACHERON

— Seu desejo é uma ordem — disse e tomei seus lábios em um beijo sôfrego e urgente.

Não havia mais medo nos olhos de Helena, apenas desejo, eu realmente era um homem de muita sorte e me sentia pleno ao lado dela. Adorava cada centímetro do seu corpo, amava despi-la lentamente só para observar minuciosamente seu corpo, tão feminino e sensual que me enlouquecia só de olhar. Eu era fascinado por ela e a cada vez que a tinha completamente, meu desejo só aumentava de modo inexplicável.

Já tive muitas mulheres, mas nenhuma delas me proporcionou tanto desejo e prazer quanto Helena, mesmo contendo meu desejo lascivo por ela, para não a assustar, eu me satisfazia apenas de vê-la ardendo de desejo. Mas, hoje especialmente foi diferente, eu não mais me contive, não havia mais necessidade, Helena estava totalmente entregue ao nosso amor e pela primeira vez, despi-me do medo de provocar-lhe dor, fui quem realmente sou, selvagem, intenso e insaciável, além de completamente louco por ela. Amei-a de todas as formas possíveis, como sempre desejei. Mostrei o

quão a desejo do corpo e alma.



Duas semanas depois...

Deixei Helena na HML, bem cedo e depois retornei para o meu estúdio. A vida ao lado dela estava a cada dia mais harmoniosa, ela era incrível e me completava muito bem. Eu estava feliz e realizado e certo de que ela também.

Visitei o abrigo e a Jujuba algumas vezes no decorrer da semana junto de Helena. As crianças que moravam lá, eram adoráveis e ficaram muito felizes com minha aparição de um palhaço. Fiz uma apresentação e a Júlia foi minha assistente. Foi incrível. Aproveitei uma dessas visitas para doar o cheque que Helena me deu para o abrigo, embora ela tenha protestado, acabou aceitando bem, já que

era o meu desejo.

Levei Helena para conhecer a ONG que eu participava e ela adorou visitar as crianças hospitalizadas. Nesse mesmo dia almoçamos com a Sandra um pouco antes da visita, perto do hospital que ela trabalhava mesmo. a minha irmã adorava Helena, conversamos bastante e contamos que estávamos morando juntos e que nos casaríamos, ela ficou muito feliz, porém pedi que não contasse aos nossos pais, eu mesmo queria fazê-lo.

Fiz apenas duas visitas aos meus pais depois do incidente com Helena, e liguei outras poucas vezes, não tocamos mais no assunto, embora minha mãe tenha tentado falar algo, cortei imediatamente a conversa para não evoluir para uma discussão. Detive-me apenas em dizer que estava feliz, e muito por sinal, mas não precisei argumentar, minha felicidade era notória.

Nossos finais de semana foram apenas de lazer e prazer, eu e Helena passeamos de moto, fomos ao cinema, passamos uma noite na fazenda, celebramos mais uma vez o nosso amor, com uma

noite memorável, com direito a jantar à luz de velas e dança de rosto colado, como no nosso primeiro encontro. Não poderia estar mais feliz e certo de que escolhi a mulher ideal para dividir a minha vida.

Descordávamos de bem poucas coisas, sobretudo a cerca de Alberto, não concordava com o cerco que ele fazia a Helena, embora ela não tenha percebido nada de estranho nisso, creio eu que é devido à emoção de encontrá-lo, eu me mantinha sempre atento a tudo que vinha dele. Esbarramo-nos algumas vezes e todas às vezes tive a mesma sensação, Alberto não era alguém de boa índole. Porém não tinha provas do que achava a respeito dele, tentei evitar qualquer proximidade dele a nós dois. Helena e Alberto se encontraram algumas vezes, mas na empresa dela. No dia que foram ao cemitério visitar o túmulo da Vera, acompanhei-os, e não os perdi de vista um só instante. Helena achava engraçado e dizia que eu era ciumento, como não tinha provas do caráter duvidoso dele, deixava ela pensar que era ciúmes, decerto também tenho um pouco de ciúmes sim.

Cheguei no meu estúdio animado para começar o dia e me deparei com minha mãe sentada na recepção à minha espera.

— Vanessa, por favor, peça para Arthur iniciar a sessão por mim. — disse e caminhei em direção à minha mãe que levantou ao me ver se aproximar.

Ela me abraçou ternamente e depois beijou minha testa.

— A sua benção, minha mãe.

— Deus o abençoe, meu filho.

— Vamos até o meu apartamento.

Entramos no apartamento e percebi que ela passou um rápido olhar, porém minuciosa e atenta a cada detalhe.

— Está diferente da última vez que estive aqui. Posso sentar? — ela perguntou apontando para o sofá.

— Claro, mãe, fique à vontade. Aceita um café,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma água?

— Não, meu filho, só queria ver como você está, tem ido tão pouco nos ver.

— Estou muito bem, mamãe. E o papai como está?

— Está bem, sente-se aqui comigo.

Sentei ao seu lado e ela pegou minhas mãos e as apertou ternamente. Seu olhar era fraterno, mas continha tristeza, e eu sabia o motivo, mas minha relação com Helena era algo indiscutível. Ela sabia disso, embora não concordasse com nosso relacionamento.

— Mãe, eu e Helena estamos morando juntos.

— Eu imaginei, percebi que aqui está mudado, organizado e mais arrumado, é perceptível que tem uma presença feminina — ela acrescentou forçando um sorriso sem graça.

— Sim, Helena tem bom gosto.

PERIGOSAS ACHERON

— Óbvio, escolheu você como companheiro — ela fez uma pequena pausa, como se estivesse engolindo o choro preso em sua garganta. — Meu filho, eu não quis ser indelicada ou grosseira, embora reconheço que tenha sido, mas fui pega de surpresa e agi por impulso. Não vou mentir que gostaria que tivesse arrumado uma mulher mais jovem, porque quero ser vovó, porém não vou interferir no seu relacionamento, mesmo não estando de acordo, prometo que não vou mais brigar com Helena.

— A senhora foi injusta, mamãe, não deu chance para conhecer Helena. Ela é uma mulher incrível, e o mais importante de tudo, ela me ama de verdade e me faz feliz.

— Eu sei, meu filho, já percebi isso. Tenha um pouco de paciência com a sua velha mãe, já disse que tentarei me acostumar.

— Não é se acostumar, mamãe, é entender que estou feliz e isso é o que importa. Independente de idade, cor, raça ou classe social, Helena é a mulher que escolhi para dividir a minha vida, nós estamos

felizes e ponto final.

— Você sempre foi muito sensato, meu filho. Estou certa de que fez uma boa escolha. Eu preciso me desculpar com Helena, não quero intrigas em nossa família, quero que volte a frequentar nossa casa como sempre fez e... — mamãe alisou meu rosto com um sorriso tímido e continuou: — Helena será bem recebida.

— Está falando isso de coração?

— Sim, meu filho, já disse que não quero brigas, não quero me afastar de você. E se é ela que o faz feliz, tenho de ser grata a ela, e orar para que Deus os conserve sempre assim. Nossa família sempre em primeiro lugar.

— Não sabe o quanto é bom ouvir isso de você, mas precisamos ir com calma. Vamos dar tempo ao tempo.

— Tudo bem, espero poder ter a chance de conversar pessoalmente com ela me desculpar, eu realmente estou arrependida pelo que fiz.

— Teremos essa oportunidade.

Abracei minha mãe e ela não segurou as lágrimas, chorou copiosamente. Alisei seus cabelos tentando acalmá-la. Suas lágrimas eram reais, nossa família sempre foi muito unida e o fato de eu ter ido pouco em casa e ter a tratado com um certo distanciamento a fez repensar nas suas atitudes. Eu estava um pouco receoso, mas agora diante do seu choro, vejo que é verdadeiro e o seu arrependimento é real.

— Não chore, mamãe, vai ficar tudo bem.

— Meu filho, eu sou muito boba, não deveria ter feito o que fiz, o que mais me deixa tranquila é saber que minhas palavras não tiveram força suficiente para separá-los.

— Não, mas quase. Agora está tudo bem e eu pedi Helena em casamento.

— Esse é o meu Saulo, você sempre foi muito intenso, quando namorava era sempre fiel e levava tudo tão a sério, não poderia ser diferente agora, sei que a ama e é correspondido, nada mais natural que

PERIGOSAS ACHERON

se unam em matrimônio.

— E o que pensa disso? — perguntei surpreso pela resposta dela, achei que ela ficaria decepcionada.

— Penso que ficarei feliz e serei eternamente grata a Helena se continuar vendo esses seus olhinhos brilhando quando fala o nome dela.

Dessa vez o meu sorriso que foi imenso em retribuição ao de minha mãe, abracei-a com ternura e feliz por saber que finalmente não haveria mais nada contra a minha união com Helena. Conversamos por mais alguns minutos, depois minha mãe partiu e eu retornei para o estúdio para trabalhar.

O restante da manhã, transcorreu na mais perfeita ordem, tirei alguns minutos para enviar uma mensagem para Helena, no intervalo de uma sessão e outra, apenas para dizer o quanto a amava. Perto do horário do almoço fui buscá-la, precisava falar sobre a visita de minha mãe, estava ansioso para contar a novidade.

Cheguei no estacionamento pontualmente às 12h, estava aguardando dentro do carro, passaram-se alguns minutos e nada dela aparecer ou dar notícias. Olhei impaciente o celular e não havia quaisquer mensagens ou ligação perdida. Nosso almoço era tão curto e rápido que não gostávamos de perder um minuto sequer.

Desci do carro e resolvi ir até o andar da diretoria, eu já tinha livre acesso na empresa, concedido por Helena. Subi e aguardei na recepção, até ver a assistente de Helena.

— Bom dia, Saulo, veio buscar Helena?

— Bom dia, Juliana, sim, ela está ocupada?

— Ela estava em uma ligação, mas pode entrar.

Entrei na sala sorrateiramente, não queria atrapalhá-la, ela realmente falava ao celular, ao me ver sorriu lindamente, mas seu semblante demonstrava preocupação. Sentei na cadeira de frente para ela, enquanto ela finalizava a ligação.

— *Eu entendo, tudo bem. No seu tempo, sem*
PERIGOSAS ACHERON

problemas. Eu estimo que leve em torno de uns 120 dias após a coleta do material. Perfeitamente, até breve, Alberto.

Helena desligou o celular e levantou para me cumprimentar, deu-me um beijo casto e pegou seu blazer e bolsa.

— Vamos? — ela disse calmamente.

— Sim, você parece tensa, algum problema?

— Alberto precisou retornar para o Paraná, parece que a tia não está bem de saúde.

— Você chegou a falar sobre o DNA com ele?

— Sim, pena que precisaremos adiar.

— Helena, desculpe, não quis me meter nessa história, você sabe disso, mas desde o início tudo isso me pareceu muito errado, não acredito nem um pouco nesse Alberto.

— Já disse que ninguém sabia disso, o que ele ganharia aparecendo do nada?

— Talvez estivesse interessado em seduzi-la, roubá-la, sei lá. Mas há algo errado nisso. Talvez a sua alegria ao o encontrar está ludibriando sua razão e a impedindo de enxergar o óbvio.

Helena estava séria, parecia confusa.

— Talvez você tenha razão, o que sugere que eu faça?

— Acho que deve começar pelo sócio do seu detetive, já averiguou se o tal Rogério é mesmo sócio do senhor Melo?

— Não, ele trouxe o caderno de anotações do senhor Melo, reconheci a caligrafia dele, por isso não desconfiei de nada.

— Por que não começa fazendo uma visita ao senhor Melo? — sugeri.

— Depois me ocupo disso, vamos almoçar agora que já perdemos tempo demais.

Trocamos alguns beijos e abraços, logo em seguida deixamos a HML. Sempre almoçávamos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no mesmo restaurante todos os dias, em seguida eu a deixava no trabalho e voltava para o estúdio. Depois do nosso almoço, trocávamos alguns beijos no estacionamento da empresa e nos despedíamos.

— Até mais tarde, minha Helena.

— Sentirei saudades, minha vida — ela disse e me beijou outra vez.

Helena abriu a porta do carro para sair e desistiu, sentou-se novamente e afivelou o cinto de segurança.

— Você tem toda razão, esse Alberto tem algo de errado. Preciso tirar essa história a limpo e descobrir a verdade. Você me acompanha?

— Claro, minha Helena, sempre.

Deixamos a sede da HML em busca de respostas, eu estava certo de que obteríamos respostas concretas que provariam minhas desconfianças: Alberto é uma fraude.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

Helena

Cancelei todos os meus compromissos naquela tarde, eu precisava esclarecer essa história de uma vez por todas. Durante o trajeto, tentei relembrar todos os momentos em que estive à sós com Alberto, tentei buscar alguma evidência, que talvez a minha emoção de o ter encontrado não me permitiu enxergar com clareza. Eu estava tão feliz que confiei cegamente na verdade que me foi apresentada.

Enquanto nos dirigíamos até escritório do senhor Melo, meus pensamentos estavam longe, distante, lembrei de alguns momentos com o Alberto. Agora consigo perceber com mais nitidez que ele sempre me tratou com muita cortesia, e

analisando com outros olhos, vejo que Saulo tinha razão. É nítido que ele não tinha interesse somente na minha amizade e em informações sobre a suposta mãe. Imediatamente recordei do dia em que visitamos o túmulo dela:

— *É aqui, Alberto — aponte para lápide à nossa esquerda.*

— *Seu namorado tem ciúmes de mim ou é impressão minha? — Alberto perguntou.*

— *Saulo? Não, ele só faz questão de estar presente nos momentos que são importantes para mim, como esse. Algum problema nisso?*

— *Não é isso que percebo, ele parece estar sempre mal-humorado, será mesmo que gosta de você?*

— *Desculpe, não estou entendendo suas colocações, e não viemos aqui para falar de mim ou do Saulo, e sim de Vera, sua mãe — adverti.*

— *Claro, claro.*

Depositei as rosas que trouxe e ele fez o mesmo, colocou as suas e alisou o nome da Vera na lápide, que sempre esteve bem cuidada e limpa, como sempre fiz questão de manter.

— Minha querida, hoje é um dos dias que mais esperei para estar aqui, finalmente encontrei o seu filho Alberto — estendi a mão para ele. — Agora você pode descansar em paz, cuidarei do seu filho e prometo que farei tudo que você gostaria de ter feito por ele se ainda estivesse entre nós.

— Obrigado, Helena — ele permaneceu segurando a minha mão firmemente e continuou: — Minha mãe, como eu gostaria de ter te conhecido, mas agora sei que vai descansar em paz.

Fizemos uma oração ainda de mãos dadas e depois ele me deu um abraço fraterno.

— Vou deixá-lo às sóz agora, esperarei na entrada do cemitério, tudo bem?

— Tudo bem. Obrigado, Helena.

Naquele dia não maldei nada, achei que ele só estava querendo saber um pouco mais de mim, mas sem segundas intenções. Eu tinha ficado tão feliz com o resultado da busca, que doía só de pensar que tudo poderia ser uma farsa.

Continuei relembrando todas as nossas conversas, e lamentavelmente as suspeitas de Saulo se tornavam cada vez mais reais. Há algo de muito errado em Alberto. Por sorte eu não o entreguei a carta, faria isso no dia que informaria que ele herdaria metade dos meus bens, que por muita sorte ou intervenção divina, não sei ao certo, minha advogada e até o Saulo mesmo, insistiram para que o fizesse somente após o resultado do teste de DNA.

— Está preocupada? — Saulo questionou despertando-me dos meus pensamentos.

— Não, é que pensar que vivi por algumas semanas certa de que tinha conseguido cumprir a promessa de Vera e do nada tudo começa desmoronar, é entristecedor.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei, e eu gostaria muito de estar errado sobre Alberto.

— Eu também.

Passamos primeiramente no endereço do escritório do senhor Melo, estava fechado, foi o primeiro indício de irregularidade. O porteiro do edifício nos informou que estava fechado desde o fatídico acidente o vitimizou. Onde estava o tal sócio?

Liguei para o telefone dele, chamou algumas vezes até que alguém atendeu, era uma voz feminina.

— Alô, bom dia, esse telefone é do detetive Melo?

— Sim, é a esposa dele, mas ele sofreu um acidente e não está trabalhando atualmente.

— Sim, eu já soube do acidente. Sou Helena Machado, cliente dele, e gostaria muito de visitá-lo, se possível.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, dona Helena, ele comentou sobre o seu caso algumas vezes. Ele ainda está em coma na UTI, por enquanto não pode receber visitas. Lamento.

— Sim, claro, eu entendo. Eu posso lhe fazer uma visita?

— Sim, mas não tenho informações sobre as investigações dele, desculpe.

— Não, não é isso, quero apenas prestar minha solidariedade.

— Tudo bem, pode anotar o endereço?

— Sim, por favor.

Saulo encostou o carro e anotou o endereço que eu o ditei pausadamente. Depois pesquisou no GPS e seguimos o percurso indicado, por sorte não era muito longe do escritório do detetive.

Chegamos em poucos minutos, não foi difícil de encontrar o endereço, era um condomínio bem conhecido. Nossa entrada já estava autorizada. Eles

PERIGOSAS ACHERON

moravam no sexto andar, Saulo me acompanhou. Bati na porta e logo fomos atendidos.

— Boa tarde, sou Helena Machado, esse é o meu namorado Saulo, tudo bem?

— Boa tarde, sou a esposa do Francisco, mais conhecido como Melo, entrem por favor — Ela abriu a porta do apartamento para que entrássemos.

— Obrigada.

— Sentem-se, por favor.

Acomodamo-nos no sofá e Saulo ficou ao meu lado, apenas nos observando em silêncio.

— Desculpe, já nos falamos, mas ainda não sei seu nome.

— Verdade, Marilda, muito prazer, Helena.

— Eu serei breve, não quero tomar muito do seu tempo. Como está o seu marido?

— O estado dele é delicado e grave, encontra-se

em coma, mas responde bem ao tratamento — ela ficou emocionada e suspirou profundamente.

— Eu lamento muito pelo ocorrido e desejo muito que ele se recupere o mais breve possível. Estou aqui para lhe prestar o meu apoio, caso esteja precisando de algo, conte comigo.

— Obrigada, Helena, fico muito grata.

— Não precisa agradecer. Eu gostaria de lhe fazer uma pergunta sobre o trabalho do seu marido, posso?

— Nós conversávamos muito pouco sobre as investigações dele, mas se souber responderei com todo prazer.

— Eu recebi a visita de um homem chamado Rogério, ele se apresentou como sócio do seu marido, você o conhece?

— Sócio? Francisco não tem sócio, ele sempre trabalhou sozinho. O máximo que contratou foi alguns assistentes, porém somente quando tinha muitas investigações para dar seguimento.

— A senhora tem certeza? — questioneei confusa.

— Absoluta, o último investigador que ele contratou o dispensou pouco antes de viajar ao Paraná para dar continuidade nas investigações que fazia para senhora.

— A senhora o conhecia pessoalmente?

— O vi algumas vezes no escritório do meu marido, mas não recordo o nome dele.

— Eu recebi uma visita de um homem que se apresentou como Rogério e disse que era sócio do seu marido, eu até o paguei pelos serviços que me foram prestados.

— Não pode ser, Helena, meu marido sempre comandou tudo sozinho, os assistentes dele tinham funções limitadas, apenas para auxílio mesmo, Francisco sempre fez questão de comandar tudo sozinho.

Fiquei surpresa com a revelação, mas era algo que eu já temia e até já estava preparada para ouvir.

Mais uma vez as evidências de que há algo errado se concretizam.

— Você seria capaz de reconhecê-lo, caso eu consiga uma imagem dele?

— Posso tentar, você tem alguma foto dele aí?

— Vou providenciar, ele esteve na minha empresa, as câmeras de vigilância devem ter capturado alguma imagem dele. Também vou providenciar que o pagamento do seu marido chegue em suas mãos.

— Obrigada, Helena, esse dinheiro virá em ótima hora.

— Fico feliz que sim, se puder me fornecer o número do seu celular, ficarei grata. Caso precise falar com você, ligo diretamente.

— Claro que sim.

Ela anotou o número em um pequeno pedaço de papel e me entregou logo em seguida. Nos despedimos rapidamente e depois seguimos em

PERIGOSAS ACHERON

direção ao estacionamento. Mil coisas passavam em minha mente, Saulo estava tão calado quanto eu. Entramos no carro, afivelamos o cinto de segurança e antes de partirmos, Saulo alisou minha coxa carinhosamente ao perceber meu desapontamento e disse:

— Helena, precisamos averiguar tudo com cautela, vamos manter a calma.

— Está na cara, Saulo, é nítido que há algo muito errado em toda essa história. Eu nunca tinha visto esse Rogério antes, como ele conseguiu informações tão privilegiadas como essas? Como ele sabia das investigações do senhor Melo?

— Talvez ele tenha algum tipo de proximidade com ele, pode ser que o detetive realmente tenha encontrado o verdadeiro Alberto.

— Não sei mais o que pensar.

— Eu sei, vamos deixar tudo como está por enquanto, não a quero triste e preocupada.

Saulo pegou minhas mãos e as beijou com
PERIGOSAS ACHERON

carinho. Eu sabia que ele estava preocupado com o rumo das descobertas que fizemos, mas tentou me acalmar e conseguiu, seu sorriso encantador tinha um efeito tranquilizador e mágico para mim.

— Preciso descobrir ou vou pirar — comentei.

— Vamos descobrir, mas com calma. Vamos até a sua empresa conseguir a imagem dos dois e enviar para a Marilda, se ela o reconhecer, já explica muita coisa.

— Sim, pelo menos saberemos como ele conseguiu obter as informações sobre o caso.

— Exatamente. Vai me acompanhar?

— Claro, óbvio que sim, Helena.

— Não quero atrapalhar, se tiver algum compromisso, não têm problemas.

— Não, de modo algum, ficarei com você. — Saulo disse e me beijou castamente.

Retornamos para HML, pedi pessoalmente para
PERIGOSAS ACHERON

que o chefe da segurança procurasse uma imagem com nitidez do rosto do tal Rogério e do Alberto. Enquanto ele executava a tarefa que lhe incumbi, fui para minha sala e aproveitei para resolver algumas pendências que aguardavam o meu aval.

Saulo ficou na minha sala, lendo uma revista, enquanto eu tentava trabalhar. Minutos depois recebi as imagens solicitadas e enviei por mensagem para Marilda, aguardamos ansiosos pela resposta dela. Cerca de uns cinco minutos depois ela me ligou.

— Alô, Marilda — atendi rapidamente.

— Oi, Helena, eu recebi suas fotos, esse rapaz de camisa escura não o conheço, mas esse que está de terno claro, sim. Ele foi assistente do Francisco, mas já tem algum tempo que ele o dispensou.

— Sério? Você tem certeza disso? — questionei.

— Sim, só não recordo o nome dele. Eu recebi agora pouco a visita de um investigador de polícia e eles encontraram indício de adulteração nos freios

PERIGOSAS ACHERON

do carro de meu marido, o que pode ter provocado o acidente. Eles estiveram aqui para me perguntar se ele tinha algum inimigo ou desafeto, deixou o telefone dele para caso lembrasse de algo mais.

— Isso é muito grave, Marilda. Eu gostaria de conversar com esse investigador, você poderia me passar o contato dele? Acho que é importante comunicar a visita que recebi desse Rogério.

— Sim, acho muito válido. Enviarei o contato. Posso fazer algo mais por você?

— Por hora, somente. Muito obrigada e se precisar de algo, não hesite em me procurar.

— Obrigada, Helena.

Encerrei a ligação e Saulo se aproximou de mim, pousou o braço em meu ombro carinhosamente e beijou-me na cabeça. Enquanto eu tentava absorver o que tinha ouvido de Marilda, minha mente rapidamente ligava os pontos soltos dessa história.

— Está tudo bem? — Saulo questionou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que é tudo muito mais grave do que imaginávamos. Marilda reconheceu o Rogério, ele foi funcionário do detetive Melo, a perícia encontrou indícios de que o carro em que sofreu o acidente foi sabotado.

— Helena, isso é muito grave, você precisa urgente procurar a polícia.

— Marilda me passou o contato do investigador que está com o caso, você pode me acompanhar até a delegacia?

— Claro, minha Helena, sempre, não precisa nem perguntar.

Saulo me abraçou novamente e beijou meus lábios suavemente, eu me sentia tranquila e segura nos braços deles. Apesar do medo do que poderíamos descobrir, seu abraço me dava a paz necessária para eu respirar em um momento tão tenso.

Instantes depois ouvimos uma batida na porta, autorizei a entrada e era Antônio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olá, boa tarde. Não sabe o quanto fico feliz ao vê-los juntos — Antônio disse visivelmente feliz ao nos ver abraçados.

— Obrigada, Antônio — agradecei.

— Antônio, quanto tempo, tudo bem? — Saulo estendeu a mão para cumprimentá-lo, Antônio retribuiu com um abraço fraterno.

— Estou muito bem e o casamento é pra quando? Nada de enrolar a Helena, viu rapaz? Sabe que só o ajudei no início porque eu confio em você — Antônio falou em tom de advertência descontraído.

— Você o ajudou em quê? — perguntei surpresa.

— Só dei um empurrãozinho, nada demais, Helena — Antônio disse sorrindo.

— Vocês estão me deixando curiosa.

— Eu vim aqui apenas para falar de trabalho, você viu a cotação de compra da nova frota?

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, Antônio, já o respondi.

— Ótimo, darei início ao processo de compra agora mesmo.

— Perfeito — confirmei. — Ficarei fora o restante do dia, algo mais que necessite da minha aprovação?

— Não, somente isso por enquanto. Não esqueçam do meu convite para o casório.

— Óbvio que não esquecerei, será nosso padrinho. — Saulo completou.

Saímos juntos da minha sala, Antônio nos acompanhou até o elevador, demonstrou animação com o meu relacionamento com Saulo. Despedimo-nos rapidamente e depois eu e Saulo seguimos para o estacionamento. Liguei para o tal investigador e anotei o endereço da delegacia que o encontraríamos. Seguimos para lá e o aguardamos pacientemente até que ele pudesse falar conosco.

— Boa tarde, sou o investigador Rodrigo Salgado, o que posso fazer por vocês?

— Boa tarde, Rodrigo, eu sou Helena Machado e esse é meu marido Saulo, eu gostaria de conversar com o senhor sobre o caso do detetive Francisco Melo.

— Desculpe, senhora, são informações sigilosas.

— Receio que tenha algo de grande valia para as suas investigações.

— Bem, então vamos entrar — ele abriu a porta com desdém, como se não acreditasse muito na importância do que eu tinha para falar.

Entramos e nos sentamos frente a frente, ele tinha um ar de autoridade e me olhou com total desinteresse, era notório que fazia pouco-caso do que eu teria a dizer.

— E então, senhora, o que tem de tão importante para contar?

— O senhor Francisco Melo foi meu detetive particular, eu o contratei para encontrar o filho de uma amiga. Pouco antes do acidente, ele deixou

PERIGOSAS ACHERON

algumas mensagens na minha caixa postal informando que havia obtido êxito na sua busca. Porém eu fiquei o final de semana fora e só ouvi as mensagens e conseqüentemente soube do acidente que o vitimou, na segunda-feira pela manhã. Nesse mesmo dia recebi a visita de um suposto sócio do senhor Melo, acompanhado do filho da minha amiga, segundo o tal sócio era o rapaz que o senhor Francisco havia encontrado.

— E o que há de errado nisso? — ele perguntou impaciente.

— Eu procurei a esposa do senhor Francisco, para prestar minha solidariedade e ela me informou que o seu marido não tem e nunca teve sócio nenhum. Eu pedi uma imagem das câmeras de vigilância da minha empresa e enviei para ela, rapidamente ela respondeu informando que reconhecia o homem que se apresentou como sendo sócio do seu marido, mas nunca foram sócios, ele foi apenas funcionário dele e já havia sido dispensado.

— Entendo, a senhora tem as imagens?

— Sim, as trouxe comigo — entreguei as fotos que havia impresso pouco antes de sair da minha empresa.

— Qual sua relação com esse tal filho?

— Eu fui muito ajudada por essa minha amiga, e gostaria muito de ajudar o filho dela que foi sequestrado pelo pai quando bebê, inclusive estou disposta a deixar parte dos meus bens para esse rapaz.

— Seu nome é familiar, Helena Machado, não é?

— Sim, sou proprietária da HML.

— Claro, lembro-me de ter lido uma reportagem sobre a sua empresa. A senhora chegou a falar sobre o seu desejo de deixar seus bens para esse rapaz com alguém?

— Creio que só com minha advogada, mas sempre fui enfática em dizer que gostaria de o ajudar, caso ele fosse encontrado com os detetives que contratei. Ao longo dos anos foram vários, o

PERIGOSAS ACHERON

senhor Melo foi o que conseguiu maior progresso.

— Então há muito dinheiro envolvido. Deixe-me ver se entendi corretamente, pouco antes do acidente o senhor Francisco deixou mensagens em seu celular informando que havia encontrado o suposto filho de sua amiga. A senhora ouviu a mensagem somente na segunda-feira, quando também foi informada do acidente e um suposto sócio dele apareceu em sua empresa para apresentar o homem que a senhora procurava, certo? E depois disso o que aconteceu?

— O Rogério, que se apresentou como sócio não voltou mais a me procurar, porém o rapaz que o acompanhou, o suposto Alberto, filho da minha amiga, continuamos mantendo contato. Custeei as despesas de hospedagem dele aqui na cidade por alguns dias, porém quando falei sobre o suposto DNA que faríamos após a exumação do corpo da minha amiga, a tia adoeceu no Paraná e ele viajou sem prazo para retorno. Esse fato me deixou em alerta.

— Realmente é muita coincidência.

PERIGOSAS NACIONAIS

Naturalmente precisaremos averiguar essas informações, quero que a senhora mantenha contato normal com esse Alberto e até com o tal Rogério, caso ainda apareça, não manifeste suas desconfianças, caso voltem a procurá-la, ligue-me imediatamente.

— Perfeitamente, o senhor acha que eles possam ter algum envolvimento com o acidente do senhor Melo?

— Senhora, é muito cedo para conclusões, mas fique tranquila que irei investigar, mas só pelo fato de ter dinheiro envolvido, há uma motivação muito clara para isso. Esses dois podem ser estelionatário interessados em aplicar-lhe um golpe.

— Eu acreditei porque ninguém tinha essas informações e como ouvi as mensagens do senhor Francisco, achei que realmente o tal Rogério fosse seu sócio.

— Sim, foi tudo estrategicamente planejado, inclusive esse acidente, foi muito favorável para esses estelionatários, muito provável que estejam

PERIGOSAS ACHERON

querendo aplicar-lhe um golpe financeiro e dos grandes. Preciso de todas as informações que possuo sobre os dois, irei investigar pessoalmente e comparar com o nosso banco de dados, bem provável que se apresentaram com nomes falsos.

— Obrigada.

Anotei o endereço do hotel em que Alberto esteve hospedado e todas as informações que eles me apresentaram. O investigador ouviu e tomou nota de tudo atentamente. Saulo esteve o tempo inteiro ao meu lado. Depois que deixamos a delegacia, eu ainda estava muito impressionada com toda essa história e quase certa de que Alberto era uma fraude.

Saulo percebeu meu descontentamento, eu estava tão distraída e perdida em meus pensamentos que nem mesmo percebi quando chegamos ao edifício do apartamento de Saulo. Ele estacionou, desafivelou o cinto dele e depois o meu, beijou meu rosto com carinho, tinha uma certa preocupação no seu olhar, mas eu sabia o motivo, Saulo não gostava de me ver triste.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O dia foi muito difícil, sei que está preocupada e tensa, mas tenho uma forma ótima para eliminar essa tensão.

— Não sei se sou boa companhia hoje, Saulo.

— Você sempre será uma boa companhia, venha, vamos nos trocar, vou te fazer esquecer todo esse estresse.

Desci do carro desanimada, mas seu olhar carinhoso e atenção, fez-me mudar imediatamente. Apenas olhar a imensidão dos seus olhos já me davam a paz e a serenidade necessária para enfrentar qualquer adversidade.

Saulo era o meu porto seguro,

Minha calma em dias de tempestade,

Meu amor,

Minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

Saulo

Subimos rapidamente apenas para trocarmos de roupa, peguei minha bolsa que já ficava sempre pronta e não contei para Helena o nosso destino, queria surpreendê-la. Instruí que vestisse uma roupa leve e depois descemos juntos em direção ao clube de esgrima.

— Não vai me contar para onde vamos? — Helena perguntou.

— Calma, vai conhecer um pouquinho mais de mim hoje.

— Assim você me deixa curiosa.

— Calma, vai gostar.

Em poucos minutos chegamos no clube de esgrima, estacionei o carro, peguei a bolsa e dei a volta para abrir a porta para Helena. Seu semblante era de surpresa e continham uma certa excitação.

— Esgrima? — ela perguntou ao descer do carro.

— Sim, esgrima. Conhece?

— Apenas pela televisão.

— Agora vai conhecer pessoalmente.

— Jamais poderia imaginar que me traria a um clube de esgrima, e menos ainda que você praticava também, nunca me falou nada sobre esgrima.

Sorri com seu comentário, pousei meu braço em seu ombro e caminhamos abraçados para entrada do clube.

— Eu pratico quando tenho tempo livre, ultimamente todo o meu tempo é para você, minha

PERIGOSAS NACIONAIS

Helena. Agora vamos, precisamos aliviar o estresse.

— Com certeza, a surpresa foi tamanha que até esqueci minhas preocupações, mas confesso que imaginava outra coisa. Refiro-me a algo bem mais íntimo e particular — ela disse esboçando um sorriso lascivo.

— Quero esse sorriso e desejo daqui a pouco, quando estivermos à sós — beijei seus lábios castamente. — Agora quero que conheça um pouco mais de mim.

— Estou ao seu dispor, minha vida — ela disse com um sorriso radiante.

— Assim que se fala, com esse sorriso que a quero sempre.

— Você é o responsável pelos meus melhores sorrisos.

— Adoro vê-los em seus lábios, você ilumina minha alma quando sorri.

PERIGOSAS ACHERON

Beijei-a castamente e depois entramos no clube, cumprimentei meu treinador e apresentei Helena, como minha esposa. Vestimos as roupas adequadas e eu ensinei-a os primeiros movimentos do esporte, treinamos juntos por alguns minutos. Depois eu treinei com o meu treinador, enquanto isso, Helena se hidratava e me observava atentamente. Seu olhar tinha um misto de admiração e surpresa, eu sabia que ela ia gostar de esgrima, nossas predileções são muito similares. Pela empolgação dela com os treinos, terei uma companheira não apenas para vida, mas também para a prática de esgrima.



Três dias depois...

Estava aguardando Helena no estacionamento, era fim de tarde, eu fazia questão de vir buscá-la,

PERIGOSAS NACIONAIS

adorava ver o sorriso de felicidade dela ao me avistar encostado no carro à sua espera. Louco de saudades e vontade tomar a sua boca e o seu corpo inteiro. Ela veio em minha direção, caminhou lentamente mantendo o sorriso que iluminava a minha alma.

— Oi, minha vida. Achei que não poderia vir hoje, você disse que tinha uma sessão de fotos agora no fim da tarde.

— Sim, mas foi adiada. Sabe o quanto gosto de vir buscá-la, adoro ver o seu sorriso de contentamento ao me avistar.

— Nunca desejei tanto que chegue ao fim do expediente como agora, é a melhor parte do meu dia porque sei que vou voltar para casa ao seu lado. Adoro vê-lo aqui à minha espera.

Nos beijamos e depois abri a porta do carro para ela entrar, mas antes que ela entrasse, alguém chamou pelo seu nome.

— Helena.

PERIGOSAS ACHERON

Viramo-nos juntos para ver de quem se tratava, mas eu já sabia que era ele, Alberto, ou sabe Deus como verdadeiramente se chama, mas foi assim que o conhecemos.

— Alberto? Ainda aqui? — Helena perguntou surpresa.

— Como assim ainda aqui, Helena? Estávamos juntos agora mesmo na sua sala, você pediu que te aguardasse aqui no estacionamento. Eu que estou confuso agora, o que ele faz aqui? Você disse que ele não viria buscá-la.

— O quê? Que história é essa? — aproximei-me rapidamente, bufando, louco de vontade de quebrar a cara dele.

— Calma, Saulo, há um grande mal-entendido aqui, você pode me deixar um minuto à sós com Alberto. Preciso falar com ele.

Nem mesmo me dignei a olhar para Helena, meu sangue ferveu, só de pensar que Alberto esteve perto dela, mesmo que em um lugar público, minha ira só aumentou, bem como a vontade de fazê-lo

PERIGOSAS ACHERON

confessar com requintes de crueldade o que ele verdadeiramente queria com ela.

Afastei-me um pouco, eles trocaram algumas palavras brevemente, mas para mim pareceu uma eternidade. Minha paciência estava se esgotando, quando vi o lobo em pele de cordeiro passar por mim e sorrir como se tivesse conseguido vencer uma batalha. Helena veio logo atrás, segurou firme em minha mão e me beijou os lábios. Eu não correspondi o beijo, estava irritado demais para isso.

— O que tem de errado? — Helena perguntou.

— Por que não me disse que ele tinha retornado?

— Calma, Saulo, não deu tempo, mal nos cumprimentamos quando ele apareceu.

— Como ele sabia que eu não viria buscá-la? E por que disse para ele te esperar aqui no estacionamento?

— Não sei, acho que chutou e quase fez um

PERIGOSAS ACHERON

gol, ou melhor, ele fez, já que a intenção dele era provocá-lo, pelo jeito conseguiu.

— Helena, eu já disse que não quero ele perto de você.

— Calma, Saulo, o investigador pediu que fingíssemos que não desconfiávamos de nada, lembra?

— Eu sei, mas minha vontade é de quebrar a cara dele.

Helena sorriu e eu não entendi o motivo do seu riso, mas ri junto com ela.

— Você ficou vermelho de ciúmes — ela disse e deu uma gargalhada.

— Ciúmes? Não é ciúmes, Helena, e sim cuidado.

— Essa conversa de cuidado, é desculpa furada de quem morre de ciúmes e não quer assumir.

Sorri, de certo modo ela tinha razão, eu tinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ciúmes, mas o medo desse louco, que não sabemos quais eram suas verdadeiras intenções, fazer algum mal a ela era muito maior que qualquer sentimento.

— Vamos para casa, não quero discutir com você — disse abraçando-a ternamente.

— Assim que se fala, isso não nos levará a nada, sem falar que é perda de tempo, brigar e depois fazer as pazes, melhor ficar sempre em paz que aproveitamos muito mais.

Trocamos beijos suaves, entramos no carro e partimos. Durante o trajeto ela percebeu que eu não estava muito animado, tentou me distrair com conversas e planos para nosso casamento e até me fez rir em alguns momentos. Ela sabia que eu não estava satisfeito. Sem dúvida alguma, Helena era a mulher que mais me conhecia, e às vezes ainda ficava surpreso com o tanto que tínhamos cumplicidade.

Chegamos no meu apartamento, e fui direto para o bar, tomei uma dose pura de uísque, depois sentei no sofá, recostei as costas nele com os braços

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

abertos e fechei os olhos. Tentei me acalmar e esquecer a visita do Alberto. Helena se aproximou e tocou minha mão com a ponta dos dedos, subiu lentamente mantendo a suavidade da sua pele na minha, permaneci de olhos fechados, mas o meu sorriso não omitia a felicidade por sentir seu toque. Ela contornou meu rosto e depois se sentou no meu colo.

Pousei as mãos em suas costas. Helena beijou meus lábios com ternura, depois desceu as mãos pelo meu peitoral até a barra da minha camiseta e a retirou rapidamente. Abri os olhos e o seu olhar continha desejo, sua respiração já ofegava, e eu já não lembrava nem mesmo porque estava irritado, esquecia de tudo quando estava ao lado dela e sentia o seu toque, sua pele na minha. Durante esses segundos de pura contemplação, já não importava o meu descontentamento, só a vontade lasciva de amar loucamente a minha mulher. E assim fiz, tomei-a em meus braços e a amei com urgência, até nossos corpos sentirem o alento desejado. Eu a desejava com a mesma força que a amava, quando juntos, pareceríamos um só coração e uma só alma.

PERIGOSAS ACHERON

— Confesso que eu estava irritado, mas você com seus carinhos despretensiosos me faz esquecer tudo, sabia?

Ela sorriu e permaneceu aconchegada nos meus braços.

— Sim, mas foram propositais, e você também tem esse poder sobre mim. Nunca vou esquecer que você colou meu coração pedaço por pedaço e depois curou a minha alma, não deixou espaço para nenhum sentimento negativo, somente para o amor.

— A Júlia estava certa, você é um anjo de luz que reluz e ilumina a minha alma. — disse e alisei seus cabelos.

— Falando em Júlia, hoje a Patrícia me ligou e disse que ela cobrou mais visitas nossas por lá, disse que fala a todo momento do tio Saulo e da tia Helena.

— Precisamos ir lá mais vezes, eu adoro aquela garota — virei-me para Helena, queria olhá-la nos olhos. — Agora quero que me conte sobre o retorno de Alberto, o que ele queria lá com você?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele só fez uma visita para avisar que já estava na cidade e que podemos darmos continuidade ao reconhecimento dele como filho de Vera, inclusive a coleta para o exame de DNA.

— O que você achou disso?

— Continuo achando que há algo de muito errado, estou tentando fazer o que o investigador de polícia sugeriu, tratar-lhe como se não desconfiasse de nada.

— Entendo, e o que mais ele disse?

— Nada que você precise se preocupar, ele me fez um convite para jantar, perguntou sobre você e me fez alguns elogios, arriscou até algumas cantadas baratas. Eu ouvi tudo atentamente, perguntei se precisava de dinheiro, a princípio ele disse que não, mas depois de alguns minutos de conversa, falou sobre a tia que está adoentada e com suspeita de um câncer muito raro, do qual ele não soube explicar muito bem, porém foi enfático em dizer que o tratamento era muito caro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Salafrário, cada vez que o vejo tenho mais certeza de que ele é uma fraude — bufei irado.

— Eu sei, mas precisamos fazer com que ele pense que o plano deles está indo bem, não quero que ele perceba nossa desconfiança, até o seu ciúme foi muito convincente.

Sorri da insistência dela em voltar no assunto da minha cena de ciúmes.

— Pela cara dele quando passou por mim, você disse algo que o agradou bastante.

— Disse que vou ajudar no tratamento da tia e que vou incluí-lo como meu herdeiro no meu testamento.

— Você está falando sério? Acho que não deveria ter dito isso, Helena, pode ser perigoso, afinal não sabemos do que ele pode ser capaz.

— Sim, eu disse, porque quero que ele mostre logo as garras, quanto mais alto ele subir, maior será a queda. Quero alimentar a mente dele, quanto mais ele se sentir à vontade mais rapidamente

PERIGOSAS ACHERON

mostrará a verdadeira face, precisamos de algo concreto para a polícia investigá-lo, quero logo me ver livre dele.

— Helena, eu tenho medo que ele tente algo contra você.

— Não vai — ela disse serenamente e me beijou. — Vamos mudar de assunto, quero saber quando vai me levar novamente no clube de esgrima?

— Você gostou?

— Adorei, e com você fica tudo muito mais interessante.

— Fico feliz que tenha gostado, agora temos que tratar do nosso casamento, tem alguma data em especial, predileção pelo tipo de cerimônia? — perguntei.

— Não, com você caso em qualquer dia, hora e lugar.

Sorri da sua declaração, puxei-a rapidamente
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para meus braços e busquei seus lábios em um novo beijo.

— Tem outra coisa, minha mãe me fez uma visita e...

— Não quero falar dela, por favor. Está tudo tão perfeito, não quero que nada estrague nossa vida. — Helena disse me interrompendo, encarando-me com preocupação.

— Calma, ela veio em paz, disse estar arrependida pelo que disse a você, contei que estávamos morando juntos e sobre o nosso casamento.

— E o que ela disse? — Helena perguntou surpresa.

— Ela deseja vê-la, quer se desculpar pessoalmente, disse que se você é a minha felicidade, temos a sua bênção para nossa união, não vai se opor.

— Saulo, eu...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não precisa se justificar, eu disse a ela que você precisa de um pouco mais de tempo para processar tudo isso e aceitar as desculpas dela.

— Você me entende como ninguém, obrigada por me compreender.

— Minha mãe sabe que o que fez foi errado, e eu vi o arrependimento nos olhos dela, por isso estou te contando, também sei que ficou muito magoada com tudo que ouviu e que até hoje não faço questão de saber o teor dessa conversa, só quero que tenha a certeza de que eu nunca vou te deixar porque eu te amo.

Os olhos dela brilhavam intensamente, tão lindos que reluziam na minha alma, minha doce e graciosa Helena.

— Eu também te amo.

Eu sabia que seu amor por mim era verdadeiro, percebia em cada olhar, gesto, suspiro, palavra e carinho, bem como eu também a amava com toda a força do meu coração.

PERIGOSAS ACHERON

Beijamo-nos e continuamos por mais alguns minutos em perfeita harmonia e troca de carinho, depois tomamos um banho e jantamos. Curtimos o restante da noite abraçados e bebendo um bom vinho. Helena estava deitada em meu colo, tão calma e serena que adormeceu. Levei-a no colo até nossa cama, durante o trajeto ela despertou manhosa e sorriu lindamente.

— Acho que nunca fui levada para cama assim com tanto amor.

— Posso imaginar, para tudo há sempre uma primeira vez.

Deitei-a na cama lentamente, deitei ao seu lado e a acomodei nos meus braços, aninhei-a cuidadosamente em meu braço direito. Alisei seu rosto suavemente e beijei sua testa.

— Durma, minha Helena.

— Eu te amo, minha vida.

Suas declarações tinham conexão direta com o meu sorriso, que aparecia imediatamente quando

PERIGOSAS ACHERON

ouvia suas palavras de amor.

— Eu também te amo, minha Helena, durma com os anjos e sonhe comigo.

— Já estou nos braços de um.



Acordamos cedo, fomos juntos para a academia, depois paramos em uma padaria para tomarmos café da manhã e aproveitei que estávamos ao lado de uma floricultura e comprei rosas vermelhas para ela. Voltamos para o meu apartamento, tomamos banho e saímos juntos.

Chegamos à sede da HML, desci para abrir a porta para ela e estendi a mão para ajudá-la a sair do carro. Puxei seu corpo bruscamente para junto do meu e tomei seus lábios em um longo beijo, urgente e sôfrego.

— Desse jeito eu não vou querer trabalhar — ela disse ao cessar nosso beijo, completamente ofegante.

— Bem que eu gostaria que hoje fosse domingo, se bem que nossos domingos estão tão atarefados, precisamos de alguns dias de férias, uma lua de mel com um destino romântica, só eu você e a felicidade como nossa sombra.

— Perfeito, vou articular um substituto agora mesmo, eu necessito dessa viagem.

Sorri com o seu comentário e modo descontraído de falar. Beije novamente seus lábios e depois nos abraçamos forte. Acompanhei-a até o elevador, mantive-a em meu abraço até as portas se abrirem. Antes que ela entrasse, fomos surpreendidos por uma voz feminina, chamando por Helena:

— Helena Araújo de Oliveira?

Viramo-nos rapidamente, na busca por quem havia chamado por ela, uma mulher saiu do elevador encarando-a aparentemente surpresa, não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a conhecia e pelos olhos de Helena, ela também não, porém o seu semblante de dúvida rapidamente foi substituído por perplexidade e os olhos de Helena encheram-se de lágrimas.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

Helena

Levei alguns segundos para reconhecê-la, mas rapidamente minha memória recordou daqueles traços, aquela cicatriz da testa, que recordo tão bem como foi feita, era minha irmã caçula, Heloísa, a minha Lolo. Um misto de emoção e receio tomou meu coração naquele instante. Eu confesso que nunca esperei que um dia ainda fosse revê-la, fiquei atônita diante do seu rosto envelhecido e expressão de abatimento e tristeza.

Heloísa trajava roupas simples, seus cabelos eram compridos e malcuidados, alguns fios brancos eram aparentes. Ela era dois anos mais nova que eu, mas o tempo não foi tão generoso com ela quanto comigo, ela nitidamente aparentava ser bem mais

velha que eu. Foram longos anos sem vê-la, sem acompanhar sua vida, seu envelhecimento, suas vitórias e conquistas, longos anos dos quais nunca gostaria de ter me afastado dela. Minha pequena Lolo, bem como minha mãe e o meu irmão Hélio, foram muitos anos e muitas lágrimas de saudades derramadas por saber que não mais os veria. Até o dia que aceitei meu destino e tentei esquecê-los, embora eu tenha ciência de que não tiveram culpa da nossa separação. Meu pai sempre foi o dono da verdade e da razão, quando ele falava, todos deveriam ouvir e o seguir sem protestos.

Meus olhos encheram-se de lágrimas, ela caminhou na minha direção lentamente, pousou as mãos em meu rosto, apalpou-o com carinho, tão emocionada quanto eu. Senti o áspero de suas mãos pelo seu toque, mãos calejadas, de quem levou uma vida difícil.

— Não acredito que te encontrei, Helena — ela disse soluçando muito emocionada.

— Minha irmã, eu...eu...

Não consegui concluir minha fala, desabei no choro e a abracei. Nunca imaginei que fosse revê-la, tanto que nunca imaginei como seria nosso reencontro. Choramos juntas por alguns minutos, entre risos de alegria e carinhos emocionados, consegui recuperar o fôlego e falar algo:

— Como conseguiu me encontrar?

— Eu vi a sua foto em uma revista de economia do meu filho.

— Meu Deus! Você tem filhos? Temos tanto o que conversar.

Saulo continuou nos observando, percebi no seu semblante que ele ficou feliz com o nosso reencontro, ele por diversas vezes me aconselhou a buscá-los.

— Esse é o seu filho? — Heloísa perguntou apontado para Saulo.

— Não, não, eu sou... — Saulo tentou responder, mas tomei a palavra, eu fazia questão de apresentá-lo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, Lolo, esse é o meu noivo e futuro marido, Saulo Alvarez.

— Oh! Desculpe, eu pensei que fosse... Desculpe-me e muito prazer, Saulo — ela estendeu a mão para cumprimentá-lo.

— Muito prazer, Heloísa — Saulo retribuiu o cumprimento com um sorriso radiante, depois, passou o braço em minha cintura e me beijou no rosto.

— Você está tão linda, Helena, por pouco não a reconheci. Quando meu filho chegou com essa revista em casa, eu folheei rapidamente e quando vi sua foto demorei alguns minutos para acreditar que era você mesma. Quando disse a ele das minhas suspeitas, ele e o meu marido me chamaram de louca, não acreditaram em mim, somente a minha filha que me ajudou nas pesquisas pela internet. Quando vi que era sergipana, não tive mais dúvidas, então comprei as passagens e aqui estou.

— Temos muito o que conversa, venha comigo?

PERIGOSAS ACHERON

— Claro, vamos — ela disse e afastou-se em direção ao elevador.

Virei-me para Saulo, beijei seus lábios em despedida.

— Fique bem, minha Helena. Se quiser almoçar com ela, não tem problemas, eu posso almoçar sozinho hoje.

— Tem certeza? Não quer nos acompanhar?

— Não, acho que vocês têm muito o que conversar, vejo você no fim da tarde, certo? Apenas me dê notícias de vez em quando ou morrerei de saudades.

— Obrigada por me compreender, tenho medo de acordar e perceber que tudo que estou vivendo ao seu lado é apenas um sonho — alisei seu rosto e contornei seus lábios com meu polegar, eles continham um lindo sorriso.

— Meu sonho é vê-la entrando vestida de noiva na igreja em que te jurei o meu amor, com esse sorriso radiante que aquece a minha alma e faz os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meus dias mais felizes. Eu que agradeço por me permitir conhecer o mais sublime dos sentimentos: o amor.

A sensibilidade dele me deixava tocada, eu que já estava emocionada, não contive as lágrimas ao ouvir suas palavras, porque eu sabia o quanto eram sinceras. Saulo despertava os meus sentimentos mais nobres, alegrava a minha alma e me fazia querer sempre mais dele e de nós dois.

— Não chore, eu prefiro o seu sorriso, é muito mais bonito — Saulo disse e secou minhas lágrimas.

— Tudo bem, mas são lágrimas de felicidade — argumentei.

— Vá, minha Helena, sua irmã está te aguardando.

Saulo beijou minha testa e me abraçou forte. Em seguida saiu com o seu sorriso mais bonito, nitidamente feliz pela minha alegria ao reencontrar a minha irmã.

PERIGOSAS ACHERON

Caminhei até Heloísa, que falava ao telefone com alguém, ao me aproximar ela despediu-se rapidamente e me estendeu a mão. Peguei em sua mão e entramos juntas no elevador, subimos em completo silêncio, apenas nos olhando e constatando o quanto tempo nos transformou. Já não éramos mais as mesmas, eu mudei e ela também, certamente tivemos vidas bem distintas, mas nossa afeição e amizade permaneceram, mesmo com tudo o que aconteceu e a forma trágica e prematura que nos separamos, ainda éramos irmãs.

— Você construiu um império, Helena, estou tão orgulhosa de você.

— Obrigada, Heloísa. Tive uma vida difícil, trabalhei muito para conquistar tudo o que tenho. E lutei sozinha, mas Deus sempre colocou anjos no meu caminho.

— Eu posso imaginar.

As portas do elevador se abriram e fomos direto para a minha sala. Cumprimentei rapidamente

Juliana e pedi dois cafés.

— Sente-se, Lolo.

— Lolo! — ela sorriu. — Achei que nunca mais ouviria esse apelido.

Sentamo-nos na lateral da minha sala, no mesmo sofá e logo Juliana entrou, olhando-nos espantada de posse da bandeja com os cafés.

— Essa senhora esteve aqui ainda pouco e disse que era sua irmã, eu disse que você não tinha hora para chegar. — Juliana falou nervosa e apontou para Heloísa.

— Tudo bem, Juliana, já nos encontramos e sim, ela é minha irmã. Não precisa ficar assustada.

— Desculpe, é que você nunca falou de irmãos que pensei que não os tivesse.

— Sim, tenho, essa é a Heloísa minha irmã caçula.

— Muito prazer, dona Heloísa, sou a Juliana,
PERIGOSAS ACHERON

assistente da Helena.

— Muito prazer, Juliana. — Heloísa retribuiu o cumprimento de Juliana.

— Juliana, por favor, cancele meus compromissos da manhã e só me incomode em extrema urgência, por favor.

— Sim, sim, imediatamente.

Juliana saiu da sala e fechou a porta. Guardei minha bolsa e deixei apenas o meu celular perto de nós. Sentei novamente ao seu lado e alisei seu rosto.

— Eu pensei que morreria e nunca mais veria seus olhos de cor de areia molhada, lembra disso?

— Claro que lembro, você é a única que tem olhos azuis como os do papai e ele sempre dizia que os seus olhos eram da cor água do mar e para que eu não tivesse ciúmes, dizia que os meus tinham a cor de areia molhada. Nunca esqueci, aliás, nunca esquecemos de você, Helena. Eu a procurei sem o consentimento do papai por muitos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

anos. Depois que me casei, ainda tentei descobrir seu paradeiro, mas foi em vão.

— Eu tenho certeza disso, mas não me encontraria mesmo, eu passei muito tempo de cidade em cidade, trabalhando como caminhoneira, só parei anos depois quando montei minha empresa e necessitei administrá-la.

— Você deve ter tido uma vida bem difícil, minha irmã — Heloísa segurou minhas mãos com carinho.

— Não foi fácil, mas a vida me trouxe até aqui. Agora entendo que tudo que passei me deixou mais forte e me fez a mulher que sou hoje.

— Eu tenho certeza disso, eu li sua biografia na revista e estou muito orgulhosa de você.

— Agora quero saber de você, fale um pouco mais de você, Lolo.

— Bem, eu casei com o Ronaldo, lembra dele? O filho do senhor Antunes, dono da mercearia na rua de nossa casa.

PERIGOSAS ACHERON

— Meu Deus! Eu lembro, o Ronaldo era enorme, tinha quase dois metros de altura, não era?

— Sim, ele mesmo. Casei dois anos depois que você partiu, temos um casal de filhos, Rodrigo e a Ana Carolina. Rodrigo é o mais velho e se formou em economia, a Ana Carolina está terminando a faculdade de fisioterapia. E você não teve filhos?

— Não, casei outra vez, mas não tivemos filhos. Eu virei uma mulher amarga, fria e sombria depois do Cláudio, nunca tive interesse em constituir família, a única coisa que me importava era com o meu trabalho. Até que conheci um anjo que me resgatou da escuridão, devolveu o meu sorriso e a vontade de viver outra vez.

— O Saulo? — ela perguntou.

— Sim, o Saulo — sorri ao pronunciar seu nome. — Ele me pediu em casamento e nos casaremos em breve, apesar de que já estamos morando juntos.

— Vejo que está feliz. E fico muito satisfeita em encontrá-la bem. É notório que vocês se amam,
PERIGOSAS ACHERON

mesmo ele sendo...

— Mais jovem que eu? — completei.

— Sim, desculpe, não quero ser indelicada. Se ele a faz feliz, está mais do que certa em viver esse amor.

— Confesso que relutei bastante para aceitar nossa diferença de idade, passamos por situações preconceituosas que quase nos separaram. Mas, hoje eu pouco me importo com o que as pessoas pensam. Saulo apesar de mais novo, é muito sensato e maduro, o suficiente para merecer todo o meu amor e respeito.

— O importante é a felicidade dos dois.

— E o Hélio, como está?

— Está no terceiro casamento, teve uma filha no primeiro, dois no segundo e a sua atual esposa, que é bem mais nova que ele, está grávida do quarto filho.

— Nossa! Não é de se admirar, ele sempre foi
PERIGOSAS ACHERON

namorador, desde novo. E nossa mãe?

— Está com alguns problemas de saúde, é hipertensa, mas é dura na queda.

Perguntar pela minha mãe me entristeceu, não fazia ideia de como seu rosto poderia estar, foi muito doloroso ficar sem notícias dela. Heloísa percebeu que fiquei entristecida e me abraçou.

— Não houve um só aniversário seu que ela não tenha lembrado de você. Todas as noites ela reza por você e pede perdão a Deus por ter te abandonado.

— Ela não me abandonou — uma lágrima escorreu pela minha face. — Mamãe não tem culpa de nada, aliás, nenhum de nós.

— Eu sei, mas ela sofreu muito com a sua partida, não só ela, eu e o Hélio também — ela fez uma pausa e alisou meu rosto. — Não vai perguntar pelo papai?

Não consegui conter as lágrimas ao ouvir a pergunta de minha irmã, e elas rapidamente

PERIGOSAS ACHERON

banharam meu rosto, meu coração batia descompassado, eu estava trêmula. A última recordação que tenho dele foi do seu semblante de ódio proferindo minha sentença de morte: “Não tenho filha assassina, você não faz mais parte dessa família.”. Sim, sentença de morte, naquele dia, após ouvir as palavras de meu pai, morreu a Helena Oliveira. A mulher cheia de sonhos, docilidade, vida e amor. Deu lugar a Helena Machado, renascida da dor, tenaz, porém insensível, amarga e sem amor.

Foi doloroso relembrar, meu peito doeu outra vez ao reviver a memória daquele fatídico dia. Minha irmã me abraçou forte, alisou meus cabelos com carinho. Ficamos em silêncio por alguns instantes, até ouvir a sua doce voz cantando a canção de ninar que minha mãe cantava para dormirmos: Acalanto de Dorival Caymmi. Outrora essa melodia me acalmaria, mas chorei ainda mais ao ouvi-la, porém eram lágrimas nostálgicas, que trouxeram doces lembranças da minha infância.

As lágrimas que derramei estavam guardadas há muitos anos, sempre reprimia minhas

lembranças familiares como forma de me poupar do sofrimento. Foram lágrimas necessárias, presas e que eu precisava derramá-las para me libertar da culpa por nunca ter procurado por eles. Depois de alguns minutos chorando, já estava mais calma e me sentindo mais leve.

— Está tudo bem? — minha irmã perguntou calmamente.

— Sim, agora está. Eu precisava chorar, obrigada por estar aqui e não ter desistido de mim. Eu deveria ter procurado por vocês há muito tempo.

— Não se culpe, você teve motivos. Mas, estou aqui não apenas por mim, mas pelo nosso pai. Estou aqui para implorar que venha comigo para casa, nosso pai precisa de você.

O semblante entristecido de Heloísa me assustou.

— Minha casa é aqui, Heloísa, papai me deserdou e me expulsou da vida dele e de todos vocês.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei disso, e é por isso que estou aqui, há muitos anos que tentamos encontrá-la, não só eu, toda a nossa família, inclusive o papai. Felizmente sua foto saiu na revista reascendendo nossas esperanças. Venha comigo, Helena.

— Não sei se estou preparada para isso — murmurei cabisbaixa.

— Helena, nosso pai quer o seu perdão, estou aqui em nome dele para pedir que me acompanhe. Se não formos logo, talvez ele não tenha outra chance. — Heloísa engoliu o choro e continuou: — Nosso pai está morrendo, Helena.

Fechei os olhos e chorei outra vez, aquelas palavras me atingiram com uma força tão grande, como nunca imaginei. Não ter notícias deles era uma incógnita na minha vida, um buraco aberto na minha história de vida e agora saber que minha família está viva e que meu pai está morrendo, abalou-me profundamente. Não sei se pela morte iminente dele ou se pelo fato de saber que ele deseja o meu perdão.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu preciso pensar, tudo isso me abalou muito, saber de vocês e do nosso pai... eu não esperava que isso fosse acontecer um dia, já havia perdido as esperanças.

— Eu entendo, eu posso deixar nosso endereços e telefones de contato, se desejar. Vou retornar para pensão que estou hospedada e se mudar de ideia, pode me ligar ou ir pessoalmente lá.

— Não, faço questão que fique em meu apartamento. Vamos até a sua pensão buscar suas coisas, você se hospeda no meu apartamento e nós conversaremos melhor, ainda temos muita coisa para falar.

— Claro, como você quiser.

Peguei minha bolsa e saí na companhia de minha irmã, orientei Juliana para cancelar todos os meus compromissos do decorrer do dia, não retornaria mais hoje, queria ficar na companhia agradável da minha irmã.

Pegamos um táxi e passamos primeiro na pensão que ela estava hospedada, apanhamos suas

PERIGOSAS ACHERON

coisas, e fiz questão de pagar as despesas. Seguimos para o meu apartamento. No trajeto conversamos sobre ela, seus filhos, e sobre muitos assuntos que eu desejava saber.

— Chegamos — disse e aponte para o meu edifício.

Ela olhou pela janela do carro e ficou admirada.

— É lindo, Helena.

— Sim, só um pouco melancólico, ultimamente tenho ficado muito pouco aqui, estou morando no apartamento do Saulo.

Paguei a corrida e depois entramos. Caminhamos em direção ao elevador.

— É tão deserto aqui.

— Sim, o edifício inteiro é meu, os demais apartamentos estão vagos, nunca foram habitados. Somente a cobertura que residio é ocupada.

— Você morava nesse edifício sozinha? — ela

perguntou espantada.

— Sim, como disse, o amor de Saulo me transformou. Agora nem cogito essa possibilidade.

— Vejo que meu cunhado opera milagres.

Sorri com seu comentário descontraído, mas era a mais pura verdade. Saulo fez o impossível ser possível, transformou toda dor do meu coração em amor, fez meu reles coração quebrado e amargurado, encher-se de vida e luz.

— Vamos, entre. — disse ao chegamos na cobertura.

Fizemos um rápido tour pelo apartamento, instalei-a em um dos quartos de hóspedes, depois ela ligou para o marido e filhos para dizer que estava bem e que tinha me encontrado. Conversei rapidamente com o meu sobrinho, Rodrigo, ele se dizia honrado por ter uma tia inspiradora e exemplo de empreendedora.

Passei uma rápida mensagem para Saulo, informei onde estávamos. Depois saímos para
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comprar os ingredientes para fazermos o almoço e o meu pudim de leite favorito.

Minha irmã era muito simples, ainda não tinha perguntado pela condição financeira deles, mas era notório pela suas vestimentas e falta de cuidado com a beleza, que não era das mais favoráveis.

Passamos o dia inteiro juntas, cozinhamos, almoçamos, lavamos louças e depois nos sentamos na sala. Heloísa me mostrou um álbum de família com diversas fotos dos filhos, marido e da minha mãe, fiquei emocionada ao ver fotos recentes dela. Como senti falta do seu afago. Alisei o rosto dela pelo plástico gélido que encobria a foto, a idade já lhe tinha modificado as feições, mas os seus olhos, amendoados e meigos ainda eram os mesmos. Quanta saudades senti!

— É hora de voltar para casa, Helena —
Heloísa disse ao perceber minha emoção.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

Saulo

Deixei Helena na companhia de sua irmã e retornei para o meu estúdio. Eu tinha duas sessões de foto bem cedo. Eu estava feliz com o reencontro dela com a irmã, ela falava bem pouco dos familiares, e eu raramente insistia, porque sabia que era um assunto delicado e doloroso para ela. Mesmo assim, recomendei que os procurasse algumas vezes, apesar de tudo o que aconteceu, ainda são seus familiares.

Quando cheguei, as modelos da primeira sessão já estavam trocando os figurinos. Arthur finalizava a preparação dos equipamentos. Passei na recepção rapidamente só para ler meus recados, depois segui

PERIGOSAS NACIONAIS

direto para o cenário da primeira sessão.

— Você começa a sessão? — Arthur perguntou ao me ver se aproximar.

— Sim, já preparou o equipamento?

— Sim, está tudo pronto.

— Lente 17-55mm? — questionei.

— Sim, suas preferidas.

— Não é questão de preferência e sim qualidade, são as mais indicadas para o trabalho que faremos.

— Sei disso, Saulo, por isso já equipei com elas.

— Obrigado, Arthur. Você tem uma sessão externa hoje, certo?

— Sim, daqui a uma hora.

— Perfeito. Bom trabalho, meu amigo.

PERIGOSAS ACHERON

— Para você também, Saulo.

Despedimo-nos e fui conferir os equipamentos e o cenário pessoalmente. As modelos já estavam vestidas e finalizavam as maquiagens, aproveitei para testar os equipamentos. Arthur sempre deixava tudo testado e devidamente preparado, mas eu fazia questão de verificá-los mais uma vez. Além de ajustar a iluminação para o melhor ângulo e enquadramento da foto, apesar de ele conhecer minhas predileções, eu sempre fazia os ajustes finais antes de começar. Eu tinha prazer em fotografar, cada click uma foto, um ângulo, um sorriso, um olhar. Era mágico como conseguia com um único modelo, marcar seus traços peculiares em cada foto, embora com roupas, maquiagens e poses completamente distintas, ainda assim, mantinha a mesma essência. Eu era apaixonado pelo meu trabalho.

Finalizei as duas sessões ainda bem cedo, aproveitei para ir à joalheira, precisa encomendar nossas alianças de casamento e passar na igreja para verificar possíveis datas. Peguei um anel de Helena para escolher o tamanho adequado e depois

segui para o *shopping*, queria fazer uma surpresa para ela e aproveitar para comprar um presente para Júlia.

Júlia era uma menina muito especial e desenhava muito bem para uma criança de cinco anos de idade. Comprei um estojo com diversos lápis, canetinhas, giz de cera e entre outros objetos para pintura e alguns cadernos de desenho e papéis especiais, tudo na cor preferida dela: lilás.

Depois do presente de Júlia, fiz um rápido lanche e fui na joalheria encomendar nossas alianças. Optei por um modelo tradicional, com alguns detalhes bonitos e diamantes para ornar, queria algo elegante, delicado e singelo, mas que não fugisse do tradicional para não perder a característica de uma aliança de casamento. E o mais importante de tudo foram as frases que escolhi para gravar no interior delas:

Na de Helena: “Meu Saulo, minha vida” e na minha: “Minha Helena, minha vida”.

Pedi urgência na entrega, embora ainda não

tivéssemos data marcada para o nosso casório, estava louco para mostrar para ela. Enquanto isso, comprei um par de alianças de compromissos, queria oficializar nosso noivado com uma noite romântica só para nós dois, queria um momento especial para trocarmos nossas alianças de compromisso.

Saí da joalheira e passei no abrigo para entregar o presente da Júlia. Ao chegar, fui recepcionado pela psicóloga do abrigo.

— Bom dia, gostaria de visitar a Júlia.

— Bom dia, Saulo, ela está em uma atividade, mas irei acompanhá-lo. Como está Helena?

— Bem, obrigado.

Segui Dhúlia pelos imensos corredores do casarão, apesar de ser uma grande propriedade, tinha um ar familiar, típico de um lar cercado de muito amor e carinho. Era uma casa cheia de vida e alegria. Era notório que as crianças que aqui residiam, embora que por pouco tempo, recebiam todo carinho e atenção que mereciam. Aqui elas

PERIGOSAS ACHERON

conseguiam ser apenas o que suas idades exigiam: crianças.

— Júlia tem muito carinho por você, Saulo, é evidente que ela tem muita carência afetiva do papel paterno, e a amizade que constituíram tem sido fundamental para a evolução dela nas nossas terapias. — Dhúlia disse calmamente.

— Percebi, eu também tenho muito carinho por ela. Júlia é encantadora.

— Sim, e já melhorou muito desde que você e Helena passavam a visitá-la. Não que a mãe seja omissa, mas ela estava muito abalada e instável, ainda se recupera psicologicamente das últimas agressões que sofreu. O carinho que vocês têm com a Maria Júlia tem sido de fundamental importância para melhoria dela tanto no convívio com as outras crianças, como também no desempenho escolar.

— Ótimo, fico feliz em poder colaborar.

— Pronto, é aqui. — Dhúlia disse e apontou para a sala.

PERIGOSAS NACIONAIS

Paramos em frente a uma porta com a parte superior de vidro, avistei a Júlia na primeira fila, observando atentamente o professor, ela assistia aulas de canto, parecia bem interessada e feliz com as aulas. Fiquei alguns segundos observando-a.

— Eles já estão finalizando. Vou deixá-lo agora, fique à vontade, Saulo.

— Obrigado, Dhúlia.

Minutos depois o professor sinalizou o fim da aula e as crianças começaram a sair da sala seguidas de duas monitoras. Júlia ao me ver, correu para o meu abraço.

— Oi, tio Saulo, que bom que você voltou.

— Eu não prometi que voltaria? — beijei sua cabecinha.

— Cadê a tia Helena?

— Ela está trabalhando e muito, muito ocupada, por isso não veio hoje, mas ela mandou um beijão para você.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada, tio, mande outro pra ela.

— Eu trouxe algo para você, vamos nos sentar na sala para conversarmos melhor.

Caminhamos até a sala de mãos dadas, ao chegar nos sentamos no sofá e eu entreguei o presente a ela.

— O que é isso? — ela olhou atentamente a caixa.

— Abra — orientei.

Ela abriu cuidadosamente e quando fitou o conteúdo, seus olhinhos brilharam lindamente. Seu rosto se iluminou formando um sorriso encantador nos minúsculos e delicados lábios.

— Obrigada, tio, eu sempre quis ter um desses, mas minha mãe nunca pôde comprar.

— Agora você já tem e pode caprichar nos desenhos, certo, Jujuba?

Ela sorriu e me abraçou.

— Certo, tio. Vou fazer uma para você e para tia Helena.

Júlia subitamente se sentou no tapete da sala, espalhou lápis e canetinhas para todo lado. Orientou que eu ficasse distante para não ver o desenho que ela fazia para me presentear. Enquanto ela desenhava, aproveitei para responder minhas mensagens, havia uma de minha mãe, com um convite para almoçarmos com eles hoje, minha mãe foi enfática em dizer que o convite se estendia também à Helena. Confirmei que iria, porém sozinho. Tinha uma mensagem de Helena, informou que estava no seu apartamento com a irmã e almoçariam por lá, respondi para que aproveitasse o dia. Helena merecia esse reencontro com sua irmã.

— Pronto, tio! — Júlia exclamou, levantando do chão.

— Já? — perguntei surpreso com a rapidez.

— Feche os olhos, é surpresa.

Fechei os olhos conforme ela orientou e
PERIGOSAS ACHERON

aguardei sua ordem para abri-los. Ouvi seus passos em minha direção e logo ela ordenou:

— Abra, tio.

Abri os olhos e o desenho era de um casal de mãos dadas, com duas crianças e um cachorro. Uma das crianças era uma menina e tinha os cabelos como os de Júlia, deduzi que era ela. O outro era um menino, menor que o desenho da Júlia, como se fosse um bebê.

— São lindos, é a sua família? — perguntei.

— Não, tio — ela estreitou os olhos e fez cara de reprovação. — Esse aqui é você, essa é a tia Helena, esse aqui é o filhinho de vocês e essa sou eu.

Sorri da imaginação dela.

— Ainda não temos filho, Júlia.

— Mas vão ter, não é? Quem casa tem filhos, tio.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É verdade. Você gosta de cachorro?

— Sim, eu adoro. Eu tinha um que se chamava pipoca, mas ele fugiu.

— Uma pena. Eu adorei o seu desenho, você desenha muito bem, Júlia.

— Tio, eu quero escrever o nome de vocês, pode me ajudar?

— Claro, vamos começar pelo seu.

— Esse eu sei fazer sozinha — ela acrescentou animada. — Pronto!

Segurei sua mão e ajudei-a escrever o meu e de Helena em baixo dos nossos respectivos desenhos.

— Agora precisamos escolher um nome para o filho de vocês. O que acha de Samuel? — ela perguntou pensativa.

— Pode ser, é um nome muito bonito.

Novamente a ajudei a fazer o nome de Samuel.

PERIGOSAS ACHERON

— Sabe, tio, o Samuel tem muita sorte, vai ter pais muito legais. Eu tenho inveja dele, meu pai já está no céu, mas a mamãe falou que ele era maluco e foi embora de casa, acho que ele não gostava de mim.

— Tenho de concordar com a sua mãe, só um maluco para não gostar de ter uma filha linda como você.

— Eu queria ter um pai igual a você, tio.

Fiquei surpreso com suas palavras e até sem reação, sabia que tinha verdade nelas, foram comoventes, principalmente por saber que a ausência da figura paterna para ela era uma realidade que vivenciou praticamente desde o nascimento. Fiquei momentaneamente atônito, mudo diante de uma declaração tão singela. Abracei-a forte e beijei sua cabeça.

— Eu também gostaria muito de ter uma filha como você, Júlia.

Depois do nosso abraço fraterno, ela sorriu e correu para o tapete para juntar as canetinhas.

PERIGOSAS ACHERON

Ajudei-a recolher tudo e depois a acompanhei até o refeitório. Despedimo-nos rapidamente e depois segui para casa dos meus pais.

O trânsito estava lento, demorei mais do que o normal para chegar. Já estava faminto e estressado com o som ensurdecedor do trânsito caótico de todos os dias. Buzinas, ronco de motores, vendedores de tudo quanto é tipo de objeto, gritando incessantemente seus produtos disponíveis. Cerca de quarenta minutos preso em um engarrafamento estressante, consegui seguir meu trajeto e chegar na casa de meus pais. Subi rapidamente, bati na porta e minha mãe veio atender com um sorriso enorme estampado no rosto.

— Oi, meu filho — minha mãe me abraçou ternamente.

— A sua bênção, mamãe.

— Deus o abençoe, meu filho. Helena não veio?

— Não, mamãe, a irmã dela está na cidade,
PERIGOSAS ACHERON

veio visitá-la e elas almoçarão juntas.

— Tudo bem, quem sabe da próxima vez. Vamos, entre, Saulo.

Entrei e sentei no sofá, próximo do meu pai e minha mãe me acompanhou. Olhei rapidamente e estava tudo do mesmo modo, desde a minha última visita. Ela não escondia a alegria por estar me recebendo outra vez.

— Saulo, meu filho. Fico feliz que tenha vindo almoçar conosco hoje, sei que durante a semana é muito ocupado, mas um tempinho para família faz muito bem — meu pai disse e levantou para me abraçar.

— A sua bênção, papai.

— Deus o abençoe, meu filho.

— Como está de saúde?

— Vou bem, tudo nos conformes, fique tranquilo. E você? Sua mãe falou que vai se casar — papai demonstrou animação com a novidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, papai, eu e Helena já estamos morando juntos, mas quero casar na igreja como vocês sempre desejaram.

— Pretendem casar em qual paróquia?

— Na do padre Alfredo, claro, papai.

— Ótimo. Já marcaram a data? — mamãe perguntou.

— Ainda não, mas irei hoje mesmo na igreja para verificar a disponibilidade.

— Eu sei que Helena ainda não me perdoou, mas eu gostaria muito de participar mais ativamente de tudo, meu filho. Você é meu único filho e vai se casar, gostaria de ajudar no que for necessário, precisamos fazer uma festa linda.

— Tudo bem, mamãe. Obrigado pelo auxílio.

— Vamos almoçar? Você deve estar faminto.

— Sem dúvida, enfrentei um engarrafamento estressante. Onde está Sandra?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Trabalhando, ela tem um novo emprego agora. Concluiu a residência em cirurgia geral e foi contratada para trabalhar em um hospital privado do professor da residência dela.

— Maravilha, Sandra sempre foi muito disciplinada, tenho certeza que vai ter sucesso no novo trabalho.

— Sem dúvidas, aliás, vocês dois são nossos orgulhos — mamãe disse e apertou minha mão.

Almoçamos os três juntos e conversamos bastante, como nos velhos tempos, cercado de cumplicidade, carinho e respeito mútuo. Foi muito bom estar na companhia deles, com o mesmo amor e a harmonia que sempre tivemos. Depois da sobremesa, joguei uma partida de xadrez com meu pai, despedimo-nos e aproveitei para passar na igreja do padre Alfredo, anotei as disponibilidades de datas para decidir com Helena e retornei para o meu apartamento.

Tomei um banho e voltei para o meu estúdio, tive uma tarde corriqueira, trabalhei em algumas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fotos, repassei minha agenda de trabalho com a Vanessa, dividi as sessões confirmadas entre os fotógrafos que me auxiliavam e por fim, realizei a minha última sessão de fotos do dia.

Retornei para o meu apartamento já no fim da tarde, estava com saudades de Helena, mas não queria atrapalhar, porém não resisti e liguei para ela, e rapidamente fui atendido:

— Oi, minha vida.

— Oi, minha Helena, posso aguardá-la para o jantar?

— Sim, claro. Já passei tempo demais longe de você.

Ouvi seu riso de contentamento do outro lado da linha, eu também já estava sentindo falta da companhia dela.

— Perfeito, ainda estão no seu apartamento?

— Sim, instalei Heloísa aqui, ela ficará melhor assistida.

PERIGOSAS ACHERON

— Sem dúvida, se quiser ficar um pouco mais ou até dormir por aí, eu compreendo.

— Você acha que consigo? — ela sussurrou baixinho. — Estou louca de vontades de estar em seus braços novamente.

Dessa vez o riso de contentamento foi meu.

— Eu também não consigo ficar mais longe de você, venha logo, estou te esperando louco de saudades.

— Não vou demorar, até daqui a pouco, minha vida.

— Até mais, minha Helena.

Encerrei a ligação e desci até a floricultura do bairro, comprei rosas vermelhas, pétalas e algumas velas aromáticas. Voltei rapidamente, coloquei as velas em locais estratégicos para garantir a luminosidade necessária, joguei as pétalas de rosa no chão, trilhando um caminho até à escada de acesso ao nosso quarto. Selecionei o melhor champanhe da minha adega, coloquei em balde de

PERIGOSAS ACHERON

gelo com duas taças e os coloquei no criado-mudo ao lado da cama. Para finalizar, coloquei minha *playlist* predileta e desci para tomar um banho.

Vesti meu melhor terno, com direito à abotoaduras e gravata. Passei um bom perfume e coloquei o buquê de rosas sobre a cama, dentro de um coração que desenhei com as pétalas que restaram. Tudo estava pronto, então desci para acender as velas e apagar as luzes do apartamento. As velas deram o romantismo que eu desejava, e o perfume agradável que exalava delas completou o ambiente. Subi para esperá-la, coloquei as nossas alianças de compromisso no bolso do meu blazer e sentei na poltrona na lateral do quarto, de frente para o quadro dela, aguardei pacientemente sua chegada cheio de saudades, contemplando sua beleza única e esplendorosa. Apreciar o sorriso dela fazia deixava-me em paz e sereno. Fechei os olhos e lembrei de tudo que já vivemos até aqui, como nosso amor se construiu e se solidificou com cada obstáculo enfrentado, ficou cada vez mais forte e intenso.

Ainda recordo do seu primeiro sorriso para

PERIGOSAS NACIONAIS

mim, tão tímido e desconcertado, mas que despertou a minha curiosidade e vontade de vê-lo outra vez. Foi esse sorriso que me fez amá-la desde a primeira vez que o vi. E então nossos lábios se tocaram pela primeira vez, mesmo com a reação repulsiva dela, eu senti algo tão forte, que não consegui exprimir, mas agora vejo claramente que sempre foi amor. Quando finalmente nos amamos pela primeira vez, ficou somente mais evidente o que eu já tinha ciência: sempre foi amor. Foi um encontro de almas gêmeas, nossa história já estava escrita, esperando apenas o momento exato para acontecer.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

Helena

Encerrei a ligação, com um sorriso bobo nos lábios, Saulo era especialista em me fazer suspirar pelos cantos. Tomei um banho, fiz uma mala com o restante das minhas roupas que ainda estavam no meu apartamento, para levar para o apartamento de Saulo, embora meu apartamento fosse luxuoso e espaçoso, não era mais a minha casa, pelo menos era assim que eu estava me sentindo, uma hóspede no meu próprio apartamento. Agora vejo o quão aqui é mórbido, sem vida e tão solitário que parecia mais uma prisão de segurança máxima.

Retornei para sala, Heloísa estava falando ao celular, aguardei ela encerrar a ligação para me despedir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estou indo para casa, se precisar de algo é só ligar — orientei.

— Tudo bem, Helena, mas me prometa que vai pensar no que conversamos?

— Heloísa, acho que só agora, depois de ter amado de verdade, sou capaz de olhar para trás, antes eu tinha banido todos os pensamentos e memórias que me remetiam vocês, foi o único modo que encontrei para sofrer menos. Vejo que isso não me fez bem, eu preciso reencontrar nossa mãe, meus familiares, minhas raízes, para enfim continuar sendo verdadeiramente feliz.

— Vamos reconstruir nossa família, Helena. Você precisa e merece isso, pena que tenha demorado tantos anos para acontecer, mas me conforta saber que finalmente nossa família estará unida outra vez.

Heloísa me abraçou, seus olhos estavam marejados, bem como os meus.

— Agora preciso ir, Saulo está me esperando.

PERIGOSAS ACHERON

— Vá, minha querida, até amanhã.

Abraçamo-nos outra vez e eu saí em direção ao apartamento de Saulo, a minha casa.

Cheguei rapidamente, estacionei o carro, peguei minha mala e subi para o apartamento. Ainda no elevador retirei as chaves da minha bolsa, saí do elevador e ao me aproximar da porta do apartamento, consegui ouvir uma melodia suave e agradável tocando. Saulo tinha um gosto excepcional para músicas. Abri a porta e estava parcialmente escuro, se não fosse pelas velas que garantiam um pouco de luminosidade ao ambiente. Um aroma floral invadiu minhas narinas, trouxe-me uma sensação de bem-estar imensa, fechei os olhos e inalei profundamente o cheiro divino, deixei meu corpo se conectar ao clima romântico, não foi difícil, o aroma, a música e até a luz das velas me conduziram para o clima adequado.

Retirei os sapatos e percebi que o chão estava repleto de pétalas de rosas, segui o caminho que elas trilhavam, levaram-me até a escada de acesso ao nosso quarto, meu sorriso foi instantâneo, Saulo

como sempre era impecável e o seu romantismo me tocava a cada demonstração de amor que ele fazia questão de me dar.

Subi lentamente, e ao chegar no quarto, Saulo levantou-se e veio na minha direção, com seu sorriso sedutor e andar atraente, enlaçou a mão esquerda em meus cabelos curtos e colou nossos lábios em um beijo intenso e cheio de saudades.

— Boa noite, também estava com saudades — disse e sorri.

— Eu também, minha Helena — ele inalou o perfume do meu pescoço. — Adoro o seu cheiro.

Sorri de seu comentário e murmurei:

— E eu adoro você por completo.

Saulo colou nossos corpos, tomou meus lábios e guiou-me aos beijos até a cama. Depois me virou lentamente para que eu visse o coração de pétalas e o buquê de rosas sobre a cama.

— São para você.

Curvei-me para pegar as rosas, inalei o perfume maravilhoso delas e quando me virei para agradecê-las, fui outra vez surpreendida por Saulo, que estava ajoelhado com um caixinha de veludo aberta, olhei-a atentamente e continham duas alianças.

— Saulo, essas são...

— Nossas alianças de compromisso, quero formalizar nosso noivado. Sei que já aceitou o meu pedido, mas não custa nada perguntar outra vez. Case-se comigo, Helena?

— Claro que sim, quantas vezes me perguntar, responderei do mesmo modo: sim, sim, sim.

Saulo levantou-se com um sorriso enorme nos lábios, retirou nossas alianças da pequena caixinha e pegou minha mão direita e a colocou no meu dedo.

— Ficou perfeita, você acertou o tamanho — disse surpresa.

— Óbvio, eu peguei um anel seu emprestado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Peguei a aliança dele e a coloquei em sua mão, depois entrelaçamos nossas mãos direitas e nos beijamos.

— Obrigada, Saulo, você me resgatou da escuridão e ainda me encanta diariamente, seu amor é muito importante para mim.

— Eu sei, Helena, quero que sinta o quanto meu amor é real e verdadeiro.

— Eu te amo, Saulo, e terei muito orgulho em ser a senhora Helena Alvarez, aliás, já me sinto a própria, a Helena Machado, durona e insensível já não existe há muito tempo. Graças ao seu amor.

Saulo sorriu e alisou meu rosto carinhosamente, depois me abraçou forte.

— Trouxe um champanhe para nós. — Saulo disse e caminhou até o criado mudo, serviu duas taças e voltou ao meu encontro — Beba, minha Helena.

— Achei que iríamos sair, você está tão lindo.

PERIGOSAS ACHERON

— Até podemos, mas depois que eu te amar — Saulo sussurrou ao meu ouvido, arrepiando-me por completo. — Eu quero você agora, minha Helena.

— Eu também, Saulo, ficar longe de você é torturante.

Um sorriso provocador formou-se em seus lábios, ele deslizou as mãos lentamente pelas minhas costas, intercalou beijos provocantes com mordidas suaves no meu pescoço e nuca, depois bebeu mais um gole do champanhe e trilhou beijos suaves pelo meu colo, seus lábios frios, pelo líquido recém bebido, tocaram minha pele quente, provocando-me sensações maravilhosas.

— Adoro o gosto da sua pele, adoro contemplar sua beleza, venerar seu corpo antes de tê-la completamente para mim. Ah... Helena, não sebe o quanto te desejo.

— Sei sim, também o desejo com a mesma intensidade, faça-me sua, dono da minha vida, do meu amor e do meu desejo.

Saulo tomou meus lábios em um beijo sôfrego,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quente, acentuado pelo gosto adocicado do champanhe, nossos corpos uniam-se em perfeita harmonia, como rimas da mais sublime poesia. Suas mãos firmes deslizavam pelo meu corpo com propriedade, ele conhecia cada centímetro do meu corpo que ansiava pelo seu toque, sua boca e lábios macios, tomando-o para si, de modo envolvente, quente e provocador, arrancavam-me suspiros e gemidos prazerosos facilmente. Eu necessitava do seu calor percorrendo o meu ser, incendiando a minha alma. Saulo me devorava como um predador à sua presa, de modo selvagem, intenso e avassalador, deixando-me totalmente rendida e à mercê do seu amor e desejo que consumia nossos corpos sedentes um do outro.

Estávamos em completo silêncio, pele com pele, seu suor mesclando-se ao meu, nossos corações ainda batiam descompassados, respirações ainda ofegavam. Recuperávamo-nos do recente prazer que tão bem nos proporcionávamos. Saulo alisava meus cabelos ternamente, enquanto eu descansava em seus braços.

— Almocei com meus pais hoje.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como eles estão? — perguntei por educação.

— Estão bem, minha mãe quer participar dos preparativos do nosso casamento, caso você concorde.

— Claro que concordo.

— Sério? — Saulo perguntou surpreso e sentou-se na cama.

Sentei-me na cama para continuarmos nos olhando.

— É um momento único em nossas vidas, quero que esteja feliz tanto quanto eu, não haverá ressentimento da minha parte.

— Você é incrível, sabia? — Saulo disse e me beijou.

— Precisamos decidir datas, tem algo em mente? — questionei.

— Eu passei na igreja e peguei a documentação

PERIGOSAS ACHERON

necessária e as datas disponíveis, eu gostaria muito de casar na igreja do padre Alfredo. O que me diz?

— Perfeito, já disse que com você de noivo caso em qualquer lugar.

Saulo levantou e pegou um papel do criado-mudo, tomou mais um gole de champanhe e sentou-se novamente ao meu lado.

— As datas mais próximas são dias 17, 19 e 21 de setembro.

— Qual sua preferência? — questionei bebendo um pouco mais do champanhe.

— A mais breve, 17. — Saulo respondeu sorrindo lindamente.

— Então está decidido, 17 de setembro, será eternizada como o dia que oficializamos nosso amor — disse acariciando seu rosto ternamente.

— Teremos menos de três meses para organizarmos tudo, apesar de que será uma cerimônia mais íntima, acho bom começarmos a

PERIGOSAS ACHERON

planejar o mais breve possível.

— Com toda certeza, o que acha de convidarmos a Júlia para ser nossa daminha? — perguntei.

— Ótimo, ela irá adorar. Estive com ela hoje, levei um presente e ela nos fez um desenho em retribuição. Vou buscar pra você ver.

Saulo saiu do quarto e retornou minutos depois com um papel nas mãos, entregou-me e eu olhei atentamente, era o desenho de uma família com os nomes dos integrantes. Fiquei surpresa ao ver que eu e Saulo éramos os pais de um garoto com o nome de Samuel, junto de Júlia e um cachorro.

— Júlia desenha bem, quem é Samuel?

— Ela disse que é o nosso filho, que quem casa tem filhos — Saulo sorriu.

Apesar do sorriso dele e da inocência de Júlia, eu ficava entristecida, porque eu tinha chances muito remotas de engravidar e ser mãe de um filho de Saulo, considerando a minha idade, apesar de

PERIGOSAS ACHERON

ainda ter possibilidades. Essa era minha maior insegurança e desejo de mulher, queria ser mãe de um filho do homem da minha vida.

— Ei! Não fique triste, Helena.

— Eu queria poder te dar um filho, mas na minha idade as chances são pequenas.

— Eu já disse que não importa, hoje existe diversos métodos e muito eficazes de reprodução assistida, mas isso é o de menos, se não puder tê-los, podemos adotá-los, para mim serão filhos do mesmo modo. Não vejo problema em adoção, eu fui adotado.

— Você foi adotado? — perguntei surpresa diante dessa revelação.

— Sim, quando tinha meses de vida. Meu pai é bombeiro militar aposentado, um dia foi chamado para fazer um resgate de um grave acidente de carro, estava chovendo muito, o veículo dos meus pais biológico deslizou na pista, capotou e caiu em uma ribanceira. Meu pai biológico morreu na hora preso nas ferragens e a minha mãe morreu pouco

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

depois da chegada dos bombeiros. Meu pai foi o primeiro a chegar no local que o carro estava, ele disse que foi guiado pelo meu choro. Eu chorava muito e a minha mãe me segurava no colo, protegeu-me com a própria vida. Ainda disse algumas palavras para o meu pai, mas o que mais pedia era para que ele me salvasse.

— Meu Deus! Que história triste, Saulo. Você nunca me contou sobre isso.

— Acho que na vida devemos falar apenas do belo, as coisas tristes e que te deixam infelizes, deixamos para trás. Eu sou muito grato por estar vivo, pela gravidade do acidente, meu pai diz que foi um milagre eu ter sobrevivido. Acho que Deus me deu uma nova chance de vida, porque meu destino precisava se cumprir, eu precisava encontrar você. — Saulo alisou meu rosto delicadamente.

— Você é incrível, e tenho certeza que a sua família adotiva o ama como a um filho de sangue. Obrigada por compartilhar comigo um pouco da sua história.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, sou muito grato por tê-los como pais e eu os amo como se fossem meus pais biológicos.

— Sandra também é adotiva?

— Sim, nós dois somos e sempre soubemos e lidamos bem com isso. Depois do acidente, meu pai me levou para um abrigo. Minha mãe Solange é estéril, eles já tinham decidido adotar uma criança há alguns meses e já esperavam na fila de adoção. Quando meu pai me resgatou, não teve dúvidas, ele disse que foi amor à primeira vista, que eu era o filho enviado por Deus para eles. Como não encontraram parentes dos meus pais biológicos, fiquei no abrigo até que meus pais conseguiram minha guarda provisória e consequentemente a definitiva. Mesmo depois de me adotarem, continuaram na fila de adoção, e três anos depois adotaram a Sandra com poucos dias de nascida.

— Você tem uma base familiar muito boa, é perceptível pelo seu caráter que teve uma boa criação e pais muito presentes e participativos, eu jamais desconfiaria que eram adotivos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sem dúvida, por isso para mim, filho são os que escolhemos para amar e não apenas os que geramos. Se não pudermos tê-los, adotaremos.

— Eu ficava insegura quanto a isso, mas agora conhecendo um pouco mais de sua história, estou mais tranquila. Você está correto, o amor que damos aos filhos é o diferencial na vida deles, independentemente de serem de sangue ou adotivos.

Beijei seus lábios e o abracei forte.

— Está com fome?

— Muita — respondi rapidamente.

— Podemos pedir comida japonesa, você gosta?

— Amo, claro que topo.

Tomamos um banho e nos vestimos para aguardar nosso pedido. Minutos depois o nosso jantar chegou, comemos e continuamos bebendo o champanhe, sentados no sofá, apreciando à vista da

PERIGOSAS ACHERON

cidade de Guarulhos, contei sobre a visita da minha irmã e depois fizemos planos para o nosso casamento e para nossa tão sonhada lua de mel, e desse modo encerramos nossa noite maravilhosamente bem.

Despertei no meio da noite, sobressaltada, meu coração estava disparado. Sentei na cama rapidamente, apesar da baixa temperatura no quarto, eu estava suada e em estado de nervos.

— Você está bem, Helena? — Saulo perguntou sentando na cama ao meu lado.

— Eu tive um sonho com o meu pai. — disse emocionada.

Saulo me abraçou ternamente, beijou minha cabeça e me manteve no seu abraço.

— Você precisa ir ao encontro dele, Helena, precisa perdoar seu pai para seguir em frente sem mágoas. Lembre-se que agora você é a Helena Alvarez e não mais a amarga Helena Machado.

Sorri do seu comentário, era impressionante
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como ele tinha o dom de me transmitir paz, com uma simples frase ou gesto. Além de que era a mais pura verdade, eu já não era mais a mesma, minha alma reluzia e meu coração transbordava de felicidade. Minha última pendência na vida era a reconciliação com a minha família.

— Você tem razão, eu preciso ir, mas não sei se sou capaz de ir sem você — olhei em seus olhos.
— Venha comigo.

— Claro que vou, minha Helena. Não precisava nem pedir, além do mais, eu preciso pedir sua mão para o seu pai, esse é o correto, não é?

— Sim. Obrigada, minha vida.

Deitei no seu abraço e adormeci novamente, bem mais tranquila e aliviada por saber que Saulo estaria comigo na viagem ao Sergipe.



PERIGOSAS ACHERON

Dois dias depois...

Aterrissamos em Aracaju ao raiar do dia, tomamos café no aeroporto mesmo e depois seguimos em um veículo alugado para minha cidade natal, São Cristóvão. À medida que nos aproximávamos do nosso destino final, meu nervosismo só aumentava. Heloísa não escondia a satisfação por nossa vinda. Saulo percebeu meu nervosismo e segurou firme minha mão.

— Vai ficar tudo bem, Helena.

— Eu sei, mas não consigo ficar calma.

— Eu sei disso, mas estarei aqui com você.

Não consegui pregar os olhos durante o voo, estava ansiosa demais para isso. Heloísa incluiu o endereço do nosso destino no GPS do carro e partimos. O trajeto foi até rápido, são poucos quilômetros de Aracaju. Ao chegarmos na entrada da cidade, foi impossível não me emocionar, olhei apática pela janela do carro a minha tão querida

PERIGOSAS ACHERON

cidade natal, lugar que nasci e cresci. Meu coração foi invadido por um sentimento de nostalgia, doces lembranças da minha infância e adolescência permearam os meus pensamentos. Uma lágrima de melancolia e tristeza descia pelo meu rosto, vivi aqui bons momentos, que ficaram adormecidos por longos anos, embaixo das mágoas e feridas que passaram anos abertas.

Estava distraída observando tudo atentamente, não reconheci mais o bairro que cresci, mas ao entrarmos na rua da casa dos meus pais, reconheci imediatamente a ladeira e dois casarões antigos na esquina. Um misto de excitação e receio invadiram meus pensamentos por um breve instante. Tinha medo do que poderia encontrar, embora Heloísa tenha me tranquilizado sobre a receptividade positiva que eu teria, meu coração estava contrito e acelerado, minhas mãos estavam trêmulas. Fechei os olhos e respirei profundamente, segurei as lágrimas e concentrei-me apenas em respirar e nada mais.

Saulo estacionou o carro, desceu e abriu a porta para mim e Heloísa. Desci e ao abrir olhos,

estávamos diante da casa dos meus pais. Minhas lágrimas contidas, banharam meu rosto, foi impossível segurá-las diante do que vi. Havia diversos carros estacionados em frente a antiga casa dos meus pais, ainda era a mesma, igual nas minhas lembranças, com pouquíssimas modificações estruturais e aparentemente sem reformas recentes. Já não tinha mais o imenso cajueiro na frente, os balanços e o jardim com roseiras que minha mãe tão bem cuidava. O muro baixo com os portões de ferro ainda eram os mesmos, como minha lembrança registrava. Fiquei alguns minutos parada na calçada, com um certo receio de entrar.

— Venha, Helena, está na hora de rever nossos pais — Heloísa pegou em minha mão. — Todos estão te aguardando.

Saulo nos seguiu em silêncio.

Não tive palavras para responder, minha emoção falava por mim. Minhas lágrimas e respiração ofegante se intensificaram quando passamos pelo portão e avistei dentro da casa uma pintura antiga da nossa família. Continuamos

PERIGOSAS NACIONAIS

caminhando e ao adentrarmos, havia bastante pessoas na sala, atraímos rapidamente os olhares dos presentes, sem ao menos termos dito uma só palavra. Meu olhar foi atraído pela figura da minha mãe, sentada no sofá, cabisbaixa, com os cabelos branquinhos como algodão, ao perceber nossa presença, ela se levantou amparada por uma bengala e caminhou em minha direção lentamente, eu fiquei petrificada, totalmente inerte, esperei tanto por esse momento que não sabia o que fazer.

— Minha filha — ela pousou as mãos em meu rosto. — Você está de volta.

Eu não consegui dizer nada, não tive palavras. Ela me abraçou forte e então eu finalmente relaxei e retribuí o seu abraço fraterno e cheio de saudades, chorei copiosamente no seu colo materno, que tanto senti falta, foram trinta anos sem sentir o seu cheirinho inconfundível, seu abraço, seu carinho e amor de mãe.

— Esperei tanto por esse abraço, minha filha.

— Mamãe, a sua bênção — murmurei

PERIGOSAS ACHERON

soluçando.

— Deus o abençoe, minha filha e me perdoe por ter sido omissa e ter permitido o seu pai...

— Não, mamãe, não fale mais no passado, vamos construir um novo tempo em nossas vidas. O passado já não interessa mais — disse calmamente, alisando seus cabelos.

— Minha filha, você está tão bonita.

Sua voz estava trêmula, sua emoção era evidente, era nítido que estava tão emocionada quanto eu. As pessoas nos olhavam com semblantes de admiração e felicidade, boa parte das pessoas que aqui estavam eu não conhecia.

Minutos depois, passada as primeiras emoções pelo nosso reencontro, percorri o olhar pela sala e percebi que o semblante dos presentes de alegria rapidamente foi desfeito, era perceptível um clima de profunda tristeza e abatimento generalizado, boa parte estavam em silêncio chorando de forma mais contida, outros trocavam palavras de conforto pelos cantos. Tinha bastante gente, alguns sentados nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sofás, outros em cadeiras de madeira espalhadas por toda a sala, apenas três crianças que brincavam no tapete da sala, na sua inocência velada certamente não entendiam a consternação do momento. Minha mãe soltou um longo suspiro, segurou em minha mão e me conduziu até a porta do antigo quarto dos meus pais.

— Vamos, Helena, está na hora — minha mãe disse me encorajando.

Entramos no quarto, meu irmão Hélio levantou rapidamente da cadeira ao lado da cama, não tive coragem de dirigir o olhar para cama. Ele estava com os olhos vermelhos, visivelmente abatido e um pouco pálido, havia do outro lado do quarto um homem vestido de branco, parecia ser um profissional de saúde, ao nos ver entrar, saiu do quarto acenando com a cabeça. Hélio veio ao meu encontro, pousou as mãos em meus ombros e beijou minha testa.

— Que bom que está aqui, Leninha — ele murmurou baixinho, com a voz embargada e depois saiu do quarto.

PERIGOSAS ACHERON

Minha mãe me guiou até a borda da cama, fechei meus olhos, não consegui olhar para ele, ali prostrado em seu leito de morte, foi muito doloroso pensar que ele estava morrendo.

— Inácio, a Helena está aqui — minha mãe falou baixinho em seu ouvido.

Ela pegou a minha mão e pousou sobre a dele. Permaneci de olhos fechados, não conseguia abri-los, ele apertou firme a minha mão e disse:

— Minha filha, eu esperei tanto por esse dia, não posso partir antes de implorar pelo seu perdão — ele falou fazendo algumas pausas, com muita dificuldade.

Meu coração disparou e as lágrimas caíram impiedosamente. Chorei, ao ouvir sua voz baixa, trêmula, quase que inaudível. Não consegui dizer nada, apenas chorar.

— Fale filha, ele precisa ouvi-la — minha mãe murmurou ao meu ouvido.

— Papai... eu estou aqui. — disse entre os
PERIGOSAS ACHERON

soluços e lágrimas.

— Venha mais perto de mim, preciso vê-la.

Abri os olhos e vi meu pai, cabelos brancos, rosto enrugado, tão pálido e com os olhos avermelhados, não parecia em nada com o homem forte e viril que brincava de cavalinho comigo quando criança, que tantas vezes me pôs na cama depois que adormeci no sofá da sala. Era aparente que estava muito debilitado. Meu pai pousou as mãos em meu rosto, elas eram ásperas e grossas, engelhadas pelo tempo, apalpou meu rosto com delicadeza por alguns minutos, depois inspirou profundamente e fechou os olhos, dessa vez demorou mais tempo para abri-los, quando enfim os abriu, disse:

— Eu estraguei a sua vida, minha filha, e me arrependi amargamente por tudo que te fiz passar, peço agora que me perdoe, perdoe seu velho pai — ele disse com dificuldades.

— Pai, eu o perdoo... — não conseguia dizer mais nada.

Ele fez menção de sentar na cama e minha mãe o amparou e o ajudou a permanecer sentado, abriu os braços para mim e me abraçou ternamente. Foi o abraço mais fraterno que já recebi dele em toda a minha vida.

— Eu te amo, minha filha, Deus abençoe sua vida e lhe dê em dobro tudo que eu te tirei... — a voz dele falhou, e ele tossiu algumas vezes. — Você tem uma alma boa, minha filha, sei que seu perdão é de coração, obrigado por me proporcionar essa alegria antes de partir, agora morrerei em paz.

Ele deitou-se novamente respirou profundamente e continuou apertando minha mão, não a soltou um só instante. Um sorriso formou em seus lábios empalidecidos, ele abriu os olhos mais uma vez e chamou minha mãe:

— Amélia, chegou a hora, chame todos.

O primeiro a entrar foi Saulo, fiquei surpresa. Saulo caminhou em minha direção, pousou as mãos em meu ombro e se aproximou do meu pai.

— Senhor Inácio, sou o namorado de Helena,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estou aqui para pedir a mão dela em casamento.

Meu pai estreitou os olhos, tentando enxergá-lo melhor, depois sorriu e disse:

— Prometa-me que vai fazê-la feliz e cuidar dela com zelo e amor.

— Sim, claro que prometo — Saulo afirmou com segurança.

— Dê-me a sua mão, meu filho — meu pai estendeu a outra mão para Saulo que a segurou imediatamente — Você é um homem bom, e está diante de um anjo, Helena é muito especial e merece ser feliz, faça isso por mim, meu filho.

— Darei a minha vida para vê-la feliz.

Meu pai sorriu e soltou a mão de Saulo, mas continuou segurando a minha. Logo meus irmãos e outras pessoas entraram no quarto, posicionaram-se em torno da cama.

Meu pai tomou fôlego e disse:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sejam felizes, meus filhos, e esqueçam todo o mal que lhes causei, amem uns aos outros, peçam perdão aos que ofenderam e vivam em paz...

Essas foram as últimas palavras dele, seus olhos semicerraram lentamente e o aperto da mão perdeu força, ele deu seu último suspiro de vida e partiu.

Eu já tinha contido as lágrimas, mas ao vê-lo partir, chorei desesperadamente, segurando sua mão sem vida. Apesar de tudo de ruim que ouvi dele um dia, todas as tristezas e mágoas que ele me provocou foram apagadas pelo perdão que lhe concedi, restaram apenas as boas lembranças e os bons momentos que tivemos. Apesar da alegria de reencontrar meus familiares, a profunda tristeza me abateu pelo luto.

Perdi o meu pai... o meu exemplo... que descanse em paz!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

Saulo

Uma semana depois...

Passamos uma semana em São Cristóvão, velamos o pai de Helena, que apesar de estarem afastado há trinta anos, deixou-a profundamente abatida. O senhor Inácio era muito querido na cidade e o velório foi muito bonito e tocante.

Eu fui muito bem recebido por todos os familiares de Helena, ficamos hospedados na casa dos pais dela e dormimos no mesmo quarto. Dona Amélia, é uma mãe muito carinhosa e me tratou com o mesmo carinho que trata seus filhos. Apesar

PERIGOSAS ACHERON

do sentimento de tristeza generalizada pela partida do patriarca da família, era notório que todos estavam muito felizes com o retorno de Helena.

Tivemos uma semana bem intensa, entre visitas de parentes e reuniões familiares animadas, apesar do luto, a vinda de Helena representou uma nova fase na vida de todos. Ela fez questão de ajudar financeiramente os parentes mais próximos, pagou as despesas do velório, contratou a reforma para casa dos pais, comprometeu-se em custear os estudos dos sobrinhos, arrumou emprego para alguns primos e até para o próprio sobrinho que era economista, na filial da HML de Aracaju. Também pagou uma dívida da família contraída para custear as despesas médicas do pai, quitou a casa dos dois irmãos e entre outras ações que fez questão de realizar, mesmo quando seus irmãos se recusaram a receber a ajuda dela, ainda assim ela fez questão. Durante a semana que passamos no Sergipe, Helena se desligou das questões da empresa, Antônio ficou à frente de tudo e ligou apenas uma única vez porque era um assunto inadiável e muito necessário. Até o Alberto ela não o atendeu, o que não escondo que era uma satisfação imensa vê-la

recusando as ligações e mensagens dele. Vi apenas uma que ela escreveu bem sucinta: “*Estou resolvendo problemas pessoais, procure minha assistente, obrigada!*” Adoraria ter visto a cara do desavergonhado ao ler essa mensagem.

Chegamos próximo do horário do almoço em Guarulhos, Helena tomou alguns calmantes e conseguiu dormir o voo inteiro na cabine do jatinho, eu não consegui pregar o olho, fiquei apenas velando o sono dela, acariciando seus cabelos e fazendo o que fosse necessário para mantê-la confortável para que não acordasse. A semana foi cansativa e Helena ainda estava muito abatida com a morte do pai.

Pegamos um táxi e fomos direto para o meu apartamento, carreguei nossas malas e deixei Helena me aguardando na porta do apartamento enquanto pegava as chaves no meu estúdio. Havia deixado com Vanessa para faxineira fazer a limpeza durante nossa ausência. Entrei rapidamente, não queria deixar Helena sozinha um só minuto.

— Bom dia, Vanessa.

— Bom dia, Saulo, fez boa viagem?

— Sim, ótima. Quero as chaves do meu apartamento, por favor, e por enquanto ainda estou indisponível, mas qualquer assunto urgente, pode me ligar que darei um pulo aqui, certo?

— Tudo bem.

Saí do estúdio e voltei para o encontro de Helena, ela estava encostada na parede, calada, triste e com os olhos avermelhados, ainda chorava vez e outra ao recordar do pai.

— Pronto — disse e beijei sua testa.

Quando girei a chave para abrir a porta, para minha surpresa não estava trancada, apenas encostada, estranhei o fato, mas a faxineira poderia ter esquecido de trancar. Abri e Helena entrou primeiro depois eu com as nossas malas, percebi que ela estava imóvel parada no meio da sala, estranhei sua reação, mas rapidamente compreendi o motivo. Minha mãe estava no apartamento e veio

PERIGOSAS ACHERON

rapidamente ao nosso encontro.

— Oi, Helena, como vai? — minha mãe cumprimentou-a com um abraço fraterno.

— Bem, na medida do possível — Helena respondeu educadamente e retribuiu o seu abraço.

— Mamãe? O que faz aqui? — perguntei surpreso.

— Oi, Saulo, tudo bem como você? Onde estão seus modos, menino? — Mamãe me repreendeu.

— Desculpe, mamãe. A sua bênção?

— Deus o abençoe, como você está?

— Estou bem, mãe. Agora nos diga o que faz aqui?

— Sandra me contou que chegariam hoje e resolvi vir antes para preparar o almoço, fiz mal? — ela perguntou direcionando o olhar para Helena.

— Não, claro que não — Helena respondeu

seco.

— Meus sentimentos, Helena, eu sinto muito pelo seu pai.

— Obrigada, Solange.

— Vamos almoçar? Eu trouxe uma orquídea de presente para vocês, coloquei na mesa de centro, mas se não quiserem eu posso levar de volta.

— Não, mãe, pode deixar.

Sentamo-nos à mesa, eu ainda estava cheio de reservas, não acho uma boa ideia forçar uma reconciliação nesse momento. Helena estava muito fragilizada. O almoço foi em um clima estranho, pesado e tenso, não sei exatamente como explicar, Helena permaneceu ao meu lado e durante quase todo o almoço, no mais absoluto silêncio. Trocamos poucas palavras, ela respondeu algumas perguntas que fizemos, apesar do luto, foi até bem gentil com a minha mãe. Minha mãe tentou de todas as formas agradá-la, tratou-a com mais atenção do que costuma destinar a mim mesmo, fez minha lasanha preferida e trouxe um bolo de milho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu adoro pronto, fez questão de lavar todas as louças e depois passou um café, e nos sentamos na sala para tomá-lo acompanhando do bolo que ela trouxe.

— Já decidiram a data do casamento? — mamãe perguntou.

— Sim, 17 de setembro — Helena respondeu e olhou para mim, com um sorriso tímido, mas foi o primeiro que vi desde que retornamos do Sergipe.

— Helena, sei que não tivemos tempo para conversarmos à sós, e talvez agora nem seja o momento mais propício, mas eu preciso dizer que estou profundamente arrependida das grosserias que lhe disse, eu quero que saiba que...

— Não precisa falar mais nada, Solange. Está desculpada, vamos virar a páginas e recomeçar nossa história. — Helena a interrompeu.

— Meu Deus! Meu filho tem razão de amá-la, você é um ser de luz abençoado, quanta honra tê-la como nora, posso te dar um abraço?

PERIGOSAS ACHERON

— Claro — Helena confirmou.

Elas se abraçaram longamente e percebi que Helena chorou, sei que era por conta do pai, minha mãe lhe disse algumas palavras de conforto, eu fui até a cozinha buscar água para Helena e as deixei sozinhas. Observei de longe, minha mãe alisou os cabelos de Helena ternamente, fiquei tão feliz pelo que via que até esqueci da água.

Aproveitei para levar nossas malas até o quarto, queria deixar as duas se entenderem um pouco mais. Depois descí e peguei a água e retornei para junto delas.

— Tome um pouco de água, Helena — Orientei entregando-lhe o copo com água.

— Obrigada, Saulo.

— Saulo, combinamos de almoçarmos todos juntos na fazenda no domingo, para começarmos a planejar o casamento de vocês, o que acha? — minha mãe perguntou.

— O que as mulheres da minha vida decidirem,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para mim está ótimo.

Disse e sentei ao lado de Helena, pousando o braço em seus ombros.

— Perfeito, vou combinar com Sandra e o seu pai — minha mãe disse radiante e se levantou do sofá. — Agora vou deixá-los descansar, devem estar cansados da viagem.

Levantei e abracei minha mãe, beijei sua cabeça em despedida e a acompanhamos até a porta.

— Obrigado, mamãe. Estava com saudade da sua lasanha.

— Só ir lá em casa que faço com todo gosto, meu filho.

— Obrigada, Solange, só não estava mais gostosa do que a do Saulo.

— Ah! Nesse julgamento eu não confio, é ligeiramente tendencioso. — Minha mãe protestou descontraída.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As duas se abraçaram, minha mãe sussurrou mais algumas coisas para Helena, alisou o rosto dela e depois voltou-se para mim e disse:

— Cuide bem de Helena, meu filho.

— Farei isso, mamãe, manteremos contato.

— Fiquem com Deus! — Minha mãe acenou e partiu.

— Você também. — Helena e eu respondemos juntos.

Entramos no apartamento, tranquei a porta e abracei Helena.

— Obrigado por ter desculpado minha mãe, não sabe o quanto isso me fez bem.

— A mim também, precisamos viver sem ressentimentos, perdoar aos que nos ofenderam, ela mereceu minhas desculpas. Meu pai disse isso antes de partir.

Uma lágrima desceu dos seus olhos azuis, que

PERIGOSAS ACHERON

estavam avermelhados de tanto que ela já havia chorado.

— Seu pai era um homem muito sábio. Venha, vou colocá-la para dormir, você precisa descansar.

— Não, Saulo, não se preocupe, posso ficar sozinha, eu sei que tem muita coisa pra resolver, já tomei muito do seu tempo.

— Não diga isso, Helena, o mundo pode esperar, tudo o que mais me importa é vê-la bem, já disse que quero estar ao seu lado para tudo o que der e vier. Agora nesse momento, você precisa do meu abraço, jamais irei deixá-la assim.

— Sabe o que acho? Que você deve ter sido um príncipe encantado em outra vida, resgatou sua amada de cavalo branco e tudo mais, só que agora os tempos são outros, mas você continua o mesmo príncipe encantado, só que motoqueiro, resgatou-me da escuridão na sua moto estradeira — ela disse sorrindo lindamente.

Entrelacei as mãos em seus cabelos, beijei sua boca e disse: — É assim que gosto de vê-la, minha

PERIGOSAS ACHERON

princesa em apuros, com um sorriso lindo nesses lábios deliciosos. Sei que seu coração está sangrando, mas estou aqui para ajudar estancar esse sangue, conter suas dores, não saio do seu lado de modo algum.

Beijamo-nos longamente, depois levantei sua perna esquerda e a encaixei no meu quadril, alisei suavemente toda a extensão de sua coxa, rapidamente ela apoiou a direita, subindo em meu colo, caminhei com ela nessa posição e a levei direto para o banheiro.

— Vou te dar um banho, depois vou massagear seu corpo inteiro, para que possa dormir mais tranquila. — disse e beijei sua testa.

Seus lábios continham um sorriso provocante, não nego que adorei vê-los assim, fazia dias que não fazíamos amor, sei que ela não estava com cabeça para isso, e eu compreendia os seus motivos. Mas agora, vendo-a sorrir desse modo, tendo nossos corpos tão colados, não tinha como não pensar em amá-la aqui mesmo, na parede do nosso banheiro. Apesar de gostar de contemplar seu

corpo primeiramente, provocar-lhe arrepios e deixá-la completamente entregue ao nosso desejo, não resistiria por muito tempo na posição que nossos corpos estavam. Eu só queria deliciar-me com a sensação de estar dentro dela outra vez e sentir o seu calor. Beije-a com urgência, foram apenas olhares e sorrisos provocantes, mas tiveram o impacto suficiente para despertar nosso desejo insaciável, sem dizermos uma só palavra, despimo-nos desesperadamente, tomados pelo calor que emanava de nossos corpos, puxei-a novamente para junto do meu corpo e amei-a de modo intenso e selvagem, de todas as posições possíveis que o pequeno compartimento nos permitiu, até nossos corpos estarem em completo êxtase e totalmente inertes, cansados, suados e unidos pelo prazer e o amor recíproco e evidente, que ficava mais forte a cada dia.

Depois de nos amarmos, entramos no chuveiro e tomamos um banho rápido, enquanto a banheira enchia. Depois relaxamos por alguns minutos na banheira, acomodei-a em meu peito, trocamos carinhos e beijos, em silêncio absoluto, apenas nossos corações falavam por meio dos beijos

PERIGOSAS NACIONAIS

serenos que trocávamos, na plenitude do nosso amor, contemplávamos um ao outro silenciosamente.

Saímos da banheira e levei Helena para cama no meu colo, sequei seu corpo, parte por parte. Ordenei que ela deitasse de costas primeiramente. Peguei o hidratante e deslizei no seu corpo lentamente, massageei cada pedacinho, sem pressa, deslizando meticulosamente minhas mãos pela pele macia, que se arrepiava com o meu toque ora suave ora mais firme. Depois virei-a de frente, e continuei com as mesmas manobras, pouco a pouco espalhei o líquido frio em seu corpo quente, provocando-a, embora não fosse minha intenção. Deslizei as mãos pelos seus belos seios, contornei os bicos com a ponta dos dedos, ela soltou um gemido contido, depois sorriu provocante. Continuei descendo por seu ventre e pernas torneadas. Helena era uma linda mulher e eu adorava apreciá-la.

— Tem certeza que a intenção é me fazer dormir? — Helena perguntou, com um sorriso malicioso nos lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estou tentando. Será que consigo? —
questionei.

— Não se continuar desse modo — ela
adverteu.

Sorri e terminei de passar o hidratante, ajudei-a
vestir a camisola, depois deitei ao seu lado e
aninhei-a em meus braços.

— Descanse, Helena, você precisa dormir um
pouco.

— Você é tão perfeito comigo, não tenho
palavras para agradecer e mensurar o quão foi
importante tê-lo ao meu lado nessa viagem. Não sei
como encararia tudo isso sem você.

— Não precisa agradecer, Helena, eu sou seu e
você é minha, é natural que estejamos juntos
sempre e em todos os momentos, não só os felizes
como ainda pouco no banheiro, — brinquei — mas
os dolorosos também.

Ela sorriu, alisou meu rosto, mantendo seu
olhar terno nos meus.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ao seu lado é tudo mais fácil, minha vida, eu estou triste pela partida do meu pai, mas feliz por poder reencontrar meus familiares e ajudá-los financeiramente, sobretudo minha mãe.

— Eu sei, sempre fui seu maior incentivador para que os procurasse, porque eu sabia que te faria bem.

— Sim, tão bem quanto você me faz. Minha mãe te adorou, estava até enciumada, ela fez inúmeros elogios a você.

— Eu também gostei muito dela, sua mãe é muito íntegra, tão lúcida e forte, mesmo com seus 76 anos, goza de muita saúde.

— Verdade.

— Agora chega de conversa, você precisa descansar, faz dias que não dorme direito. Descanse, minha Helena, quando despertar vamos fazer um programa bem divertido.

— Já está me deixando curiosa.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, durma.

Alisei seus cabelos ternamente, e recordei a letra de uma música para ajudá-la dormir melhor, limpei a garganta e tentei cantar de modo descente, a música *Angel Baby* de *Rosie e The Originals*, uma das minhas favoritas, a letra parecia ter sido escrita para nós dois, continha os versos o que eu gostaria de falar para ela naquele momento:

Tradução:

“É como o paraíso estar aqui com você

Você é como um anjo tão bom para ser verdade

Mas depois de tudo, eu te amo, eu te amo

Anjo querido, meu anjo querido.”

Embora a minha voz rouca e desafinada não fosse tão boa, consegui fazê-la pegar no sono, com minha canção e afagos.

Minutos depois, levantei da cama sorrateiramente para não a acordar, primeiramente certifiquei-me que ela dormia profundamente. Troquei de roupas e desci, precisava ir no estúdio, os dias que passei fora, mesmo que sob o meu comando à distância, acumulou muitas pendências que necessitavam da minha atenção. Saí do meu apartamento e levei o meu celular e deixei o de Helena desligado, ela precisava descansar, os últimos dias foram muito difíceis e de pouquíssimas horas de sono.

Quando cheguei no estúdio, Flávio estava finalizando uma sessão de fotos, o cumprimentei rapidamente com um aceno à distância e depois fui direto para a minha sala. Havia uma pilha de fotos para avaliar, contratos para assinar e algumas revistas e jornais com nossas fotos mais recentes publicadas. Olhei tudo rapidamente, reuni com Vanessa para rever minha agenda de compromissos e as sessões adiadas pelos clientes que faziam questão que eu mesmo fizesse as fotos, reorganizamos tudo rapidamente.

Vi Arthur chegar de uma sessão externa,

chamei-o e me reuni com ele, precisava saber dos acontecimentos enquanto estive fora.

— Saulo, bem-vindo de volta — Arthur disse e me estendeu a mão em cumprimento.

— Obrigado, Arthur, já estava com saudades disso aqui.

— Posso imaginar, esse estúdio tem a sua cara, você fez muita falta.

— Estava com saudades de mim, cara? — zombei.

— Apenas das noitadas que costumávamos ter, você sempre conseguia atrair mulheres interessantes com essa cara de bom moço puritano. Agora é homem direito e está de casamento marcado, então, não pode e nem deve mais me acompanhar — Arthur disse em tom de brincadeira.

— E nem há mais espaço para outra, meu caro, eu amo a Helena.

— Ah! Isso é totalmente perceptível. — Arthur
PERIGOSAS ACHERON

acrescentou com ironia.

— Vamos ao que interessa, conte-me como foram esses dias sem a minha presença, algum problema urgente?

— Não, cara, tudo na mais perfeita ordem, apesar de termos feito hora extra quase que diariamente, foram dias muito produtivos. Fechei alguns contratos, prospectei novos clientes, coordenei as sessões de fotos externas que o Flávio fez e recebi o currículo de alguns fotógrafos iniciantes interessados em um estágio, estão aí na sua mesa em algum lugar — Ele apontou para pilha de papéis e revista que ocupavam minha mesa.

— Vou avaliar, estou pensando em efetivar a Carol, ela tem se saindo muito bem, quero deixá-la para as sessões infantis, o que acha, Arthur?

— Ela faz um bom trabalho, e é bem dócil e compromissada, vai lidar bem com o público infantil, além de ter quebrado muitos galhos quando esteve fora, acho que será uma boa escolha e a considerar pelo volume de procura que o

estúdio está recebendo, acho que rapidamente precisaremos de outros estagiários e até fotógrafos mais experientes.

— Verdade, vou avaliar com calma, sabe que gosto de equipe pequena, acho mais fácil para coordenar, prezo muito pela qualidade e com equipe reduzida posso acompanhar todos com mais atenção, mas chega um momento que precisamos crescer.

— Exatamente, vou deixar você aí com sua pilha de papéis para avaliar, tem muito trabalho pela frente, meu amigo.

— Obrigado pelo apoio, Arthur.

Arthur saiu e eu comecei trabalhar, havia tanta coisa que não sabia nem mesmo por onde iniciar. Tomei um copo de água, algumas xícaras de café e comecei enfrentar a imensa pilha de papéis que pouco a pouco ia se desfazendo.

Ocupei-me a tarde inteira, dispensei todos um pouco mais cedo, fechei o estúdio e voltei para o meu apartamento no início da noite. Estava tudo

PERIGOSAS ACHERON

escuro, liguei as luzes e o silêncio gritante denunciavam que Helena ainda dormia. Tirei os sapatos e subi sorrateiramente, constatei que ela ainda dormia, como um anjo de candura, tão linda e serena que precisava registrar esse momento, desci rapidamente e corri até o estúdio, peguei minha câmera fotográfica que por sorte já estava equipada com lentes apropriadas, voltei correndo, não queria correr o risco de perder esse momento. Fiz umas três fotos e a claridade do *flash* a despertou, ela abriu um sorriso lindo ao perceber que eu estava fotografando-a. Obtive mais uma captura espetacular, Helena era a modelo responsável pelas minhas melhores fotos, sem dúvida. Eu adorava fotografá-la, sem filtros, espontânea, apenas a câmera eu e ela. Eu já tinha tantas fotos dela que precisava urgentemente fazer um álbum especial de fotos nossas e só dela.

— Fotos? — ela perguntou com a voz um pouco rouca.

— Sim, você é a minha modelo preferida.

— Assim espero, deite aqui comigo, estou com

saudades.

Desliguei a câmera e coloquei no criado-mudo, deitei ao seu lado e beijei sua cabeça.

— Dormiu bem?

— Sim, maravilhosamente, porém senti falta dos seus braços me acalentando.

— Eu estava no estúdio, precisava ver como estavam as coisas por lá.

— Está tudo bem?

— Sim, tudo em ordem. Quero que se vista, vamos dar uma volta.

— Tudo bem, vou tomar um banho.

— Vou esperá-la no estúdio.

Beijei-a em despedida e saí. Trouxe a câmera comigo para descarregar as fotos que fiz ainda a pouco, queria trabalhar nelas e imprimi-las o mais breve possível. Organizei as mais bonitas e já

separei para impressão, minutos depois ela entrou no estúdio, seu cheiro adocicado espalhou-se pelo ambiente. Ela estava com calças jeans simples, uma camiseta básica, jaquetas e tênis, pronta para ser minha passageira na moto. Caminhei ao seu encontro e beijei seus lábios macios.

— Está linda, ou melhor, você é sempre linda.

— Você também, minha vida.

— Pensei em visitar a Júlia, lá perto tem uma pracinha e podemos tomar um sorvete juntos, o que acha?

— Ótimo — ela concordou com um sorriso lindo.

Saímos em direção ao abrigo de moto, a noite estava perfeita para ocasião, e tudo conspirou ao nosso favor, o clima estava ótimo, o trânsito rápido e até Helena estava um pouco mais animada.

Próximo do abrigo, o trânsito estava bloqueado bem na esquina de uma das ruas de acesso ao abrigo, tinha viaturas de polícia, viatura de remoção

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de cadáver e até veículos de imprensa. Havia muita gente circundando uma área isolada por fitas zebradas, não havia possibilidade para prosseguirmos de moto, não por enquanto. As ruas de acesso estavam totalmente bloqueadas e só conseguiríamos seguir a pés. Parei a moto um pouco distante, e resolvi apurar o ocorrido.

— Fique aqui um instante, vou ver o que está acontecendo.

— Tudo bem.

Aproximei-me da multidão e ouvi alguns populares conversando, tratava-se de um assassinato. Consegui ver o corpo estendido no chão, isolado em uma calçada, coberto por um lençol, vários legistas estavam trabalhando próximo do cadáver. Aproximei-me ainda mais e vi um policial concedendo entrevista à uma emissora de TV, tentei ouvir o que ele dizia para entender do que se tratava. Meu sangue gelou ao ouvir claramente nome da vítima: Valéria Azevedo Martins.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

Helena

Encostei-me na moto e fiquei observando o movimento, muitas pessoas indo e vindo do local isolado. Saulo demorou alguns minutos, e eu já estava preocupada com a demora dele, peguei o celular para ligar, mas antes de discar o vi retornando. Guardei o celular no bolso e sorri ao vê-lo, mas não recebi um sorriso em retribuição, pelo contrário, seu semblante estava tenso e as sobrancelhas arqueadas, era um claro sinal de que havia algo errado, fiquei tensa ao ler os sinais do seu corpo. À medida que ele se aproximava, minha tensão só aumentava, antes mesmo que ele dissesse algo, questionei nervosa:

— O que aconteceu?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi um feminicídio, a polícia está trabalhando na remoção do cadáver — ele fez uma pausa, passou a mão direita pelo cabelo, respirou longamente e era como se buscasse palavras mais amenas para dizer algo difícil, logo continuou: — Eu conversei com o policial responsável e ele me levou até o cadáver e eu reconheci a vítima é a Valéria, mãe da Maria Júlia.

— Meu Deus!

O ar me faltou momentaneamente, pousei a mão na testa e imediatamente as lágrimas escorreram pelo meu rosto, a imagem da pequena Júlia me veio na mente, ela era uma criança tão doce e amável e doía só de pensar que ela estava órfã. Sem contar que em todos os anos do abrigo Vera Machado, nunca aconteceu nada de grave com nenhuma de nossas abrigadas, Valéria foi a primeira.

— Precisamos falar com o policial para realizarmos o reconhecimento oficial e tratarmos da liberação do corpo para o velório — Saulo falou e me abraçou.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, precisamos.

Saulo pegou minha mão, e saímos em direção ao local do crime, passamos com dificuldade pela multidão de espectadores, finalmente conseguimos chegar ao policial responsável pelas investigações. Olhei para a área isolada e vi o corpo dela estirado na calçada, uma poça de sangue em torno, manchando o lençol branco que o encobria. Distraí-me olhando apática para os legistas anotando com toda frieza e naturalidade, de que já estão habituados, os detalhes do crime.

Relembrei da última conversa que tivemos, quando em uma visita à Júlia, enquanto Saulo ensinava a pequena montar em sua moto e simulava uma aula básica de pilotagem, eu e Valéria os observávamos do jardim do abrigo:

— *A Ju gosta muito de vocês, fala com muito carinho de vocês dois, não sabem o quanto esse carinho e amizade tem feito bem para ela. Minha filha pouco falava, não fazia coisas de criança, estava tão acostumada a me ver ser agredida que cresceu intimidada e triste. Aqui ela pode ser*

criança, têm carinho e atenção redobrada, obrigada, Helena.

— Não precisa agradecer, também gostamos muito dela, e fique tranquila que sempre estaremos de portas abertas para recebê-las. Como estão os seus estudos?

— Estão indo bem, eu estou tão empolgada, gostei de trabalhar com estética, e já sonho em abrir o meu espaço de beleza quando retornar para a minha cidade natal. Quero trabalhar, sustentar a minha filha, poder ajudar a minha mãe e se Deus permitir, vou conseguir.

— Claro que vai, Valéria. Depende de você.

Acompanhei a remoção do cadáver, em completo silêncio, apenas observando o trabalho dos legistas apática e ainda em choque pelo ocorrido. Pouco a pouco a população aglomerada começou a se dispersar e os policiais desobstruíram as ruas interditadas por viaturas e carros de imprensa. Saulo permanecia segurando minha mão

PERIGOSAS ACHERON

e conversando com alguns policiais sobre o caso, pouco prestei atenção no teor da conversa, eu estava aérea e abalada com a morte prematura de Valéria, ela tinha tantos planos e lamentavelmente teve sua vida ceifada, sem contar que deixou uma filha tão pequena, que precisará de muito apoio para enfrentar esse momento doloroso.

— Helena, os policiais nos orientaram a comparecer ao IML para tratarmos dos trâmites legais, e também peguei o telefone do delegado responsável pelo inquérito. O que tudo indica é que ela foi morta por uma arma branca, eles conversaram com uma testemunha que presenciou o crime, ela disse que um homem desferiu os golpes e fugiu sem levar nada, reforçando as suspeitas que tenha sido um crime premeditado.

— Estou certa que foi, não foi um latrocínio, está na cara, ela tinha uma medida protetiva contra o ex-companheiro, não duvido nem um pouco que ele tenha sido o mandante ou até mesmo o executor.

— Precisamos acionar a Patrícia e a advogada

do abrigo para que possam comparecer na delegacia, o depoimento delas contará muito para que o ex-companheiro seja investigado. — Saulo acrescentou.

— Sim, sim, vamos para lá. Ainda tem a Júlia, vai ser muito difícil para ela, precisamos estar perto quando ela receber a notícia, ela tem muito carinho por nós dois, será fundamental que estejamos perto para apoiá-la.

— Sem dúvida.

Saulo trocou mais algumas palavras com o policial e se despediu brevemente, depois retornamos até a moto e fomos direto para o abrigo. Ao chegarmos, Patrícia nos recebeu alegremente, pelo semblante dela, ainda não sabia de nada.

— Boa noite, Patrícia, precisamos conversar com urgência — ela arregalou os olhos e me encarou com preocupação.

— Aconteceu alguma coisa grave?

— Sim, vamos até a sua sala.

Entramos e conversamos rapidamente, contei o ocorrido e o que Saulo havia apurado, pedi que ela acionasse a doutora Adriana, minha advogada particular e que também auxiliava em alguns casos no abrigo quando necessário, e a Dhúlia, psicóloga, precisávamos contar para Júlia. Patrícia ligou da sala mesmos e enquanto decidíamos algumas questões sobre o enterro de Valéria, a doutora Adriana e Dhúlia chegaram.

Patrícia e Adriana se prontificaram em tratar da liberação do cadáver e velório, juntamente com um dos vigilantes do abrigo que presenciou o ex-companheiro de Valéria algumas vezes abordando-a nas proximidades do abrigo, seu depoimento também teria grande valia, bem como seria útil para o reconhecê-lo se necessário.

Júlia estava na sala de TV, assistia desenho com outras crianças e duas monitoras. Algumas mães faziam cursos profissionalizantes ou concluía seus estudos no período da noite, era o caso de Valéria, ela estava a caminho do curso de esteticista que havia começado quando foi assassinada. Enquanto as mães se qualificavam as crianças

abrigadas ficavam com monitoras até o retorno das mães. Saulo me acompanhou, quando chegamos na porta da sala, Júlia nos avistou e correu para nos cumprimentar, tão linda e cheia de vida que meu semblante de preocupação rapidamente foi desfeito, dando lugar a um sorriso de felicidade ao ver o rostinho dela radiante.

— Tia Helena, tio Saulo, estava com saudade de vocês, pensei que tinham esquecido de mim. Por que demoraram tanto para voltar?

— A tia Helena teve que visitar os parentes lá no Sergipe, é muito longe daqui, por isso demoramos para voltar, o tio Saulo foi junto comigo, mas estamos aqui para vê-la, como está, princesa? — disse e retribuí o seu abraço fraterno.

Saulo a abraçou e beijou sua testa. Depois, seguramos em sua mão e a levamos para a sala de Dhúlia, que já estava nos aguardando para darmos a notícia para Júlia. Era uma sala bem colorida, cheia de elementos lúdicos e brinquedos. Ao entrarmos ela correu para abraçar Dhúlia. Júlia era uma menina muito dócil e Dhúlia tinha muito jeito com

as crianças. Elas se cumprimentaram, depois nos sentamos.

Dhúlia contou algumas historinhas sobre anjos, estrelas, tentou explicar algo sobre as escolhas divinas, para afunilar o assunto para o que pretendíamos contar. Saulo segurou minha mão ternamente e vi em seus olhos marejados que a preocupação com a reação de Júlia, era a mesma que eu tinha. Por fim, Dhúlia fez um sinal com a cabeça para que eu começasse a falar.

— Você sabia que Deus chama as pessoas boas para serem anjos ao lado dele lá no céu? — perguntei para Júlia.

— Sei sim, a minha mãe sempre me falou isso — Júlia respondeu.

— Você é uma menina muito esperta e corajosa, sabia? — Saulo disse.

Aproximei-me um pouco mais de Júlia e alisei seus cabelos.

— A tia Helena estava no Sergipe porque o

PERIGOSAS ACHERON

papai do céu chamou o meu pai para ser um anjo, lá no céu ao lado dele.

— Agora você tem dois anjos da guarda, não é, tia?

— Sim, tenho certeza que ele está feliz lá no céu e eu também, sei que ele agora estará em paz. Júlia, olhe para mim — peguei suas pequenas mãozinhas e as apertei. — O papai do céu precisou de um novo anjo ao seu lado, mas tinha que ser alguém muito especial e inteligente e então ele levou a sua mamãe.

Os olhinhos da pequena encheram-se de lágrimas imediatamente ela me abraçou forte e chorou copiosamente no meu colo. Mantive-a no meu abraço, até que ela se acalmasse um pouco mais, não tive como conter as lágrimas e chorei junto com ela. Saulo saiu brevemente da sala e quando retornou trouxe consigo um copo e uma jarra com água.

— Por que, tia? Por que a minha mãe? — Júlia perguntou entre soluços.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu amor, ela era uma mulher muito especial e o papai do céu estava precisando muito dela nesse momento — tentei consolá-la.

Saulo me entregou o copo com água e eu ofereci para Júlia que não saiu um só instante dos meus braços.

— Beba um pouco de água, princesa — pedi.

— Por que Deus levou a minha mãe, tia? Quem vai cuidar de mim agora?

As perguntas de Júlia me cortaram o coração, a tal ponto que não as respondi mais, apenas tentei cercá-la de muito carinho. Saulo estava emocionado e nos abraçou ternamente, disse-lhe algumas palavras de conforto e ficamos os três emocionados e chorosos na sala.

Ao perceber que ela estava mais calma, dispensei Dhúlia, e ficamos apenas os três no quarto em que ela dormia com a mãe, tentamos falar de outros assuntos, desenhar, contar historinhas, entre outras atividades que pudessem deixá-la mais alegre.

PERIGOSAS ACHERON

Jantamos no abrigo, Júlia estava mais serena, ainda abalada, mas já estava mais conformada, retornamos para o quarto dela. Deixei-os por alguns minutos com Saulo enquanto ligava para Patrícia, queria saber notícias. Saí do quarto e liguei do corredor mesmo:

— Oi, Helena.

— Patrícia, como estão as coisas?

— Tudo certo, já estou providenciando o velório, achei melhor realizarmos na capela do cemitério, o que acha?

— É melhor mesmo, alguma novidade sobre o assassino?

— Sim, a polícia conseguiu imagem das câmeras de vigilância da rua e conseguiu identificar o meliante, nosso vigilante e a testemunha o reconheceram, foi o ex-companheiro dela. A prisão preventiva dele já foi decretada, fizeram busca no endereço dele, mas ele não foi encontrado, portanto já é considerado um foragido da justiça.

— Ótimo, espero que pague pelo que fez.

— A doutora Adriana está em contato direto com o delegado responsável e poderá dar mais detalhes. Eu já estou acertando os últimos detalhes do velório e enterro, em seguida retorno para o abrigo.

— Tudo bem, você tem contato com os familiares da Valéria?

— Ela era do Piauí, mas não sabemos muita coisa, mas vou procurar nos pertences pessoais para ver se acho algo, o celular dela ficou com a polícia para ser periciado.

— Tudo bem, faça isso. Obrigada.

— Tchau, Helena.

— Tchau, Patrícia.

Retornei para o quarto, ela estava sorrindo de um desenho que Saulo tinha feito, mais ainda estava com os olhinhos vermelhos de tanto que chorou. Sentei ao lado dos dois e ela ao perceber

PERIGOSAS ACHERON

minha presença, falou:

— Tia, eu não vou mais chorar, minha mãe dizia que quando Deus nos tira um anjo, ele põe outros na nossa vida, você e o tio Saulo são os meus anjos.

— Sim, meu amor, fique tranquila que cuidaremos de você, ficará aqui conosco até ser decidido o melhor para você.

— Eu não quero ir embora, tia, eu gosto daqui.

— Não se preocupe com isso por enquanto, isso é assunto e gente grande. Mas tenha certeza que todos nós queremos o melhor para você.

— O melhor para mim é ficar perto de você e do tio Saulo.

Sorri e alisei o seu rostinho, nós nos afeiçoamos tão rapidamente, que pensar que ela poderia partir do abrigo me entristecia. Abracei-a por alguns instantes e Saulo nos abraçou também, ficamos os três abraçados, nessa troca de carinho e ternura mútua. Ficamos no abrigo até ele pegar no sono e

PERIGOSAS ACHERON

termos certeza que ficaria bem. Já era madrugada quando retornamos para casa.



Duas semanas depois...

Diariamente vínhamos ao abrigo visitar a Júlia, ela estava recebendo acompanhamento psicológico, já estava bem mais conformada e até tinha retornado a rotina normal de escola, atividades e brincadeiras. A família de Valéria não foi encontrada, por isso foi sepultada aqui em Guarulhos mesmo, foi um velório rápido e muito triste, Júlia pediu para se despedir da mãe antes do sepultamento, levamos ela por alguns minutos, fiquei ao seu lado e retornamos para o abrigo antes do velório acabar, não queria que ela acompanhasse até fim, seria menos doloroso. Apesar de triste, ela

já estava conformada e dizia que sua mãe agora era o seu anjo da guarda. Júlia permanecia no abrigo, apesar de não abrigarmos menores sem as mães, abrimos exceção em decorrência dos acontecimentos. A pequena ficaria sob nossa guarda, recebendo nossos cuidados até a justiça determinar o seu futuro.

Frequentemente levávamos Júlia para passear nas redondezas do abrigo, inclusive no domingo em que almoçamos na fazenda com a família de Saulo, conseguimos uma autorização judicial especial para levá-la conosco. Ela como sempre, encantou todos com a sua docilidade, Solange a adorou e concordou com o nosso desejo de que ela fosse nossa daminha. Foi um almoço incrível, acertamos alguns detalhes do nosso casamento, bem como o jantar que faríamos somente para alguns convidados bem próximos. Solange tinha muito bom gosto e estava colaborando muito na organização e felizmente estávamos nos entendendo muito bem.

Depois que retornamos do Sergipe, não encontrei pessoalmente com Alberto, a pedido de

Saulo, que embasou sua rogativa devido às recentes descobertas do investigador de polícia. O verdadeiro nome do suposto sócio Rogério era Pedro Nunes, quanto ao Alberto, ainda não tinham encontrado nada de concreto, mas logo saberíamos com o exame de DNA. Repassei a reponsabilidade de qualquer necessidade que ele tivesse para o escritório de advocacia da doutora Adriana. Alberto alegou que fazia uma especialização aqui em São Paulo e por isso necessitava de ajuda financeira, não pediu diretamente, mas deixou bem claro que precisava de dinheiro em uma das poucas vezes que nos falamos por telefone. Autorizei minha advogada a transferir para ele um montante considerável, com posse dos dados bancários, repassei ao investigador de polícia para dar continuidade nas investigações. Alberto me procurou algumas vezes na HML, mas não o recebi, orientei Juliana a dizer que eu estava extremamente atarefada e não poderia dar-lhe atenção, por sorte ele compreendeu, ou pelo menos fingiu muito bem. Ainda recebo mensagens quase que diariamente dele e algumas vezes ligações, atendo quando estou bem desocupada com cortesia e educação, mas logo procuro uma desculpa

educada e o dispenso.

Independentemente do resultado do teste de DNA, do qual estou a cada dia mais certa que será negativo, solicitei à doutora Adriana que fizesse um novo testamento, antes os meus bens seriam destinados para o abrigo Vera Machado e para o verdadeiro Alberto, mas agora que reencontrei minha família, destinei parte do que conquistei a minha mãe, aos meus irmãos, sobrinhos, Saulo, para o abrigo e para o verdadeiro Alberto, caso seja encontrado, e se ele não for encontrado a parte que lhe cabe será revertida integralmente para o abrigo Vera Machado.

Todos os dias eu falava por telefone com a minha mãe, com Heloísa e de vez em quando com Hélio. Eu estava muito feliz por ter notícias deles frequentemente, esse contato com todos me fazia bem, Saulo sempre esteve certo, a família é uma parte fundamental de nós.

Finalizei mais um expediente de trabalho, Saulo já estava me aguardando no estacionamento, desci rapidamente, tive um dia cheio e estressante e

estava louca para estar nos braços do meu futuro marido. Recolhi minha bolsa e passei por Juliana na recepção cantarolando alegremente.

— Ah! — ela soltou um suspiro. — O amor é lindo, amo essa versão de Helena apaixonada.

— Sua boba, estou feliz, não posso?

— Claro que pode, deve e merece, Helena.

— Obrigada, Ju, passar bem e até amanhã.

— Passe bem você também, até amanhã.

Caminhei até o elevador, apertei o botão e aguardei pacientemente o sinal sonoro indicativo de sua chegada, enquanto isso, olhei o celular rapidamente e tinha uma mensagem da minha advogada, abri e era uma matéria policial de um portal de notícias, abri rapidamente o *link*, noticiava a morte de um foragido da justiça, ele foi morto em uma troca de tiros com a polícia após resistir prisão e tentar empreender fuga. Logo abaixo da notícia, ela colocou uma sucinta mensagem: “*O foragido em questão era o assassino da Valéria.*”

O elevador abriu as portas e fui surpreendida por Saulo no interior segurando uma rosa vermelha e me encarando lindamente, o sorriso dele era tão sedutor que me arrepiou completamente, fiquei presa no brilho dos seus olhos.

— Boa tarde, senhora Alvarez. — Ele disse estendeu a mão para mim.

— Boa tarde, senhor Alvarez.

Entrei no elevador, Saulo beijou minha mão, passou a rosa lentamente pelo meu rosto e quando as portas se fecharam, colou nossos corpos e tomou meus lábios em um longo beijo.

— Estava com saudades — Ele disse, beijou a rosa e me entregou.

— Eu também, minha vida.

Trocamos beijos e abraços sôfregos até chegarmos na garagem, depois Saulo me conduziu até o carro, abriu a porta para mim como sempre fez e depois entrou ao meu lado. Afivelou o cinto, mostrou-me mais uma vez seu sorriso encantador e

PERIGOSAS ACHERON

partimos. Durante o trajeto contei-lhe sobre o meu dia e ele sobre o seu, falei da morte do assassino de Valéria e fomos direto para o abrigo, como fazíamos diariamente após a morte de Valéria.

Ao chegarmos, Júlia estava brincando de boneca com duas meninas no jardim da casa, ao nos ver, largou as bonecas e as coleguinhas e correu em nossa direção. Era lindo vê-la sorrindo, mesmo que por breves minutos, transmitia sua docilidade intrínseca e a inocência pertinentes à sua idade.

— Oi, tia. — Júlia me abraçou.

Ajoelhei-me para melhor receber o seu abraço, depois ela pulou no colo de Saulo e fez uma sequência de diversos cumprimentos que só os dois sabiam a ordem correta.

— Como você está, Jujuba? — Saulo perguntou.

— Bem, tio, estava com saudades de vocês.

— Nós também, querida — acrescentei
PERIGOSAS ACHERON

alisando seu rostinho macio. — Quer comer churros daquele cheio de brigadeiro que você adora?

— Quero, quero, muito, tia. — Júlia gritou animada saltitando de felicidade.

Sáímos os três a pés mesmo, a pracinha ficava a poucos quarteirões do abrigo, conversamos, comemos os churros preferidos da Júlia, compramos balões coloridos para ela e cerca de uns vinte minutos depois retornamos para o abrigo. Ficamos mais alguns minutos na companhia dela e por fim nos despedimos, ela sempre nos acompanhava até o portão e nossas despedidas ocorriam sob muitos protestos, nossa companhia fazia muito bem para ela e para nós também. Aproximamo-nos muito e tão rapidamente, principalmente após a morte da mãe dela, tínhamos uma relação de carinho e amizade muito forte e verdadeiro.

— Fique com Deus, princesa — beijei sua testa.

— Tchau, heroína Jujuba. — Saulo disse e

começaram a realizar os cumprimentos deles, que a cada dia ficavam mais longos.

Depois dos cumprimentos, viramo-nos para sair e Júlia nos chamou.

— Tia e tio, posso fazer um pedido?

— Sim, é claro — respondi voltando-me para ela outra vez.

— O que você quiser — Saulo acrescentou.

Ela estendeu as duas mãos para nós, seguramos e nos abaixamos para melhor ouvir o que ela tinha a dizer. Ela baixou a cabeça, como se estivesse intimidada ou procurando as palavras corretas para falar, continuamos de mãos dadas, eu de um lado e Saulo do outro, ela respirou profundamente e disse serena:

— Vocês, aceitam ser meus pais de coração?

Fiquei atônita, foi um pedido tão sincero que me deixou sem palavras, não soube o que responder momentaneamente. Fitei seus olhinhos meigos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

brilhantes como duas jabuticabas, as palavras dela continham tanta verdade que me deixaram comovida, despertaram sentimentos que eu nunca senti: amor materno.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

Saulo

Helena ficou emocionada diante do pedido da Jujuba, confesso que eu também, era um pedido carinhoso, devido à amizade e a nossa aproximação recente nos últimos dias, mas estava certo de que era de coração, puro e verdadeiro. Eu a adorava e tinha certeza que Helena também, embora ainda não fosse parte dos nossos planos adotar um filho nesse momento, não poderíamos recusar um pedido tão singelo desses, afinal não é todos os dias que somos escolhidos por uma criança para ser seus pais.

— Você completaria nossa felicidade, Jujuba, eu aceito ser seu pai de coração, vamos saber se a

tia Helena aceita? — Viramo-nos para Helena.

Helena estava em silêncio, olhando-nos emocionada, seus olhos azuis brilhavam intensamente, Júlia ficou desapontada ao vê-la em silêncio e tentou se justificar, achando que Helena não tinha gostado do pedido:

— Tia, é que você e o tio Saulo vão casar e eu pensei que talvez quisessem ter uma filha, sei que eu já sou uma mocinha e é melhor ter um bebê, né? Mas eu prometo que vou...

— Não precisa se justificar, princesa, meu silêncio não é uma recusa e sim pela emoção que você me proporcionou com esse pedido, estou muito honrada e feliz e é óbvio que eu aceito ser a sua mãe.

Júlia abriu um sorriso tão lindo, digno de uma bela foto, pena que estava desprevenido, coisa que raramente acontece. Fiquei emocionado ao vê-la pular nos braços de Helena. Júlia era uma menina muito especial e nossa amizade se intensificou bastante após a morte da mãe. Saber que ela estava

nos escolhendo como pais, era uma honra para mim que encararia com muita responsabilidade ao lado de Helena, tinha certeza que juntos formaríamos uma família muito feliz, ela viria para somar e completar nossa alegria.

— Olha só, as coisas não são tão simples assim, você está órfã, mas para que eu e o Saulo sejamos seus pais adotivos, há uma série de processos legais que temos que respeitar, você entende?

— Sim — Júlia respondeu pensativa.

— Eu e o tio Saulo prometemos que vamos fazer tudo o que for possível para tornar isso legal, porque verdadeiro sabemos que já é, o primeiro passo já foi dado, nós construímos um sentimento e laços inquebráveis, aconteça o que acontecer, sempre teremos você em nossos corações.

— Isso é verdade — confirmei.

— Eu estou tão feliz, não sei nem como explicar. — Júlia comentou com um sorriso largo iluminando seu rostinho.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos ter calma, não quero que fique triste, caso não consigamos — Helena tentou conter a euforia da Jujuba.

— Vai dar certo, tia, meu anjo da guarda me contou.

Sorrimos do seu entusiasmo, despedimo-nos outra vez dela e caminhamos até o carro para retornarmos para casa. Helena tinha um sorriso tão bonito nos lábios, claramente feliz com a possibilidade de adotarmos a Júlia.

Abri a porta do carro para ela entrar e depois entrei, coloquei o cinto de segurança, liguei o som do carro em um volume baixo e partimos.

— Está feliz? — perguntei para Helena que estava pensativa.

— Sim, muito. Mas, estou tentando não ficar muito eufórica, sabe que essas questões burocráticas nem sempre terminam como desejamos. Adoraria adotá-la, já pensou? Maria Júlia Oliveira Alvarez, nossa filha?

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, um lindo nome como a futura mãe.

— E o futuro pai também — Helena alisou minha perna. — Preciso falar com a doutora Adriana, ela poderá nos ajudar com isso.

— Certo, marque uma reunião, quero participar de tudo.

— Tudo bem.

Durante o trajeto o único assunto da nossa conversa foi sobre a pequena Júlia, nossa futura filha, se tudo corroborasse com nossos anseios. Planejamos tantas coisas legais, diversos programas e viagens a três. A conversa estava tão interessante que chegamos em casa rapidamente, pedimos comida chinesa, jantamos e depois nos sentamos no sofá para planejarmos nosso futuro familiar.

Decidimos comprar uma casa, Helena queria jardins e bastante espaço para Júlia brincar e quem sabe termos animais de estimação, talvez até um cachorrinho como o Pipoca que Júlia teve, ligamos para um corretor e informamos o nosso desejo, logo, logo começaríamos escolher nosso lar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Helena ligou para a doutora Adriana e marcamos uma reunião com ela para o dia seguinte, logo cedo. Estávamos ansiosos para iniciar o processo de adoção da nossa garotinha.

Depois da reunião com a doutora Adriana, procuramos a Vara da Infância e da Juventude, conforme a orientação dela, fizemos uma entrevista preliminar e logo nos pediram a documentação necessária para iniciar o processo, já estávamos com tudo em mãos, para agilizar o máximo que pudéssemos.

Helena era muito conhecida pelos funcionários da Vara, das assistentes sociais à juíza que vieram nos cumprimentar. Helena tinha bastante contato com todos por conta do abrigo Vera Machado. Fomos muito bem recepcionados e atendidos com muita cortesia, fizemos todos os processos legais e ainda pedimos para permanecer no cadastro de adoção, pretendíamos adotar outro filho futuramente, quem sabe não adotamos o Samuel, conforme o desenho de Júlia. Saímos de lá felizes e com o coração cheio de esperanças.

PERIGOSAS ACHERON

Deixei Helena na sede da HML, ao chegarmos no estacionamento, acompanhei-a como todos os dias até o elevador.

— Tenha um bom dia de trabalho, minha Helena.

— Você também, minha vida. Estou tão feliz e confiante, tenho certeza que conseguiremos a guarda da nossa Júlia.

— Sim, eu também estou confiante. —
Confirmei e alisei seu rosto.

Trocamos alguns beijos e quando as portas do elevador se abriram, Helena entrou e acenou mais uma vez antes das portas se fecharem, de posse do seu melhor sorriso, claramente feliz. Retornei para o carro e segui para o meu estúdio, tinha algumas sessões pela manhã, que tive que adiar por conta dos compromissos de hoje cedo.

O trânsito fluiu muito bem, felizmente consegui chegar rápido, estacionei meu carro e subi direto para o estúdio. Quando cheguei havia algumas pessoas na recepção, cumprimentei rapidamente

PERIGOSAS ACHERON

com um bom dia e passei direto para minha sala.

Avistei rapidamente dois cenários ocupados, Flávio e Arthur já estavam na ativa. Liguei meu *notebook*, tinha algumas fotos para tratar e outras para avaliar e escolher as melhores para enviar aos clientes. Logo Vanessa bateu na porta e entrou.

— Saulo, tem uma senhora aguardando para falar com você, ela disse que é de uma importante galeria de arte de São Paulo.

— Sério? Peça para ela entrar, por favor, Vanessa.

— Certo.

Vanessa saiu e minutos depois retornou acompanhada de uma mulher de porte elegante, alta e muito bem vestida. Ela estava na recepção quando cheguei, carregava uma pasta de documentos e entrou em minha sala sustentando um sorriso gentil. Estendeu-me a mão em cumprimento e disse:

— Bom dia, senhor Saulo, sou Alessandra
PERIGOSAS ACHERON

Moura, curadora da galeria *Arte in loco* de São Paulo, creio que já deve ouvido falar de nosso trabalho, estou certa?

— Sim, é claro, sente-se por favor — orientei apontando para cadeira, depois de cumprimentá-la.

— Bem, estamos procurando um fotógrafo para realizarmos uma exposição na nossa galeria, faremos uma semana especial destinado à fotografia, e recentemente descobri o seu trabalho por meio de uma foto sua que foi capa de uma revista de modas, fiquei muito impressionada com o seu trabalho, claro que depois pesquisei mais sobre você e vi seu portfólio no seu site, quanto talento!

— Obrigado.

— Como ia dizendo, queremos convidá-lo para expor conosco, o que acha?

— Alessandra, é um convite muito interessante, sem dúvidas, mas minhas fotos possuem a minha marca, demonstram muito a minha característica como artista, não costumo fotografar paisagens ou

PERIGOSAS ACHERON

monumentos, gosto mais de fotografar pessoas, não sei se será interessante para vocês.

— Perfeitamente, e foi isso que me trouxe até aqui, é nítido que você faz isso com paixão, suas fotos são expressivas, emocionantes e mostram algo que nossos olhos não conseguem capturar. Esse é o seu diferencial, Saulo.

— Obrigado pelos elogios, como disse é um convite muito interessante, mas não sei se lido bem com um curador dizendo qual o melhor ângulo ou luzes para fotografar, gosto de liberdade para agir, se é que me entende.

— Claro que entendo e é isso que o destaca dos demais artistas como você, não estamos encomendando fotos para uma exposição, quero usar as que você já fez, e você terá a liberdade necessária para decidir absolutamente tudo, da temática ao enquadramento, confio no seu talento e foi isso que me trouxe aqui.

— Eu gostei da sua proposta. Para quando seria essa exposição?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Primeiro precisamos trabalhar na temática da exposição, divulgação do seu nome, portfólio, organização do evento e entre outros detalhes, mas temos pressa, temos um mês para selecionar as fotos e definirmos o tema, acha que consegue selecionar as fotos que deseja expor em quanto tempo?

— Acho que em uma semana ou duas talvez.

— Perfeito, vou deixar meu telefone de contato — ela pegou um cartão de visita na bolsa e me entregou. — Aqui tem o meu telefone celular, o da galeria e o meu e-mail pessoal, você pode ir selecionando as fotos e me enviando aso poucos, posso te ajudar na escolha. O que acha?

— Certo, começarei em breve, alguma sugestão para o conteúdo das fotos?

— Deixo sob sua total responsabilidade, apenas sugiro que selecione fotos com algum elemento de ligação entre si. Estamos acordados, então?

— Sim, é claro.

PERIGOSAS ACHERON

— Preciso do seu e-mail de contato para enviar a minuta do contrato e as demais informações que precisa saber, principalmente com relação aos percentuais que o artista tem direito, que adianto que são um dos melhores praticado no mercado.

Peguei um cartão de visita na gaveta e o entreguei.

— Ótimo, agora vou deixá-lo trabalhar, foi um imenso prazer conhecê-lo, Saulo.

— O prazer foi meu, Alessandra, agradeço muito pela oportunidade.

— Não é uma oportunidade, é o início de uma excelente parceria, Saulo, graças ao seu talento, estou certa que essa exposição será um sucesso.

Ela levantou-se e eu a acompanhei até a porta do estúdio. Despedimo-nos rapidamente e eu retornei para minha sala animado, precisava contar para Helena, era um convite muito especial, a galeria que ela representa é uma das mais importantes do país, sem contar que teria liberdade para escolher o tema e as fotos para expor, isso sem

PERIGOSAS ACHERON

dúvida é uma prova de que confiam no meu talento.

Peguei o celular e liguei para Helena, chamou duas vezes e ela atendeu:

— Oi, minha vida, saudades?

— Sempre, liguei para dizer que te amo muito.

— Eu também te amo, minha vida. Tenho uma novidade ótima, até parece que advinha, eu já ia te ligar para contar. O corretor acabou de me ligar, ele encontrou três propriedades com as características que desejamos e sabe o melhor? São nas proximidades do seu estúdio.

— Ótimo, quando podemos visitá-las?

— Agendei para hoje no final da tarde, pensei em levar a Júlia conosco, tudo bem com o horário?

— Claro, perfeito. Eu também tenho uma novidade.

— Sério? Qual? — ela perguntou curiosa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fui convidado para expor minhas fotografias em uma das galerias mais importantes do país.

— Nossa! Parabéns, minha vida, estou muito orgulhosa de você, sei o quanto é talentoso e merece muito uma exposição — Helena disse eufórica, nitidamente feliz pela minha conquista.

— Obrigado, minha Helena, estou muito feliz com o convite, precisamos comemorar as boas novas.

— Com toda certeza, o que acha de fazermos uma viagem rápida esse final de semana? Só nós dois, enquanto ainda podemos, logo, logo seremos pais e teremos outras responsabilidades com a nossa filha. Pensei que pudéssemos ir para Campos do Jordão, sempre desejei conhecer a cidade.

— Eu adoraria, passar o fim de semana inteiro na sua companhia, alugaremos um chalé em uma área montanhosa com uma vista esplêndida, bem deserta e distante, precisamos levar comida o suficiente para os dois dias, porque não quero te largar um só minuto.

PERIGOSAS ACHERON

— Assim você só vai me deixar mais ansiosa. Eu te amo tanto, Saulo. Minha vida mudou muito depois que você entrou nela, amo sua companhia, seu carinho comigo, minha vida ganhou cores depois que você chegou.

— Eu também te amo, Helena, almoçaremos juntos hoje?

— Óbvio que sim, não consigo ficar muito tempo sem o calor dos seus braços.

— E eu sem o gosto dos teus lábios. Tchau, minha Helena.

— Tchau, minha vida.

Encerrei a ligação ainda em completo êxtase, a exposição representaria, sem dúvida, um marco na minha carreira. Abri a pasta que catalogava minhas fotos para começar a procurar algo que desejasse expor, tinha muita coisa para avaliar, fotos das quais eu nem recordava mais, precisava analisar as melhores, mais emblemáticas e que me emocionassem de certo modo, tenho certeza que se escolher com o coração a exposição será um

PERIGOSAS ACHERON

sucesso.

Detive-me a manhã quase toda nessas escolhas, parei somente para as sessões que já estavam agendadas e depois retornei focado em procurar algo que fosse significativo e emblemático, capaz de emocionar e ao mesmo tempo que tivesse uma conexão boa entre si. Analisei tantas fotos que quando dei por mim, já faltavam poucos minutos para o meio-dia, peguei meu celular e as chaves do carro e saí para buscar Helena para almoçarmos.

Por sorte não enfrentei engarrafamentos e consegui chegar a tempo e sem atrasos. Mal estacionei e Helena saiu do elevador, veio logo em minha direção, desci do carro para abrir a porta para ela, trocamos um beijo rápido e depois entrei e saímos em direção ao nosso restaurante favorito. Nosso almoço foi rápido, conversamos bastante, Helena estava muito empolgada com a visita que faríamos as casas que pretendíamos comprar, falou um pouco do seu trabalho, os novos contratos que celebraram e sobre o sobrinho economista, ele estava fazendo um bom trabalho na filial de Aracaju, Helena estava muito orgulhosa dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Após o almoço, retornamos para a HML, trocamos beijos mais sôfregos e carícias mais intensas dentro do carro, no estacionamento, para enfim eu deixá-la subir. Eu a desejava com loucura e a venerava como uma deusa, Helena era uma mulher inigualável, única e tão linda, quanto à sua alma que reluzia seu brilho e me encantava.

— Preciso ir, Saulo — ela disse rindo do meu modo de agarrá-la, para mantê-la um pouco mais nos meus braços.

— Eu sei, só mais um beijo — pedi e a beijei longamente.

— Guarde um pouco desse desejo para o nosso final de semana. Eu te amo, Saulo.

Ela saiu do carro e fechou a porta, desci e acompanhei-a pousando meu braço na sua cintura, unindo nossos corpos mais uma vez. Nos últimos dias Helena esteve tão leve, tão linda que sorria com tanta graça que me prendia em seu olhar e riso contagiante. Bem como eu também, amar sem dúvida nos engradece como seres humanos,

PERIGOSAS ACHERON

alimenta nossa alma e aquece nosso coração. Nós estávamos plenamente felizes.

— Vou buscar a Júlia e te encontro aqui no estacionamento às 18h.

— Ok, tudo bem, até mais tarde — Helena alisou meu rosto e me deu um beijo.

— Até mais, minha Helena — retribuí seu beijo com outros beijos.

Retornei para o carro e segui para o meu apartamento, tratei de me ocupar em olhar novamente as fotos das quais eu tentava estabelecer uma ligação plausível. Cerca de duas horas depois, meus olhos ardiam de tanto que fiquei vidrado procurando apático e sem um pinga de emoção por algo que me despertasse emoções, eram muitas fotos boas, mas não me emocionaram ao ponto de escolhê-las.

Levantei, abri a janela para ouvir um pouco do som da cidade: o barulho dos motores, as buzinas ensurdecedoras, misturando-se com os outros sons peculiares de uma típica tarde de quarta-feira em PERIGOSAS ACHERON

pleno horário de expediente. Peguei uma cerveja no frigobar, arrastei uma cadeira até a janela, sentei-me de frente para a rua, encostei a cerveja na minha têmpora, fechei os olhos e permiti que o frio da bebida aliviasse lentamente minhas preocupações. Tentei esvaziar a mente por um minuto, não pensei na exposição, apenas relaxei. Bebi lentamente a cerveja, estava bem gelada e pouco a pouco fui me livrando da fadiga e do estresse. Bebi o último gole e fechei a janela, já estava mais disposto e antes mesmo de me sentar para continuar com a minha busca, Vanessa bateu suavemente na porta da minha sala, acenei com a cabeça permitindo sua entrada, pelas paredes de vidro que isolavam a minha sala do restante do estúdio.

— Saulo, a modelo da sua última sessão de hoje já chegou, e...eu acho que você não vai gostar, porém há uma cláusula enfática no contrato de que você seria o responsável pelas fotos.

— Por quê, quem é a modelo?

— A Layla.

— Layla? Como isso é possível? — bradei áspero.

Pela tarde estressante que tive, tudo que eu menos queria era lidar com a Layla.

— O ensaio foi encomendado por uma agência, não mencionaram nomes, desculpe, Saulo. — Vanessa tentou se justificar.

— Eu que peço desculpas, você não tem culpa, Vanessa. Leve-a para se trocar, já estou indo. O Arthur deixou o cenário pronto?

— Sim, antes de ele sair deixou tudo em ordem.

— Certo, obrigado.

Tomei fôlego, respirei profundamente, peguei a garrafa de uísque e me servi de uma dose, tomei pura, precisaria de muita serenidade para não perder a pouca paciência que me resta. Saí da minha sala, fui direto para o cenário, fiz os primeiros testes com o equipamento e logo em seguida, Layla entrou de roupão, direcionou-me um olhar desdenhoso, como se estivesse ganhado uma

PERIGOSAS NACIONAIS

batalha, óbvio que ignorei totalmente suas provocações.

— Boa tarde, Saulo, quanto tempo? — ela disse com ironia.

— Boa tarde, Layla. Posicione-se por gentileza. — disse com frieza.

Não lhe dirigi o olhar, peguei as anotações do contrato, verifiquei a indicação e quantidade de fotos desejadas e me virei para ela. Fiz a primeira foto de teste e orientei a posição que deveria ficar, troquei as lentes e quando virei para continuar a sessão, ela havia tirado o roupão e estava apenas de sutiã e calcinha de renda e bem transparentes, por sinal. Agi naturalmente, com todo profissionalismo que tenho, começamos os trabalhos. Orientei algumas poses e ela as fez, quando me aproximava dela, percebi por duas vezes que ela tentou me tocar, mas fingi não perceber e desviei rapidamente, impedindo-a de concluir o seu intento. Trocamos pouquíssimas palavras durante a sessão, restringi-me apenas ao essencial, ela tentou ser educada e até pediu algo para beber alegando

PERIGOSAS ACHERON

estar nervosa, pedi que Vanessa providenciasse, tentei me manter o mais distante possível. Ela tentou postergar o máximo que pode a troca de figurino, foram apenas oito fotos, mas em todas ela fez questão de trocar de lingerie, todas provocantes e sensuais. Ela estava nitidamente tentando chamar minha atenção e até mesmo despertar o meu interesse, mas foi em vão, despertou somente a minha ira e o meu desprezo.

— Pronto, Layla, está dispensada.

— Já? Pensei que ainda ia verificar se ficaram boas e se não tiver, fazê-las novamente.

— Se você veio aqui é porque a sua agência confia no meu trabalho, então fique tranquila que já averigui pelo visor da câmera e as fotos ficaram ótimas.

Virei de costas e comecei a desmontar as lentes para guardá-las, enfim respirei aliviado por ter concluído a sessão e me ver livre dela. Fui surpreendido por Layla que me abraçou por trás e alisou meu peitoral, retirei suas mãos rapidamente e

segurei firme em um de seus pulsos.

— Não quero ser grosseiro com você, Layla, já concluímos, vá embora, por favor — disse firmemente, encarando-a determinado.

— Calma, Saulo, pensei que tivesse sido grosseiro comigo só naquele dia por conta da sua namoradinha, agora estamos sozinhos, eu estou praticamente despida e eu percebi que você me olhou bastante durante a sessão de fotos, podemos reviver nossos bons momentos, sem compromisso, só um sexo casual de vez em quando.

— Poupe-me, Layla e se poupe, eu estou de casamento marcado, nem mesmo o seu teatrinho de sessão de fotos me fará mudar de ideia, eu não quero nada com você. Já disse e reafirmo novamente, minha opinião continua a mesma desde a última vez em que estive aqui, vista-se e vá embora, por favor.

Percebi a ira no seu olhar, larguei seu pulso e ela virou-se e foi se trocar, com uma rapidez impressionante, nunca tinha visto uma mulher se

vestir tão rápido quanto ela naquele instante. Sem nenhum pudor, ela vestiu-se diante de mim. Pegou as peças minúsculas de lingerie e socou na bolsa de qualquer jeito. Apontou o dedo para minha direção, tomou fôlego e pensou em falar algo, mas mudou de ideia e saiu enfurecida.

— Passar bem, Layla e boa sorte para você.

Continuei guardando os equipamentos e minutos depois senti um toque sutil no meu ombro, virei-me rapidamente, totalmente disposto a ralhar com a Layla, mas dessa vez não era ela e sim, Helena. Fiquei surpreso, afinal eu que iria buscá-la.

— Helena? Pensei que eu que iria buscá-la — olhei no relógio em meu pulso e ainda estava cedo. — Ainda estou adiantado — disse analisando seu semblante, que por um breve instante fui incapaz de decifrar.

— Resolvi fazer uma surpresa, mas pelo visto eu que fui surpreendida, não é mesmo, Saulo? — seu semblante sério, sobrancelhas arqueadas, continham um sorriso de lado que me deixou

PERIGOSAS NACIONAIS

confuso.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

Helena

Saulo se aproximou lentamente, analisando-me com cautela, óbvio que ele sabia que eu não aprovava a visita da Layla, sua reação de surpresa não escondia o receio do que eu poderia pensar dessa visita inesperada.

— Eu não sabia que ela era a modelo da sessão e se soubesse jamais teria aceitado — ele se justificou e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Eu ainda não disse nada e você já está se justificando? — tentei sustentar a cara de desaprovação, mas era quase impossível vendo-o tão preocupado.

— Você chegou há muito tempo?

— O suficiente para ouvir o restante da conversa de vocês — respondi seco, fingindo estar chateada, na verdade eu gostei de vê-lo colocando aquela menininha mimada para correr daqui.

— E? — ele questionou angustiado.

— E, eu pouco me importo com essa garota, sou muito melhor que ela, e além do mais você é meu e de mais ninguém — pulei no seu pescoço e o beijei.

— Você está coberta de razão, você é muito melhor que qualquer mulher da face da terra, porque é a minha mulher. Por um instante tive medo que estivesse com raiva de mim — Saulo disse respirando aliviado.

— Por que ficaria? Ouvi você dispensando-a e eu sei que não há espaço para outra na sua vida.

— acredite, não há. Adorei a surpresa, assim posso curtir um pouco mais da minha mulher maravilhosa, gostosa e que me deixa louco — ele

PERIGOSAS ACHERON

murmurou ao meu ouvido, provocando-me arrepios.

— Você também, minha vida, desperta meu desejo com um único sorriso.

Saulo curvou-se para olhar em direção à recepção, depois disse:

— Só um minuto.

Ele saiu em direção à recepção e eu fiquei sozinha por alguns minutos, olhei para o estúdio e lembrei da primeira vez em que estive aqui. A primeira foto minha que ele fez, meu nervosismo, nossa conexão de olhares repentina, minha tentativa ínfima de negar que ele mexeu comigo desde o primeiro olhar. Saulo retornou, abraçou-me pela cintura e afastou meus cabelos para ter acesso total ao meu pescoço, mordeu suavemente e o beijou descendo pelo decote do meu vestido que deixava minhas costas um pouco exposta. Um arrepio percorreu meu corpo, eu adorava seus beijos quentes e provocantes.

— Acho melhor irmos para casa, Saulo.

— Dispensei todos, estamos apenas nós dois. Quero que pouse para mim — ele falou intercalando beijos nas minhas costas e pescoço.

— Sêrio? Outra vez?

— Óbvio, você é a minha melhor modelo.

Saulo abriu o zíper do meu vestido e retirou-o lentamente, deixando-o cair nos meus pés, depois me virou, beijou-me com desejo e retirou a sua camisa e me vestiu com ela.

— Esse é o meu figurino? — questionei olhando para as mangas da camisa que encobriam as minhas mãos. — Achei que iria me fotografar de roupas íntimas.

— Jamais, seu corpo é só meu, não gosto do que me pertence à mostra, nem mesmo em nome da arte. — Ele alisou meu rosto e se afastou para pegar uma banqueta.

Colocou a banqueta atrás de nós, de frente para o cenário, fez alguns ajustes na câmara e pediu que

PERIGOSAS ACHERON

eu sentasse, logo fez a primeira foto.

— Você está tensa, relaxe, pense em mim, Helena.

— Acho que preciso dos seus beijos para relaxar um pouco.

Saulo sorriu e caminhou em minha direção, beijou-me com sofreguidão, entrelaçou as mãos em meus cabelos e puxou minha cabeça para trás, deixou meu pescoço à mostra, beijou-o suavemente até o meu colo, depois voltou para minha boca.

— Mostre-me o seu sorriso, minha Helena.

Respirei profundamente e me alinhei na cadeira, lembrei que ele gostaria de fotografar minha tatuagem da coxa esquerda, curvei as pernas e a deixei visível. Ele fez algumas fotos, depois mudei de posição, sorri, fiquei séria, fiz diversas poses como se fosse uma modelo profissional. Pelo semblante dele ao ver as fotos que fez no visor da câmera, estava satisfeitíssimo com o resultado.

— Acho que já tenho o que preciso — ele disse

PERIGOSAS ACHERON

conferindo mais uma vez pelo visor da câmera.

— Ótimo, posso vê-las?

— Só quando estiverem prontas, completarão minha coleção pessoal de fotos da minha linda esposa.

— Falando em esposa, acho que precisamos ir buscar a Júlia, já está na hora — olhei no meu relógio de pulso.

— Quanto tempo temos? — Saulo perguntou puxando-me pela cintura, unindo nossos corpos.

— Precisamente 42 minutos para nosso compromisso com o corretor.

— Perfeito, temos tempo suficiente para eu te amar.

Beijamo-nos com urgência, ele nos guiou até a sua mesa de trabalho, entre beijos e carinhos ousados. Ali mesmo na mesa de trabalho dele, amenizamos um pouco do nosso desejo e nos amamos loucamente.



Tomamos um banho e nos vestimos bem rápido para não nos atrasarmos, passamos no abrigo para apanhar a Júlia e seguimos para o ponto de encontro com o corretor. Ela estava radiante e fazia questão de mostrar seu lindo sorriso.

Encontramos com o corretor e seguirmos para visitar as propriedades, as duas primeiras olhamos rapidamente, não gostamos do ambiente, achei pequeno e com pouca iluminação. A última casa, sim, era perfeita, exatamente como desejávamos. Era bem ampla, com um lindo jardim e uma árvore frondosa enorme, tinha bastante espaço no terreno, piscina, boa iluminação e era bastante arejada. Visitamos cômodo por cômodo, era um propriedade recém-construída e pouco precisaria de reformas, não tinha mobília, mas consegui visualizar exatamente como desejaria que ficasse,

cada espaço, cada móvel. Depois da visita minuciosa no interior da casa, retornarmos para o jardim, Júlia estava encantada.

— O que achou, minha vida?

— Perfeita, Helena, por mim já mudaríamos hoje mesmo.

— E você, princesa? — perguntei para Júlia.

— É linda, tia, adoraria morar aqui.

— E você vai, Jujuba. — Saulo disse e a pegou no colo, fazendo avião com ela que ria sem parar.

O corretor observava a cena um pouco distante, aproximei-me dele para dar nossa resposta.

— Negócio fechado, pode providenciar a documentação. — Estendi a mão para cumprimentá-lo.

— Excelente aquisição, senhora. Vou providenciar a documentação e podemos nos encontrar no cartório de registros para

oficializarmos a compra. Pode ser amanhã?

— Sim, perfeitamente. Só passar o endereço do cartório e agendar o horário que estaremos lá.

— Perfeito, senhora.

Sáímos da casa e depois fomos para pizzaria, comemoramos os três juntos, felizes e animados como uma verdadeira família. Apesar de que ainda não temos a guarda de Júlia, a assistente social nos garantiu que tínhamos ótimas chances, já me sentia mãe dessa garotinha. Nossa felicidade só se completava a cada dia que passava.



Uma semana depois...

Cheguei bem cedo na HML, ainda havia poucos

PERIGOSAS NACIONAIS

funcionários, o andar da diretoria estava deserto. Eu queria adiantar os meus afazeres e compromissos do dia para não atrasar na prova do meu vestido de noiva, que seria hoje no fim do expediente. Saulo já tinha provado o seu terno e eu imagino que tenha ficado lindo, mas ele me deixou na curiosidade, não me contou nada sobre a vestimenta.

Adiamos a nossa viagem para Campos do Jordão, estávamos muito envolvidos com a compra da mobília da casa nova, os preparativos do nosso casamento e até a agenda de Saulo que estava bem apertada devido à exposição que faria nas próximas semanas, ele estava muito animado e trabalhando duramente na seleção das fotos para expor.

Compramos a nossa casa, Saulo fez questão de colaborar com o pagamento e com muita insistência minha, ele me permitiu pagar a metade, desejava arcar com o valor integral. Contratamos arquiteto, paisagistas, decoradores, tudo para deixar nossa casa aconchegante e harmoniosa como desejávamos, com cores vivas e alegres, totalmente condizentes com o momento que vivíamos.

PERIGOSAS ACHERON

Confesso que nunca pensei que poderia ser tão feliz como sou agora, a vida sempre nos surpreende, às vezes nos tira o chão, mas também nos leva para o céu. Quando estava certa de que a vida não me reservava mais nada, e até já tinha aceitado o meu destino e solidão, ela me dá uma nova chance de amar e ser amada, de conhecer o amor puro e carnal de um homem e o amor materno por uma linda garotinha. Eu me sentia completa, realizada como esposa, mulher, empresária e até mãe, eu já considero a Júlia minha filha.

Juliana chegou um pouco depois, entrou na minha sala com o meu habitual café preto forte e levemente amargo.

— Bom dia, Helena. Chegou cedo hoje.

— Sim, farei a prova do meu vestido de noiva no final da tarde, quero adiantar os compromissos.

— É tão lindo ver o brilho dos seus olhos, sei o quanto está feliz, minha amiga.

— Obrigada, Juliana, estou muito feliz, incrível como me sinto outra mulher, acho-me até mais

PERIGOSAS ACHERON

bonita do que antes.

— Lógico, o amor nos muda, Helena. É notório sua felicidade, está estampada no seu rosto.

Peguei a xícara de café, senti um leve enjoo e o meu estômago embrulhou, só de inalar o aroma do café que eu tanto amava. Ainda assim, bebi o primeiro gole e a ânsia de vômito foi instantânea, corri para o banheiro da minha sala e vomitei o café preto que tinha acabado de beber e o tudo que comi em casa antes de sair.

— Você está bem, Helena? — Juliana perguntou da porta do banheiro, preocupada com o meu estado.

Depois de alguns minutos, levantei e recompus minha roupa, estava lavando minhas mãos e rosto, e avistei Juliana pelo reflexo do espelho me encarando com um sorriso largo.

— Helena, com que frequência você está enjoando? — ela perguntou em tom sarcástico.

— Não estou enjoando, foi só um vômito

PERIGOSAS ACHERON

ocasional.

— Enjoos matinais e vômitos ocasionais são sintomas de gestação, Helena.

— Gestação? Mas como isso é possível? — fiquei perplexa com a possibilidade e virei para encará-la.

— Quer mesmo que eu explique como isso acontece? Você usa contraceptivos?

— Claro que sei como acontece, Juliana, não usamos contraceptivos, porque eu jamais imaginei que isso aconteceria comigo, eu tenho 51 anos, gravidez não é algo muito provável na minha idade pelo método tradicional, apesar de que ainda não estou na menopausa, não acha improvável?

— Improvável, mas não impossível, Helena. Vou acionar o laboratório para coletar seu sangue e logo, logo saberemos a resposta.

— Não, não é necessário.

— Claro que é, tem percebido algo estranho no
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu corpo além dos vômitos?

— Analisando bem, eu tenho sentido os seios um pouco doloridos.

— Olha aí, mais um claro indício, você está grávida, Helena — ela disse exultante.

— Será? — fiquei pensativa.

— Vou ligar para o laboratório.

Juliana saiu da minha sala e eu não parei de pensar um só instante, nunca imaginei que pudesse gerar uma criança e agora suspeitar dessa possibilidade me enchia de alegria e também de gratidão.

Minhas mãos estavam trêmulas, pensei em ligar para o Saulo, mas era melhor não contar nada antes de ter certeza. Toquei meu ventre, fechei os olhos e tentei imaginar a reação do Saulo, sorri só de lembrar o quanto ele ficaria feliz.

Minutos depois Juliana retornou animada.

PERIGOSAS ACHERON

— Prontinho, já estão a caminho, a doutora Adriana está aí para falar com você.

— Ótimo, peça para que ela entre, por favor.

Levantei para receber a minha advogada, ela entrou com um sorriso animado no rosto, cumprimentamo-nos rapidamente e nos sentamos logo em seguida. Depois de acomodadas, ela retirou alguns papéis da bolsa e me entregou.

— Bem, primeiro vamos começar pelo seu testamento, realizei todas as alterações que me pediu. A parte que cabe aos seus familiares, Alberto e o abrigo Vera Machado. Aqui está o texto com os percentuais desejado. Precisamos comparecer ao cartório para oficializar, já que deseja fazê-lo de modo público.

— Perfeito, podemos ir agora mesmo.

— Antes disso, também trouxe o documento de doação das ações de sua mãe e irmãos, conforme me orientou: 5% para sua mãe e 2% para cada um dos seus irmãos. Preciso que assine para concluirmos a transferência. E o último documento,

PERIGOSAS ACHERON

guardei para o final — ela retirou um envelope pardo da bolsa e me entregou — aqui está a guarda provisória da Júlia, já podem buscá-la no abrigo, já notifiquei a decisão judicial ao abrigo e enviei uma cópia da guarda para a Patrícia.

— Sério? Que maravilha.

— Outra coisa, estou em contato direto com o investigador de polícia sobre o caso Alberto. O exame de DNA fica pronto hoje no fim da tarde, mas só você como autora do pedido pode buscá-lo. O investigador pediu a quebra do sigilo bancário e telefônico dele, e já descobriu uma transferência de parte do valor que você deu a ele para o Pedro, o que configura nitidamente que estão juntos nesse golpe, Helena. Além disso, o único engenheiro registrado com o nome igual ao que Alberto se apresenta tem 57 anos, óbvio que ele está mentindo descaradamente.

— Eu já perdi as esperanças há muito tempo, sei que ele é um falsário, só não entendi porque ainda insiste em continuar com esse teatro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É simples, Helena, eles querem continuar arrancando o seu dinheiro.

— Fico mais aliviada em saber que isso logo terá um fim, esse DNA esclarecerá nossas dúvidas.

— Com toda certeza. Vamos ao cartório?

— Claro, você pode me aguardar só um instante, preciso fazer uma ligação.

— Claro, aguardarei na recepção.

Adriana saiu e eu liguei para Saulo que rapidamente me atendeu.

— Oi, minha Helena.

— Oi, minha vida, a doutora Adriana acabou de me entregar a guarda provisória da Júlia, conseguimos, seremos os pais da nossa garotinha — disse emocionada.

Ouvi os gritos comemorativos de Saulo, e isso só me deixou ainda mais emocionada, imaginei como ele reagiria em saber que seria pai, até tive

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vontade de contar das minhas suspeitas, mas não queria criar falsas expectativas.

— Que notícia maravilhosa, precisamos comemorar em família. Nossa família, eu, você e a nossa filha Júlia.

— Sim, precisamos comemorar essa notícia — acrescentei.

— Com toda certeza. Eu te amo e estou muito feliz de poder ter uma família ao seu lado, não sabe o quanto está me fazendo feliz, minha Helena.

— Eu também, minha vida — recuperei o fôlego e contive as lágrimas — Agora preciso ir, tchau, minha vida.

— Tchau, minha Helena.

Encerrei a ligação, e Juliana entrou com o funcionário do laboratório para coletar meu sangue, foi bem rápido e o resultado ficaria pronto à tarde. Acompanhei a doutora Adriana até o cartório para registrar meu testamento e em seguida retornei para HML.

PERIGOSAS ACHERON

Tentei não pensar no resultado do exame, mas era praticamente impossível, nossa vida familiar estava se delineando tão bem, e um bebê, fruto de um amor tão lindo quanto o nosso, apenas completaria nossa felicidade que já era enorme.

Hoje especialmente, não almoçaria com Saulo, ele tinha uma sessão de fotos no intervalo do almoço no centro de São Paulo. Durante o almoço, nos falamos por telefone brevemente, ele havia visitado a nossa futura casa e já estava pronta, a equipe de limpeza estava cuidando dos últimos detalhes da limpeza e manutenção dos jardins, em dois dias já poderíamos nos mudar, para enfim vivermos como uma família feliz.

Eu almocei no refeitório da empresa na companhia de Juliana, que fazia questão de planejar chá de bebê, nomes e até a festa de um ano do bebê que talvez estivesse esperando. Obviamente eu apenas ria dos planos dela, estava tentando não me empolgar muito para não me decepcionar com um possível resultado negativo.

Depois do almoço, adiantei todos os meus

afazeres que ainda tinha, era uma tentativa pífia de não pensar no resultado do exame. Tive duas reuniões, uma com Antônio e a outra com nossos diretores, fiquei o tempo inteiro aérea e distante.

Quando saí da sala de reuniões, passei pela recepção e Juliana estava falando ao telefone, entrei na minha sala e havia um envelope do laboratório sobre a minha mesa, meu coração disparou, minhas mãos estavam trêmulas. Peguei o envelope, respirei profundamente e o abri. Ao ler: “POSITIVO”, as lágrimas rolaram em meu rosto, toquei meu ventre e disse:

— Meu milagre, você será muito amado ou amada — ri e chorei sozinha.

Nem mesmo olhei no relógio, eu precisava preparar uma surpresa para contar para o Saulo e para nossa filha Júlia. Passei uma mensagem para ele e pedi que buscasse ela no abrigo e me aguardassem no apartamento juntos. Não liguei porque não queria que ele percebesse a emoção na minha voz, guardei o exame na bolsa, peguei o celular e as chaves do carro e saí. A recepção

estava vazia, saí sem falar com Juliana.

Antecipei a prova do meu vestido, fiquei emocionada ao me ver de noiva, era um lindo vestido, apesar de bem simples, exatamente do modo como eu desejava, ficou perfeito. Não via a hora de entrar na igreja e dar o meu sim, sem dúvida o mais importante da minha vida.

Saí por volta das 5 da tarde do ateliê, parei em uma loja de artigos de bebê no trajeto, comprei um par de sapatinhos brancos, coloquei em uma caixinha de presentes junto com o meu exame e um pequeno bilhete. Tentei não olhar muito para o enxoval que tinha na loja, queria fazer isso ao lado do Saulo.

Antes de ir para casa, passei no laboratório para pegar o exame de DNA, por sorte consegui entrar, mas já estavam quase encerrando o expediente. O estacionamento já estava bem deserto, subi rapidamente e em poucos minutos saí com o envelope nas mãos. Enquanto descia até à garagem, ainda no elevador completamente vago, abri o envelope, folheei lentamente as diversas páginas,

PERIGOSAS NACIONAIS

obviamente que não compreendia os termos usados nas diversas laudas e as passei rapidamente. Antes de chegar nas últimas folhas, as portas do elevador se abriram, caminhei até o carro tentando encontrar o resultado, quando enfim li “Conclusão” na última página, li ávida pela resposta, tiraria um peso da minha consciência, destravei o carro e coloquei minha bolsa e a sacola da loja de roupas de bebê no banco do passageiro, dei a volta para entrar no carro ainda com resultado em mãos. Abri a porta e fui surpreendida por um barulho estrondoso, senti uma queimação no peito estranha, olhei para baixo e vi o sangue rapidamente se espalhar em minha blusa clara, olhei para o papel em minhas mãos e o li antes dele cair delas. Tentei respirar normalmente e entrar no carro, queria pegar o celular e pedir socorro, mas não consegui e curvei-me com a dor imensa que senti no peito, minha vista pouco a pouco foi escurecendo, e então caí no chão sujo do estacionamento ao lado do meu carro.

Vi em um último e rápido deslumbre o meu algoz, reconheci seu rosto, tentei gritar, mas a voz não saiu, caí lentamente no chão ao lado do meu carro e não vi mais nada. Perdi os sentidos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

Saulo

Finalizei mais um ensaio e peguei o celular para ligar para minha mãe, queria contar que conseguimos a guarda de Júlia. Havia uma mensagem de Helena, ela pedia para buscar a Júlia e aguardá-la no meu apartamento, para comemorarmos juntos e em família.

Liguei para minha mãe e ela rapidamente atendeu:

— Oi, meu filho.

— Oi, mamãe, a sua bênção.

— Deus o abençoe, meu filho.

— Liguei para avisar que a senhora já tem uma netinha, conseguimos a guarda provisória da Júlia.

— Parabéns, meu filho, a Julinha é uma menina encantadora e eu tenho certeza de que vocês serão excelentes pais para essa garotinha.

— Seremos sim, mamãe, nossa casa já está quase pronta e nos mudaremos em breve, faremos uma grande festa para comemorar nossa nova vida.

— Claro, precisamos comemorar. Assim que buscarem a Júlia, venham aqui conosco, farei um bolo de chocolate para recebê-los.

— Perfeito, mamãe. Vou combinar com Helena, agora preciso desligar, vou buscar nossa garotinha.

— Vá com Deus, meu filho.

— Fique com ele também, beijo, mamãe.

— Beijos!

Encerrei a ligação animado, já tínhamos

PERIGOSAS ACHERON

finalizados todas as sessões do dia, então decidi dispensar a equipe mais cedo hoje, fechei o estúdio, peguei a chave do carro e o meu celular e saí para buscar a Júlia.

Cheguei em poucos minutos no abrigo, já era fim de tarde, várias crianças brincavam no parquinho na lateral da propriedade. Avistei Júlia ao longe, seus cachinhos escuros e o seu sorriso encantador eram inconfundíveis, minha doce garotinha e agora nossa filha, brincava alegremente com as outras crianças.

— Boa tarde, Saulo, veio buscar a Júlia? —
Patrícia questionou ao me ver observando a pequena brincar.

— Boa tarde, Patrícia, sim, mas só a levaremos de vez em dois dias, estamos aguardando a nossa casa ficar pronta, por enquanto vou levá-la para comemorar comigo e Helena a boa notícia. Ela já sabe?

— Não, não, achei melhor deixar que vocês mesmo dessem a notícia, a propósito onde está

Helena?

— Ela está fazendo a prova do vestido de noiva, por isso pediu que eu viesse buscar a Júlia sozinho.

— Certo, pode ir falar com ela. — Patrícia apontou para direção de Júlia.

— Obrigado.

Aproximei-me do parquinho e ela correu na minha direção de braços abertos, curvei-me para receber o seu abraço. Antes de dizer qualquer palavra, ela me questionou com o olhar de preocupação.

— Tio, cadê a tia Helena?

— Ela foi fazer a prova do vestido de noiva, amanhã é a sua vez, aposto que o seu vestido deve ser lindo igual ao da tia Helena. Eu vim buscá-la para passear, topa?

— Claro, tio, eu adoro passear com vocês. Posso levar a minha boneca?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode sim, o que você desejar, Jujuba.

— Tá, vou lá buscar e já volto.

Ela correu para o interior da casa, enquanto isso aproveitei para enviar uma mensagem para Helena, disse que estava no abrigo para buscar nossa filha, não obtive resposta, certamente deve estar provando o belo vestido de noiva que subirá ao altar para me fazer o homem mais feliz da face da terra.

Minutos depois, Jujuba voltou ao lado de Patrícia, havia trocado de roupas, estava com os cabelos arrumados e com a sua boneca favorita nos braços.

— Pronto, tio, estou bonita?

— Sim, você é linda, Júlia.

— A tia Patrícia me ajudou escolher o vestido e arrumou os meus cabelos. Obrigada, tia.

— Por nada, princesa, divirta-se.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigado, Patrícia.

Estendi a mão para Júlia e caminhamos de mãos dadas até o estacionamento, coloquei-a no banco de trás do carro e afivelei o cinto de segurança, depois entrei e partimos para o meu apartamento. Durante o trajeto, conversamos sobre a escola, sobre as coisas que ela gostava de comer, fazer, vestir e entre outros assuntos.

Chegamos rapidamente e levei-a direto para o meu apartamento, ela olhou atentamente para as fotos que decoravam a sala, fotos minha com Helena, algumas só minha, algumas só dela, entre outras que eu gostava.

Fiz uma pipoca, coloquei um desenho de princesa e sentamos no sofá para assistir, enquanto aguardávamos por Helena. Júlia estava tão feliz e era nítido que fazíamos muito bem para ela. Senti vontade de contar por diversas vezes que já tínhamos a guarda dela, seu sorriso singelo e cheio de carinho me encheu de coragem por diversas vezes, mas queria fazer isso ao lado de Helena.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é legal esse filme, tio?

— Sim, é sim, Jujuba.

Olhei no celular, Helena não tinha respondido minha mensagem, pensei em ligar, mas achei melhor esperar um pouco mais. Coloquei o celular novamente na mesa de centro e um calafrio percorreu o meu corpo, senti uma sensação estranha e incomum, levantei rapidamente e tomei um copo de água, lavei o rosto e voltei para junto de Júlia que assistia totalmente distraída os desenhos que ela adorava.

Tentei assistir e me distrair na companhia da nossa garotinha, mas meu coração receava que havia algo errado, uma inquietude inexplicável me perturbava. Peguei o celular outra vez e liguei para Helena, dessa vez caiu na caixa postal, procurei por mensagens, mas não havia nada, nenhuma notícia.

Estava impaciente, já era início de noite, ela já deveria ter chegado. Passei as mãos longamente pelos cabelos e suspirei profundamente. Júlia percebeu minha inquietação e questionou:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está bem, tio?

— Sim, Jujuba, só estou um pouco cansado.

— Já sei, vamos brincar de pique-esconde até a tia Helena chegar?

Sorri da sua inocência, apesar de estar preocupado, o sorriso resplandecente dela, amenizou minhas preocupações, talvez esteja tenso sem motivo, dever ter ocorrido algum imprevisto, logo, logo Helena passará por essa porta para completar nossa felicidade. Repeti comigo mesmo, com intento de manter a calma.

— Tudo bem, mas eu sou muito bom, hein? — alertei Júlia, retribuindo seu sorriso.

— Eu começo, vá se esconder, tio. Vou contar, 1, 2, 3...

Brincamos por alguns minutos e ouvi uma batida suave na porta, para o meu alívio, peguei Júlia no colo subitamente e corremos para abrir a porta para Helena.

PERIGOSAS ACHERON

— Tia Helena chegou, Júlia. — disse animado.

Ela deu gritinhos de alegria, animada, corri com ela em meu colo, abri a porta feliz, mas não era Helena e sim meus pais.

— Mãe? — perguntei surpreso.

— Oi, tia Sol — Júlia disse alegremente ao vê-la.

Minha mãe sorriu timidamente e alisou o rostinho dela, não respondeu, percebi na ausência da sua resposta, que algo estava errado. Ela engoliu o choro, olhei-a atentamente, vi pelos seus olhos avermelhados dor e receio. Suei frio ao avaliar com mais cautela seu semblante.

Coloquei Júlia no chão, curvei-me para falar com ela:

— Jujuba, volte para assistir o seu desenho, preciso conversar com a tia Sol, certo?

— Tá legal.

Ela correu em direção ao sofá e eu encarei novamente minha mãe, ela chorava silenciosamente. Fiquei nervoso ao vê-la nesse estado, a primeira pessoa que lembrei foi meu pai, mas o avistei saindo do elevador e vindo em nossa direção. Com o mesmo semblante pesado da minha mãe.

— O que está acontecendo, mamãe?

Meu pai juntou-se a nós e respirou profundamente, tomando fôlego para falar algo difícil, eu fiquei trêmulo só de imaginar no que teriam a dizer, o silêncio momentâneo deles, seguido pelas lágrimas da minha mãe, foram como um soco no estômago, abateram-me profundamente sem ao menos saber o motivo real da tristeza deles.

— Meu filho... venha comigo, precisamos ir ao hospital que Sandra trabalha.

— O que está acontecendo, papai?

— Helena... foi vítima de um assalto... e foi baleada — meu pai falou fazendo longas pausas, que só aumentaram meu desespero.

As palavras de meu pai foram como uma adaga entrando no meu peito, cortando a carne, rasgando, ferindo e deixando um rastro de destruição e carne sem vida.

Minhas pernas fraquejaram e eu quase despenquei no chão, meu pai me amparou, o ar me faltou completamente. Tive dificuldades para respirar por alguns minutos, só consegui chorar desesperadamente e me questionar: Como? e por quê?

— Calma, meu filho, ela está na sala de cirurgia nesse momento, vamos para o hospital, ela precisará de você quando acordar.

— Eu vou ficar com a Júlia, Saulo, vá com seu pai, meu filho — minha mãe disse e alisou meu rosto.

Não consegui formular nem mesmo uma resposta, estava doendo demais, eu só conseguia chorar e tentar respirar calmamente. Nem mesmo me despedi de Júlia, peguei o celular e saí acompanhado de meu pai. Meu coração estava

PERIGOSAS ACHERON

espedaçado, contrito e eu só conseguia pensar na minha Helena, minha vida, meu amor.

Eu estava totalmente letárgico, contive as lágrimas e meu pai falou algumas palavras, mas pouco consegui prestar atenção, nem mesmo percebi quando entramos no carro e partimos para o hospital. Eu só conseguia pensar em Helena, ela não merecia isso, estávamos tão felizes, nossa vida estava indo tão bem, como isso foi acontecer?

Seguimos para o hospital em completo silêncio, o abatimento era generalizado, meu pai tentou me animar falando algumas palavras de conforto, eu pouco as respondi, meu peito doía demais para respondê-lo.

Chegamos ao hospital, meu pai estacionou e logo saímos do carro, andei apressadamente, precisava de respostas, precisava ver Helena, saber como ela estava. Entramos pela emergência, meu pai falou com uma das enfermeiras e nos encaminharam para uma sala de espera, próxima ao bloco cirúrgico. Sentamo-nos, e eu parecia estar em transe com a notícia, não consegui proferir uma só

PERIGOSAS NACIONAIS

palavra desde que a recebi, depois de alguns minutos sentado, totalmente apático, observando o local lotado e o vai e vem de pessoas, uns com semblante de felicidade outros de tristeza, a realidade se delineou diante de mim, não era sonho, era real, desabei no choro, minha Helena corria risco de vida.

— Calma, meu filho, ela saíra dessa — meu pai pousou a mão nos meus ombros. — A polícia esteve aqui aguardando os familiares para entregar os pertences dela, a Sandra está acompanhando-a na sala de cirurgia, logo virá dar notícias.

— Por que ela, papai? Estava tudo dando certo na nossa vida, nossa filha, nossos planos, casamento, mudança para nova casa e tudo ser interrompido bruscamente? — disse soluçando.

— Calma, meu filho, ela vai ficar bem, tenha fé em Deus.

Meu pai levantou e me trouxe água, bebi e logo em seguida um policial se aproximou de nós, reconheci a bolsa de Helena que ele trazia consigo.

PERIGOSAS ACHERON

— Com licença, o senhor é parente da Helena Araújo de Oliveira?

— Sim, sou marido dela.

— Esses são os pertences dela que estavam no carro, não encontramos o celular e a bolsa dela estava revirada, possivelmente levaram dinheiro e outros objetos de valor. — Ele me entregou a bolsa, a chave do carro, um envelope e mais uma sacola de compras. — Estamos analisando as imagens das câmeras de vigilância em busca de suspeitos, mas aparentemente tudo indica que tenha sido uma tentativa de assalto.

— Onde está o carro dela?

— No estacionamento de um laboratório aqui no centro, ela foi encontrada desacordada ao lado do carro por duas funcionárias do estabelecimento. O carro e o local estão isolados, a perícia está trabalhando para coletar provas.

— Obrigado.

— Fique com o número do meu telefone, assim

PERIGOSAS ACHERON

que Helena tiver condições de falar, precisaremos tomar o depoimento dela para podermos investigar o caso. Estimo uma boa recuperação para sua esposa. — Ele me entregou um cartão e o guardei no bolso da calça.

— Agradeço mais uma vez.

Estendi a mão para cumprimentá-lo, ele retribuiu o cumprimento e depois partiu.

Sentei novamente ao lado de meu pai, olhei a bolsa dela, aparentemente revirada, olhei a sacola e era de uma loja de produtos infantis, deveria ser algum presente para Júlia. O que mais tirou minha atenção foi o envelope, era do laboratório que realizou a coleta do material para o exame de DNA de Alberto, ainda estava lacrado, abri cuidadosamente e corri para a última página, lamentavelmente constatei que o resultado não era o que eu desejava: *Probabilidade de maternidade: 99,9%*.

Guardei rapidamente o exame no envelope e deixei na cadeira ao lado, junto com os demais

pertences de Helena. Era tudo que eu menos queria ter que aturar aquele aproveitador em nossas vidas, isso não saía da minha cabeça, mesmo com o teste positivo, não consigo aceitar que ele realmente é quem diz ser. Porém isso era o de menos, precisava pensar na recuperação da Helena, unicamente isso.

Minutos depois, avistei Sandra atravessando a porta que isolava o imenso corredor que levava ao bloco cirúrgico. Levantei rapidamente e caminhei em sua direção, seus olhos marejados, rosto avermelhado de quem havia chorado, elevou meu estado de desespero, à medida que me aproximei dela, o ar me faltou, ela pousou a mão no meu ombro e depois me abraçou sem nada dizer.

— A cirurgia foi um sucesso, meu irmão.

— Como ela está? — perguntei após nosso abraço fraterno.

— Ela foi atingida no peito, mas não comprometeu nenhum órgão vital, perdeu muito sangue, mas já foi operada e devidamente tratada. O quadro clínico ainda é grave, mas tenho fé que

ela vai se recuperar.

— Helena é uma guerreira, tenho certeza que vai sair dessa — meu pai falou e bateu nas minhas costas levemente.

— Fé? Não, não, não posso ficar sem ela, Sandra — levei as mãos à cabeça em um ato de completo desespero, gritei: — Seja franca, ela corre risco de vida?

Um médico pedindo fé, indica que a ciência cumpriu o que estava ao seu alcance, resta agora orar e implorar para um milagre.

— Calma, Saulo, o estado dela é grave, mas ela pode se recuperar sem sequelas, agora precisamos observar e orar para que ela se recupere bem da cirurgia e que não haja complicações. Tudo que podíamos fazer nesse momento já foi feito, agora é só esperar.

— Esperar? Como? Eu preciso vê-la, Sandra.

— Ela está sedada, e foi mantida na UTI por precaução, lá será melhor acompanhada,
PERIGOSAS ACHERON

principalmente por conta da gestação.

— Gestação? — questioneei perplexo.

— Sim, meu irmão, Helena está grávida, pensei que já soubesse.

As lágrimas outra vez insistiram em cair, meu corpo inteiro foi tomado por uma ira sem fim, peguei as coisas de Helena da cadeira saí desorientado do hospital.

— Filho, espere — ainda ouvi os apelos de meu pai.

Não queria ouvir nada e ninguém naquele momento, saí feito um louco correndo, em plena chuva que tornava as ruas de Guarulhos deserta, eu acelerava o passo e as lágrimas impiedosamente banhavam meu rosto, eu não tinha ideia para onde iria, só queria arrancar aquela dor dilacerante do meu peito.

Corri,

Gritei,

Chorei.

Corri tanto que as pernas falharam, despenquei quando elas finalmente não conseguiam mais me levar a lugar algum, eu só queria ficar sozinho, afastar-me da dor desatinada que roubou minha paz e me jogou na escuridão.

Ironicamente estava diante de uma igreja fechada, permaneci ajoelhado na calçada, olhei fixamente para simplória construção e gritei:

— Deus, eu estou aqui, castiga-me, leva-me, mas deixe Helena viver. Por que ela? — Olhei para o céu turvo, sem estrelas, sem lua, via somente a chuva que caía sem parar — Onde você está agora? O que fiz para merecer isso? Tu me deste Helena, não pode me tirá-la agora, eu não posso... eu não quero... eu a amo.

Curvei-me e olhei fixamente para o chão, a água havia molhado a sacola de loja que estava no carro de Helena, e deixou visível seu conteúdo, tinha uma pequena caixinha com um laço de fita colorido, aquele laço estranhamente despertou

minha atenção. Levantei, peguei a sacola e procurei abrigo. Próximo da igreja tinha um ponto de ônibus, estava vazio, sentei e retirei a caixinha da sacola que já estava se desmanchando por conta da chuva. Abri e tinha um par de sapatinhos de bebê, um envelope de um laboratório e um pequeno pedaço de papel. Abri o envelope e era o exame de gravidez de Helena, chorei ainda mais ao vê-lo.

— Você não pode ser injusto comigo, Deus, ela está esperando um filho nosso. — Solucei protestando.

Peguei o pequeno papel, era um bilhete escrito à mão por Helena:

“Agora somos três, mais em breve seremos quatro, dentro de mim, bate um coração, fruto do nosso amor, nosso pequeno milagre.” Parabéns, papai!

Guardei novamente o bilhete na caixinha, e me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ajoelhei no chão em frente à igreja, chorei, chorei e gritei o mais alto que pude, fechei os punhos e soquei chão. Não, não posso perdê-los, minha Helena, minha vida.

— DEUS! — Gritei. — NÃO ME PUNA, NÃO A TIRE DE MIM.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

Saulo

Vaguei por horas, molhado, completamente inerte, as ruas desertas e a escuridão da noite me acalentaram, a chuva já havia amenizado, mas ainda garoava e fazia muito frio, eu estava molhado, meus lábios tremiam, bem como as minhas mãos que seguravam contra o meu peito os pertences de Helena. O frio doía, mas era o que menos me incomodava, não conseguia para de pensar em Helena e muito menos acatar o que estava acontecendo, apenas me perguntava incessantemente: Por quê? Quem? E como isso aconteceu?

PERIGOSAS NACIONAIS

Não era só o medo de perder a minha amada que me consumia, eu estava tomado pelo ódio, que me impossibilitava de aceitar que ela estava entre a vida e a morte. Meu peito doía demais e eu seria capaz de matar com minhas próprias mãos o miserável que pôs em risco a minha Helena e o nosso bebê.

Meu celular tocou, retirando-me do turbilhão de sentimentos em que eu me encontrava. Olhei no visor e constatei que era minha mãe, não atendi, recusei a chamada e vi a imagem de plano de fundo do meu celular, era Helena e Júlia abraçadas, sorrindo lindamente. Lembrei de Júlia, precisava voltar para casa, precisava levá-la de volta ao abrigo.

Tomei um táxi e retornei para o meu apartamento, a chave estava na portaria, minha mãe saiu com Júlia e deixou as chaves com o porteiro. Subi, e o meu apartamento estava triste e melancólico, não continha mais a alegria que Helena trouxe, apenas a dor que emanava do meu peito.

PERIGOSAS ACHERON

Tinha um bilhete sobre a mesa de centro, minha mãe informava que deixaria Júlia de volta no abrigo, eu precisava conversar com a minha garotinha, ela precisava saber o que estava acontecendo.

Tirei as roupas molhadas e tomei um banho quente, depois bebi um leite e comi um sanduíche. Não conseguia para de protestar e me perguntar por que tudo isso estava acontecendo conosco. Nossa vida estava tão perfeita, casamento, casa nova, nossa filha e agora a gestação de Helena, como tudo desmoronou tão rapidamente? Eu não conseguia entender, apenas protestar.

Subi e me joguei na cama, na vil tentativa de adormecer, mas só rolei na cama e chorei ao lembrar de Helena. Olhei para o quadro dela, tão linda e tão cheia de vida e agora está presa a uma cama de hospital. Doía demais pensar nela, meu peito parecia ter recebido cortes de navalha, a cada lembrança que revivia dela a dor se intensificava.

Peguei o celular para ver as horas e vi uma notificação de e-mail da curadora da galeria, ainda

tinha que me preocupar com a exposição. Não estava nem um pouco animado para terminar de montar, nem abri o e-mail e devolvi o celular para o criado-mudo. Tentei relaxar, talvez orar e pedir a Deus pela saúde da minha Helena pudesse me deixar mais tranquilo e confiante. Ajoelhei-me no chão do quarto e deixei meu coração falar por mim, conversei com Deus e pedi fervorosamente pela saúde da minha esposa e do meu filho, com os olhos cheios de lágrimas, respirei longamente e murmurei:

— Um filho! Nosso milagre!

Imediatamente meu coração foi tomado por uma paz imensa e tranquilizante, que o preencheu de amor e esperança. A imagem de um bebê tomou minha mente, ele era lindo e com olhos azuis como os da mãe, um sorriso automático formou-se ne meus lábios. Ao abrir os olhos, fitei novamente o sorriso de Helena no quadro, embora não tivesse com cabeça para pensar na exposição, uma ideia brilhante repentinamente surgiu na minha mente. Levantei e vesti uma calça de moletom, desci correndo para o estúdio, eufórico para colocar em

prática o que tinha em mente.

Liguei meu *notebook* rapidamente e busquei pelas fotos que imaginei, olhei uma a uma, preparei uma legenda singela para cada uma delas e as cataloguei em uma pasta. Finalmente a exposição começou a fazer sentido e tomar forma. Passei o resto da madrugada empenhado nesta seleção, foram tantas xícaras de café que perdi as contas, estava elétrico, ávido para concluir e com a certeza de que meu coração fez a escolha certa em cada foto selecionada.

Acompanhei o pôr do sol pelas imensas janelas do meu estúdio, os raios de sol alaranjados brilharam e encobriam a escuridão pouca a pouco, observei apático o espetáculo matinal, a tristeza em meu peito ainda me impedia de apreciá-lo com a alegria e gratidão merecida por estar vivo e iniciando um novo dia.

Finalmente havia concluído a seleção das fotos, enviei para Alessandra por e-mail uma pequena amostra, conforme ela havia pedido. Passei tantas semanas fissurado em montar essa exposição que já

PERIGOSAS NACIONAIS

estava desmotivado, nada fazia sentido, praticamente tudo que eu tinha selecionado anteriormente me agradou, mas não me emocionou verdadeiramente, porém ontem, depois da noite tensa que passei, a conversa com Deus, tive uma inspiração tão grande, que estou certo que consegui as fotos ideais para o sucesso da exposição.

Desliguei tudo e decidi retornar para o meu apartamento quando encontrei Vanessa saindo do elevador, pelo semblante dela, parecia saber do que aconteceu com Helena.

— Bom dia, Saulo, eu vi no noticiário sobre Helena, como ela está?

— Bom dia, Vanessa, o estado dela ainda é grave — engoli duramente o choro. — Mas estou confiante que ela saíra dessa.

— Claro que vai, orarei pela recuperação dela.

— Obrigado. Não estou para ninguém, distribua as sessões que tenho agendadas entre o Arthur e Flávio, até segunda ordem, Arthur ficará no comando.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem, Saulo.

Acenei brevemente com a cabeça e entrei no meu apartamento, o sono e o cansaço começaram a dar sinais, tomei um novo banho, escovei os dentes e troquei de roupas, precisava ir ao hospital e depois ao abrigo conversar com Júlia.

Fiz um sanduíche rápido e um novo café bem forte, quando estava terminando minha refeição matinal, ouvi uma batida suave na porta do meu apartamento. Levantei e abri, era Sandra. Ela entrou em silêncio eu tranquei a porta, ainda estava com o uniforme do hospital, jogou sua bolsa no sofá e sentou-se logo em seguida.

— Desculpe, meu plantão foi cansativo. Bom dia, meu irmão.

— Bom dia, Sandra.

— Sente, Saulo, fiquei preocupada com você, nós te ligamos incontáveis vezes depois que saiu do hospital ontem, você não atendeu e nem mesmo respondeu as mensagens que te enviei.

— Eu precisava ficar sozinho.

Sentamos frente a frente, ela me olhou cautelosamente, tinha expressão de cansada evidenciada pelas olheiras arroxeadas que marcavam os olhos minúsculos amendoados.

— Saulo, eu sei que está abalado, eu entendo completamente os seus motivos, lembro-me como se fosse ontem quando nosso pai entrou em coma e você reagiu do mesmo modo. Mas, você não precisa se isolar, eu estou aqui, meu irmão.

— É muito difícil aceitar o que está acontecendo, Sandra, nossa vida estava tão perfeita, casa nova, casamento e até a guarda de Júlia conseguimos, como quer que eu reaja?

— Eu entendo, Saulo, você tem todos os motivos para ficar revoltado, mas não vai mudar o estado de saúde de Helena, agora você precisa ser forte, dar forças para a Julinha e ter fé que ela vai se recuperar.

— Como está o estado dela, fale-me a verdade, Sandra.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela suspirou profundamente, como se procurasse as palavras amenas para dizer algo doloroso, só de ver sua reação, meu coração disparou, balancei a cabeça negativamente e ela percebeu que estava me deixando nervoso.

— Calma, Saulo, após cirurgias como a de Helena é comum mantermos os pacientes na UTI, para observarmos melhor a evolução do quadro clínico, ela apresentou uma leve melhora, mas optamos por mantê-la sedada por enquanto, ela vai reagir, meu irmão.

— Como isso pôde acontecer, Sandra? Ela está esperando um filho meu?

— Fiquei tão feliz quando o médico que fez ultrassonografia nos disse da gestação, óbvio que não foi o momento mais apropriado para essa descoberta, mas tenho certeza que esse bebê ainda vai nos dar muitas alegrias. — Sandra me abraçou ternamente.

— Eu quero vê-la, preciso tocá-la, Sandra.

PERIGOSAS ACHERON

— Meu irmão, não me coloque em apuros — ela sorriu e estreitou os olhos, como se tivesse analisando a gravidade do meu pedido. — Vamos lá, meu plantão já encerrou, não estamos em horário de visitas, mas vou dar um jeito.

— Obrigado.

Sáímos juntos em direção ao hospital, Sandra me contou que realizou o primeiro atendimento de Helena e que avisou primeiramente ao nosso pai, porque tinha medo da minha reação, de certa forma ela tinha razão, ainda não consigo aceitar o que aconteceu.

Chegamos rapidamente, entrei junto com ela pela entrada de funcionários. Ela pediu que esperasse enquanto falava com o médico responsável pelo plantão. Minutos depois retornou, com um largo sorriso, obviamente conseguiu liberação para que eu entrasse.

— Boas notícias, consegui autorização para que você entre e acabei de ser informada que o quadro dela é estável, ela recupera-se muito bem da

cirurgia.

— Graças a Deus!

— Venha, precisa ser breve, não pode demorar mais que dez minutos.

— Tudo bem.

Entramos em uma sala, ela me acompanhou enquanto eu vestia as roupas adequadas e passava pelos procedimentos de higienização, depois foi comigo até a porta da UTI. Abriu e apontou para o leito em que Helena estava.

Não olhei para nada e ninguém, apenas para minha Helena, de olhos cerrados, cabelos desajeitados, pálida e ligada a diversos aparelhos. Aproximei-me com cautela, peguei em sua mão fria e não consegui falar naquele instante, segurei as lágrimas, era muito difícil vê-la assim. Alisei seus cabelos, depois seu rosto e por fim toquei seu ventre. Respirei profundamente e disse-lhe o que tinha no meu coração:

— Minha Helena... eu estou perdido sem você,
PERIGOSAS ACHERON

volte logo para mim, para nossa garotinha, precisamos de você. Vamos viver o nosso amor e a nossa felicidade.

Senti um leve aperto na minha mão, meu coração disparou, olhei novamente para mão dela na esperança de sentir outra vez para ter certeza que não estava louco. Os bipes dos equipamentos médicos aumentaram significativamente, logo um médico veio vê-los, tomou nota em uma pequena prancheta na lateral do leito e olhou os monitores atentamente.

— Algo errado? — perguntei preocupado.

— Não, apenas uma elevação repentina do batimento cardíaco, o efeito do sedativo já está passando, é normal, talvez ela tenha o escutado.

— Isso quer dizer que ela pode acordar a qualquer momento?

— Sim, creio que logo será transferida para o quarto, geralmente optamos que o paciente permaneça na UTI as primeiras 24 horas após a cirurgia, para um melhor acompanhamento e

PERIGOSAS ACHERON

monitoramento da evolução clínica. Ela se recupera bem, por sorte foi prontamente socorrida, isso sem dúvida, colaborou muito para a evolução do estado clínico.

— Graças a Deus, obrigado, doutor.

Ele sorriu em retribuição ao meu agradecimento e saiu, olhei mais uma vez para o rosto da minha amada, um pouco mais aliviado por saber que logo, logo, ela despertaria.

Sandra apareceu na vidraça e fez um gesto para me informar que havia acabado o meu tempo, eu não queria sair dali, queria ficar até que ela despertasse. Eu precisava vê-la acordada para tranquilizar meu coração.

— Acorde, minha Helena, volte a iluminar minha vida com esses olhos azuis intensos... eu descobri que não sou nada sem você, só um reles corpo sem vida e sem alegria perambulando por aí, preciso do seu sorriso.

Beijei sua mão e saí, encontrei Sandra no corredor.

— Vamos lá, garotão, ela está em boas mãos.
— Sandra bateu suavemente em minhas costas.

— Eu quero ficar aqui, ela pode acordar a qualquer momento.

— Você não pode ficar aqui nesse corredor, fique na sala de espera que vou verificar com o médico plantonista quando irão levá-la para o quarto.

— Tudo bem.

Segui a orientação de Sandra, sentei-me na sala de espera, orei outra vez para agradecer pelos progressos de Helena. Meu celular tocou, despertando-me do meu momento com Deus, atendi rapidamente e era a Alessandra, curadora da galeria.

— Alô.

— P-E-R-F-E-I-T-O, confesso que estava sem muitas expectativas com as fotos que tinha me enviado anteriormente, mas as que me enviou essa
PERIGOSAS ACHERON

madrugada estão maravilhosas, essa exposição será um sucesso — ela disse eufórica.

— Obrigado, escolhi com o coração.

— Acredito, é notório, pode me enviar completo. Já vou tratar dos demais detalhes, precisamos começar logo as divulgações dessa exposição.

— Tudo bem, passar bem.

— Fique bem também, Saulo.

Encerrei a ligação, guardei o celular no bolso e avistei Sandra vindo ao meu encontro, acompanhada do investigador de polícia que procuramos para tratar do caso de Alberto.

— Saulo, esse senhor é investigador de polícia e gostaria de falar com um familiar de Helena.

— Sim, sim, já nos conhecemos, é Rodrigo o seu nome, não é? Sou Saulo o marido de Helena.

— Sim, exato, podemos falar em particular

alguns minutos?

— Claro.

Saímos da sala de espera, pela porta lateral do hospital, caminhamos até o estacionamento em busca de um lugar mais reservado.

— Estou investigando o acidente do detetive particular da sua esposa, como já deve saber. Quando a sua esposa sofreu o atentado, eu procurei pessoalmente o delegado que está cuidando do caso, eu acredito seriamente que esses crimes estão relacionados.

— De que modo?

— O Francisco já saiu do coma e já nos prestou esclarecimentos, contou que o tal Pedro foi funcionário dele há alguns meses, ele o dispensou porque percebeu um estranho interesse em alguns casos de pessoas muito ricas, principalmente o de Helena. No dia do acidente ele disse que os freios falharam repentinamente, a perícia comprovou que houve adulteração dos mesmos. No mesmo dia que Francisco viajou, esteve hospedado em um hotel

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que nos forneceu as imagens da câmera de vigilância, em uma delas Pedro aparece nitidamente no estacionamento onde estava o veículo do detetive. Ele segurava uma bolsa de mão e usava casaco com capuz para encobrir o rosto, mas em um dado momento ele se descuidou e conseguimos identificá-lo.

— Isso quer dizer que eles sabotaram o carro do detetive, mas por qual motivo fariam isso?

— Suspeitamos que o tal Alberto não passa de uma fraude para arrancar dinheiro da sua esposa. Lembro que ela mencionou que alteraria o testamento para incluí-lo como herdeiro, estou certo?

— Sim, Helena sempre fez questão de dizer que doaria parte do que conquistou para o verdadeiro Alberto. Mas, eu receio que exista algum equívoco nessa história, ela estava de posse do resultado do teste de DNA e deu positivo, ou seja, esse Alberto é mesmo o filho de Vera Machado.

— É isso! Estava tentando ligar os fatos, agora

PERIGOSAS ACHERON

está explicado. Você está com esse resultado do DNA?

— Não, está em casa, mas de qual ligação está falando?

— As imagens da câmera de vigilância do estacionamento em que Helena foi baleada estavam desligadas, ou seja, foi um crime premeditado, não foi uma tentativa de assalto. Conseguimos as imagens do prédio em frente e constatamos que ela foi seguida por um carro com placas adulteradas. Não foi possível ver o rosto do motorista com clareza, mas suspeito que esse Alberto e o Pedro estão por trás disso. O Pedro já está com a prisão preventiva decretada por envolvimento na tentativa de homicídio do detetive. Agora precisamos coletar as digitais desse Alberto para compararmos com o nosso banco de dados e descobrirmos sua verdadeira identidade.

— Acha que é possível eles terem fraudado esse exame?

— Óbvio, estamos falando de milhões em jogo,

e você sabe que só se recebe uma herança da qual você é herdeiro quando...

— O autor do testamento falece — completei a frase, ao entender onde ele queria chegar, fiquei surpreso, não imaginei que Alberto fosse capaz de uma crueldade dessas.

— Exatamente, portanto, são indícios irrefutáveis de que os dois tentaram matar a sua esposa para poder garantir a parte que cabe ao Alberto na herança, agora precisamos de provas. Sempre existe um elo fraco na corrente, que quando devidamente instigado, acaba confessando tudo — ele ficou pensativo, depois continuou: — É bem provável que Alberto apareça por aqui, tente ser discreto e se conseguir coletar as digitais dele, será de grande ajuda.

— Certo.

— Agora preciso ir — ele retirou o cartão de visitas do bolso e me entregou — caso tenha algo novo para contar, ligue-me a qualquer horário. Vou solicitar uma cópia do resultado do exame para o

laboratório precisamos comparar os resultados.

— Obrigado.

Ele caminhou até um carro descaracterizado, entrou e partiu. Retornei para o interior do hospital e sentei novamente na sala de espera, Sandra já não estava mais no ambiente. Sentei, fechei os olhos e tentei relaxar. Pouco depois recebi diversas ligações: Antônio, Juliana, assistente de Helena, e também do Arthur, queriam notícias de Helena.

Permaneci sentando nas cadeiras de plásticos da sala iluminada e até barulhenta, um vai e vem de familiares em busca de notícias, profissionais da saúde e até polícia. As horas se arrastavam e a cada minuto que passava, meus olhos pesavam, o cansaço e o sono duelavam com o meu desejo de permanecer acordado, não sei em que momento perdi a batalha, e fui despertado por Sandra.

— Venha, Saulo, Helena já está no quarto, você pode ficar como acompanhante.

Olhei-a ainda aéreo, esfreguei os olhos e ela repetiu outra vez, então compreendi o que ela dizia,
PERIGOSAS ACHERON

levantei e a segui. Atravessamos uma infinidade de portas e corredores até chegar no quarto que Helena estava. Entramos sorrateiramente, ela ainda estava sedada, Sandra conversou com a enfermeira que estava aplicando uma medicação em Helena e depois beijou minha testa em despedida e saiu.

Peguei a poltrona que estava próximo da porta e coloquei bem ao lado da cama, sentei e segurei a mão de Helena, respirei mais aliviado por poder ficar ao lado dela. Eu precisava ficar aqui, eu queria vê-la despertar, dizer-lhe o quanto estou feliz pelo nosso pequeno milagre.

Lembrei da nossa canção, a mesma que ouvimos e dançamos quando ela aceitou meu pedido de namoro, cantei para ela, *Close to you*, desafinado, chorando em alguns momentos, mas cantei por completo, sem largar sua mão por um segundo apenas.

Apaguei na poltrona ao lado dela, estava tão cansado que nem me importei com a posição incomoda que estava. Não sei por quanto tempo dormi, só sei que despertei com o bipe do monitor

cardíaco alterado, levantei para apertar o botão de emergência, mas antes que o fizesse a equipe de médica chegou.

Helena mexeu a cabeça algumas vezes, estava despertando. Ela sentou-se na cama subitamente e balbuciou algumas palavras, sua voz era baixa, quase que inaudível, mas continha um desespero incomum, uma espécie de apelo. Corri para o seu lado e quando ela me avistou, percebi que seu desespero aumentou, ela estava muito agitada e tentou falar:

— Saulo, foi ele, foi ele.

— Calma, Helena, não fale nada, por favor — tentei acalmá-la e a abracei calmamente.

— Alberto...Alberto... — ela fechou os olhos lentamente e apagou nos meus braços.

Coloquei-a de volta na cama e a acomodei confortavelmente.

— O que aconteceu? — perguntei para o médico.

— É comum em alguns casos ao despertar de uma sedação, o paciente apresentar confusão mental, aplicamos outro sedativo, ela vai dormir por mais algumas horas.

— Obrigado.

Os médicos saíram, alisei seu rosto mais uma vez, beijei sua mão e olhei no meu relógio de pulso, era quase uma da tarde, eu dormi mais do que eu imaginava. Precisava almoçar, ouvi uma batida na porta e autorizei a entrada, era a minha mãe que entrou com um balão dourado e um vaso de margaridas.

— Oi, meu filho — ela disse baixinho e beijou minha testa. — Como está Helena?

— Ela despertou agora pouco, mas estava muito agitada e precisou ser sedada outra vez, mas está se recuperando bem.

— Graças a Deus.

Minha mãe colocou o balão e flores em uma pequena mesa na lateral do quarto, próximo da

PERIGOSAS ACHERON

janela e depois voltou para o lado da cama e tocou a mão de Helena.

— Ela vai ficar bem, meu filho, tenho certeza. Você comeu alguma coisa hoje?

— Tomei café, mas ainda não almocei.

— Vá almoçar eu fico aqui com ela, seu pai já deve estar subindo, ele está tentando estacionar o carro. Sandra nos avisou que ela estava no quarto e que já poderíamos vê-la.

— Tudo bem, vou comer alguma coisa e já volto.

Beijei a testa da minha mãe e saí, precisava comer algo e pensar com mais cautela, Helena não estava confusa, ela queria dizer quem foi o autor do disparo, e não me assustou nenhum pouco ouvir o nome do Alberto da boca dela, senti ódio e uma imensa vontade de quebrar cada osso do corpo daquele maldito com requintes de crueldade.

Almocei no mesmo quarteirão que ficava o hospital, tentei ser breve, pensei em ligar para o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

investigador para falar o que Helena tentou dizer, mas achei melhor não, precisava ter algo mais concreto. Retornei para o hospital cerca de uns quarenta minutos depois, entrei pela recepção e não mais pela entrada funcional. A primeira cara que avisto é do Alberto, segurando um urso de pelúcia e rosas brancas. Meu sangue ferveu ao vê-lo, a ira preencheu cada célula do meu corpo naquele breve momento, ele conversava com a recepcionista mostrava mais dentes do que deveria, cerrei os punhos e me aproximei dele, que ao me ver, virou para me cumprimentar, com a cara mais cínica do mundo.

— Como vai, Saulo, eu quero visitar a Helena, posso?

— Venha comigo aqui fora, por favor, preciso falar em particular.

Ele estranhou, mas me seguiu sem protestar, tive que conter a fúria desenfreada e vontade de partir pra cima dele, precisava ser frio e calculista como ele está sendo agora. Continuei andando até achar um lugar bem deserto no estacionamento.

PERIGOSAS ACHERON

Enfim parei e o voltei para olhá-lo.

— Está acontecendo alguma coisa? — ele fingiu preocupação.

— Calhorda, filho de uma puta.

Não consegui me segurar e dei o primeiro soco que acertou o maxilar de Alberto, ele girou a cabeça para o lado e arregalou os olhos, como se não soubesse o motivo da agressão, jogou as flores e o urso no chão e tentou revidar, mas o detive e acertei mais outros golpes certos nele. Acertei-o no nariz que jorrou sangue pelo blazer do terno de quinta categoria que ele vestia. Atracamo-nos entre socos e pontapés, como dois adolescentes imaturos, não dissemos nada, não trocamos ofensas, mas eu tinha certeza que ele sabia o motivo das agressões, montei sobre ele e continuei socando na cara, até vê-la coberta de sangue e ele não esboçar nenhuma reação, parei ao vê-lo desacordado.

Gritei irado, como se o restante da ira contida em mim estivesse se esvanecendo no meu grito, coloquei pra fora todo o ódio preso desde o instante

que descobri que ele era o atirador. Olhei em volta e tinha um casal nos olhando assustados, encarei-os com frieza e eles correram sem nada dizer.

Levantei e respirei profundamente para recuperar o fôlego, balancei as mãos na tentativa de aliviar a dor provocadas pelos socos que acertaram Alberto. Virei de costas para o miserável por um único instante, ele continuava apagado estirado no chão, mas como o covarde que ele é, não perdeu a oportunidade ao me ver de costas, atirou em minha direção que por muita sorte não pegou na minha cabeça. Virei subitamente e chutei a arma que ele empunhava prestes a me alvejar novamente.

— Covarde, lute como homem — gritei.

Ele tentou se levantar, mas estava tonto, cambaleou e sentou-se novamente.

— Eu vou te matar, filho de... — ele tentou falar, mas o interrompi.

— Eu que vou te matar se botar os pés aqui novamente. Fora daqui, ou você vai morrer hoje mesmo — bradei apontando o dedo para cara dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes que ele tentasse recuperar a arma, tirei a camisa e a enrolei nela, recolhi a cápsula de bala do chão e retornei para o interior do hospital. Precisava proteger Helena e impedir que esse desgraçado se aproxime dela.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30

Saulo

Entrei no hospital sem camisas, andei o mais rápido que pude, antes que os seguranças me impedissem de chegar até Helena. Minhas mãos estavam ensanguentadas, e eu estava seminu, portava uma arma de fogo enrolada em uma camisa, seria uma situação complicada de explicar.

Por sorte, consegui chegar ao meu destino sem ser impedido, minha mãe e meu pai assustaram-se ao me ver entrar feito um furacão, nessas condições.

— O que aconteceu, Saulo? — minha mãe perguntou e pulou da poltrona vindo em minha
PERIGOSAS ACHERON

direção preocupada, olhava fixamente para o sangue em minhas mãos.

— Preciso me recompor — olhei rapidamente para meu pai e pedi: — Pai, providencie uma camisa para mim, aqui ao lado tem uma loja de departamentos, compre qualquer uma. Depois explico o que aconteceu.

Entrei no banheiro e coloquei a arma sobre a pia, lavei as mãos e o rosto, olhei-me no espelho e havia um pequeno hematoma do lado esquerdo acima da bochecha e um sangramento no canto direito da boca. Limpei rapidamente, passei as mãos pelos cabelos para arrumá-los, depois liguei para o investigador de polícia, ainda do banheiro.

— Investigador Rodrigo Salgado.

— Rodrigo é o Saulo, eu tenho o que você precisa, pode me encontrar novamente aqui no hospital? Estou na Ala 4, Apartamento 301.

— Chego em 15 minutos.

— Combinado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Desliguei e retornei para o quarto, meu pai já havia retornado, peguei a camisa e vesti rapidamente, sentei ao lado deles no sofá, sob os olhares preocupados e duvidosos dos meus pais que me analisavam em silêncio, aguardando minhas explicações.

— A Helena despertou e tentou dizer quem atirou nela, o investigador de polícia esteve aqui mais cedo e me contou das suspeitas sobre a motivação do crime.

— Motivação? — meu pai me interrompeu confuso.

— Sim, papai, Helena fez um testamento deixando parte dos bens dela para o filho de uma amiga que ela busca há muitos anos. Porém um impostor apareceu e tentou aplicar um golpe nela, fingindo ser o tal Alberto que ela procura. O investigador de polícia desconfia que eles fraudaram o exame de DNA e tentaram matá-la para receber a parte da herança que cabe ao verdadeiro Alberto Machado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso é muito grave, meu filho, Helena corre risco de vida, você precisa reforçar a segurança, transferi-la para outro hospital, sei lá, precisamos mantê-la segura. — minha mãe falou nervosa.

— Eu sei, nós precisávamos de provas para incriminá-lo, eu o encontrei na recepção querendo visitar Helena e não consegui ser dissimulado como ele, trocamos socos no estacionamento e ele estava armado e tentou atirar em mim, mas consegui desarmá-lo e recolher a arma que ele portava, essa pode ser a prova que precisamos para ligá-lo ao crime.

— Saulo! Você se arriscou demais, deveria ter chamado a polícia — minha mãe disse assustada.

— Se chamasse a polícia eu que poderia ser preso por lesão corporal, afinal eu que o acertei primeiro e não teria conseguido pegar a arma dele — justifiquei.

— Vamos transferir Helena com urgência, vou ligar para sua irmã e falar com o médico plantonista — papai disse preocupado.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem, vou ligar para o Antônio, pedi que providencie alguns seguranças particulares para garantir a segurança deles. Não posso colocar em risco minha Helena e meu filho.

— Faça isso, Saulo — minha mãe reforçou.

Liguei para Antônio e expliquei o ocorrido sucintamente, meu pai falou com Sandra e depois saiu acompanhado da minha mãe para falar com o médico plantonista e providenciar a transferência de Helena. Mal encerrei a ligação e o investigador chegou, portava um envelope nas mãos, era igual ao que estava com Helena no dia crime, o mesmo que o policial me entregou junto com os pertences dela.

— Rodrigo, — estendi a mão para cumprimentá-lo — acho que consegui algo muito importante.

— Eu também, consegui uma cópia do exame de DNA, por sorte o laboratório é de um velho conhecido meu e facilitou muito a obtenção de uma cópia sem intervenção judicial. E então o que

conseguiu?

— Como você me alertou, o Alberto veio mesmo aqui, levei-o para o estacionamento e não consegui me segurar e o agredi, apesar de ter sido uma atitude impensada, trocamos algumas ameaças e ele tentou atirar em mim, por sorte desviei e o desarme. Consegui pegar a cápsula e a arma que ele estava portando.

Entreguei a arma envolta na minha camisa e a cápsula de bala que recolhi do chão.

— Ótimo, bom trabalho, se essa arma foi a mesma usada para atingir Helena, temos o que precisamos para colocá-lo atrás das grades — ele avaliou rapidamente a arma e enrolou-a novamente na camisa e continuou: — Bem, você disse que o exame que foi encontrado ao lado de Helena deu positivo, certo?

— Sim, tenho certeza, eu li as conclusões e deu positivo.

— Era falso, como eu suspeitava, esse aqui é o exame original — ele me estendeu o envelope para

PERIGOSAS ACHERON

que olhasse o conteúdo.

Li rapidamente e o resultado era diferente do que eu li, esse era negativo. Confesso que me senti aliviado, mas ainda revoltado com o quase sucesso do plano sórdido deles.

— Está mais do que na cara que esse maldito está por trás de tudo isso. Qual será o próximo passo? Quero vê-lo apodrecer na cadeia.

— Primeiro vou enviar a arma para perícia, precisamos que a balística faça um comparativo com a bala que atingiu Helena. Além disso, identificaremos as digitais que constam na arma e compararemos com o banco de dados da polícia para descobrirmos a verdadeira identidade desse estelionatário, de posse dessas informações, anexamos ao inquérito e já teremos provas suficientes para pedirmos a prisão dele.

— Ótimo, vou transferir Helena de hospital, então me ligue se precisar de algo.

— Combinado, Saulo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Despedimo-nos rapidamente e eu retornei para o lado da minha Helena, sentei na poltrona e apoiei a cabeça na cama em que ela estava. Tentei não pensar no Alberto e em todas as incertezas que permeavam a minha cabeça, pensei somente nos nossos planos, na nossa vida e nos nossos filhos: Júlia e o bebezinho que teríamos.

A notícia do atentado à vida de Helena foi tão impactante que esqueci de avisar a família dela, peguei o celular e liguei para Heloísa, comuniquei o ocorrido e tratei de tranquilizá-la quanto ao estado clínico de Helena, porém Heloísa informou que embarcaria no primeiro voo para Guarulhos.

Minutos depois meus pais retornaram, conseguiram o leito em um hospital de referência que a Sandra indicou e já haviam providenciado o transporte aéreo. Conversamos por alguns minutos, enquanto aguardávamos a equipe médica chegar para preparar a transferência de Helena.

— Meu filho, estamos a poucas semanas do casamento de vocês, não acha melhor interrompermos os preparativos.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, mamãe, Helena vai estar bem e linda, entrando naquela igreja.

Minha mãe me olhou com preocupação, embora eu tivesse afirmado com clareza para dar continuidade aos preparativos do nosso casamento, meu coração lá no fundo não tinha essa certeza, porém eu estava lutando para que o medo não o tomasse conta das minhas certezas que tentava impor na minha mente toda vez que eu olhava para minha amada.



Helena foi transferida e eu passei a noite no hospital com ela, que continuava sedada, foi avaliada pelos médicos do novo hospital e seu estado continuava estável. Por recomendação médica e até para segurança dela, restringimos as visitas apenas aos nossos familiares.

Mesmo com três seguranças, que mais pareciam

PERIGOSAS ACHERON

dois armários, de prontidão na porta do quarto em que estávamos, eu não consegui relaxar e dormir tranquilo. Tirei apenas cochilos rápidos que me deixaram cheio de olheiras, com olhos avermelhados e dores pelo corpo inteiro, pela posição incômoda que fiquei na poltrona ao lado dela.

Meus pais nos acompanharam e ficaram comigo até altas horas da madrugada, depois da minha insistência para que voltassem para casa e a garantia que eu e Helena estávamos bem, eles partiram, cercado de recomendações e preocupação com a nora e o futuro neto que estava a caminho.

Acompanhei o nascer do dia, levantei para lavar o rosto, e quando terminei, minha mãe chegou trazendo consigo diversas sacolas, colocou-as na pequena mesa encostada na janela, circundada por duas cadeiras confortáveis com assentos macios. Lançou-me um olhar terno e um sorriso tímido, foi ao leito de Helena, beijou sua testa e depois veio ao meu encontro, abraçou-me longamente.

— Como passou a noite? Aposto que não

dormiu nada, não é mesmo?

— Foi boa, mas não consegui relaxar o suficiente para dormir com tranquilidade, mãe.

— Imaginei, não quer ir para casa dormir um pouco? Eu fico aqui com ela.

— Não, só saio daqui quando falar com ela, mamãe.

— Meu filho, — ela alisou meu rosto suavemente — tenho tanto orgulho de você, tem se mostrado um companheiro exemplar, sempre soube que a mulher com quem casasse teria muita sorte, estou certa de que também será um pai maravilhoso, Júlia e esse bebê são felizardos. Eu estou muito orgulhosa da família que está constituindo.

— Obrigado, mamãe, também estou muito feliz pela gravidez de Helena e pela nossa garotinha, apenas um pouco triste porque não pudemos comemorar.

— Vai ficar tudo bem, meu filho, logo Helena

PERIGOSAS ACHERON

saíra dessa e comemoraremos juntos. Agora coma alguma coisa, trouxe frutas, café, iogurte, pães, bolo, tudo que você mais gosta. Vá, coma.

Sentei à mesa e comi, realmente tudo estava maravilhoso, não sei se pela fome imensa ou se realmente era o sabor inconfundível da culinária da minha mãe. Ela lia uma revista atentamente enquanto eu me alimentava. Dois médicos entraram para examinar Helena, responderam rapidamente algumas perguntas que minha mãe fez e saíram sem dar muitos detalhes.

Entre conversas, risos e lembranças da minha infância, passamos boa parte da manhã, além dos planos, minha mãe já planejava uma baita festa na fazenda para comemorarmos o nascimento do nosso bebê.

Um pouco antes do meio-dia, ela conseguiu me convencer de ir em casa tomar um banho, descansar um pouco e almoçar. Assim fiz, almocei no quartirão do meu apartamento, depois subi e tomei um longo banho, troquei de roupas e peguei alguns objetos de higiene pessoal, uma muda de roupa e

algumas revistas, depois retornei para o hospital.

— Tudo bem por aqui, mamãe? — disse baixo, ao entrar no quarto, olhei para o leito de Helena, ela continuava do mesmo modo, ainda não tinha despertado.

— Sim, meu filho, o médico veio aqui visitá-la e disse que avaliou os novos exames feitos quando Helena chegou aqui e estão ótimos. Decidiram não mais sedá-la, então, logo, logo ela vai acordar.

— Graças a Deus — respirei aliviado.

— Você voltou tão rápido, não descansou nada, pelo menos almoçou?

— Sim, almocei. Obrigado por ter ficado com ela, mamãe.

— Não agradeça, meu filho, somos uma família e devemos cuidar uns dos outros. Agora preciso ir e me mantenha informada qualquer progresso.

— Tudo bem.

Despedimo-nos brevemente, acompanhei-a até o elevador e depois voltei para o quarto.

Liguei a TV, tentei me distrair assistindo algo, mas nada prendeu minha atenção. Peguei as revistas que trouxe e uma delas era a que tinha a reportagem de Helena, a mesma da foto que nos uniu, folheei rapidamente e me dei conta que nunca tinha lido a reportagem. Sentei ao lado de Helena, segurei a sua mão e resolvi lê-la, continha na lateral uma pequena biografia e a reportagem sobre a empresa de Helena. Senti sua mão mexer levemente, olhei-a rapidamente, com o coração cheio de esperança, mas ela continuava imóvel.

Continuei lendo em voz alta, segurando sua mão firmemente, eu já conhecia a história de vida dela, mas fiz questão de ler por completo até a última palavra. Antes de concluir a leitura, interrompi para dizer-lhe o que sentia naquele momento:

— Tenho muito orgulho de você, minha Helena, e da sua trajetória de vida, é uma verdadeira guerreira e merece tudo que conquistou.

Li um resumo da biografia de Helena que estava logo abaixo da foto que fiz, antes de proferir a última frase, uma voz rouca e baixa interrompeu minha leitura e completou a frase que eu leria em breve:

— E a mulher mais feliz desse mundo — Helena disse e apertou minha mão.

Levantei subitamente da poltrona, até deixei a revista cair no chão de tão nervoso, ela havia despertado, meu coração encheu-se de alegria e bateu descompassadamente, fiquei tão nervoso que minhas mãos tremiam.

— Acho que faltou algo nessa frase e a luz da minha vida — disse e as lágrimas desceram rapidamente, banhando meu rosto.

Eu estava tão emocionado que fiquei embaralhado, não sabia se a abraçava ou beijava, fiquei com medo de machucá-la, mas não resisti, abracei-a delicadamente e continuei chorando. Ouvi sua respiração ofegar e o seu choro, ela também chorou, tentei acalmá-la. Permanecemos

PERIGOSAS NACIONAIS

assim por alguns minutos, entre choros de alegria e alívio, beijei-a suavemente cheio de saudade.

— Eu te amo, Helena, foram os piores dias da minha vida enquanto você esteve aqui pressa nessa cama de hospital.

— Eu também amo você, tive medo de morrer e não poder contar que...

— Existe um milagre crescendo aqui — completei sua frase colocando a mão no ventre dela — fruto do nosso amor, agora somos três, mas em breve seremos quatro.

— Você leu o meu bilhete?

— Sim, e quero que saiba que sou o homem mais feliz desse mundo, o nosso milagre, nosso filho, o nosso maior presente de Deus, é uma prova de que nosso amor estava escrito nas estrelas e tinha que acontecer. Esse bebê é tão guerreiro quanto você, ainda está aqui forte e saudável — alisei seu ventre e ela pousou a mão sobre a minha com os olhos cheios de lágrimas.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, o nosso milagre.

Abracei-a outra vez e nos beijamos emocionados e felizes, logo o monitor cardíaco disparou, não demorou muito para que um membro da equipe médica entrasse no quarto. Afastei-me constrangido, para que ela fosse avaliada, mas feliz por ver outra vez o seu sorriso.

Helena respondeu algumas perguntas que o médico fez, permaneci ao seu lado durante todo o tempo, ela disse que sentia algumas dores na cabeça, por conta da queda, dores na área lesionada e um pouco de dificuldade para respirar. Depois da avaliação, saíram e eu voltei para o seu lado.

— Deite aqui comigo, sinto-me muito melhor nos seus braços.

— Não sei se podemos, tenho medo de machucá-la.

— Vai me machucar se ficar aí só me olhando, preciso do seu abraço.

— Tudo bem — confirmei em dúvida, mas fiz
PERIGOSAS ACHERON

o que ela pediu.

Helena afastou-se e eu deitei na cama e a aninhei em meus braços, alisei seus cabelos ternamente e os beijei.

— Como está a Júlia?

— Ela está no abrigo, ainda não sabe que conseguimos a guarda dela, muito menos o que houve com você.

— Por que não contou a ela sobre a guarda?

— Eu queria fazer isso ao seu lado, quando meus pais chegaram para falar do seu atentado, eu perdi o chão, fiquei completamente desnortado.

— Foi o Alberto... — interrompi sua fala, tudo que eu menos queria era falar daquele calhorda agora.

— Não fala nada disso agora, você precisa se poupar para sair logo dessa cama. Nossa casa deve ser entregue amanhã, vou passar no escritório de arquitetura para verificar. Vou pedir autorização do

PERIGOSAS ACHERON

médico para trazer a Júlia aqui para te visitar.

— É tão bom poder sentir seu cheiro e abraço reconfortante, sinto-me tão protegida quando estou nos seus braços, você é meu porto seguro e minha fortaleza, minha vida.

Era tranquilizador ouvi-la, saber que ela estava bem e poder mantê-la em segurança e nos meus braços me deixava plenamente feliz.

— E você é a minha Helena, ocupou meu coração desde o primeiro sorriso, não quero e nem posso mais viver sem você. Agora descanse, quero logo voltar para casa com vocês e a nossa garotinha, retomarmos nossa vida — beijei sua cabeça e afaguei seus cabelos.

Eu estava exausto e somente depois de tê-la em meus braços consegui dormir tranquilamente, dormimos juntos, na minúscula cama de hospital, ela deitou-se em meu peito eu a envolvi com meus braços, embora não muito confortável pela falta de espaço, foi um dos melhores cochilos que tirei em minha vida.

Início da noite, fomos despertados pela enfermeira que trazia consigo a medicação de Helena. Ela entrou silenciosamente e provocou uma tosse para nos despertar.

— Boa noite, posso medicar a paciente? — ela perguntou desconcertada.

— Claro, desculpe. — levantei da cama e ajudei Helena permanecer sentada, depois fui ao banheiro lavar o rosto, meu braço estava dormente e meu pescoço dolorido, a dor física era o que menos me importava naquele momento, eu estava tão feliz pela recuperação de Helena que as dores eram insignificantes perto da felicidade que eu sentia.

Minutos depois retornei, a enfermeira já havia saído e logo em seguida vieram servir o jantar de Helena. Sentei na poltrona ao seu lado e fiquei observando-a comer, ela estava faminta, ri ao vê-la devorar em poucos minutos a sopa sem cor e nem um pouco apetitosa.

— O que foi? Está rindo de mim? — ela

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntou risonha.

— Você realmente está com muita fome para comer com tanta empolgação essa sopa.

— Estou faminta, acostume-se minha fome só vai aumentar daqui para frente.

— Eu sei, nosso garoto é um guerreiro e precisa comer muito.

— Garoto? Ainda não sabemos o sexo, pode ser uma garota.

— Não, acho que Jujuba acertou, será um garoto e chamará Samuel.

— Igual ao desenho, então precisaremos de um cachorro.

— Sim, teremos — disse e coloquei uma uva na boca dela.

Ela comeu e sorriu, depois alisou meu rosto e disse:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estou saciada de comida, agora falta saciar outra fome.

Seu olhar malicioso e suas mãos descendo lentamente pelo meu peitoral, deixou claro suas intenções.

— Eu estou louco de saudades, mas quero que se recupere primeiro. E não esqueça que estamos em um quarto de hospital.

— Eu não esqueci, mas é que meu desejo é maior que o risco de sermos pegos.

Rimos juntos, depois sentei novamente na cama e a coloquei em meus braços, assistimos aos noticiários, fizemos planos e trocamos beijos e carinhos castos.

Naquela cama de hospital com Helena nos meus braços outra vez, tão feliz e animada com os nossos planos para o futuro, senti-me completo novamente. Como se tivesse recuperado um pedaço de mim, que me foi brutalmente tirado. Helena devolveu-me a luz, tirou-me da escuridão que o medo que tive de perdê-la me jogou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu anjo de luz,

Minha Helena,

Minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31

Helena

Dias depois...

— Calma, calma, já estamos chegando — Saulo falava empolgado.

— Quanto mistério, está me deixando nervosa, Saulo.

Caminhávamos a passos lentos, fui vendada boa parte do percurso, desde que saímos do hospital, Saulo não revelou nosso destino. Ele esteve tão misterioso nos últimos dias que não fazia ideia do que poderia estar à minha espera.

— Vou colocá-la no meu colo, para subirmos alguns degraus.

— Degraus? Onde estamos, Saulo?

Ele apenas ria, senti no seu riso felicidade que era algo muito especial. Ele me pôs de pés, e ouvi gritos de alegria:

— Bem-vinda, Helena — várias vozes falaram juntas.

Saulo retirou a minha venda, olhei em volta e reconheci pelas enormes janelas, as quais me apaixonei tão logo que as vi, estávamos na nossa casa, a sala estava repleta de pessoas: nossos familiares e amigos mais íntimos. Estava tudo decorado, repleto de balões azuis e branco, algumas mesas ornadas com diversas guloseimas e canapés.

— Meu Deus! — fiquei surpresa com a recepção.

Todos aplaudiram e depois vieram nos cumprimentar e parabenizar pelo bebê. Antônio com a família, Juliana, minha assistente, minha

PERIGOSAS ACHERON

mãe, Heloísa, Sandra e o pai de Saulo.

Depois da sequência de cumprimentos e muitos abraços afetuosos dos presentes, Saulo me guiou até o sofá e me ajudou a sentar, colocou diversas almofadas nas minhas costas.

— Está confortável assim?

— Sim, está perfeito. Como você fez tudo isso?

— Minha mãe é uma ótima cerimonialista e organizadora de eventos, já te falei.

— Onde ela está? — perguntei.

— Está terminando de vestir a Júlia, elas passaram o dia juntas no *shopping* hoje.

— Obrigada por me fazer tão feliz, minha vida.

— Você que me faz — Saulo me beijou castamente.

Ouvi a voz de Júlia, olhei para as escadas e ela desceu apressada e veio correndo em minha

PERIGOSAS NACIONAIS

direção, sentou-se ao meu lado, abraçou-me com cuidado e alisou minha barriga suavemente. Ela trajava lindamente um vestido lilás, sua cor favorita, os cabelos estavam devidamente penteados com uma tiara que combinava com a roupa.

— Oi, minha linda, como você está? — perguntei.

— Estava com saudades, tia. Só pude te ver rapidinho no hospital, agora você já está em casa, estou muito feliz que está bem, como está o Samuel?

— Samuel? Saulo já te convenceu que é um menino?

— Não foi o tio Saulo — ela se aproximou e cochichou em meu ouvido: — Foi um anjo que me contou, mas é segredo.

Fiz um sinal de silêncio, e mudamos de assunto para mantermos o sigilo do nosso segredo, ela sorriu e entrou na brincadeira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está linda — disse acariciando seu rostinho.

— Obrigada, tia, foi a vó Solange que me deu esse vestido de presente, eu adorei.

— Vó? Você a chamou de vó? — perguntei e olhei para Saulo, que balançou a cabeça negativamente. Decidimos esperar pela minha alta hospitalar para contar para Júlia que já tínhamos a guarda dela.

— É porque quando eu gosto das pessoas mais velhas, eu chamo de vó. Está errado, tia?

— Não princesa, pode chamar como você quiser.

— Eu ganhei uma boneca nova também, depois eu te mostro, agora eu vou brincar com a Lívia.

Júlia saiu animada, e logo Solange veio ao meu encontro. Beijou minha cabeça e trouxe um pratinho com alguns canapés para mim.

— Como está se sentindo Helena?

PERIGOSAS ACHERON

— Bem melhor agora.

Uma música ambiente agradável tocava, um garçom nos servia comidas e bebidas a todo instante. Em torno do sofá que eu estava sentada, nossos convidados se acomodaram e conversamos animadamente, ao som de boa música, ótima comida e bebida. Brindamos a saúde e a nossa bela amizade.

Por volta das onze da noite, todos os nossos convidados já haviam partido, ficaram apenas nossos familiares e a Júlia. Fizemos um rápido tour pela casa, ficou magnífica, exatamente como eu e Saulo idealizamos. Finalmente chegamos a porta do quarto de Júlia, ela ainda não o tinha visto.

— Júlia, venha aqui, princesa, — chamei-a — abra e entre.

Ela já estava sonolenta, abriu a porta e entrou, ouvimos seus gritinhos de felicidade ao ver o quarto, entramos logo em seguida, ela estava admirada olhando tudo com muita atenção e emoção.

— Gostou, Júlia? — Saulo perguntou.

— É lindo, tio, é meu sonho ter um quarto desses.

— Então é real, minha linda, esse quarto agora é seu, esperamos a minha alta médica para te contar uma novidade. Eu e o Saulo conseguimos a sua guarda e agora somos...

— Meus pais? — ela perguntou com os olhinhos brilhando.

— Sim, somos seus pais — Saulo respondeu.

Ela desabou no choro e Saulo a pegou no colo, ficamos os três abraçados por alguns minutos, até ela se acalmar.

— Eu estou tão feliz, que meu coração parece que vai explodir — ela falou soluçando.

— Oh! Júlia, todos nós estamos felizes — disse e alisei seus cabelos ondulados.

— Agora você tem duas avós e um avô, tias e

PERIGOSAS NACIONAIS

alguns primos também, não é legal? Sandra perguntou, eu sou sua tia agora, gatinha.

Ela sorriu lindamente e depois abraçou um a um, pediu a benção das avós, do avô e das tias, depois voltou para o meu lado e segurou minha mão.

— Eu tenho uma mãe muito bonita. — Ela disse me olhando admirada.

— E eu sou uma mamãe de muita sorte, tenho a filha mais linda desse mundo — disse e a abracei.

— Já está tarde, é hora de uma certa mocinha dormir — Saulo disse e a abraçou.

— Eu já vou dormir aqui? — ela perguntou animada.

— Sim, querida, a vovó lavou suas roupinhas e já deixou tudo organizado para isso — Solange disse e se aproximou de nós.

— Obrigada, vovó — ela correu e abraçou Solange.

PERIGOSAS ACHERON

— Acho melhor deixarmos ela descansar —
Odair disse e saiu do quarto.

Despedi-me de minha mãe e Heloísa, Saulo foi levá-las até o meu antigo apartamento, onde elas estavam hospedadas, passariam mais alguns dias em Guarulhos conosco.

— Agora você precisa de um banho, princesa, e depois cama.

— Eu não posso olhar um pouco mais o meu quarto?

— Você terá muito tempo para isso, vamos dormir, amanhã vamos ao abrigo buscar suas coisas e se despedir de suas amiguinhas.

— Eu posso ir lá de vez em quando para visitar?

— Claro, meu amor, quando quiser. Agora chega de enrolação, para o banho, mocinha.

Ajudei Júlia tomar banho e a escolher o pijama, existiam diversas opções, das quais ela fez questão

PERIGOSAS ACHERON

de admirar um a um dos seus novos pijamas. Tudo passado e devidamente dobrado, separado por cores e modelos.

Depois de vestida e penteada, deitei ao seu lado e cantei uma musiquinha de ninar, afaguei seus cabelos e ela dormiu em poucos minutos. Deixei a luminária ligada e retornei para sala, meus sogros e Sandra conversavam animadamente.

— Nossa princesa adormeceu? — Odair questionou ao perceber minha aproximação.

— Sim, como um anjinho.

— Como está se sentindo Helena, não é uma pergunta de médica, certo? — Sandra questionou descontraída.

— Estou bem, ainda sinto algumas dores no local do tiro, mas estou bem.

— Sim, claro, é normal.

Saulo chegou, estacionou o carro e veio ao nosso encontro, passou o braço em minha cintura e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me puxou para junto dele.

— Estávamos aguardando você retornar para irmos, não queria deixar Helena desacompanhada — Solange falou.

— Obrigado por terem feito companhia para minha esposa.

— Obrigado pela noite agradável — Odair me abraçou. — Fiquem bem e nos liguem qualquer coisa.

— Eu quem agradeço pela recepção e presença. Foi uma noite maravilhosa, obrigada por tudo, em especial a você, Solange.

— Não precisa me agradecer, Helena, eu que sou grata por tê-la como nora, felizmente percebi a tempo que você é a mulher ideal para o meu filho — ela me abraçou e alisou minha barriga. — Meu segundo netinho, tenho certeza que será um lindo bebê.

— Sim, igual ao pai — completei.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou acompanhá-los até o carro. — Saulo virou-se para mim e orientou: — Espere-me aqui é melhor não descer os degraus.

— Tudo bem.

Despedi-me dos meus sogros e de Sandra, fiquei na porta de nossa casa vendo-os partir, acenei ao vê-los entrar no carro e cruzarem os imensos portões da propriedade. Saulo retornou com um sorriso tão lindo, era impossível não perceber sua felicidade. Caminhou lentamente em minha direção, passou as mãos pelo cabelo, tão sensual que desejei estar completamente recuperada para correr para os seus braços. Meu coração disparou, ele parou na minha frente, entrelaçou as mãos em meus cabelos e trouxe minha boca para junto da sua, beijou-me com desejo e sussurrou ao meu ouvido:

— Enfim sós e em casa.

— Sim, nossa casa.

Saulo me colocou em seu colo subitamente, dei um gritinho de susto, entramos na casa, ele trancou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a porta e subimos as escadas. Enquanto subíamos, trocamos beijos e carinhos. Entramos no nosso quarto e ele me colocou na cama devagar, cheio de cuidados, como se fosse uma boneca de porcelana.

— Quer alguma coisa? — ele perguntou sentando-se ao meu lado.

— Eu quero sim — contornei seu rosto com a ponta dos dedos e desci devagar pelo seu peitoral encoberto pela camisa. — Quero você.

— Eu também a quero, mas tenho medo de machucá-la. Você tomou um tiro e ainda está em recuperação, precisa de repouso.

— Não vou conseguir dormir se não fizermos amor — protestei birrenta e continuei descendo as mãos pelo seu peito.

Sentei na cama e busquei seus lábios, nosso beijo evoluiu rapidamente, segurei na barra da sua camisa e tentei retirá-la, Saulo concluiu o feito.

— Helena... — ele tentou me advertir com um sorriso desconcertado.

PERIGOSAS ACHERON

— Faz amor comigo, minha vida.

Ele me olhou por alguns instantes como se estivesse analisando meu pedido, depois disse pausadamente: — Pedindo desse modo, não me resta outra escolha.

Saulo me beijou com sofreguidão, desceu as mãos cuidadosamente pelo meu corpo, com receio de me provocar dor por conta do ferimento. Ao mesmo tempo que tinha um excessivo cuidado, eu via em seus olhos que ele estava tão louco de desejo quanto eu, nossos carinhos urgentes e toques mais íntimos, despertaram o calor dos nossos corpos ao ponto de não haver mais cuidado, apenas o desejo ardente e lascivo contido nos últimos dias.

Foram dias sem sexo, depois que acordei da sedação, Saulo dormiu no hospital comigo todos os dias, mas apenas dormimos, estava louca para voltar para casa e poder ser amada pelo meu marido outra vez. Enfim senti que minha vida voltava ao normal e que realmente estava em casa, tomamos um banho, trocamos juras de amor e muitas carícias, dormi em seus braços e nos amamos de

novo e de novo até o dia amanhecer.

Despertei com os raios de sol invadindo o quarto, Saulo já não estava ao meu lado, as cortinas estavam abertas e davam visão para o imenso jardim da propriedade, era uma vista maravilhosa, com árvores frondosas, gramas, e plantas ornamentais dos mais variados tipos, tinha até uma casinha de pássaros, um pergolado com um banco de balanço, lindo e aconchegante, exatamente como planejavamos.

Vesti um robe e abri a porta da sacada, fechei os olhos e ouvi um pouco do barulho da cidade misturado ao canto dos pássaros do nosso jardim, senti um alívio gigantesco, finalmente estava livre do bipe ensurdecedor das máquinas do hospital. Eu estava em casa, na minha casa e o melhor de tudo com a minha família.

Retornei para o quarto, fui ao banheiro, lavei o rosto, escovei os dentes e olhei para o curativo no meu peito, próximo do ombro esquerdo, era pequeno, mas ainda doía bastante. Não fiquei triste pelo o que aconteceu, mas sim por quem o

provocou, saber que foi tudo motivado por dinheiro, deixou-me decepcionada, mas já esperava que Alberto fosse uma fraude e ao ler o resultado do exame, só confirmei que Saulo sempre esteve certo nas suas suspeitas. Como sempre, estava me protegendo e cuidando de mim.

— Está se sentindo bem? — Saulo perguntou da porta do banheiro, interrompendo meus pensamentos.

— Sim, estou ótima, só um pouco decepcionada. Eu gostaria de achar o verdadeiro Alberto e preciso ir na HML.

Saulo entrou no banheiro e colocou as mãos em meu rosto.

— Calma, quando estiver bem e recuperada voltará a sua empresa e iremos procurar o seu detetive, não quero que pense nisso agora, vamos tomar café.

— Eu sei, você já me disse isso, mas é mais forte que eu, há algo que me prende a história de Alberto, não consigo explicar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei e entendo o seu desejo de encontrar o verdadeiro Alberto, mas agora preciso que esqueça tudo isso, pense somente no nosso filho, você precisa de calma e serenidade, lembra do que a médica orientou?

— Sim, preciso de repouso. Vou tentar fazer isso, minha vida.

— Ótimo, agora vamos tomar café, temos uma surpresa.

— Surpresa? — questionei.

— Sim, surpresa.

Saulo pegou minha mão e me conduziu até o jardim da casa, havia uma mesa montada para nós, minha mãe e Heloísa estavam sentadas junto com Júlia. Abracei-as rapidamente, Saulo colocou minha cadeira entre minha mãe e ele.

— Bom dia, minha princesa — beijei o rostinho de Júlia que correu para me abraçar. — Dormiu bem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, mamãe. Ajudei o papai a preparar nosso café, ele é meio atrapalhado, mas aprende rápido.

Sorrimos das palavras de Júlia, Saulo sentou-se ao meu lado.

— E você é uma exímia cozinheira, não? — ele disse num tom de ironia e fez cosquinhas na barriga de Júlia.

— Ficarão até nosso casamento? — perguntei para minha mãe e Heloísa.

— Não, filha, preciso retornar, mas volto uns dias antes. Agora posso retornar para casa tranquila, sei que está em boas mãos.

— Não vai agora, vó, fica um pouquinho mais.
— Júlia disse, pegando a mão de minha mãe.

— Minha lindinha, a vó precisa ir, mas estou esperando você lá no Sergipe na minha casa para fazer uma baita festa.

— Você pode me levar lá, papai?

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, é lógico, mas quando estiver de férias.

Nosso café foi maravilhoso, passei boa parte do tempo observando a conversa de todos, tão feliz e realizada como nunca pensei, Júlia já fazia parte da nossa família, era tão lindo ver o sorriso dela e o modo como ela tão rapidamente se afeiçãoou a todos nós, não poderia ser diferente, sua docilidade e meiguice encantam à primeira vista. Meu coração ainda palpitava de alegria ao ouvi-la me chamar de mãe, era muito significativo para mim, porque sabia que era de coração, espontâneo e partiu dela o desejo de nos ter como pais.



Saímos no fim da tarde para buscar Júlia e levar minha mãe e Heloísa no aeroporto. Depois de muitos protestos meus, Saulo me permitiu ir junto, tratava-me como um bebê indefeso, tinha um cuidado excessivo com o meu bem-estar que chegava a ser cômico em alguns momentos.

Passamos no colégio de Júlia para buscá-la, ela já estava na nova escola, era mais próximo de nossa casa e com ótimas referências. Nossa garotinha estava muito empolgada com tantas mudanças, mas estava se adaptando facilmente a nova rotina. Bem como eu e Saulo, agora tínhamos uma filha e novas responsabilidades que eu estava amando viver cada uma delas ao lado do Saulo.

— Acha mesmo necessário tantos seguranças assim? — questionei Saulo enquanto aguardávamos na porta da escola de Júlia.

— Não sabemos o que esse Alberto é capaz, não se preocupe com isso, logo ele será preso e teremos nossa liberdade de volta — Saulo disse calmamente.

— Assim espero.

— Os portões se abriram, fique aqui que irei buscá-la.

— Tudo bem.

Trocamos um beijo rápido e Saulo desceu do
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carro, dois seguranças o acompanharam e outros dois ficaram próximo do veículo. Minutos depois os vejo caminhar na minha direção, Júlia saltitava alegremente segurando a mão de Saulo, enquanto ele carregava sua mochila com a outra mão.

Saulo colocou Júlia no banco de trás, junto de minha mãe e Heloísa, que a cobriam de mimos. Ela abraçou todos e me deu um abraço afetuoso, depois voltou para o seu lugar e Heloísa afivelou o cinto de segurança dela. Fomos direto para o aeroporto, conversamos bastante enquanto aguardávamos as duas embarcarem, despedimo-nos e voltamos os três para o nosso carro.

— Pronto, vamos para casa? — Saulo disse ao entrar no carro.

— Podemos ir ao cinema, o que acha? — sugeri.

— Não, temos um compromisso hoje à noite.

— Compromisso? — questionei confusa, não recordava de nenhum compromisso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, hoje é a abertura da minha exposição de fotos.

— Claro, como pude esquecer!

— Eu posso ir, papai? — Júlia perguntou eufórica.

— Hoje não, Jujuba, terminará muito tarde e você precisa dormir cedo que amanhã começa as aulas de natação, mas eu prometo que te levo antes de acabar, em um outro horário durante o dia, combinado?

— Poxa, tá bom. — ela respondeu entristecida.

— Você não comentou mais nada sobre, nem mesmo os convites me mostrou, achei até que tinha adiado.

— Não, na verdade foram tantos acontecimentos que acabei esquecendo de falar.

— Vai me permitir ir? Você quase não me deixa colocar os pés no chão — ironizei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabe que faço isso pelo seu bem, não quero que nada aconteça com nosso bebê e muito menos com você. Não preciso lembrá-la das palavras da sua médica, não é?

— Eu sei disso. Não precisa lembrar, sei que tenho um grande risco de aborto e tantas outras complicações devido à minha idade, mas estou me esforçando e fazendo tudo o que me é recomendado — alisei sua perna e ele retribuiu com o sorriso que iluminava minha alma.

— Assim que se fala.

Chegamos em casa, e a babá de Júlia já havia chegado, Saulo havia pedido que ela dormisse aqui hoje, porque chegaríamos muito tarde. Enquanto passava algumas orientações para ela, Saulo subiu para se vestir, eu subi logo em seguida e ele já estava terminando o banho. Aproveitei para escolher um vestido bonito para a ocasião, optei por um longo escuro, com a costa nua, trabalhado com alguns paetês no busto, que garantiam elegância a peça e encobrisse meu curativo. Escolhi a bolsa de mão e sapatos, e os deixei sobre a cama.

PERIGOSAS ACHERON

— Ótima escolha, ficará linda — Saulo disse ao ver o vestido que escolhi.

— Obrigada. Não acha que está muito cedo?

— Preciso ser o primeiro a chegar e quero te mostrar um a um todos os quadros, antes de abrir para o público.

— Está me deixando curiosa, qual o tema da exposição?

— O Amor.

— O Amor? Só isso?

Ele sorriu da minha dúvida e disse calmamente:
— Sim, vá logo se vestir que acabaremos com essa curiosidade logo, logo.

Tomei um rápido banho e quando retornei para o quarto Saulo já havia descido, fiz uma maquiagem leve, passei um perfume, calcei os sapatos, peguei a bolsa e descí. Ele estava na sala bebendo uísque, quando me viu descendo as escadas, abriu um sorriso largo e caminhou ao meu
PERIGOSAS ACHERON

encontro, estendeu-me a mão, curvou-se para beijá-la e disse:

— Maravilhosa, minha Helena.

— Você também, está lindíssimo.

Sáímos escoltados por seguranças e outros ficaram de guarda em nossa casa, fazia dias que não saíamos à sós, até estranhei a ausência de Júlia, senti falta da nossa pequena. Mas, Saulo tinha razão, era um evento voltado para adultos, terminaria tarde e também seria entediante para ela.

Chegamos em poucos minutos, o trânsito estava ótimo, Saulo estava especialmente feliz, eu compreendia seus motivos, era uma noite importantíssima para ele, sem mensurar que era um reconhecimento muito merecido do talento do meu marido.

A galeria era luxuosa e imponente, famosa por expor e comercializar obras de altíssimos valor comercial e de grandes artistas mundialmente conhecidos. Era uma referência no mundo inteiro, por seus eventos badalados, leilões milionários e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por ter muita gente famosa em sua carteira de clientes.

Havia bastante carros no estacionamento, alguns de veículos de imprensa. Uma fila extensa se formava na entrada da galeria, pessoas vestidas das mais diversas formas, parecia até um desfile de moda com tanta diversidade. Aguardavam pacientemente para entrar.

Saulo tinha um brilho diferente no olhar, indecifrável e de certo modo misterioso. Ele desceu do carro e deu a volta para me ajudar a descer, subimos a escadaria de acesso à galeria de braços dados, havia uma entrada especial para quem possuía credenciais com as dele. Ele as retirou do bolso interno do blazer e mostrou para os seguranças que rapidamente nos autorizaram entrar. Havia alguns fotógrafos no *hall* de entrada, pediram-nos para fazermos algumas fotos, antes de adentrarmos à galeria. Depois seguimos para o interior da galeria, antes de chegarmos a área de exposição, Saulo cobriu meus olhos com as mãos e sussurrou ao meu ouvido:

PERIGOSAS ACHERON

— Hoje descobrirá o que é o amor para mim.

Andamos alguns metros e Saulo descobriu meus olhos, permitindo-me ver o pôster oficial da exposição, abri tão rápido, já não conseguia conter minha curiosidade e fiquei atônita diante do que via, não consegui segurar a emoção que tentei dominar para não borrar a maquiagem. As lágrimas desciam pelo rosto e minhas pernas fraquejaram.

— Não pode ser verdade! Você não existe, isso é um sonho bom, mas não quero acordar jamais — disse com a voz trêmula, antes que a emoção tomasse conta de mim.

Capítulo 32

Saulo

— Não é sonho, é real, você é a minha realidade, meu amor e minha vida, Helena.

Helena olhava emocionada o pôster de mais de três metros de alturas na entrada da galeria, anunciando o tema da exposição: Simplesmente amor, Simplesmente Helena.

Usei uma foto dela com a minha camisa, mostrando a tatuagem da coxa, com um sorriso magnífico, digno de uma exposição tão grandiosa quanto essa.

— Você me deixa sem palavras, agora está explicado o mistério todo que fez, não queria que eu descobrisse antes do dia.

— Sim, queria que sentisse a emoção que vejo agora em seus olhos. Venha, precisa ver o restante das fotos.

Guiei-a pelos corredores da galeria, paramos em todas as fotos para olharmos uma a uma. Usei as melhores fotos que eu tinha de Helena, desde a primeira que fiz até as mais recentes que fizemos no meu estúdio, vestida com a minha camiseta, como a da entrada. Eram fotos mais sérias, formais e espontâneas, estava tão inspirado na madrugada que as selecionei, que as legendas e texto de abertura que produzi pareciam verdadeiros poemas, dignos da minha musa inspiradora.

Helena leu todas as legendas, olhou com atenção cada foto em silêncio, segurou minha mão por todo o trajeto, mas as lágrimas no seu rosto denunciavam sua emoção, eu a observava e vi o azul dos seus olhos brilhando intensamente, fiquei extasiado ao vê-la assim, tão lindamente emocionada, que compensou toda a madrugada que passei em claro para produzi-la.

Na última foto, não era apenas Helena, e sim

PERIGOSAS NACIONAIS

nós dois, ela estava deitada no meu colo, mas meu rosto não aparecia, somente o dela com o semblante de felicidade e um leve sorriso nos lábios perfeitamente delineados, li o texto que a acompanhava, sussurrando lentamente cada palavra ao seu ouvido:

“O verdadeiro amor não tem idade, não tem rótulos, nem momento certo para acontecer, apenas acontece, sem data certa e hora marcada, entra sem pedir licença, transforma, muda-nos e nos mostra o real sentido da vida. Pelos teus olhos descobri o mais puro dos sentimentos, tomastes meu coração, preenchestes meu mundo e aqueceste à minha alma, o sentimento puro e genuíno que hoje vivo é graças a ti, responsável pelo meu sorriso e a minha alegria, o que sinto nunca será esquecido, está cravado em meu peito e eternizado na minha alma, porque o que sinto é simplesmente amor.”

Para a mulher que mudou meu mundo e transformou minha vida, Helena Alvarez ou Simplesmente Helena.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Saulo, eu... estou tão emocionada, desculpe-me... — ela me abraçou forte, chorando muito emocionada.

Trocamos beijos e carinhos, ali diante da última foto da exposição, depois sequei suas lágrimas com o meu polegar, beijei suavemente seu rosto, abracei-a forte para acalmá-la.

— Não precisa dizer nada, você me mostra o quanto seu amor é verdadeiro diariamente. Quando soube do seu atentado, retornei para o nosso apartamento e olhando a sua foto no nosso quarto, tive a ideia para essa exposição, foi um momento de pura inspiração.

— Obrigada, está lindo, perfeito. Eu tinha receio de fotos e de me expor, porque eu tinha muita escuridão no meu coração que me impediam de apreciar uma foto como esta, depois que conheci você meu coração se encheu de luz e agora, adoro ver fotos minhas, nossas, com a nossa Júlia, enfim é gratificante recordar bons momentos e eternizá-los em fotos — ela apontou para nossa foto juntos — agora entendo um pouco da sua paixão pela

PERIGOSAS ACHERON

fotografia, mas eu lembro de ouvir você dizer que não iria expor minhas fotos nem mesmo em nome da arte, fariam parte da sua coleção pessoal — ela disse com ironia, pousando os braços no meu pescoço.

— Abri mão apenas destas que mostram o meu amor por você, as que demostram o meu desejo, estão guardadas a sete chaves, são exclusivamente minhas.

— Espertinho — ela brincou e me abraçou outra vez.

Depois de olharmos todas as fotos, voltamos para o *hall* de entrada, encontramos Alessandra, a curadora que organizou a exposição, apresentei Helena, conversamos brevemente e depois circulei de braços dados com a minha musa inspiradora pelo salão, cumprimentei os convidados, fizemos fotos e conversamos com os presentes. Eu estava muito satisfeito por tê-la ao meu lado.

Foi uma noite muito agradável, a exposição foi um sucesso, saímos bem tarde da galeria, ainda

tinha bastante convidados quando deixamos o salão. Eu estava com o rosto exausto de tanto sorrir para fotos e cumprimentos. Reconheço que a repercussão e o sucesso da noite, foram bem maiores do que eu esperava, fiquei surpreso e feliz por isso.

Pousei as mãos suavemente nas costas de Helena e sussurrei ao seu ouvido, de modo sensual e provocante:

— Vamos? Agora iremos aproveitar a melhor parte da noite, quero me perder nas curvas do seu corpo, enquanto ainda posso.

— Achei que ficaríamos até o final.

— Não, cansei de dividir a sua beleza com os convidados. Agora quero você novamente toda para mim.

Ela sorriu lindamente, retribuiu meu olhar provocante e disse: — Agora!

Deixamos a galeria escoltados pelos seguranças, felizes com o sucesso da noite. Helena

PERIGOSAS ACHERON

estava radiante, visivelmente feliz com a singela homenagem que lhe prestei. Retornamos para casa e finalizamos a noite do melhor modo possível, amando-nos loucamente.



Semanas depois...

— Respira, relaxa, vai dar tudo certo, cara! — Arthur disse tentando me acalmar.

— Nunca pensei que ficaria tão nervoso — disse e tentei sentar para não furar o piso da sacristia de tanto que dei voltas.

— É normal é o dia do seu casamento. Mantenha a calma, preciso retornar para igreja, quero registrar cada momento.

— Obrigado, Arthur.

Enfim 17 de setembro chegou, finalmente seremos um do outro eternamente pelos olhos de Deus e da sociedade, não que já não fôssemos, mas agora será oficial. Eu estava ansioso e muito nervoso.

Nossas últimas semanas foram de paz, harmonia e muita felicidade. Sentei no pequeno banco ao lado da mesa, próximo da janela, tentei relaxar e pensar nas últimas semanas que tivemos na tentativa inútil de me manter calmo. Eu reduzi consideravelmente meus compromissos profissionais, queria ficar o máximo possível na companhia de Helena, acompanhar a gestação dela a cada progresso, era uma gestação de risco, mas eu tinha certeza que tudo transcorreria bem. Logo estaríamos como o nosso milagre nos braços para completar nossa felicidade ao lado da nossa garotinha.

Contratei mais dois fotógrafos e mais quatro auxiliares, dos quais fiz questão de os treinar pessoalmente. Depois do sucesso da exposição de

fotos, fui convidado para expor em diversas cidades brasileiras e até no exterior, sem contar o número de cliente que aumentou consideravelmente. Já estava, inclusive, com um projeto de ampliação do meu estúdio, transformarei o andar inteiro em um estúdio mais amplo, com diversos espaços e os mais modernos equipamentos e profissionais qualificados, bem como também estudava a possibilidade de ampliar nossos serviços, talvez trabalhar com filmagens comerciais e produção de filmes de curta duração.

Helena estava de férias por tempo indeterminado da HML, Antônio estava à frente da empresa, ligava uma vez ou outra, ela respondia alguns e-mails de casa mesmo e recebia Juliana de vez em quando para assinar documentos e avaliar alguns projetos. Ainda queria acompanhar e resolver alguns assuntos da empresa, mesmo que à distância. O Rodrigo, sobrinho de Helena, desenvolveu um bom trabalho na filial de Aracaju e Antônio sugeriu trazê-lo para matriz de Guarulhos, Helena era bem severa e cobrava sempre bom rendimento, fez questão de deixar bem claro que não haveria nenhum protecionismo por conta do

parentesco que tinham, felizmente o Rodrigo era bem disciplinado, inteligente e estava sugerindo excelentes ideias. É um bom rapaz, enchia-se de orgulho da trajetória da tia, esteve conosco algumas vezes em nossa casa, quando chegou na cidade.

Levantei e tomei um copo de água, minha mãe entrou na sala. Estava linda e muito feliz, era nítido pelo seu semblante e sorriso automático.

— Vamos, meu filho, está na hora.

— Ela chegou? — perguntei.

— Sim, ela está no carro, precisamos entrar juntos, os padrinhos já estão no altar, agora é a nossa vez.

— Certo.

Respirei profundamente e saí da sacristia, entramos na igreja de braços dados, já estava bem cheia, todos os nossos convidados já haviam chegado. Minhas mãos suavam, meu nervosismo era aparente. Acenei e sorri para alguns convidados, cumprimentei nossos padrinhos,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Antônio e Luiza, Juliana e o Rodrigo, sobrinho de Helena, que já estavam no altar e depois me posicionei no meu lugar.

Minha mãe beijou minha testa e disse emocionada: — Seja feliz, meu filho, estou muito orgulhosa de você.

— Obrigado, mamãe, já sou feliz.

Ela voltou para o lado do meu pai e Sandra, e minutos depois uma cortina branca levemente transparente foi fechada na entrada da igreja, ouvi a marcha nupcial e avistei ao longe os vultos da minha amada, ela parou diante da cortina e a marcha cessou. Ouvi a orquestra tocar nossa canção e logo a doce e linda voz de Helena, embargada, emocionada, cantou os primeiros versos de *Close To You*, seguramente foi a versão mais linda que já ouvi em toda a minha vida. Naquele vil momento, a emoção falou por mim, respirei fundo para não chorar, mas meus olhos me denunciaram, estavam marejados, tamanha emoção que senti ao ouvir a voz doce de Helena cantando para mim.

PERIGOSAS ACHERON

No final da canção a marcha nupcial voltou a tocar, finalmente a cortina se abriu e a vi, linda, com um vestido branco longo, bem mais bonito do que eu sempre desejei. Hélio, irmão de Helena, a conduzia de braços dados em minha direção, na frente estava nossa garotinha com um vestido branco, rodado e uma linda coroa de princesa no topo da cabeça, ornando seus cabelos negros encaracolados.

Meu nervosismo se intensificou ao ver Helena caminhando em minha direção, o coração estava disparado, ela estava serena e com o seu melhor sorriso, o mesmo que me prendeu desde a primeira vez que o vi. Esse sorriso era só meu, e meu coração se enchia de contentamento, pois sabia que eu era o único responsável por devolvê-lo aos lábios perfeitos dela. Ah! Minha Helena, minha vida, está tão linda e agora será eternamente minha.

— Cuide bem dela, rapaz! — Hélio advertiu descontraído, deu-me um tapa de leve no ombro e voltou para o lado da mãe deles.

Ficamos frente a frente, beijei sua testa e

sussurrei ao seu ouvido:

— Você está mais linda do que minha mente foi capaz de imaginar.

Ela sorriu e disse: — Você também, está um verdadeiro lorde.

Sorri em retribuição ao seu elogio, demo-nos os braços e percorremos o restante do caminho até o altar.

A cerimônia foi linda, padre Alfredo, proferiu palavras muito significativas e comovente. Júlia trouxe nossas alianças, fizemos nossos votos, trocamos as alianças e enfim ouvimos: “*Eu vos declaro marido e mulher*”, senti um alívio enorme e enfim pude beijá-la. Foi um beijo casto, rápido, mas o primeiro desde que nos tornamos oficialmente casados.

Sáímos da igreja ovacionados debaixo da tradicional chuva de arroz, a alegria dos nossos convidados era generalizada. A recepção foi nos jardins de nossa casa, apenas para nossos familiares e amigos mais próximos, um jantar divino

PERIGOSAS ACHERON

acompanhado de muito vinho e champanhe. Foi uma noite memorável e extremamente agradável, com direito a tudo o que manda a tradição: valsa, brinde do casal, Helena jogou o buquê e por fim, saímos no auge da festa, sem sermos notados para nossa breve e muito especial lua de mel.

Seguimos para um heliponto e partirmos para Campos do Jordão, alugamos um chalé em um hotel fazenda com vista privilegiada, era cercado de natureza e em meios às montanhas, um ambiente totalmente privativo e relaxante, ficaríamos apenas três dias, então queria aproveitar cada segundo ao lado da minha esposa.



Acordei cedo, era nosso último dia em Campos do Jordão, colhi uma rosa no jardim do hotel e retornei para o chalé, preparei a bandeja com nosso café da manhã e coloquei a rosa sobre ela, levei para Helena na cama. Ela ainda dormia lindamente,

PERIGOSAS ACHERON

caminhei sorrateiramente, coloquei a bandeja ao lado dela e sentei na borda da cama. Alisei seus cabelos e descí lentamente pelo seu rosto e seios, cobertos apenas pela fina seda da camisola branca, eles já estavam visivelmente mais volumosos, continuei descendo a mão e toquei seu ventre, sua barriga já estava até um pouco aparente, curvei-me e a beijei suavemente, logo senti suas mãos alisando meus cabelos ternamente.

— Bom dia, minha vida.

Levantei para fitá-la e vi a imensidão dos seus olhos azuis intensos, tão lindos e serenos como o mar em dias calmos, que me entorpeciam.

— Bom dia, minhas vidas — respondi depois de longos minutos preso no seu olhar.

Ela sorriu e pôs a mão sobre a minha, que ainda estava em seu ventre. Depois sentou-se na cama e pegou uma uva e comeu.

— Estou morrendo de fome.

— Ah, eu faço ideia! Seu apetite está bem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acentuado ultimamente, e não apenas o apetite para comidas, mas também para...

— Fazer amor? — ela perguntou com um sorriso cínico, totalmente descontraída.

— Sim, e eu estou gostando muito disso — respondi e alisei seu rosto.

— Você é o responsável por isso, dono do meu desejo, do meu corpo, do meu coração e de todo o meu amor, tenho prazer em dizer que sou sua esposa, sua Helena e sua vida, agora para sempre Helena Alvarez.

Ela curvou-se e me beijou castamente.

— Eu também amo você, senhora minha esposa, minha Helena, minha vida.

Depois de trocarmos beijos e muitos carinhos, tomamos café juntos e saímos para dar uma volta pela imensa propriedade que abrigava o hotel, tinha um bosque com paisagem natural esplendorosa, sem contar com ar fresco e puro que era possível inalar aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cerca de uns vinte minutos de caminhada, sentamos em balanço de madeira, que ficava debaixo de algumas árvores, com uma vista privilegiada para as montanhas que circundavam a propriedade. Helena parecia um pouco aflita, aninhei-a em meus braços e beijei sua cabeça.

— Sua mãe ligou? — ela perguntou preocupada.

— Não, e isso quer dizer que está tudo em paz e na mais perfeita ordem, fique tranquila, minha Helena.

— Sou mãe há tão pouco tempo e já me preocupo tanto, será que isso é normal?

— Claro que sim, é natural que esteja preocupada, mas nossa garotinha está em boas mãos, meus pais estão em nossa casa, além do seu sobrinho e os seguranças que contratamos. Está tudo bem.

— Estou certa que sim. Alguma novidade sobre o paradeiro do falso Alberto?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele se chama Fabrício da Silva Pereira, as digitais dele foram encontradas na arma que recolhi e comparadas com o banco de dados da polícia. Ele tem passagem por roubo e receptação, cumpriu pena e estava em liberdade há pouco tempo. Já teve a prisão decretada, bem como do Pedro que se apresentou como Rogério, ambos são foragidos da polícia, e agora que já foram identificados, é questão de dias para serem capturados.

— Assim espero. Precisamos procurar o senhor Melo, ele disse ter encontrado o verdadeiro Alberto, preciso falar com ele, Saulo.

— Não, Helena, eu pedi para Juliana ligar pessoalmente para ele e dizer que aguardasse até que você estivesse recuperada para poder dar prosseguimento nas investigações. Eu sei que você já se sente bem, mas não quero que tenha outra decepção ou até se envolva com pessoas de má índole como aconteceu recentemente, você está grávida e quase perdeu a vida por causa dessa história, vamos deixar tudo como está por enquanto, não quero que tudo se repita outra vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas, Saulo, eu fiz uma promessa, eu preciso cumpri-la.

— Por favor, Helena, agora é hora de pensarmos na nossa família, no nosso pequeno milagre que cresce aqui no seu ventre, — toquei seu ventre — vamos esperar o bebê nascer, depois retomamos esse assunto, tudo bem?

— Tudo bem. Vou acatar sua opinião porque entendo que preciso ter uma gestação tranquila, preciso pensar na minha saúde e do nosso bebê, mas não vou desistir, preciso ir até o fim nessa história.

— Nem eu quero que desista, apenas vamos aguardar o momento certo para retomar essa busca.

Percebi no seu olhar que ela ficou entristecida com a minha negativa, mas não posso correr o risco de envolvê-la em mais problemas, não agora, estava tudo harmonioso e perfeito em nossas vidas, não posso permitir que nada estrague nossa felicidade. Além disso, estou cumprindo a promessa que fiz no altar, perante Deus, no dia em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que nos casamos: *Eu te protegerei com a minha vida se necessário.*

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

Helena

Meses depois...

Concluí meu banho, peguei o roupão para vestir e até tentei amarrar, mas já não era mais possível, minha barriga estava enorme, faltava pouco para conhecermos o rostinho do nosso Samuel, sim, é um menino.

Parei diante do espelho e olhei o quanto meu corpo se transformou, eu estava gorda, com seios enormes, sem cintura, mas me achava tão linda, mesmo com esse barrigão enorme que seguramente eram as minhas melhores curvas. Eu ia no banheiro

PERIGOSAS NACIONAIS

de hora em hora, sentia dificuldades para respirar em alguns momentos, tinha muita azia, as pernas estavam pesadas e a fome continuava gigantesca, mas meu coração estava transbordando de felicidade, a cada vez que sentia Samuel mexer, que cantava e alisava minha barriga conversando com ele, meu sentimento materno só aumentava, bem como minha gratidão por poder gerar um fruto do nosso amor.

Tive uma gravidez tranquila, mesmo com todos os riscos que minha médica me alertou, ocorreu tudo bem. Eu sempre tive bons hábitos alimentares e sempre cuidei bem do meu corpo, o que favoreceu muito para serenidade da minha gestação. Felizmente não tive nenhuma intercorrência grave, apesar de que o meu parto será cesáreo.

Foram os nove meses mais felizes da minha vida, fiquei de molho em absoluto repouso, respondia algumas bem poucas obrigações da minha empresa, estive apenas três vezes pessoalmente na sede desde que me afastei. Antônio estava desempenhando um ótimo trabalho,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bem como Rodrigo, para o meu orgulho e de toda a minha família.

Nossas festas de final de ano foram ótimas, fizemos uma ceia de natal muito especial no jardim da nossa casa, conseguimos reunir a minha família do Sergipe e a de Saulo. Todos estavam muito felizes com chegada de Samuel. Minha sogra fez até um chá de bebê surpresa no apartamento dela, ganhamos vários presentes dos avós e dos tios e tias.

Saulo estava com uma crescente demanda no estúdio, mas fazia questão de trabalhar apenas em alguns períodos, para ficar o máximo possível ao nosso lado. Tivemos dias de muita felicidade, viagens breves e programas em família maravilhosos, eu Saulo e a nossa Júlia.

Júlia estava muito familiarizada com todos nós, cercava-me de muitos cuidados, adorava conversar e beijar minha barriga, fizemos um *book* de fotos juntos, não apenas um ensaio de grávida, eu queria fotos familiares, com a nossa garotinha e o meu marido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda recordo a carinha de felicidade e as lágrimas de emoção dela ao descobrir que sempre esteve certa, que eu estava grávida de um menino, Júlia ficou exultante e muito feliz, bem como o Saulo, gritou de felicidade dentro do consultório da médica, óbvio que filmou tudo e espalhou a notícia rapidamente.

— Ah! Foram meses incríveis, você já é tão amado, Samuel, estamos ansiosos para ter você conosco, amanhã conheceremos seu rostinho, meu filho. — disse alisando minha barriga.

Retornei para o quarto para me vestir, hoje era a reinauguração do estúdio de Saulo, ele transformou o andar inteiro em estúdio, e estava muito empolgado com o resultado. Foi uma expansão necessária, ele relutou para aceitar, sempre gostou de lidar com equipes pequenas, mas a demanda pelos serviços dele aumentaram consideravelmente, principalmente após a exposição magnífica que fez em minha homenagem, que a propósito, já foram expostas em 4 capitais brasileiras e já está agendado para expor em uma galeria muito importante de Nova Iorque no meio do ano.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Terminei de me vestir com muita dificuldade, a barriga pesava bastante, fui até o quarto de Júlia para ver se ela já estava pronta. A porta estava entreaberta e entrei sorrateiramente, Rosa, a babá de Júlia, estava penteando seus cachinhos.

— Oi, mamãe, já estou terminando, eu estou bonita? — ela perguntou ao me ver entrar.

— Sim, minha princesa, está linda. O papai já está nos aguardando, vamos?

Ela correu em minha direção e beijou minha barriga.

— Oi, Samuel, amanhã vamos ver sua carinha. Eu aposto que vai ter os olhos azuis da mamãe e o sorriso bobo do papai.

Sorri, alisei seus cabelos e disse: — E a irmã mais linda e amorosa desse mundo.

Saulo entrou no quarto e se aproximou de nós.

— As mulheres da minha vida estão prontas?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já, papai — Júlia correu para abraçá-lo.

— Tem certeza que não quer ir conosco, Rosa?

— Não, dona Helena, eu preciso visitar uma tia doente no hospital, e necessito retornar antes que vá para a maternidade.

— Tudo bem, peça para o nosso motorista levá-la, está tarde para ir de ônibus.

— Boa noite, Rosa — Saulo cumprimentou e saímos juntos do quarto.

Caminhamos de braços dados em direção às escadas, Júlia adorava descer pulando os degraus. Saulo sempre me amparava para descer, segurava-me no braço atentamente. Quando enfim concluí a descida, estava ofegante, Saulo sorriu e pousou as mãos em minha costa suavemente, alisou e beijou minha barriga.

— Meu filho, amanhã conheceremos seu rostinho, estamos ansiosos para que complete a nossa felicidade.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou muito ansiosa, papai.

— Nós sabemos disso, filha — confirmei direcionando o olhar para Júlia.

— E você, mamãe, está ansiosa? — Saulo perguntou.

— Para conhecer o Samuel ou o seu estúdio novo?

— O Samuel, meu estúdio pode conhecer a qualquer momento.

— Óbvio que sim, não vejo a hora de tê-lo em meus braços.

Saímos os três de mãos dadas e entramos no carro, a casa ainda estava sob vigilância constante, os dois meliantes que tentaram me matar ainda estavam foragidos da polícia. Continuávamos com escolta armada nos seguindo a cada passo.

Nossa casa ficava próxima do estúdio, foram poucos minutos para chegarmos. Subimos até o andar do estúdio, estava muito diferente e mudado,
PERIGOSAS ACHERON

Saulo me guiou por um rápido tour e me apresentou os novos membros de sua equipe. Havia poucas pessoas, era um coquetel mais reservado, para alguns clientes, funcionários e até alguns modelos que já foram fotografados pelo estúdio.

Circulamos rapidamente e cumprimentamos os presentes, pouco depois sentei no sofá da recepção, agora bem espaçosa e muito em decorada. Havia um enorme quadro encoberto com um tecido escuro, fiquei curiosa, mas me mantive sentada, já não tinha mais a mesma disposição de antes.

Minutos depois de nossa chegada, meus sogros e Sandra chegaram, Júlia correu para abraçar os avós e a tia. Abraçou primeiro a vó, elas se tornaram tão próximas nos últimos meses, era lindo ver a relação de carinho e respeito que construíram. Depois de abraçar longamente a Júlia, veio em minha direção, eu ia levantar para cumprimentá-la, mas ela se antecipou e disse:

— Não levante, Helena, pode ficar sentada.

Ela se aproximou de mãos dadas com a Júlia e

beijou meu rosto em cumprimento, depois alisou minha barriga e disse:

— Como você está linda, Helena, e este rapazinho, como está?

— Está bem, Solange, amanhã o conheceremos.

— Verdade, não é Samuel? A vovó está ansiosa para ninar você — ela disse imitando voz de criança.

Sandra e meu sogro vieram me cumprimentar logo em seguida, conversamos por alguns minutos enquanto Saulo recepcionava alguns clientes. Minutos depois ele se aproximou com um sorriso radiante, cumprimentou seus familiares e se sentou ao meu lado.

— Você está bem? — perguntou com preocupação.

— Sim, minha vida, só não é fácil circular com uma barriga desse tamanho.

— O padre Alfredo acabou de chegar e vai

PERIGOSAS ACHERON

fazer a bênção de inauguração, depois quero proferir algumas palavras, vamos?

— Claro.

Saulo me estendeu a mão e me ajudou a levantar, o padre nos cumprimentou rapidamente e começou seu discurso, foram palavras breves, seguida de uma rápida oração, depois Saulo me guiou para frente do quadro que estava encoberto. Agradeceu os presentes e a todos que compunham a nova equipe, em seguida retirou o tecido que cobria o quadro, era uma foto minha emoldurada, a mesma foto do pôster de abertura da exposição de fotos.

— Gostou? — ele murmurou ao meu ouvido.

— É linda!

— Agora verei o seu sorriso todas as vezes que entrar no meu estúdio.

Abracei-o e beijei seus lábios suavemente, Saulo tinha o poder de me emocionar com gestos tão simples, ainda mais agora, com meus
PERIGOSAS ACHERON

hormônios à flor da pele, óbvio que a cada demonstração de carinho dele eu me desmanchava em lágrimas, e nessa noite não foi diferente.

— Você adora me ver chorar, não é mesmo? — brinquei.

— Só se for de felicidade.

Depois disso circulamos por mais alguns minutos, comi alguns canapés, bebi duas taças de champanhe sem álcool e fiquei sentada observando o movimento no sofá da recepção. Apesar da fome, amanhã era o dia do nascimento de Samuel, estava ansiosa demais e nem consegui me alimentar.

Tivemos uma noite muito agradável, Saulo fez questão de agilizar as obras para que a inauguração ocorresse antes do nascimento do nosso filho. Felizmente tudo deu certo e a noite foi espetacular e de muito sucesso.

Retornarmos para casa por volta das dez da noite, Júlia adormeceu no carro e Saulo a levou no colo para cama. Entrei, tomei um banho, vesti uma camisola, uma das poucas que ainda me servia, e

PERIGOSAS ACHERON

fui no quarto de Samuel, averiguar mais uma vez a bolsa que levaríamos para a maternidade. Estava tudo no lugar, tudo devidamente arrumado, minha sogra fez questão de lavar e passar tudo pessoalmente.

— Está tudo em ordem? — Saulo disse ao entrar no quarto.

— Sim, estava apenas conferindo mais uma vez.

— Vamos dormir? Você precisa descansar, amanhã será um dia longo e muito especial, teremos o nosso Samuel nos braços.

— Saulo, eu queria que soubesse o quanto me fez feliz nos últimos meses, sou realmente uma mulher de muita sorte, se por um acaso algo me aconteça saiba que estou em paz e com o coração transbordando de felicidade — disse alisando seu rosto e as minhas lágrimas rolaram.

— Não diga isso, Helena, voltaremos juntos com o nosso bebê, e esse coração — ele colocou a mão sobre o meu peito, na altura do coração —
PERIGOSAS ACHERON

ainda transbordará muito mais de felicidade.

Abraçamo-nos por longos minutos, Saulo sabia esvair todos os meus medos, ficar no seu abraço me dava paz, serenidade, felicidade e certeza de que nada de mal poderia acontecer a nós.



Respirei fundo, eu estava nervosa, vesti a camisola fornecida pela minha médica e voltei para a sala de pré-parto, tomei um copo de água oferecido pelo Saulo e tentei apenas relaxar. Saulo acompanharia o meu parto, o que me deixou mais tranquila.

Passei a noite quase toda em claro, chegamos às 8 horas da manhã na maternidade, meus sogros e Heloísa estavam na sala de espera, acompanhariam tudo de lá. Recebi abraços afetuosos de todos, mas não tinha como não ficar aflita. Júlia estava em casa com a babá e minha mãe, que chegou de

viagem um pouco indisposta, por isso não veio junto com a comitiva de espera pelo Samuel.

Saulo percebeu minha aflição, alisava minhas costas suavemente e vez e outra beijava minha barriga. Foram alguns minutos apenas nessa troca de carinhos e olhares ternos, até a minha médica, adentrar à sala.

— Bom dia, vamos lá, mamãe?

— Bom dia, doutora Elisane, sim.

— Está preparado, papai? Não vale desmaiar, hein? — Elisane advertiu em tom de brincadeira.

Fechei os olhos e orei rapidinho, Saulo segurou minha mão durante todo o trajeto, ao chegarmos no bloco cirúrgico, ele a soltou por alguns minutos enquanto eu era sedada, depois voltou para o meu lado, alisou e beijou minha testa e me deu o seu sorriso mais bonito. A equipe médica era muito atenciosa e a cada instante relatavam o que acontecia e perguntavam como eu estava me sentido, foram poucos minutos desde o momento em que entrei até o som ambiente ser rompido pelo

PERIGOSAS ACHERON

choro estridente do meu bebê, meu Samuel, meu filho, meu milagre.

A enfermeira o trouxe enrolado em um pano para me mostrar, fiquei muito emocionada ao vê-lo, tão pequeno, tão perfeito, tão lindo, meu coração que já batia forte, parecia que ia explodir, tamanha emoção que tive ao ver o meu filho, sangue do meu sangue, fruto de um amor tão lindo como o meu e de Saulo.

— Nosso Samuel, minha Helena, ele é perfeito
— Saulo beijou minha testa, fez uma foto de nós três juntos e o segurou pela primeira vez.

Seu olhar bobo e cheio de amor para ele me emocionou, Saulo chorava e sorria feito uma criança, eu que já estava emocionada continuei a me desmanchar em lágrimas ao ver a representação de amor paterno mais linda do dia.

Pouco depois a enfermeira o pegou e levaram para uma outra sala, eu conseguia ouvir o choro dele. Eu estava aliviada, feliz e com o coração em paz, meu filho veio ao mundo pensando 3.455

gramas, medindo 51 centímetros, perfeito, lindo e cheio de saúde. Realizei meu maior sonho, dar à luz a um filho do amor da minha vida, meu Saulo.

Perdi a noção do tempo, não sei por quantos minutos fiquei na sala de cirurgia, mas quando retornei para o quarto, junto de Saulo, ainda estava vazio, nossos familiares estavam vendo o Samuel no berçário. Minutos depois, ele foi trazido para junto de nós, e logo depois meus sogros Heloísa chegaram.

— Vamos colocá-lo para mamar, mamãe? — a enfermeira que o trouxe, retirou-o cuidadosamente do bercinho e me entregou, depois saiu do quarto.

Eu ainda estava sob efeito da anestesia, não podia falar muito, mas nem era necessário, minhas lágrimas já diziam o quanto eu estava feliz. Samuel era esfomeado, rapidamente pegou o seio e sugou, nem sei se tinha leite para saciá-lo, mas a emoção que tive ao poder amamentá-lo, foi indescritível. Alisei sua cabecinha, olhei atentamente suas mãozinhas, tinha dedos compridos e finos como os do pai, o nariz e lábios lembravam muito os de

PERIGOSAS NACIONAIS

Saulo, por alguns instantes abriu os olhos e eram azuis como os meus.

Saulo ficou ao meu lado durante todo o tempo em que o amamentei, depois que Samuel pegou no sono, minha sogra o pegou do meu colo, segurou-o emocionada por alguns minutos, fez uma oração baixinho e depois o colocou no bercinho ao meu lado. Beijou minha testa com os olhos cheios de lágrimas, depois voltou-se para o Samuel, admirava-o cheia de amor e felicidade, assim como o meu sogro, olhava-o todo bobo ao lado da esposa.

Pouco tempo depois, minha mãe chegou acompanhada de Sandra, juntaram-se aos meus sogros e Heloísa para admirarem felizes o mais novo membro da família Araújo Alvarez.

— Durma, Helena, você precisa descansar — Saulo disse e beijou minha testa.

Adormeci com a linda imagem do meu marido segurando nosso filho nos braços, feliz e completamente realizado.

PERIGOSAS ACHERON



Duas semanas depois...

Tínhamos chegado de mais uma consulta médica de rotina, minha e do Samuel. Júlia estava conosco, era uma irmã muito atenta e preocupada com a saúde do irmãozinho. Eu estava me recuperando muito bem, já conseguia cuidar do bebê, ajudar a Júlia nas tarefas da escola e até fazer breves caminhadas no jardim da casa com meus dois filhos, nossa princesa, agora irmã mais velha como ela mesmo fazia questão de frisar, e o Samuel, que sempre era empurrado por Júlia, por desejo dela.

Troquei as fraldas de Samuel, que dormia tranquilamente e aproveitei para dormir também. Nossas últimas noites foram bem cansativas e praticamente em claro, tirávamos apenas alguns

cochilos, nosso bebê acordava frequentemente com cólicas. Geralmente quando amanhecemos o dia, eu e Saulo estamos completamente exaustos, mas é uma fase passageira, segundo as palavras do pediatra, isso vai passar.

Almoçamos no *shopping*, próximo da clínica em que estávamos, antes de voltarmos para casa. Meus familiares vieram em peso para Guarulhos para conhecer o novo membro da família, Samuel era um bebê lindo e tranquilo, apesar das noites mal dormidas e cólicas que o acometia. Fizemos um grande almoço logo depois que retornamos para casa, reunimos toda a família e nossos amigos mais próximos, foi uma comemoração muito agradável, boa conversa e boa comida. A felicidade era notória e fez moradia na nossa casa. Eu seguramente estava vivendo os melhores meses e as melhores experiências da minha vida.

Despertei com o choro de Samuel, Saulo estava sentado ao meu lado trabalhando no *notebook*. Levantei devagar para buscá-lo no berço, mas Saulo se antecipou.

— Eu vou buscá-lo — disse com um sorriso lindo, mas com os olhos cheio de olheiras. O sono, realmente, estava nos fazendo falta.

Desliguei a babá eletrônica e logo em seguida Saulo entrou no quarto ninando Samuel nos braços. Ele era bastante prestativo e muito amoroso, sempre estava comigo em todos os momentos, apesar das poucas horas de sono que tínhamos ultimamente, ele ajudava no que podia, sempre com muita atenção e zelo.

— Aqui está a mamãe, garotão, mame muito para ficar bem forte e encher essa casa de bagunça com a sua irmãzinha — Saulo o colocou em meu colo.

— Não vejo a hora de vê-lo correndo por esses corredores, chamando papai, mamãe, Júlia... qual será a primeira palavra dele? — disse alisando o rostinho macio do nosso filho.

— Não sei, mas estou torcendo para ser papai.

Sorrimos juntos e Samuel choramingou um pouco, coloquei-o para mamar, Saulo ficou ao

PERIGOSAS ACHERON

nosso lado, alisando a cabeça de Samuel e depois voltou para seus afazeres no *notebook*. O estúdio demandava bem mais da atenção dele agora, mas ele optava por trabalhar de casa para ficar maior parte do tempo ao nosso lado, mesmo com a minha idade, sou uma mãe inexperiente e a companhia dele me deixa extremamente tranquila e certa de que conseguirei enfrentar toda e qualquer adversidade que pudesse surgir ao seu lado.

No fim da tarde, saímos para tomar um ar no jardim, Júlia brincava de boneca ao meu lado, enquanto Samuel tirava um cochilo no carrinho de bebê. Aproveitei para ler meus e-mails, pelo celular mesmo. O interfone tocou, Rosa atendeu e disse:

— Dona Helena, a dona Juliana está aqui, pode entrar?

— Claro que sim, Rosa.

Minutos depois, avistei Juliana cruzando os portões, trazia alguns papéis no braço e uma sacola de presente. Júlia correu para cumprimentá-la e lhe deu um abraço afetuoso, depois voltou para brincar

PERIGOSAS NACIONAIS

com suas bonecas.

— Boa tarde, Helena, tudo bem?

— Oi, Juliana, tudo ótimo.

— Como está esse príncipe? — ela se aproximou do carinho. — Meu Deus, Helena, está a cara do Saulo.

Sorri, mas realmente ela tinha razão, Samuel era muito parecido com o pai.

— Está sim, e você como está? Algum problema na HML?

— Estou bem, não, está tudo na mais perfeita ordem, Rodrigo é bastante competente, está conseguindo substituí-la à altura.

— Fiquei um pouco insegura, mas Antônio me assegurou que ele era competente, confiei nos relatórios que recebi e no meu sócio, embora eu tenha insistido para que Antônio continuasse no comando, ele disse que já está velho demais para isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Antônio é muito família, Helena, depois do nascimento dos filhos ele deu uma folga nas obrigações, está mais do que certo. Acho que você o entenda agora, não é?

— Com toda certeza, tenho pena de deixar meus filhos para retornar ao trabalho. Quero aproveitar cada momento ao lado deles.

— Eu concordo, demorou muito para ser mãe e casar outra vez, agora precisa aproveitar os filhos e curtir o maridão.

— Verdade, agora vamos ao que interessa, o que a trouxe aqui?

— Bem, eu vim fazer uma visita e também trouxe alguns relatórios que o Rodrigo pediu para eu te entregar — ela me entregou os papéis que trouxe consigo. — Aqui estão. Também trouxe um cartão de visita do detetive Melo, ele esteve ontem no escritório, disse que mudou de endereço e que ainda aguarda para finalizar o seu caso.

— Obrigada, Juliana, vou avaliar tudo e qualquer coisa ligo para o Rodrigo. Sobre o
PERIGOSAS ACHERON

detetive, eu ligarei pessoalmente para ele.

— Tudo bem, eu trouxe um presentinho para esse príncipe e outro para a princesa mais linda da face da terra, quem é? — Juliana falou mais alto para chamar atenção de Júlia.

— Eu tia? — ela perguntou eufórica e correu para abraçar Juliana.

— É claro, minha linda, espero que goste.

Júlia abriu rapidamente a pequena caixinha rosa com um laço de fita vermelho, retirou uma tiara de cabelos lindíssima na cor favorita dela: lilás. Ela deu pulos de alegria, agradeceu e já colocou nos cabelos.

Agradei a Juliana pelos presentes e depois nos despedimos brevemente, Júlia acompanhou-a até o portão e voltou correndo para continuar brincando ao meu lado.

Olhei atentamente o cartão de visita do meu detetive, seu escritório estava em um novo endereço, até conhecia o local. Peguei meu celular

PERIGOSAS ACHERON

e constatei que ainda era o mesmo número de contato, não hesitei em ligar, precisava por um fim de uma vez por todas nessa história. Liguei e rapidamente e não demorou para que eu fosse atendida.

— Boa tarde, senhor Melo, é a Helena Machado, prossiga com a nossa investigação.

— Perfeitamente, senhora.

Capítulo 34

Saulo

Uma semana depois...

Estava entorpecido com a vista noturna da cidade de Guarulhos, tive um dia muito corrido e estressante, mal tive tempo de ir em casa, dar um beijo nos meus filhos e esposa, mas era por um bom motivo. Recebi uma ótima oferta comercial, mas com um prazo curtíssimo para entrega do trabalho, eu e toda minha equipe tivemos que passar do horário de expediente em diversos dias para entregar o serviço no prazo acertado, era um cliente novo e com grande demanda pelos serviços que oferecemos, sem contar que a urgência dobrou

PERIGOSAS ACHERON

o valor dos préstimos.

Finalmente bebi o último gole da minha cerveja e liguei para o motorista vir me apanhar. Estava cansado e louco para voltar para casa. Todos os funcionários já tinham ido embora, apaguei as luzes, tranquei o estúdio e descii para aguardar no *lobby*.

Enquanto descia pelo elevador, tirei o celular do bolso e vi a foto de plano de fundo: era Helena, Júlia e Samuel, meu sorriso era automático ao vê-los, até mesmo por fotos. Adorava chegar em casa e ver a Jujuba correr em minha direção gritando papai, receber um beijo carinhoso da minha esposa com nosso filho nos braços, era a melhor parte do meu dia, retornar para casa e ser tão amorosamente recebido. Ultimamente tenho tentando trabalhar mais de casa, para ficar mais próximo deles, quero acompanhar e participar ativamente da vida familiar, sempre desejei ser pai, e agora que estou vivendo essa experiência, preciso ser participativo e dar todo amor, atenção e carinho que eles merecem.

Mal coloquei o telefone no bolso e o ouço

tocar, era minha mãe, atendi rapidamente:

— A sua bênção, mamãe.

— Deus o abençoe, meu filho. Como estão todos?

— Estamos bem, mamãe, estou indo para casa agora. E vocês estão bem?

Entrei no carro e acenei com a cabeça em cumprimento ao Rocha, nosso motorista.

— Sim, estamos, liguei para avisar que a sua tia Rosana chegará amanhã, ela está louca para conhecer sua família. O que acha de jantarmos juntos amanhã?

— Tudo bem, mamãe, onde?

— Pode ser aqui em casa mesmo, meu filho.

— Por mim, combinado.

— Saulo, você acredita que ontem eu encontrei, aqui na garagem do nosso prédio, um professor seu

do colegial?

— SÉRIO? Como ele chama?

— Francisco, disse que foi seu professor de filosofia, mas foi só por alguns meses, ele me reconheceu e veio me cumprimentar, conversamos rapidamente e ele perguntou por você, dei o endereço do seu estúdio, ele quer visitá-lo.

— Não recordo de nenhum professor com esse nome, mamãe, mas também faz tantos anos, e se foi por pouco tempo talvez só o vendo pessoalmente para recordar. Ele é morador do prédio?

— Não sei, mas estava indo visitar o apartamento 702 que está para alugar.

— Quem sabe em outra ocasião não o reencontre. Estou chegando em casa, mamãe, preciso desligar. Beijos!

— Beijos, meu filho, espero vocês amanhã.

Desliguei o telefone pouco antes de adentrarmos os portões da propriedade. Recostei a cabeça no

PERIGOSAS ACHERON

encosto do banco, fechei os olhos e respirei profundamente. Eu estava muito cansado com a atual carga de trabalho e as poucas horas de sono que tive nos últimos dias, era notório que essas horas começaram a fazer falta. Olhei rapidamente pela janela do carro, enquanto Rocha o estacionava, vi a Júlia na porta da nossa casa, saltitando de alegria. Desci do carro e ela correu em minha direção, pulou em meu colo e me deu três beijinhos no rosto. Levei-a no colo até a entrada da casa e avistei Helena com o Samuel nos braços, chegar em casa e vê-los era como um remédio para quaisquer males, meu semblante pesado de cansaço era imediatamente substituído pelo de felicidade, retribuía automaticamente os sorrisos alegres pela minha chegada.

— Tudo bem por aqui? — perguntei após dar um beijo rápido em Helena.

— Sim, minha vida, tudo em ordem. Como foi o seu dia?

— Um pouco estressante, mas enfim estou livre do trabalho que demandou quase todo o meu tempo

livre nos últimos dias.

— Que bom. Já jantou?

— Não, pelo menos para o jantar gostaria de estar presente. Como estão nossos filhos? Samuel teve cólicas?

— Estou bem, papai — Júlia gritou do sofá.

— Estão bem, acho que o remédio está fazendo efeito, ele não teve cólicas hoje.

— É a melhor notícia do dia, espero que tenhamos uma boa noite de sono.

Sorrimos juntos, apesar de cansativo, olhar o rostinho de tranquilidade de Samuel compensava todas as noites em claro. Helena o colocou no carrinho e foi até a cozinha, enquanto isso eu subi para tomar um banho e voltar para jantarmos juntos, como a família feliz e perfeita que formamos.

Conversamos durante o jantar, falei do convite da minha mãe para jantarmos na casa dos meus
PERIGOSAS ACHERON

pais. Helena contou sobre os progressos da investigação do detetive Melo, embora eu estivesse receoso com a retomada do caso, eu não discordei quando ela autorizou o detetive a dar prosseguimento nas buscas, apenas orientei que realizasse o exame de DNA antes de contar para o possível Alberto do seu desejo de o ajudar financeiramente.

No dia seguinte, despertei cedo, dei algumas voltas com o Samuel pelo jardim, a noite anterior foi mais tranquila, conseguimos dormir melhor, Helena ainda dormia e por isso viemos somente nós dois.

— E aí, garotão? Já está com fome?

Ele estava acordado com os olhos tão azuis como duas turmalinas, tão límpidos como os da mãe. Antes mesmo que eu o levasse para dentro, Helena juntou-se a nós no jardim.

— Bom dia, minha Helena — curvei-me para beijar-lhe os lábios.

— Bom dia, minha vida — ela passou a mão

PERIGOSAS ACHERON

pelo rostinho de Samuel. — Graças a Deus você dormiu melhor, não é, Samuel?

— Sim, mamãe, estou ficando um rapazinho — respondi imitando voz de criança.

— Vai trabalhar agora pela manhã?

— Sim, preciso delegar algumas obrigações e passar no cartório, mas volto para almoçarmos juntos.

— Tudo bem, esperaremos ansiosos.

Ficamos mais alguns minutos tomando sol no jardim e depois retornamos. Tomei um banho, troquei de roupas e descii para tomarmos café. Despedimo-nos com beijos apaixonados e abraços afetuosos.

Optei por ir dirigindo, Helena poderia precisar do motorista, então fui no meu próprio carro, escoltado pelos seguranças. Antes de ir para o estúdio, precisei passar no cartório, tinha alguns documentos que necessitavam de autenticação. Sinalizei que entraria na via e vi pelo retrovisor os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seguranças repetindo a minha ação. Manobrei e estacionei do outro lado da rua, desci do carro para atravessar até o meu destino. Antes de chegar na calçada, ouvi barulhos de tiro e um dos meus seguranças pulou em minha direção me jogando bruscamente no chão.

— Fique abaixado, seu Saulo — ele vociferou, depois levantou empunhando a arma e efetuou dois disparos.

Ouvi uma gritaria generalizada e a correria dos pedestres que passavam na rua naquele momento foi grande, um tremendo alvoroço. Avistei ao longe, no meio da rua, por baixo de um carro estacionado rente ao meio-fio, um homem com os braços e pernas imobilizado por abraçadeiras no chão. Meus dois seguranças estavam em sua volta, tentei reconhecê-lo, mas pela distância não foi possível. Levantei e fui ao encontro deles, Juvenal, um dos meus seguranças, falava ao celular.

— O que está acontecendo? — perguntei ainda sem entender do que se tratava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fique na calçada, seu Saulo, já temos tudo sob controle, chamei a polícia e logo esse miserável estará enjaulado. Ele estava nos seguindo em uma motocicleta, vi quando ele sacou a arma e caminhou na sua direção, por sorte estávamos atentos aos passos dele.

Pensei que pudesse ser uma bala perdida ou até uma tentativa de assalto, mas quando dei a volta e olhei bem no rosto do meliante, percebi que se tratava de uma tentativa de homicídio, era o Fabrício, o mesmo que tentou se passar por Alberto meses atrás. Ele estava barbudo, bem mais magro e com uma cicatriz na testa, aparentemente recente, eu tinha certeza que ele nunca a teve, quase não o reconheci.

— Então é você, Fabrício? — desdenhei satisfeito.

— Filho de uma puta, eu ainda vou te matar — ele esbravejou.

— Você vai apodrecer na cadeia, calhorda — disse aliviado.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom trabalho! — bati nas costas do Sérgio em agradecimento em seguida cumprimentei Juvenal.

A polícia não demorou chegar, prestei os primeiros esclarecimentos e os acompanhei para registrar a queixa até a delegacia mais próxima. Liguei para o investigador que estava cuidando do atentado de Helena, informei o ocorrido e já o coloquei em contato com o delegado que registrou a ocorrência de mais esse crime. Passei quase a manhã toda na delegacia, quando saí, ainda escoltado pelos meus seguranças, retornei ao cartório e segui para o meu estúdio. Já era próximo do almoço, subi somente para deixar os papéis que havia autenticado e conversar brevemente com Arthur, havia o nomeado gerente de fotografia, não estava mais conseguindo tocar tudo sozinho, e ele era competente, estava desempenhando um bom trabalho no cargo que lhe conferi.

Entrei rapidamente e a recepção tinha somente um homem e Vanessa, o cumprimentei brevemente e fui até Vanessa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia, Saulo.

— Bom dia, Vanessa, o Arthur ainda está aqui?

— Sim, está na sala dele com um cliente. Esse senhor está aguardando você, passou a manhã quase toda aqui — ela falou baixinho para que o homem não a ouvisse.

Assenti com a cabeça e caminhei em direção ao homem que me aguardava.

— Bom dia, sou o Saulo Alvarez, em que posso lhe ajudar?

— Bom dia, senhor Saulo, eu sou o Francisco, profundo admirador do seu trabalho, tem um minutinho para mim?

— Claro, acompanhe-me, por favor.

Saí em direção à minha sala, seguido pelo Francisco. Entrei, sentei e apontei uma cadeira para que ele fizesse o mesmo. Depois de acomodado, questionei:

PERIGOSAS ACHERON

— Em que posso lhe ser útil?

— Bem, eu escrevo para um jornal universitário, sei que sou velho, mas resolvi assumir a minha paixão pelo jornalismo e entrar na faculdade depois de anos como funcionário público — ele justificou animado. — Esse mês a edição falará sobre fotografia, eu gostaria de entrevistá-lo para compor a minha matéria, o que acha?

— Claro, óbvio que aceito. Também assumi uma paixão, assim como você, larguei uma promissora agência de publicidade para me dedicar exclusivamente à fotografia.

— Não há prazer maior do que fazer o que gostamos, não é mesmo?

— Sem dúvida — confirmei.

— Eu vou ser breve, vi o seu portfólio, a sua secretária me mostrou, lá tem muita informação que posso usar para compor a matéria, para não tomar muito do seu tempo vou perguntar apenas o que necessito para complementar, certo?

— Ok.

— Fale-me um pouco de você.

— Bem, eu sou formado publicidade e propaganda e fiz mestrado em Praga, tenho 31 anos, sou casado, pai de dois filhos. Gosto muito do que faço, as fotos são para mim como um espelho, que refletem a nossa alma, revelam quem realmente somos.

— Perfeito, teve alguma influência familiar para escolha da fotografia como profissão?

— Não, meu pai é bombeiro militar aposentado, minha mãe sempre cuidou do lar e dos filhos, e tenho uma irmã médica. Meus pais sempre fizeram questão de me dar boa educação e cobravam bastante meu rendimento escolar, mas nunca interferiram nas minhas escolhas profissionais. A fotografia surgiu na minha vida primeiramente como um *hobby*, mas me apaixonei a tal ponto que hoje é a minha profissão.

— Realmente, são profissões bens distintas. É notório que o senhor tem paixão pelo que faz. Eu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me encantei pelo jornalismo de tanto ver os casos que o meu irmão cobria, ele é jornalista há muitos anos. Nunca esqueço o dia em que o acompanhei até um orfanato, era uma reportagem sobre crianças órfãs, foi muito significativo para mim, acho que talvez porque não conheci a minha mãe biológica.

— Também fui adotado e tenho uma filha adotiva, eu não conheci meus pais biológicos, eles morreram em um grave acidente automobilístico, só eu que sobrevivi.

— Nossa! Muito trágico. O senhor nunca procurou a sua família biológica?

— Meu pai adotivo tentou anos depois, mas sem sucesso. Antes de eu ser destinado para adoção, a polícia fez buscas por parentes mais próximos, mas não encontrou ninguém. O carro ficou totalmente destruído e não tinha placas, também não encontraram documentos pessoais deles, o que dificultou muito a localização de parentes.

— Sem dúvida, praticamente impossível.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sempre tive pais adotivos maravilhosos, embora quisesse conhecer minhas origens, isso nunca me fez falta.

— Compreendo. Bem, não vou tomar mais do seu tempo, obrigado pelas informações, já tenho o necessário, volto a procurá-lo em breve.

Levantei e retribuí o seu cumprimento, depois o acompanhei até a porta, voltei para trocar algumas palavras com Arthur, deliberamos algumas pendências brevemente, e saí, estava cansado e faminto, louco para chegar em casa e ver minha linda família.



Três dias depois...

PERIGOSAS NACIONAIS

Finalizei meu último ensaio do dia, ainda era cedo, recolhi rapidamente minhas coisas e saí, finalmente tínhamos nossa liberdade de volta, depois da prisão de Fabrício ele entregou o comparsa. Bastou apenas um interrogatório mais incisivo para ele entregar o plano desde o início. Pedro o arquitetou ao tomar conhecimento da busca de Helena quando foi funcionário do detetive Melo, armou tudo e iludiu o tal Fabrício para se passar por Alberto, com a promessa de muito dinheiro e a facilidade da obtenção, os dois se encheram de ganância. Pedro confessou que adulterou o carro do detetive, manipulou o exame de DNA, comprou ilegalmente a arma que eu tomei do Fabrício e ainda deu fuga para o comparsa no dia da tentativa de assassinato de Helena. Depois da surra que dei em Fabrício e ter pego a arma que alvejou a minha esposa, eles fugiram, porém, o ódio que o miserável sentia de mim, o fez retornar para cumprir a promessa de me matar. Eu nunca temi por mim, mas por minha esposa e filhos, eu jurei protegê-los.

Os dois meliantes foram indiciados por diversos crimes, e suas penas somadas, quando condenados, os deixará fora de circulação por muitos anos. Era

PERIGOSAS ACHERON

um imenso alívio para mim e para todos a nossa família, hoje, iremos fazer um passeio em família após pegar a Jujuba no colégio, vamos levá-la ao parque de diversões e depois tomaremos um delicioso sorvete. Parece alto tão trivial, mas para nós representa a nossa liberdade, enfim, os algozes que ameaçavam a nossa paz estão enclausurados.

Cheguei em casa, estava tudo silencioso, Júlia ainda estava na escola, encontrei primeiramente Rosa, a babá das crianças, ela segurava o Samuel.

— Oi, Rosa, boa tarde — aproximei-me e beijei a testa do meu garoto. — Onde está Helena?

— Boa tarde, seu Saulo, ela está no escritório conversando com o detetive, acho que é Melo o nome dele.

— Sim, é isso, faz tempo que ele chegou?

— Cerca de uns dez minutos.

— Obrigado, Rosa.

Subi para tomar um banho, troquei de roupas e

PERIGOSAS ACHERON

desci novamente, Helena ainda estava no escritório, Rosa permanecia com Samuel na sala, resolvi ir até minha esposa. Bati na porta suavemente para indicar a minha presença e logo em seguida entrei. Helena segurava alguns papéis e chorava descontroladamente. Meu coração acelerou ao ver a cena, corri na direção dela e nem mesmo cumprimentei o detetive que estava de costas para mim.

Nossos olhares se cruzaram, abracei-a rapidamente e perguntei preocupado:

— O que está acontecendo, Helena?

Ela não conseguiu falar, abraçou-me forte e então pude ver o detetive, aquele rosto era familiar, busquei rapidamente na memória e lembrei, era o estudante de jornalismo que me entrevistou dias atrás. Ele tinha um leve sorriso no rosto e um semblante de satisfação, não entendi no momento e muito menos o que ele fazia aqui, até olhar outra vez para Helena que estava um pouco mais calma, ela pousou as mãos trêmulas em meu rosto e com a voz embargada, quase que falhando pela emoção,

PERIGOSAS NACIONAIS

disse:

— Saulo, minha vida, você é o Alberto.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 35

Helena

Saulo ficou pasmo, olhou-me confuso, pegou os papéis que estavam sobre a mesa, os mesmo que eu olhava ainda pouco, quando ele entrou no escritório. Olhou-os com atenção, era um dossiê completo sobre o caso, ele folheou rapidamente, ávido por respostas plausíveis, em completo silêncio. Continha um recorte do acidente que vitimizou o pai biológico dele, alguns relatórios e fotos de Saulo, as mesmas que me tiraram o ar quando as vi e percebi que o Alberto era o meu marido.

— Como isso é possível? — ele perguntou direcionando o olhar para o detetive.

— Desculpe, eu me apresentei como estudante de jornalismo, porque a dona Helena havia pedido para que eu mantivesse total discrição após o incidente do impostor. Eu sou o Francisco Melo, o detetive particular que trabalhou no caso — ele estendeu a mão para cumprimentar Saulo que rapidamente retribuiu.

— Como o senhor tem tanta certeza disso? — Saulo questionou incrédulo.

— Permita-me explicar. Sugiro que se sente, será uma longa conversa.

Sentamos os três, e o detetive pegou o dossiê, procurou entre as anotações e papéis uma cópia da certidão de nascimento do pai de Saulo, mostrou-lhe o documento e começou a explicar:

— Minhas investigações partiram pelo nome do pai biológico, Oscar Costa da Silva, ele era natural de Curitiba, uma das poucas informações que Helena possuía. Eu estive na cidade natal e procurei em todos os cartórios de registro civil, fiz uma busca minuciosa e encontrei três ocorrências com

idade suficiente para ser o pai de Alberto. Um deles já era falecido, o outro eu o encontrei residindo em Curitiba mesmo, conversei pessoalmente com ele e o descartei, restou apenas o último que não localizei facilmente, pesquisei por imóveis em nome dele, mas nada foi encontrado, porém encontrei um imóvel em nome do pai, fui até o endereço, uma casa antiga em um bairro nobre da cidade, o patriarca da família já é falecido, mas a casa ainda é da família e é habitada pelo irmão mais novo do Oscar, chama-se Alfredo.

— Certo, mas qual evidência que me liga a tudo isso? — Saulo questionou ansioso.

— Eu me apresentei e disse que investigava pessoas desaparecidas, procurava por Oscar a pedido de uma amiga que o queria encontrar. Alfredo me recebeu muito bem e contou que o irmão era falecido e que havia fugido de Curitiba há muitos anos. Indaguei sobre a profissão e se era casado ou não, ele confirmou que o irmão viajava muito a trabalho e que chegou alguns dias antes de se mudarem de Curitiba com um bebê dizendo que o adotou na cidade de Bauru, para alegrar a esposa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eles perderam um filho com poucos dias de nascido e desde então a Marli vivia em depressão. No dia seguinte, após a chegada do bebê, eles partiram para Mairiporã em São Paulo, cidade natal da esposa, recomeçariam a vida por lá. Alfredo disse que questionou o motivo da mudança repentina, óbvio que desconfiou da urgência do irmão, mas Oscar disse que era apenas para o bem de Marli, sua esposa, recomeçar em uma nova casa, perto dos familiares dela ajudaria na cura da depressão, foi desse modo que convenceu o irmão de que não havia nada errado, e ele só soube do seu falecimento anos mais tarde.

— Vera deu à luz ao filho em Bauru, Saulo, o Oscar comprou uma casa para Vera e quando o bebê nasceu ele o raptou — disse mais calma.

— Não, ainda é muito confuso — Saulo contestou.

— Continue, senhor Melo, por favor — orientei.

— Sabendo para qual cidade Oscar e Marli se

PERIGOSAS ACHERON

mudaram, procurei pelos nomes deles em Mairiporã e não encontrei nada em cartórios de registro de imóveis, parti então para os obituários, encontrei o registro de óbito da Marli e do Oscar, bem como uma pequena nota no jornal da cidade noticiando o grave acidente que os vitimizou. Na reportagem dizia que havia uma criança sobrevivente e que tinha sido destinada para adoção, já que a família de Marli, não tinha conhecimento do parentesco do bebê com a falecida e por isso não pediram a guarda do mesmo. De posse dessas informações, cheguei ao abrigo para onde o bebê foi levado e depois aos nomes dos pais adotivos — O detetive folheou o dossiê mais uma vez, pegou um documento e o entregou a Saulo. — Este documento é um trecho do relatório produzido na época da adoção, nele estão os nomes e o endereço do pai adotivo do bebê Alberto.

Saulo pegou o papel, ainda descrente e o leu em voz alta:

— O bebê temporariamente chamado de Emanuel, com aproximadamente um mês de nascido, foi destinado à adoção após um grave

acidente que vitimou os pais biológicos. Os candidatos a pais adotivos, são: Odair Mendonça Alvarez e Solange Sousa Alvarez, os mesmos foram entrevistados, visitados e estão aptos para adoção do menor em questão.

Ao ler os nomes dos pais adotivos, os olhos de Saulo encheram-se de lágrima, quase que não concluiu a leitura, foi tomado pela comoção. Nesse momento ele compreendeu o motivo das minhas lágrimas ao entrar no escritório. Ele ficou alguns minutos olhando o papel, ainda absorvendo a notícia, seu semblante outrora de desconfiança, foi substituído pelo de emoção, ele abraçou-me carinhosamente, ficou momentaneamente em silêncio, depois alisou meu rosto e disse com a voz trêmula:

— Nossa história estava escrita nas estrelas, Helena.

— Sim, você sempre esteve no meu destino.

Depois de nos acalmarmos, o detetive Melo, nos apresentou com mais calma os dados do dossiê,

continha inclusive o endereço da família paterna de Saulo. Foi uma longa e esclarecedora conversa que nos deu mais certeza do fato. Assinei o cheque de pagamento do detetive e nos despedimos, Saulo o acompanhou até seu carro. Fiquei na porta olhando-os, ainda muito emocionada. Saulo retornou em silêncio e pensativo.

— Tudo bem? — perguntei.

— Sim, só estou um pouco assustado, era uma parte do meu passado que não conhecia.

— Eu sei disso, sinto muito que não possa ter conhecido a sua mãe, Vera era uma mulher incrível e foi quem me ajudou a ser quem hoje sou, por isso devo muito a ela e queria retribuir um pouco do que fez por mim, encontrando você.

— Eu sei disso, minha Helena, mas faço questão de fazer o exame de DNA.

— Eu não vejo necessidade, mas se faz questão, óbvio que concordo. Agora quero saber como está se sentindo com tudo isso, está feliz?

— Sim, claro, saber que sempre procurou por mim infla meu ego masculino. — Saulo disse em tom de brincadeira.

Seus lábios continham um leve sorriso, beijei-os suavemente e fui retribuída com sofreguidão e abraços calorosos. Eu o amava com toda minha alma, a notícia de hoje só me fez ter certeza de que nosso encontro tinha de acontecer, em algum momento Saulo seria minha vida e eu seria a sua Helena, nossas vidas já estavam traçadas dede o dia que cruzei o caminho de Vera.



Dois dias depois...

Os pais de Saulo receberam a notícia sobre a família biológica dele com naturalidade, ficaram

assustados apenas com o fato dele ter sido roubado dos braços da mãe biológica, foram gentis e compreensivos e até o incentivaram a procurar pelos parentes paternos em Curitiba. Fizemos o exame de DNA e hoje receberíamos o resultado, por sorte já tinham o material genético da suposta mãe o que tornou mais ágil a análise.

Saulo tinha levado Júlia na escola e depois iria direto para o estúdio, eu o encontraria lá, após pegar o resultado do exame. Eu tinha certeza do resultado, mas queria fazer tudo do modo correto dessa vez. Amamenteei Samuel e o coloquei para dormir, depois tomei um banho, vesti-me e fui até o nosso cofre, no *closet*, para pegar a carta de Vera, finalmente ela chegaria as mãos de quem realmente a merece: o verdadeiro Alberto.

A carta de Vera estava guardada dentro de uma caixinha de papel escuro, com todo cuidado para que se mantivesse íntegra, abri lentamente a caixa e a carta ainda estava lá, intacta e com as dobraduras originais, do mesmo modo de como a recebi, o papel já estava amarelado pelo tempo, com algumas manchas escuras que demonstravam o

quanto tempo se passou desde que foi escrita. Eu nunca a abri, guardei com tanto carinho e cuidado e hoje, finalmente cumpriria a promessa que fiz a Vera.

Guardei tudo na minha bolsa, entreguei a babá eletrônica para Rosa e saí. Passei no laboratório, peguei o exame e tive um certo receio ao passar pelo estacionamento, foi o lugar que quase perdi a vida meses atrás. Mas, estava tão feliz que isso não me abalou, voltei para o carro e parti para o estúdio.

Estacionei o carro e subi rapidamente, tinha algumas pessoas na recepção, caminhei até a Vanessa e a cumprimentei.

— Boa tarde, Vanessa, o Saulo está ocupado?

— Boa tarde, Helena, não, ele já encerrou a sessão que tinha, deve estar na sala dele.

— Obrigada, Vanessa.

Segui para a sala de Saulo, avistei-o de longe pelas paredes de vidro, ele estava olhando

PERIGOSAS ACHERON

atentamente algo no computador, aproximei-me da porta que estava aberta e me encostei nela, fiquei alguns minutos observando-o sem ser notada, até que um sorriso surgiu nos seus lábios.

— Admirando o homem que te ama? — ele questionou e veio em minha direção.

— Não canso de admirá-lo, tão lindo e concentrado trabalhando, merece seguramente uma foto digna de um quadro.

— Adoro seus elogios, minha Helena.

Trocamos beijos e abraços e eu retirei o envelope com o resultado de DNA da bolsa e entreguei ao Saulo.

— Abra — orientei.

— Por que não fez isso?

— Eu já sei a resposta, meu coração tem plena convicção disso.

— Eu sei que tudo indica que sim, mas eu tenho

medo de decepcioná-la outra vez, temo que se frustrasse, caso o resultado seja negativo.

— Não vai acontecer, Saulo.

Ele sorriu, abriu o envelope e folheou até a página da conclusão, fitou-me e depois leu o resultado em voz alta:

— *Conclui-se que a mãe do alegado testado, VERA LÚCIA LOPES MACHADO, não pode ser excluída como sendo mãe biológica de SAULO SOUSA ALVAREZ, pois eles compartilham marcadores genéticos.*

Saulo jogou o resultado na sua mesa, abraçou-me forte e me encheu de beijos. Meu coração tinha certeza do resultado, mas o exame era a prova que precisávamos para sanar nossas dúvidas.

— Agora eu preciso cumprir as promessas que fiz a sua mãe. Quero levá-lo até o cemitério e te entregar a carta que ela confiou a mim.

Saulo alisou meu rosto e me olhava com tanto carinho e admiração.

— Finalmente encontrou o Alberto, estou duplamente feliz, por ser ele e por saber que não vai ter outro homem na jogada para cantar a minha esposa, como o impostor tentou fazer.

Sorrimos juntos, na verdade eu que estava aliviada e tinha tirado um peso imenso da minha consciência.

— Eu sempre soube que era ciumento, mesmo quando não quer assumir. Quer saber? Eu adoro seu lado ciumento.

Saulo sorriu e me beijou novamente. Depois descemos juntos e saímos em direção ao cemitério, chegamos em poucos minutos e enquanto ele estacionava o carro eu retirei a carta da bolsa e a entreguei.

— Aqui está a sua carta.

Ele pegou o pequeno papel, feito em diversas dobraduras e guardou no interior do bolso do blazer. Beijou meus lábios castamente e disse:

— Uma emoção de cada vez, vamos primeiro
PERIGOSAS ACHERON

visitá-la, depois a carta.

— Tudo bem.

Compramos flores no trajeto, entramos no cemitério, que estava um pouco deserto, e caminhamos de mãos dadas até a lápide de Vera. Ao chegar, eu já estava tomada pela emoção, depusitei as rosas brancas no jazigo e disse com a voz trêmula:

— Minha querida, hoje é o dia que mais tenho prazer em visita-la, dessa vez estou trazendo o verdadeiro Alberto, finalmente consegui cumprir a promessa que te fiz, e estou hoje aqui como amiga e nora, sim, sua nora, eu amo o seu filho Alberto — olhei para Saulo que me olhava emocionado. — Deus escreveu nossa história, minha amiga, você me ajudou para que eu tivesse uma nova vida, um novo futuro, para enfim conhecer o verdadeiro amor, e foi o seu filho que me ensinou amar e devolveu a alegria de viver para a minha alma triste e sombria. Hoje sou a mulher mais feliz desse mundo, e devo isso a você que me deu uma chance de recomeçar quando tudo estava perdido e deu à

PERIGOSAS NACIONAIS

luz ao homem mais lindo e honrado desse mundo, meu marido, minha vida e o pai dos meus filhos. Descanse em paz, Vera.

Saulo me abraçou ternamente e depois respirou longamente e começou:

— Não sei como começar, nem tive o prazer de conviver com você para criarmos laços maternos, mas sei o quão batalhadora e guerreira você foi e me enche de orgulho ser seu filho, embora esteja triste por não poder ter tido a chance de conhecê-la. Helena sempre fez questão de me contar tudo que você fez por ela, mesmo quando não sabia que eu era seu filho, já tinha um imenso carinho por você, por tudo que fez pela minha esposa. Eu quero que saiba que estou feliz com essa descoberta e hoje somos uma família feliz, com dois filhos lindos, sim, você já é avó — ele fez uma pausa, respirou profundamente e continuou: — Descanse em paz, mãe.

Ficamos no cemitério por mais alguns instantes e depois voltamos para casa. Tomamos um banho juntos, Saulo saiu do banho primeiro e quando

PERIGOSAS ACHERON

terminei, ele não estava mais no quarto com Samuel, troquei de roupas e desci para procurá-los.

Fazia uma linda tarde, o sol já estava se pondo, os vi no jardim, Júlia já tinha chegado, estava sentada no balanço embaixo do pergolado do jardim com o pai, que segurava Samuel nos braços e cantarolava algo para eles. Aproximei-me devagar, encantada com o momento paterno do meu marido. O pergolado ficava estrategicamente posicionado embaixo de palmeiras para garantir sombra, além de garantir uma visão privilegiada para o pôr-do-sol.

— Mamãe! — Júlia gritou e correu em minha direção.

— Oi, minha princesa, como foi na escola?

— Foi tudo bem, mamãe, a tia rosa foi me buscar com o tio Rocha e eu já guardei minha mochila e tomei banho, estou limpinha — ela disse com satisfação.

— Muito bem, você é muito esperta — disse e beijei sua testa.

Sentei ao lado de Saulo e Júlia saiu correndo para brincar de fazer bolhas de sabão no gramado. Beije suavemente o rosto do meu marido e alisei o rostinho de Samuel.

— Ele está ficando a sua cara.

— É o meu garotão, não é? — Saulo falou com voz de criança. — Vai com a mamãe, Samuca, preciso ler algo.

Saulo o colocou no meu colo, depois retirou do bolso da bermuda que vestia a carta de Vera.

— Estava te esperando para ler junto com você.

— Não precisava ter esperado, é para você, pode ler quando quiser. — disse.

— Quero compartilhar com você mais essa emoção — ele disse e beijou meus lábios castamente.

Respirou fundo, abriu o pequeno papel cuidadosamente e começou a leitura:

Querido Alberto,

Desejo que quando estiver lendo essa carta, esteja bem, como agora eu estarei sabendo que conhecerá a nossa verdadeira história, o chamarei de Alberto, pois foi o nome que escolhi para você, embora certamente tenha recebido outro nome, esse foi o que você recebeu de mim ao nascer e ainda usaria se comigo estivesse.

Antes de contar nossa história de vida, quero que saiba que você foi o melhor presente que Deus me deu, sentir você crescer e mexer no meu ventre, aqueceram meu coração. Quando você nasceu, descobri que existia perfeição e conheci o amor mais puro que existe: o materno. Perdi as contas de quantas vezes eu te olhei e avaliei cada pedacinho seu, feliz e extasiada por saber que eras perfeito e de beleza incomparável, meu pequeno anjo. Lembro-me com lágrimas nos olhos, a primeira vez que te segurei nos braços e os nossos olhares se cruzaram, existia uma afetividade e carinho tão grande na nossa troca de olhares que

me senti privilegiada por ter tido o dom de gestar um bebê tão lindo e saudável como você.

Guardarei eternamente as poucas lembranças que tive de você, quando te amamenteei a primeira vez, testemunhei que o milagre da vida existia e que você mesmo tão pequeno e frágil, já carregava tantos sentimentos meus, era o meu filho amado e desejado. Mas, a vida foi injusta comigo, levou-te para longe de mim, tirou-me a alegria de viver, cortou-me a carne, arrancou um pedaço do meu coração e levou junto com você para longe de mim. Chorei dias e noites, passei várias madrugadas em claro preocupada, entristecida e desolada, até que resolvi procurá-lo, mas com tão poucas informações e recursos, não obtive êxito.

Por muitos anos procurei por você, a cada cidade que eu parava, a cada pista recebida era um alento, mas que nunca passaram de falsas esperanças. Decidi escrever esta carta para que saibas que nunca te abandonei, você foi covardemente roubado de mim pelo seu pai. Não o julgo e até o perdoo pelo que fez se ele tiver te criado um homem íntegro e honesto como eu faria.

Espero que ele tenha te dado todo o amor e carinho em dobro, já que te roubou de mim. Não guarde rancor pelas ações dele, o rancor corrói a alma e nos impede de encontrarmos a felicidade.

Não houve um só dia que não pensei em você, minha maior dor era por não poder acompanhar o seu crescimento. Queria vê-lo evoluir, acompanhar suas conquistas, inseguranças e estar ao seu lado quando derramasse a primeira lágrima por conta de uma garota. Desejei tanto poder ter te acalentado, cantado para você dormir, contado historinhas e ter te feito cosquinhas para te provocar risos. Ah, os risos, queria poder ter escutado o som da sua gargalhada, da sua voz e ter ouvido suas primeiras palavrinhas. Saiba, meu filho, que nunca esqueci suas feições, sua pele macia, seus cabelinhos escuros arrepiados e os olhinhos claros, estarão eternamente gravados na minha lembrança, juntamente com os poucos momentos que pude tê-lo em minha companhia.

A vida às vezes pode ser injusta, mas Deus sempre nos manda anjos para nos ajudar nas dificuldades, a portadora dessa carta, Helena, foi

PERIGOSAS NACIONAIS

um anjo enviado por Deus para deixar meus últimos dias na terra mais alegres, depositei nela todo o amor materno adormecido pela sua ausência, espero que ela tenha conseguido te entregar pessoalmente esta carta. Graças a ela, pude sorrir e ter a esperança que você um dia leria minhas palavras, ela é um anjo, mas com o brilho apagado, imerso na dor e perdido na escuridão. Olhe-a nos olhos e se não ver o brilho de um dia ensolarado de verão é porque ela ainda está perdida. Peço-te como um último favor, guie-a para luz, ajude-a recuperar o brilho nos olhos e trate-a com respeito e carinho como se estivesse tratando alguém que você muito ama.

Perdoe-me, meu filho, não sou muito boa com palavras, mas consegui escrever estas para que soubesse que nunca o abandonei e sempre te amei. Agora despeço-me com as felicitações que eu gostaria de poder ter dito a você em todos os momentos da sua vida,

Feliz aniversário, quantos já tiver tido, imagino que agora já deve ser um homem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Parabéns pela aprovação no vestibular,

Parabéns pela formatura,

Parabéns pelo noivado,

Feliz casamento,

*Parabéns pelo seu primeiro filho e todos que
ainda virão.*

*Parabéns pela linda família que constituiu.
Estou muito feliz por ser vovó.*

Viva em paz e com amor.

*Da sua mãe, que sempre te amou, Vera
Machado.*

Saulo concluiu as últimas palavras com a voz embargada, muito emocionado, bem como eu, abraçamo-nos e choramos copiosamente. Depois de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vários minutos entre soluços e lágrimas, tomei fôlego e disse, olhando nos seus olhos:

— Você já cumpriu o favor para sua mãe — fiz uma pausa, contive o choro, respirei profundamente e continuei: — Você, Saulo, que é um verdadeiro anjo e me trouxe para luz. Eu te amo eternamente, minha vida.

— Você que é a luz dos meus dias, deu sentido e cores a minha existência, eu te amo eternamente, meu anjo, minha esposa, minha Helena, minha vida.

Abraçamo-nos os três, e logo Júlia ao perceber nossa emoção, juntou-se ao nosso abraço. Sentados ali no balanço de madeira do nosso jardim, entre lágrimas e risos de felicidade, constateei mais uma vez que o amor nos torna melhores, o perdão nos liberta e a verdade nos guia para a plenitude da alma. Agora com orgulho sou Helena de Oliveira Alvarez, mãe, esposa, amada, completamente feliz e realizada, nunca mais simplesmente Helena.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fim

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Saulo

17 de setembro do ano seguinte...

Passei a manhã toda preparando a nossa noite especial, minha mãe organizou um almoço na nossa casa mesmo, apenas para a família e nossos padrinhos de casamento. Hoje comemorávamos nosso primeiro ano de casados, nossas bodas de papel.

Foi um ano muito intenso, próspero e feliz. Retornei para casa por volta do meio-dia, minha mãe passou a manhã toda em nossa casa, organizando uma enorme mesa no nosso jardim,

PERIGOSAS ACHERON

óbvio que ela fez questão de decorar tudo com muito requinte e bom gosto, o que era para ser uma reunião simples, parecia mais uma cerimônia solene.

Helena estava se vestindo quando cheguei, minha mãe orientava o *buffet* e dava o seu toque especial aos guardanapos sobre a mesa. Cumprimentei-a rapidamente e dei um beijo nela, depois subi para me trocar. Helena já estava vestida e trocava as fraldas de Samuel. Aproximei-me lentamente e pousei as mãos em seu ombro.

— Bom dia, minha Helena.

Ela se virou rapidamente e trocamos um beijo rápido.

— Oi, minha vida, tudo certo no estúdio?

— Sim, tudo em ordem. E por aqui?

— Tudo ótimo, Júlia está empolgadíssima ajudando a vó com os preparativos do almoço, essas duas estão a cada dia mais grudadas, só desgrudou da vó para ir ao salão de beleza com a

PERIGOSAS ACHERON

Sandra arrumar os cabelos.

— Você está linda.

— Obrigada, vou descer para receber nossos convidados, não demore, minha vida.

Helena pegou Samuel nos braços, beijou-me castamente e saiu.

Tomei um banho, troquei de roupas e descii para acompanhar Helena na recepção de nossos convidados. Eles já estavam presentes e devidamente posicionados no nosso jardim, próximo ao pergolado que estava decorado com flores brancas para nossa renovação de votos. Cumprimentei-os brevemente e depois o padre Alfredo se pronunciou, falou palavras bonitas, refizemos nossos votos matrimoniais e novamente tivemos nossas alianças abençoadas, abracei minha esposa e sussurrei ao seu ouvido:

— O que Deus uniu, ninguém na face terra tem força para separar, para sempre minha Helena.

— Para sempre sua Helena e você será

PERIGOSAS ACHERON

eternamente minha vida.

Trocamos as alianças e nos beijamos outra vez. Fomos ovacionados e depois nos sentamos a mesa, junto com nossos familiares e amigos. Brindamos, comemos, comemoramos e tivemos um almoço perfeito, repleto de muita conversa e risos. Samuel passou de braço em braço a festa inteira, era um bebê muito carismático e risonho, adorado por todos, bem como a Júlia, tinha sempre muitos abraços fraternos e beijos carinhosos.

Após o almoço e algumas horas de conversa, os convidados aos poucos partiram, ficaram apenas meus pais. Minha mãe ficaria na nossa casa com nossos filhos, porque hoje eu e Helena passaríamos a noite fora, preparei tudo para surpreendê-la.

— Cansada, minha Helena? — perguntei abraçando-a.

— Um pouco, mas feliz, foi ótimo comemorar ao lado dos nossos amigos e família.

— Agora teremos a segunda parte das comemorações, vista uma calça, amamente o
PERIGOSAS ACHERON

Samuel e venha comigo.

Helena arqueou a sobrancelha, com ar de preocupação e disse:

— Mas e as crianças, Saulo?

— Hoje é o nosso dia, já comemoramos com todos, agora falta a nossa comemoração particular, somente eu e você. Fique tranquila que meus pais ficarão aqui juntamente com a sua mãe e a Rosa para que tudo transcorra na mais perfeita ordem.

— Vamos passar a noite fora? — ela perguntou apreensiva.

— Sim, vá se vestir e confie em mim — beije sua testa, ela sorriu e subiu as escadas para se vestir.

Enquanto Helena se trocava, peguei nossos capacetes, minha jaqueta e aguardei ela retornar na sala, ao lado de Júlia e minha mãe que brincavam animadamente com Samuel.

Minutos depois Helena desceu as escadas, linda

PERIGOSAS ACHERON

com o seu sorriso radiante, fui ao seu encontro e estendi a mão e ela retribuiu, curvei-me para beijá-la. Depois a puxei rapidamente e coleí nossos corpos, alisei seu rosto, inalei seu perfume e sussurrei ao seu ouvido:

— Linda e deliciosamente minha.

— Sim, toda sua.

Despedimo-nos de todos, Helena ficou um pouco preocupada, mas logo estava de posse do seu melhor sorriso. Montamos na moto e partimos rumo à felicidade.

Chegamos na fazenda minutos depois, ainda tivemos tempo de dar uma volta e sentar às margens do riacho, no gramado debaixo do abacateiro. Foi um fim de tarde romântico e agradável, cercado de muitos beijos, carinhos, taças de vinho, queijos e muito amor.

Retornamos para a casa da fazenda ao anoitecer, preparamos juntos nosso jantar, claro que fiz a lasanha que adoro. Jantamos e depois sentamos no sofá, abri um champanhe

PERIGOSAS ACHERON

acompanhado de morangos, peguei o presente de Helena e o entreguei.

— Feliz bodas de papel, minha Helena.

— Feliz, muito feliz, tendo você como marido.

Ela pegou a caixa e abriu cuidadosamente, era um conjunto de lingerie vermelho de renda, delicado e tão bonito quanto à pele da minha esposa.

— Achei que a viagem para o litoral nordestino era o nosso presente — ela disse olhando atentamente o conteúdo da embalagem.

— A viagem é para nossa família e esse, — aponte para caixa — é apenas para nós dois. Vista-se, quero admirá-la.

Helena foi ao quarto e minutos depois retornou, banhada, cheirando divinamente e vestida com o presente que escolhi. Linda e levemente ruborizada, fiquei paralisado olhando-a, exuberante e tão sensual que fiquei louco para tê-la nos meus braços. Aproximei-me lentamente, entrelacei as mãos em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seus cabelos e tomei seus lábios em um beijo sôfrego. Peguei-a no colo, levei-a para o quarto, deitei seu corpo divino sobre a cama, que estava repleta de pétalas de rosas, o quarto estava parcialmente escuro, apenas com as velas aromáticas acesas, tudo perfeitamente organizado para relembrarmos nossa primeira noite de amor. Deitei-a suavemente na cama e nossos olhares estavam conectados, um misto de excitação e desejo emanava dos nossos corpos sedentes um pelo outro.

— Eu adoro te olhar e venerar seu corpo, Helena, — disse e beijei suavemente seu pescoço, trilhei beijos descendo pelo colo e seios e pousei levemente meu corpo sobre o dela — amo cada pedacinho seu, está ainda mais linda depois do Samuel.

— Você tem o dom de fazer com que eu me sinta especial, Saulo.

— Não é dom, são sentimentos reais e verdadeiros por você, minha Helena. Adoro tocá-la e beijar cada centímetro do seu corpo delicioso —

PERIGOSAS ACHERON

beije seus lábios com sofreguidão. — Adoro estar dentro de você e sentir cada célula do nosso corpo se fundindo e transformando nossos corpos em apenas um, minha linda e deliciosa, Helena.

Beijamo-nos ardentemente e nos entregamos ao amor, fomos um do outro à noite inteira, sem interrupções, sem pressa, somente eu e ela por uma noite, memorável e especial, era o primeiro de muitos anos que quero comemorar ao lado da minha Helena.

Helena

Meses depois...

— Vem com a mamãe, Samuel, vem, vem.

Samuel ensaiava os primeiros passinhos, estava com onze meses, engatinhava a casa inteira,
PERIGOSAS ACHERON

revirava os armários de cozinha e tudo mais que estivesse ao seu alcance, estava a cada dia mais esperto e um grude sem fim com a irmãzinha, Júlia.

— Isso, meu amor, vem.

Saulo o segurava e o acompanhava caso ele caísse para segurá-lo.

— Vamos lá, meu garoto — Saulo o encorajou.

Ele deu os primeiros passinhos, desequilibrou um pouco, retomou o equilíbrio e continuou até chegar bem próximo de mim. Júlia estava ao meu lado, sorria e batia palmas animada com a conquista do irmãozinho.

— Isso, muito bem, Samuca — segurei-o e depois o coloquei de pés novamente. — Vá com o papai.

— Vem, Samuca, vem com o papai.

Saulo abriu os braços para esperá-lo e eu o acompanhei para que não caísse, quando chegou próximo de Saulo, jogou-se em seu colo e disse:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“pa-pa”, já tínhamos ouvido outras vezes, mas até então, achei que era só coincidência, mas não, ele referia-se ao pai.

— Ele disse papai, não falei que ele já falava papai — Saulo gritou exultante.

— Tudo bem, perdi essa, tenho que concordar que tinha razão, ele disse papai — confirmei risonha.

Estávamos na sala da casa, que mais parecia uma brinquedoteca, tinha brinquedos e tapetes infantis espalhados pelos quatro cantos. O interfone tocou e Rosa o atendeu.

— Seu Saulo, é uma entrega para o senhor.

— Ah! Claro, mande-o entrar, por favor, Rosa.

— O que é, papai? — Júlia perguntou eufórica, como se já soubesse o conteúdo.

— É surpresa, vamos para o jardim que verá — Saulo disse e saiu em direção ao jardim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu já sabia do que se tratava, peguei Samuel no colo e segurei na mão de Júlia, aguardamos no jardim o retorno de Saulo que foi receber a encomenda. Minutos depois ele surgiu segurando uma caixa enorme com um laço lilás. Júlia ficou curiosa, olhou fixamente a caixa e esperou ele se aproximar.

Saulo a colocou no chão e disse:

— É um presente para você, Jujuba.

— Para mim, papai?

— Sim, princesa, abra! — orientei.

Júlia desfez o primeiro laço e os filhotinhos pularam da caixa, ela assustou-se, mas rapidamente sorriu emocionada ao ver os lindos cachorrinhos que ganhou.

— Você é ele ou ela? — Júlia perguntou com um deles no colo — É ela, uma menina, — ela leu a plaquinha de identificação no pescoço do animal. — Chama Paçoca, adorei, papai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim e o outro? Leia a plaquinha do outro —
Saulo orientou.

Júlia correu para pegá-lo e leu atentamente a plaquinha e gritou de felicidade ao ver o nome do segundo filhotinho:

— Pipoca! Ele chama Pipoca, igual ao cachorrinho que eu tinha. Obrigada, papai, obrigada, mamãe.

Ela ficou radiante com os animais, dentro da caixa tinha alguns brinquedos caninos, ela tratou logo de pegá-los e jogou para brincar com os filhotes. Samuel balançava os bracinhos com animação ao vê-los, queria pegá-los e gargalhava ao vê-los saltitando e correndo atrás de Júlia.

— Sabia que ela ia adorá-los e pelo jeito Samuel também, não é, garotão? — Saulo disse apertando levemente as bochechinhas do nosso garotinho.

— Sim, eu também tinha certeza que ela adoraria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ficamos admirando Júlia brincando por alguns minutos, depois o celular de Saulo tocou, ele retirou do bolso e o atendeu.

— *Alô, tubo bem, sim, até vi os noticiários falando sobre essa rebelião. Certo, não vi.* — Saulo ficou momentaneamente em silêncio e o seu semblante mudou completamente, como se tivesse ouvido algo grave. — *Entendi, obrigado, Rodrigo.*

Ele desligou e colocou o celular de volta no bolso, permaneceu em silêncio, mas minha curiosidade foi maior, questionei aflita:

— O que aconteceu, Saulo?

— Lembra da rebelião que houve no presídio que estão Fabrício e Pedro?

— Sim, lembro. Iniciou na ala que eles estão presos, não foi isso? — questionei.

— Sim, exatamente.

— Não acabou ontem essa rebelião?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, depois que a polícia invadiu o presídio, mas houve confronto direto com os presidiários, alguns deles que estavam mantidos como refém foram executados e outros morreram no confronto. Divulgaram hoje a lista com o nome dos mortos, entre eles estão Fabrício e Pedro, o investigador Rodrigo me informou agora.

— Não vou dizer que estou feliz, mas também não fiquei triste.

— Eles tiveram o que mereceram. Agora vamos mudar de assunto, nossa filhinha está feliz demais com a Paçoca e o Pipoca, não acha?

— Sim, você é um pai maravilhoso, Saulo.

— E você é linda... — Saulo afastou meus cabelos, depositou um beijinho no meu pescoço e sussurrou ao meu ouvido: — Muito gostosa e toda minha.

— Com muito prazer, minha vida, você também é gostoso e meu, todo meu.

— Sim, todo seu.

PERIGOSAS ACHERON

Trocamos beijos apaixonados e depois nos juntamos a brincadeira com Júlia, Saulo segurou Samuel no colo que gargalhava feliz por fazer parte da farra.



Dois anos depois...

Aterrissamos em uma linda manhã de sexta-feira no Aeroporto Internacional Charles de Gaulle, em Paris, França. Era a nossa primeira viagem em família pelos países Europeus, as crianças estavam eufóricas e ansiosas para conhecer a tão linda Paris.

Samuel dormia quando descemos do jatinho, Saulo o carregou no colo, segurei a mão de Júlia e descemos juntas, ela fazia uma infinidade de planos e programas turísticos que tinha pesquisado com o pai, estava muito animada e tagarelava sem parar.

Ficamos numa sala de embarque reservada, enquanto aguardávamos nossas bagagens, Samuel permanecia dormindo e Júlia não parava de olhar o guia turístico da cidade que Saulo comprou assim que desembarcamos.

— Mamãe, nossa primeira parada será na Torre Eiffel, não é?

— Calma aí, mocinha, precisamos nos hospedar primeiro e depois sim, vamos sair para conhecer Paris — toquei a ponta do seu nariz e ela sorriu.

— Estou ansiosa, mamãe.

— Eu sei, princesa.

Saulo trocava algumas palavras com um funcionário do aeroporto, depois retornou e sentou-se ao nosso lado.

— Já estão descarregando nossas bagagens.

Alisei os cabelos de Samuel que dormia profundamente e muito confortável no colo do pai. Olhei em volta e avistei uma pequena loja de

PERIGOSAS ACHERON

presentes em frente a sala que estávamos.

— Vou naquela lojinha de presentes, — apontei — volto em um minuto.

— Tudo bem. — Saulo respondeu e me deu um beijo casto.

Peguei minha bolsa e saí, queria comprar um presente para minha sogra, chegaríamos no Brasil um dia antes do aniversário. Atravessei rapidamente e antes de adentrar na loja, esbarrei com uma mulher e derrubei os livros que ela carregava no chão. Abaixei-me rapidamente para ajudá-la e me desculpei:

— *Désolé, Madame.*

— Droga! — a mulher disse.

— É brasileira? — perguntei.

— Sim — ela respondeu olhando-me com atenção.

Recolhemos juntas todos os livros e nos

PERIGOSAS ACHERON

levantamos.

— Eu sou Helena Alvarez, muito prazer.

— Sarah Noronha, — ela arrumou a pilha de livros nos braços e estendeu a mão para retribuir meu cumprimento — muito prazer, Helena.

Ela mal respondeu e desviou o olhar, mas percebi que seus olhos estavam avermelhados, bem como o rosto, parecia que tinha chorado.

— Está tudo bem? — questionei.

— Sim, Helena, agradeço a preocupação, é somente um coração partido, nada que uma nova vida na bela Paris não cure, não é mesmo?

— Verdade, mas nem sempre curamos a dor esquecendo-a. Tem certeza que está tudo bem?

— Sim, estou bem, é a realização de um sonho estar aqui.

— Boa sorte, Sarah, espero que se resolva — retirei meu cartão de visita da bolsa e o entreguei.

— Esse são meus contatos, algo me diz que essa história de coração partido ainda não terminou, conte-me tudo depois se eu estiver certa.

Ela sorriu, pegou o cartão e disse antes de sumir em meio à multidão:

— Contarei, até breve, Helena.

*Sarah Noronha, retornará no livro dois da
série Divas.*

Fim

A autora

Bárbara Ricch, é uma escritora paraense, formada em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará. Já escrevia há algum tempo, mas resolveu publicar seu primeiro romance: Garota de Copacabana, em 2017. O sucesso absoluto de sua obra de lançamento, rendeu-lhe o seletor primeiro lugar nos e-book's mais vendidos na Amazon Kindle, logo nos primeiros dias de lançado. Desde então, deixou sua tese de mestrado engavetada e se divide hoje entre o exercício da licenciatura e a escrita de seus romances.

Obras publicadas:

Garota de Copacabana – O Acordo (E-book e físico pela 3DEA Editora)

Garota de Copacabana – O Recomeço (E-book e físico pela 3DEA Editora)

Devaneio (E-book e físico pela 3DEA Editora)

Para acompanhar e saber mais das obras da autora publicadas, e os próximos lançamentos? Visite suas redes sociais:

No Facebook:

Fã-Page: [Clique aqui](#)

Grupo do Facebook: [Clique aqui](#)

Instagram:

@barbararicch ou [clique aqui](#)

E-mail de contato:

barbararicch@gmail.com